



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS

**“AMOR, A MAIS ENÉRGICA FORÇA DO PROGRESSO”: A CIVILIZAÇÃO E A
CONSTRUÇÃO DAS SENSIBILIDADES EM FORTALEZA (1897-1918)**

GLEICIANE DAMASCENO NOBRE

FORTALEZA – CEARÁ

2017

GLEICIANE DAMASCENO NOBRE

“AMOR, A MAIS ENÉRGICA FORÇA DO PROGRESSO”: A CIVILIZAÇÃO E A
CONSTRUÇÃO DAS SENSIBILIDADES EM FORTALEZA (1897-1918)

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado Acadêmico em História e
Culturas do Centro de Humanidades da
Universidade Estadual do Ceará, como
requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em História.

Área de Concentração: História e Culturas.

Orientadora: Professor Dr. Erick Assis de
Araújo

FORTALEZA - CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Nobre, Gleiciane Damasceno.

"Amor, a mais enérgica força do progresso": a civilização e a construção das sensibilidades em Fortaleza (1897-1918) [recurso eletrônico] / Gleiciane Damasceno Nobre. - 2017.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 218 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Acadêmico em História e Culturas, Fortaleza, 2017.

Área de concentração: História e Culturas.

Orientação: Prof. Ph.D. Erick Assis de Araújo.

1. Sensibilidades. 2. Capitalismo. 3. Civilização.
I. Título.

GLEICIANE DAMASCENO NOBRE

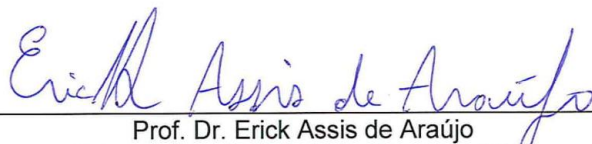
“AMOR, A MAIS ENÉRGICA FORÇA DO PROGRESSO”: A CIVILIZAÇÃO E A
CONSTRUÇÃO DAS SENSIBILIDADES EM FORTALEZA (1897-1918)

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado Acadêmico em História e
Culturas do Centro de Humanidades da
Universidade Estadual do Ceará, como
requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em História.

Área de Concentração: História e Culturas.

Aprovada em: 23/11/2017.

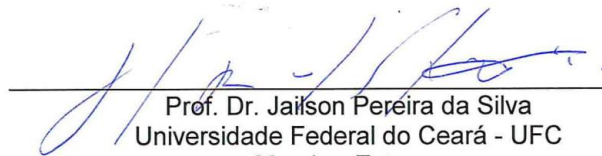
BANCA EXAMINADORA



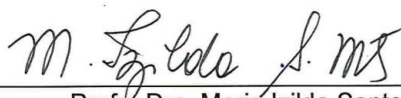
Prof. Dr. Erick Assis de Araújo
Universidade Estadual do Ceará – UECE
Orientador



Prof. Dr. Antônio Pádua Santiago de Freitas
Universidade Estadual do Ceará – UECE
Membro Interno



Prof. Dr. Jailson Pereira da Silva
Universidade Federal do Ceará - UFC
Membro Externo



Prof.ª Dra. Maria Izilda Santos de Matos
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP
Membro Externo

À Deus, Aquele nas mãos de quem eu deposito,
diariamente minha vida, e com quem compartilho
sonhos e planos; e à minha família que não saiu
do meu lado um só instante desde que meus
pulmões se encheram de ar pela primeira vez.

AGRADECIMENTOS

Verdadeiramente não acredito que haja espaço suficiente para apontar as inúmeras pessoas que participaram direta e indiretamente da escrita deste trabalho; e mais ainda, que participaram em todas as circunstâncias da minha caminhada ao longo desses dois anos de desafios e de grandes mudanças.

Foram dois anos extremamente intensos onde me permiti, com a ajuda de Deus (e devo a Ele todo o mérito), aprender e evoluir enquanto historiadora; mas também me permitir quebrar e ser reparada, pedaço por pedaço, enquanto pessoa. Portanto, minha gratidão primeira vai a Ele, a quem eu devo um lapidar doloroso, intrigante e contínuo: Deus; que ao longo desse período fez uma verdadeira revolução no meu corpo e na minha alma e que, por diversas vezes usou meu objeto de estudo para me confrontar acerca das minhas próprias emoções e do quanto é necessário viver intensamente cada pequena ventura e chorar com profundidade cada desventurosa perda.

E sou ainda mais grata a Deus pelas diversas pessoas que colocou em meu caminho e às quais dedicarei algumas linhas, que não contemplarão em hipótese alguma a profundidade da minha gratidão pelo muito amor que manifestaram por mim.

Meus pais, Edite e José Nobre, que, no pouco ou no muito, agiram como suporte para tempos de angústia e espera, me carregando, literalmente nos braços após alguns procedimentos cirúrgicos; e sendo pódio para cada pequeno passo rumo a vitória. Obrigada por tanto amor, dedicação e zelo. Eu amo vocês em uma dimensão que não é possível mensurar.

Meus irmãos, Geovane, Glauciane e Geslane; que foram braços que acolheram algumas vezes meus abraço e outras, as minhas lágrimas; que sempre estiveram prontos para uma palavra de conforto, incentivo ou simplesmente silenciaram e ouviram as lamentações de uma mestrandia angustiada. Obrigada por me amarem como eu sou, por me deixarem amá-los mesmo não sabendo muito bem como fazer. Costumava dizer que não sabia amar sem quebrar; mas com a ajuda de Deus e com o amor de vocês estou aprendendo a, um dia de cada vez, viver o que há pra viver e me permitir amar na mesma proporção em que sou amada, e não é pouco!

Minha cunhada, Ariderna, que é uma irmã; mas não poderia entrar na mesma linha dos outros porque foi um presente em dose extra. Uma irmã, amiga, parceira; Cunhada, você é um pacote completo de Deus pra minha vida. Amo você por quem você é, e te sou muito grata pelas incontáveis vezes em que foi porto seguro para minha caminhada; por não poupar esforços

para me ajudar e por me amar exatamente como eu sou, mesmo nas horas em que eu não queria receber esse amor.

À minha pequena Geovana, cujo nome descreve o que de fato ela é para minha vida *Presente de Deus*, que me renova as forças todas as vezes que grita “Tia Gleici”, e faz meu coração derreter quando diz “Te amo tia”. Você ainda é muito nova para entender o quanto a sua vidinha aquece meu coração e o quanto significa para mim; tão pequena mas de uma proporção tão grande. Minha Onça destemida, cheia de vida e disposição, você é a alegria para os meus dias difíceis, simplesmente eu te amo!

Aos amigos verdadeiramente leais e fiéis que foram suporte para minha vida e para minha caminhada até aqui; amigos que saíram da graduação para a vida e a quem eu amo profundamente: Paulo Sá, Jéssica Sousa, Fernando, Priscila, Ariane Paixão, Adilson. Obrigada por serem leveza para os dias difíceis e por se tornarem indispensáveis à minha vida.

Às irmãs que ganhei enquanto fazia graduação, Lilian e Sthephanie; eu não tenho palavras para descrever o tanto que sou grata a vocês, porque em tempos fáceis ou difíceis vocês estiveram presente, me carregando no colo, dando comida na minha boca e sendo suporte para o meu caminhar. Se Deus me desse uma chance de viver outra vez tudo que eu vivi, eu aceitaria prontamente porque sei que poderia contar com o amor e a parceria de vocês.

Aos amigos que sempre estiveram na torcida, cuidando de mim e me amando de uma forma preciosa: Claudia Costa, Marcos Lima, Silzamar, Regina Márcia, Zuleide e Jailson, Sâmia e Fábio, Paula e Leandro, Paula e Vitor Hugo, Leninha e Denis, Eveline e Denys Nobre, Neuvanira, Michele e Roberto, Marclene, Neuzanira, Robson, Michele e Eguiberto, Idarlana, Tio Girão e Tia Maria, Margareth e Wellington, e tantos outros.

Ao meu grupo de relacionamentos que me mostra na prática, que o amigo ama em todo o tempo e que na angústia ele se torna um irmão: Leonaide, Charmiliano, Luana, Gérlica, Alexandre, Neyde, Bruno, Luciana, Marisa, Regina Parente, Érica, Lidyane, Liliane, Edinardo, Lídia, Idel, Alan, Bia e Fabrício, Cleilson, Élica, Fátima e Denilson, Leonardo, Izabelly, Josiene e Rogério, Jéssica e Paulo, Mara e tantos outros que passaram e deixaram suas marcas. Obrigada pelo companheirismo, cumplicidade e por se deixarem ser canal da bênção para minha vida. Vocês são, de uma maneira linda, os milagres de Deus para o século XXI.

Ao meu amigo, irmão, companheiro, enfermeiro, comparça Fellipe Sousa, obrigada por ser meu freio de mão. Obrigada por edificar tanto a minha vida, por ser inspiração e por se deixar ser usado para fazer a diferença nessa sociedade tão doente. Amo você!

Nos últimos meses Deus tem me concedido verdadeiros presentes, entre eles eu destaco a sua vida, Vitor, um amigo fiel e leal; uma pessoa verdadeira, transparente, justa e que não se importa em se gastar e se deixar gastar pelo bem dos outros. Sou grata a Deus pela sua vida e pela irmandade que ele instituiu entre nós.

Aos amigos que vêm premiando meus dias e me constrangendo a viver um dia de cada vez, pessoas que são referência para minha vida: Rodiney, Ana Paula, Nelson, Roswitha, Fábila, Bezerra e Márcio. Como tem sido enriquecedor compartilhar meus dias, sonhos e planos com vocês, e perceber que são tão loucos por uma mudança neste mundo quanto eu. Que privilégio caminhar com vocês!

Deus tem cuidado de mim de uma forma preciosa demais, e tem colocado em meu caminho pessoas que se importam e cuidam de mim, mesmo quando eu não permito: Carol e Luiz, Helayne, Anderson, Wesley, Andréa, Fernanda Paula e tantos outros. Obrigada por me surpreenderem com tanto amor e por enxergarem o melhor de mim.

Agradeço aos companheiros da turma de mestrado do ano de 2015; que foram companheiros, parceiros e que, apesar das dificuldades que enfrentamos com a rotina intensa de estudo, tivemos a oportunidade de desfrutar de momentos muito bons juntos.

A todos os companheiros do Grupo de Pesquisa em Práticas Urbanas, sobretudo aos professores Doutores Antônio de Pádua Santiago de Freitas, Marco Aurélio Ferreira da Silva e Gleudson Passos Cardoso, por proporcionarem debates que ajudaram a enriquecer esta pesquisa.

À amiga Ana Luiza Rios Martins pelo auxílio desde a construção do projeto e pelo apoio e incentivo.

Ao meu orientador Erick Assis de Araújo que auxiliou demais durante a caminhada dessa longa estrada até aqui, contribuindo para a organização das ideias e construção do trabalho.

À banca examinadora composta pelos professores Doutores Jailson Pereira da Silva, N Izilda Santos de Matos e Antônio de Pádua Santiago de Freitas, que aceitaram gentilmente o convite de participar da defesa do presente trabalho.

Aos funcionários da Biblioteca Pública Menezes Pimentel e do Arquivo Público do Estado do Ceará que mesmo em reforma, não hesitaram em me atender e auxiliaram com destreza para a catalogação da documentação aqui apresetanda.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – pelo incentivo à pesquisa por meio da concessão de uma bolsa de mestrado que me oportunizou dedicar

exclusivamente ao Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará – UECE.

Aos professores Doutores Francisco José Gomes Damasceno e Francisco Carlos Jacinto Barbosa pelas importantes contribuições para a produção da presente pesquisa, mas também por serem mestres para a vida.

Ao MAHIS e a todos os seus funcionários que sempre me atenderam com muita gentileza e disposição.

“Amar é saborear nos braços de um ente querido a porção de céu que Deus depôs na carne.”

(Victor Hugo)

RESUMO

Na transição do século XIX para o XX o Ceará e sua capital estavam passando por diversas transformações no que tange aos ideais sociais, culturais, urbanísticos e sentimentais como consequência das inovações recém chegadas junto ao um processo civilizador capitalista. Falar de sentimentos é um desafio, trata-se de um universo abstrato, especialmente por ser algo profundamente subjetivo e difícil de apreender. Dentro dessas sensibilidades destaca(m)-se o(s) amor(es), a saudade e o sofrimento, por meio das percepções dos indivíduos que sentiam a necessidade de expressá-los, fosse através de cartas, serenatas, charadas, poemas e até mesmo da contravenção das leis vigentes percebidos através da análise dos processos-crime e de correspondências anexadas aos autos processuais; mas também de indivíduos que conheciam a oportunidade de falar dos seus sentimentos através das páginas literárias do Almanaque do Ceará. Ao longo da pesquisa encontramos algumas referências, pessoas de camadas menos privilegiadas, como lavadeiras e engomadeiras presenciando, casualmente, momentos de serenatas e recitação de versos e que acabavam cantarolando-os enquanto empreendiam seus trajetos de trabalho; nos deparamos ainda com jovens filhos de famílias abastadas que se destacavam da cidade para os subúrbios com a finalidade de experimentar novas aventuras através da prática da boemia. Assim, buscamos compreender o processo de construção das sensibilidades, em especial o amor, analisadas por meio das percepções dos amantes e das práticas dos mesmos na cidade de Fortaleza entre os anos de 1897 e 1918.

Palavras-chave: Sensibilidades. Capitalismo. Civilização.

RÉSUMÉ

Dans la transition du XIX^e siècle au XX^e siècle, Ceará et sa capitale subissaient diverses transformations par rapport aux idéaux sociaux, culturels, urbanistiques et sentimentaux en conséquence des innovations nouvellement arrivées à côté d'un processus civilisateur capitaliste. Parler de sentiments est un défi, il s'agit d'un univers abstrait, surtout parce que c'est quelque chose de profondément subjectif et difficile à saisir. Dans ces sensibilités, l'amour (les amours), la nostalgie et la souffrance sont mis en évidence, à travers les perceptions des individus qui ont ressenti le besoin de les exprimer, ont été à travers des lettres, des sérénades, des charades, des poèmes et même de violation des lois en vigueur perçues à travers l'analyse des affaires pénales et de la correspondance jointe aux dossiers de procédure; mais aussi des personnes qui ont eu l'occasion de s'exprimer à travers les pages littéraires de l'Almanach de Ceará. Tout au long de la recherche, nous trouvons des références, des gens de couches moins privilégiées, comme des lavandières et des pantoufles, observant d'ailleurs des moments de sérénades et de récitation de versets qui finissent par les fredonner lorsqu'ils s'embarquent sur leur chemin de travail; nous étions aussi confrontés à de jeunes enfants de familles riches qui se distinguaient de la ville vers la banlieue afin d'essayer de nouvelles aventures à travers la pratique de la bohème. Ainsi, nous cherchons à comprendre le processus de construction des sensibilités, en particulier l'amour, analysé à travers les perceptions des amoureux et de leurs pratiques dans la ville de Fortaleza entre les années 1897 et 1918.

Mots-clés: Sensibilités. Capitalisme. Civilisation.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Reconstrução do perímetro urbano de Fortaleza no ano de 1875.....	32
Imagem 2 - Reconstrução do perímetro urbano de Fortaleza no ano de 1888, contendo a disposição dos lugares onde os crimes destacados aconteceram	34
Imagem 3 - Planta da cidade de Fortaleza – Capital da Província do Ceará (Original). Levantada por AldolfoHerbster. 1888.....	35
Imagem 4 - Coletânea de fotografia do Passeio Público presente no Álbum de Vistas do Estado do Ceará – 1908.....	37
Imagem 5 - Jardim Nogueira Accioly – presente no Álbum de vistas do Estado do Ceará – 1908	39
Imagem 6 - Pavilhão do Jardim Nogueira Accioly – Álbum de vistas do Estado do Ceará – 1908.....	39
Imagem 7 - Praça dos Mártires situada à Rua Formosa - Álbum de vistas do Estado do Ceará – 1908.....	40
Imagem 8 - Bairro dos pescadores – imagem presente no Álbum de Vistas do Estado do Ceará – 1908.....	48
Imagem 9 - Bairro dos pescadores – imagem presente no Álbum de Vistas do Estado do Ceará – 1908.....	48
Imagem 10 - Cartão-postal remetido por Luiz à Jacy. (Frente).....	122
Imagem 11 - Verso do postal remetido por Luiz à Jacy.....	122
Imagem 12 - Anúncio de pasta para os seios publicado no Almanaque do Ceará - 1919	162
Imagem 13 - Anúncio de aparelhos de ginástica publicado no Almanaque do Ceará - 1920	163
Imagem 14 - Anúncio de pasta para os seios publicado no Almanaque do Ceará – 1920	164
Imagem 15 - Fotografia de Antônio Pedro Mendonça anexada ao processo 1926/08...	167
Imagem 16 - Carta anexada ao Processo de Defloração 1913/01.....	207
Imagem 17 - Frente do envelope remetido por Evers à Antonieta no ano de 1932	208
Imagem 18 - Verso do envelope remetido por Evers à Antonieta no ano de 1932	208
Imagem 19 - Bilhete anexado ao processo de 1932/01.....	209

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo com qualificação de vítimas e acusados dos processos criminais.....	41
Quadro 2 - Profissões das mulheres presentes nos autos processuais.....	45
Quadro 3 - Profissões dos homens presentes nos autos processuais.....	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	FORTALEZA DAS SENSIBILIDADES: OS SUJEITOS, A CIDADE E A CIVILIDADE.....	22
2.1.	OS SUJEITOS E SEU LUGAR NA CIDADE.....	27
2.2.	FAMÍLIA: UMA FERRAMENTA DE CIVILIZAÇÃO.....	49
2.3.	“AS VANTAGENS DA CASTIDADE E OS PREJUÍZOS DA LIBERTINAGEM”: O ESTADO, A AÇÃO GOVERNAMENTAL E AS PRÁTICAS SENSÍVEIS	64
3	UM CONCEITO DE AMOR: AS FRONTEIRAS ENTRE SENSIBILIDADE E CIVILIDADE.....	64
3.1.	AMAR NA HISTÓRIA, AMAR NO CEARÁ: UM PARALELO DE EMOÇÕES....	83
3.2.	POR UMA ESCRITA DE SI: OS FORTALEZENSES E SUA NECESSIDADE DE DEFINIR EMOÇÕES.....	105
3.3.	A SAUDADE E O SOFRIMENTO: UMA EXTENSÃO DA COMPREENSÃO DE AMOR.....	133
4	QUANDO OS SENTIMENTOS SE MATERIALIZAM: AS RELAÇÕES ENTRE CORPO E OBJETO.....	153
4.1.	CORPO: UM RECEPTÁCULO DAS EMOÇÕES.....	155
4.2.	PRATICAR O AMOR NO ESPAÇO URBANO: O FLERTE, AS SERENATAS E OS PASSEIOS EM FORTALEZA.....	178
4.3.	ARTEFATOS DO AMOR: VESTÍGIOS MATERIAIS DAS SENSIBILIDADES...	194
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	210
	REFERÊNCIAS	212
	LISTA FONTES	218

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo a construção das sensibilidades, em especial o amor, analisadas por meio das percepções dos amantes e das práticas dos mesmos na cidade de Fortaleza entre os anos de 1897 e 1918. Os processos criminais, quando confrontados com a parte literária do almanaque do Ceará, obras literárias e memorialistas, bem como os códigos Civil e Penal, nos ajudam a revisitar as percepções existentes acerca do amor e das maneiras pelas quais esse sentimento era praticado pelas diferentes esferas sociais, possibilitando o estudo das sensibilidades, incluindo entre elas sentimentos como a saudade, o sofrimento e a vergonha que estão presentes na documentação como complemento do amor durante a transição do século XIX para o século XX na capital cearense.

Na passagem do século XIX para o XX, o Brasil, o Ceará e sua capital estavam passando por transformações no que tangem aos ideais sociais, culturais, urbanísticos e também sentimentais como consequências das inovações advindas com o avanço do processo civilizador capitalista; embora nosso Estado sofresse com as calamidades advindas dos períodos de estiagem, as sensibilidades, o amor, mais especificamente, continuou presente e se tornou algo no qual os sujeitos se apegavam para sobreviver aos tempos difíceis.

Dentro dessas sensibilidades destaca(m)-se o(s) amor(es), a saudade, o sofrimento e a vergonha, por meio das percepções dos indivíduos que sentiam a necessidade de expressá-los, fosse através de cartas, serenatas, charadas, poemas e até mesmo da contravenção das leis vigentes percebidos através da análise dos processos-crime e de correspondências anexadas aos autos processuais; mas também de indivíduos que conheciam a oportunidade de falar dos seus sentimentos através das páginas literárias do Almanaque do Ceará.

A escolha de Fortaleza como recorte espacial foi feita pelo fato de se tratar de uma cidade que, ao mesmo tempo em que expressava sinais de torná-la uma metrópole, possuía uma tradição sertaneja; embora quisesse se tornar moderna e acompanhar o progresso da civilização boa parte da sua população (lavadeiras, domésticas, jornaleiros, soldados, etc.) não estava inserida nesse contexto; trata-se do mesmo lugar onde existiam indivíduos buscando um grau de intelectualidade, mas que dividia espaço com um grande número de analfabetos.

O recorte temporal compreende os anos de 1897 a 1918, justificando-se tal intervalo por ter sido no ano de 1897 que circulou na cidade a primeira edição¹ do Almanaque do Ceará trazendo a parte literária, grande representatividade da população letrada que escrevia sobre suas sensibilidades através de poemas, crônicas, charadas e logogrfos² dedicando-os, muitas das vezes a pessoas por quem nutriam algum sentimento.

A presente pesquisa pretende dar voz aos escritos desses sujeitos e dos indivíduos que, mesmo escolhendo praticar seus sentimentos vivenciando amores ilícitos e rompendo com os padrões morais da sociedade, ainda sentiam a necessidade de escrever para a pessoa amada. Como é o caso de vários indivíduos presentes nos processos criminais, que estabeleceram a prática de escrever e remeter cartas de amor, mesmo depois de terem obtido relações sexuais, que para a época, era o extremo das relações amorosas.

Nunca é demais debatermos sobre as mudanças que a História passou ao longo dos anos, e foi à procura de novas abordagens que acabou ampliando o campo de estudo para a interdisciplinaridade, tomando como parceiras ciências como antropologia, psicologia, filosofia e sociologia, entre outras; das quais beberemos para estabelecer um diálogo a fim de entendermos como se davam as práticas e as percepções amorosas dos fortalezenses no período.

Com a finalidade de renegar a análise de classes atrelada ao marxismo os *Annales* acabaram levantando outras fontes e isso despertou, além de muitas críticas, novas perspectivas e objetos de pesquisa³. Tal possibilidade acabou chamando a atenção de historiadores desejosos de ampliar os limites disciplinares, abrindo novas áreas de abordagem, incluindo as temáticas que foram negligenciadas ou simplesmente ignoradas ao longo da história⁴. Dentre elas damos destaque para a compreensão das sensibilidades como sendo reflexos dos traços socioculturais de uma sociedade que buscava um status cada vez mais civilizado na transição dos séculos XIX e XX.

A escola dos *Annales* inovou com as conjunturas e estruturas, conceitos e outras perspectivas de marcos temporais e até mesmo no que diz respeito ao que poderia ser utilizado como documentos históricos; tais transformações possibilitaram aos pesquisadores se debruçarem sobre novos documentos, objetos e sujeitos⁵.

¹ O Almanaque foi criado no ano de 1895, entretanto, a primeira edição que conta com a presença da parte literária é a do ano de 1897.

² É uma espécie de enigma verbal que vinha codificado com números que representavam palavras ou sílabas.

³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 13.

⁴ MATOS, Maria Izilda dos Santos de. **Ancôra das emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades**. Bauru: Edusc, 2005. p. 18.

⁵ Op. Cit. 2012. p. 13.

Enquanto na escola, dita como positivista somente os grandes nomes e os documentos oficiais compunham os vestígios para a produção historiográfica, com a quebra dos paradigmas pela escola francesa, indivíduos simples passaram a ganhar espaço à vida íntima, as emoções e o cotidiano passaram a ser notados e estudados e isso só foi possível porque a categoria de fontes históricas ganhou uma dimensão ainda complexa.

O que chamamos de práticas de amar, refere-se às maneiras pelas quais os indivíduos, independente das esferas sociais, escolhiam demonstrar seus sentimentos; e mesmo ultrapassando as barreiras que deveriam separar os corpos, ainda sentiam a necessidade de dizer, por meio de escritos, que amavam o outro.

Dessa forma, percebe-se a importância de recontar as histórias desses indivíduos protagonistas nos processos-crime, bem como as percepções que circulavam no *Almanaque do Ceará*, para que se possa compreender, o que era entendido por amor e quais as maneiras adotadas por esses indivíduos para demonstrar seus afetos na cidade de Fortaleza durante o período aqui delimitado.

Durante a compilação dos processos criminais pertencentes ao Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC) foram selecionados os documentos do Fundo Tribunal de Justiça, pertencentes às sub-séries Homicídios, Ferimentos e Defloramentos; que traziam em seus enredos, vestígios de casais que apresentavam maneiras próprias de demonstrar seus sentimentos. Esses processos têm a possibilidade de mostrar as percepções e as práticas de amar dos indivíduos (lavadeiras, domésticas, jornaleiros, soldados, etc) que vivenciavam o espaço da cidade de Fortaleza.

Com a finalidade de apresentar uma maior variedade de percepções amorosas, foi feita a compilação de obras literárias, de periódicos que apresentassem o que era veiculado acerca das sensibilidades de maneira geral, principalmente porque o período de mudança do milênio tende a nos apresentar uma visão mais decadente do amor, atrelando-o à saudade e ao sofrimento promovido muitas vezes pelo medo de perder ou de nunca alcançar o ser amado.

Pretende-se ainda, a partir da utilização dos planos diretores da cidade, que traziam em sua composição plantas que mostravam a disposição da população e do espaço urbano de Fortaleza, com o objetivo de mapear os lugares desses sujeitos. Desse modo, pensamos a cidade não somente como palco dos acontecimentos, mas também como parte importante nos enredos e das tramas amorosas que pretendemos analisar.

A presente pesquisa vislumbra um tema de grande relevância acadêmica especialmente porque não existem no Ceará produções cuja temática tenham se detido às

questões amorosas. Fazer história a partir das sensibilidades no Brasil não é uma atividade tão simples; falar sobre sentimentos como amor, saudade e sofrimento, praticados na transição do século XIX para o XX numa Capital como Fortaleza traz uma série de dificuldades, desde teóricas a empíricas; no caso da última se dá especialmente pela dificuldade em encontrarmos fontes por se tratarem de fragmentos de uma intimidade que algumas vezes não se queria preservar e muito menos posterizar.

Encontramos dificuldades no que tange à compilação de fontes porque não existiam, conforme veremos no segundo capítulo, artigos projetados e utilizados exclusivamente com o fim de amar; mas encontramos indícios e traços de discursos amorosos por entre as documentações catalogadas; saímos olhando pelo buraco das fechaduras de cada processo criminal, de cada soneto e verso publicado no Almanaque do Ceará, ou nos versos cantarolados pelas ruas de Fortaleza; e, aos poucos nos foi possível acessar ou pelo menos vislumbrar a atmosfera romântica que pairava sobre a Capital Cearense no período delimitado.

A transição do século XIX para o XX trouxe para o estado do Ceará mudanças nas estruturas da sociedade, principalmente devido ao avanço do processo civilizador capitalista, compreendendo como Civilização o que Norbert Elias revela, a saber:

Uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como os homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma “civilizada” ou “incivilizada”.⁶

Evidenciaremos alterações nas esferas sociais, econômicas, culturais e também transformações relacionadas às sensibilidades que entendemos como o conjunto de sentimentos e sensações humanas, mas que também dizem respeito ao modo como os indivíduos as experimentam e praticam. A sensibilidade funciona como uma ponte que liga o corpo humano ao mundo externo, isto é, a maneira como olham, como pensam, como escutam e como interagem com o mundo⁷.

Acreditamos que as expressões de sentimentos e emoções, mesmo particulares, fazem parte de um processo sociocultural, das interações entre seres humanos em seu ambiente social, ou seja, precisamos enxergá-los dentro de um contexto. A presente pesquisa

⁶ ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador**. Zahar: Rio de Janeiro, 2011. Vol. 1. 2ª Edição. p. 23.

⁷ FLECK, E. C. D. Cartografia da sensibilidade: A arte de viver no campo do outro (Brasil, séculos XVI e XVII). In. ERTZOGUE, M. H., PARENTE, T. G. (Orgs). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. P. 218.

está inserida no campo da História Cultural que tem como proposta decifrar a realidade do passado a partir das representações capazes de fazer entender as maneiras como os homens compreendiam e expressavam a si próprios e ao mundo⁸.

Ao longo da pesquisa nos apropriaremos de outros conceitos que nos auxiliarão na compreensão do objeto de estudo; dentre eles damos destaque para o conceito de imaginário que, embora não seja um dos principais, nos auxiliarão a compreender melhor a atmosfera sensível da cidade de Fortaleza do período.

É no imaginário que estiveram presentes crenças, mitos, valores e ideologias; trata-se de uma forma de organizar o mundo especialmente porque consiste em um sistema de ideias e imagens coletivas que os homens construíam dando sentido ao mundo, ao longo da história. Quando nos debruçamos sobre os escritos dos amantes cearenses no período aqui delimitado, nos é possível perceber toda uma construção simbólica significada e ressignificada pelos amantes.

Sendo assim, achamos por oportuno dividir o presente trabalho em três capítulos dispostos da seguinte forma:

No primeiro capítulo intitulado *Fortaleza das sensibilidades: os sujeitos, a cidade e a civilidade*, dividido em três momentos, no primeiro pretendemos analisar a disposição da população bem como a apropriação pela mesma do espaço urbano, entendendo a cidade não apenas como palco dos acontecimentos, mas também como sujeito deles.

Pretende-se ainda, no segundo tópico, compreender as idéias de família e civilidade e de que maneira elas estão atreladas às sensibilidades, especialmente aos ideais de amor romântico; além disso, almejamos discutir, e isso acontecerá no último tópico, acerca da presença do Estado e de sua interferência na vida público-privada das famílias, no controle dos corpos e comportamentos, com a finalidade de melhor compreendermos as relações e práticas amorosas como reflexos socioculturais da sociedade fortalezense na transição dos séculos XIX e XX.

No segundo capítulo intitulado *Conceitos de amor: as fronteiras entre sensibilidades e civilidade* pretendemos estabelecer um conceito para amor; entendendo-o como algo mais que parte da essência do ser humano, mas como um constructo sociocultural. Quando analisamos as pessoas em diferentes espaços de tempo percebemos transformações nos seus comportamentos e posturas; com as sensibilidades não é diferente.

⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: autêntica, 2012. p. 43.

Os sentimentos, como tudo o mais que possua a presença humana, sofrem mudanças ao longo do tempo. Além disso, pretende-se ainda analisar as percepções de amor dos sujeitos fortalezenses, através das cartas encontradas anexadas aos autos processuais e das correspondências trocadas por jovens através da parte literária do Almanaque do Ceará; sendo assim, destacaremos a importância e a necessidade, por parte desses sujeitos, de registrar de maneira impressa e missivista seus sentimentos.

Por fim, pretendemos fazer uma relação entre amor, saudade e sofrimento como componentes inseparáveis na atmosfera romântica da cidade de Fortaleza, no período. E isso ficará claro quando nos debruçarmos sobre os escritos dos amantes, cantadores, poetas e muitos outros escritos que ficaram registrados e espalhados por várias tipologias de documentos históricos que serão utilizados no decorrer da pesquisa.

No terceiro e último capítulo intitulado *Quando os sentimentos se materializam: as relações entre corpo e objeto* pretendemos discorrer acerca das maneiras como as sensibilidades eram materializadas, para tal fim, faremos uma breve explanação em torno da cultura material, pontuando os objetos que eram utilizados pelos amantes para a prática do flerte e do cortejo; mas também da utilização e disposição dos espaços por onde passavam entendendo que essas apropriações eram mediadas pelo corpo.

O capítulo será dividido em três momentos: no primeiro trataremos da função do corpo como mediador das relações, mas também como lugar onde as emoções culminavam. No segundo momento trataremos sobre a apropriação do espaço urbano por parte dos cidadãos que empreendiam suas práticas amorosas, independente de agirem de acordo com o convencionalmente esperado ou não. E no último tópico, analisaremos a presença de artefatos utilizados para a prática do flerte, mesmo que sua criação e função original não sejam para tal fim. Os amantes utilizavam das ferramentas que possuíam em mãos e dos artefatos da modernidade para demonstrar e até mesmo dialogar com seus amores por entre os espaços públicos e privados na Fortaleza do período.

2 FORTALEZA DAS SENSIBILIDADES: OS SUJEITOS, A CIDADE E A CIVILIDADE.

Quando nos referimos à cidade de Fortaleza na transição do século XIX para o XX, não podemos deixar de mencionar a propalada coexistência entre o desejo pelo moderno e o apego à tradição; um lugar onde seus cidadãos, ao mesmo tempo em que desejavam torná-la uma metrópole, apresentavam uma tradição sertaneja; embora quisessem torná-la moderna e acompanhar o progresso civilizacional, boa parte da sua população (lavadeiras, domésticas, jornaleiros, soldados, etc.) não estava inserida nesse contexto; trata-se de um lugar onde existiam indivíduos buscando um grau de intelectualidade e um padrão de consumo, mas que dividia espaço com um grande número de analfabetos e com pouco acesso aos produtos mais sofisticados da civilização ocidental.

Entendemos por progresso civilizacional o avanço que Elias diz estar atrelado a uma grande variedade de fatos que estão diretamente ligados desde o nível de tecnologia até os costumes religiosos, passando por desenvolvimentos científicos e pelos costumes da população de maneira geral. Tal processo tem a ver também com o tipo de habitação, a disposição do espaço urbano, as maneiras como os sujeitos históricos interagem entre si, as maneiras de vigilância e punição que o Estado impõe para controlar os corpos e até mesmo aos rigores nos modos de comportamentos sociais, dentro ou fora do espaço privado do lar; para o autor, não existe nada que não possa ser feito de forma civilizada ou incivilizada⁹. Isto é, podem coexistir em um espaço urbano atitudes que poderiam ser consideradas vagueando por entre a referida dualidade, dividindo não só o espaço físico, mas também, a dimensão do sensível que é o foco da presente pesquisa.

Se pararmos para pensar nas mudanças pelas quais o espaço urbano estava passando, acabamos nos deparando com as práticas de determinados membros das elites fortalezenses dedicando sua influência e tempo para a instauração do progresso modernizador na cidade através do desenvolvimento dos equipamentos urbanos, de medidas higienizadoras e do controle dos comportamentos e impulsos. Enquanto se projetava transformações nas ruas, fosse pelo empedramento, pela modernização da iluminação pública¹⁰ que alterou o estilo de vida social da população por gerar certo prolongamento do dia, fosse pela construção de grandes e suntuosos sobrados que eram padronizados pelo código de posturas; nem mesmo

⁹ ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador**. Zahar: Rio de Janeiro, 2011. Vol. 1. 2ª Edição. p. 23.

¹⁰ BEZERRA, Antônio. **Descrição da cidade de Fortaleza**. UFC: Fortaleza, 1992.

as calçadas poderiam fugir à norma¹¹; encontramos uma cidade que, devido a sua localização, estava sujeita a bruscas mudanças climáticas que acabavam por interferir nos projetos civilizatórios e modernizadores de sua elite; o fenômeno da seca alterava completamente a mobilidade e a disposição urbana por conta das grandes levas migratórias de indigentes advindos do sertão para a cidade em busca de socorros públicos.

É neste espaço, que se desenrolavam tramas amorosas que variavam entre as camadas sociais e que vagueiam entre os limites tênues do certo e do errado; é na cidade de Fortaleza que buscava se modernizar, na transição dos séculos XIX para o XX, que encontramos jovens de uma parte mais abastada da sociedade, flertando através de gestos ensinados em manuais de namorados¹², que escreviam poemas e charadas por entre as páginas anuais dos almanaques, que realizavam serenatas e passeios; mas também pessoas de uma parcela populacional que vivia à margem da sociedade dita civilizada, isto é, nos subúrbios da cidade, que escolhia vivenciar suas sensibilidades ultrapassando os limites estabelecidos; como nos casos das moças e rapazes encontrados nos crimes de defloramentos, que se entregavam aos seus desejos e estabeleciam relações sexuais antes do casamento; mas também encontramos situações semelhantes em casos de mulheres casadas que se jogaram nos braços de homens que não eram seus maridos, para vivenciarem o que diziam ser “*amor verdadeiro*”.

Para além das transposições das fronteiras da dimensão do sensível, encontramos também sujeitos ultrapassando os limites que separavam as esferas sociais; e isso acontece quando vemos homens e mulheres que transitavam pela cidade fazendo uso do espaço urbano para praticar suas sensibilidades, independente do que estava acontecendo ao seu redor; encontramos, por exemplo, sujeitos que obtiveram relações sexuais nos pontos escuros e remoto da cidade.

Ao longo da pesquisa temos encontrado referências a pessoas de camadas menos privilegiadas, como lavadeiras e engomadeiras presenciando, casualmente, momentos de serenatas e recitação de versos e que acabavam cantarolando-os enquanto empreendiam seus trajetos de trabalho, nos deparamos ainda com jovens filhos de famílias abastadas que se destacavam da cidade para os subúrbios com a finalidade de experimentar novas aventuras através da prática da boemia.

¹¹ BEZERRA, José Tanísio Vieira. **Quando a ambição vira projeto**: Fortaleza, entre o progresso e o caos (1846-1879). São Paulo: PUC-SP, 2000. p. 38-39. (Dissertação)

¹² **Dicionário das flores, folhas e fructas**. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1924.

De certa forma, parece-nos, que as sensibilidades, ao mesmo tempo em que não pairam imunes pela sociedade, carregando consigo reflexos de seu espaço e tempo, geram nos praticantes delas um destacamento capaz de fazê-los se perder e esquecer as circunstâncias que lhes rodeiam. É interessante salientar ainda que, com o desenvolvimento de uma modernidade, os sujeitos que buscavam viver de acordo com os parâmetros de civilidade, se achavam diante de estruturas e práticas de sociabilidades que abriam espaço para a vivência das sensibilidades, tais como: bailes, reuniões, passeios, orações e festas religiosas, entre outras que serão explanadas no terceiro capítulo.

Embora o estado sofresse com as calamidades advindas dos períodos de estiagem, as sensibilidades, mais especificamente, o amor, continuaram presentes e se tornaram algo no qual os sujeitos se apegavam para sobreviver aos tempos difíceis. Isso pode ser percebido através dos escritos de Adolfo Caminha, ao criar uma atmosfera literária onde a personagem Maria do Carmo que, mesmo tendo que se deslocar de sua cidade natal e de tudo que conhecia, perdendo sua mãe durante a viagem e seu pai que fora trabalhar em outro estado; ainda tinha que se submeter aos caprichos de seu padrinho; apesar de tudo, encontrou esperança para se apaixonar e sonhar com um bom casamento e um amor concretizado.

Embora estejamos nos referindo a obra de ficção, levamos em conta que possui características do tempo e do espaço nos quais foi escrita, levando em consideração, inclusive, a intencionalidade do autor, que possuía um relacionamento um tanto quanto conflituoso com a sociedade do período devido a um romance “indevido”.

Outro ponto relevante abordado na obra é o momento em que a protagonista se interessou por Zuza, um jovem que conhecia a realidade de Pernambuco e não hesitava em tecer comparações entre as capitais. Caminha fez questão de demonstrar que os martírios e angústias da moça haviam se dissipado naquele momento e que todas as vezes que encontrava com ele, ou recebia uma carta sua, contemplava momentos de devaneios e esperança; tal enredo nos apresenta pinceladas de que em todo o tempo, apesar das circunstâncias, os sujeitos amaram e se deixaram amar.

A literatura tem uma importância fundamental para a presente discussão, especialmente por falar aos historiadores acerca de possibilidades que não se concretizaram, sobre a história do que não aconteceu; a partir dela, podemos pensar em enredos dos desejos não consumados¹³. Seja do que não aconteceu com o autor ou algum conhecido seu; como é o caso de Adolfo Caminha, que viveu um romance extraconjugal com uma mulher casada

¹³ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira República. São Paulo: Companhia das letras, 2003. p. 30.

sofrendo as conseqüências de não atender aos padrões socialmente aceitáveis da época; ou através do que acontece e que despertou as críticas entre os fortalezenses do final do Século XIX.

O autor acabou demonstrando através de suas personagens e enredos, dando destaque para Maria do Carmo, quão caro custava vivenciar intensamente suas sensibilidades em uma cidade que buscava a modernidade embebida de um forte conservadorismo. E, de fato, a cidade tende a funcionar como um lugar onde coexistem conservadorismo e modernidade, viver o moderno corresponderia seguir uma vida de paradoxo e contradição onde coexistiam sentimentos de aventura, alegria e poder; e o medo da ameaça de destruição de tudo o que já existia e era conhecido¹⁴.

Os imigrantes flagelados da seca que chegavam à cidade geraram um inchaço populacional e obrigaram as elites a recorrerem ao Estado pedindo-lhe providências; afinal os miseráveis, a sujeira e a insalubridade do seu estilo de vida tornavam a cidade, que pretendiam modernizar, feia e atrasada; a partir desse acontecimento a disposição do espaço urbano foi transformada, principalmente por conta da formação dos subúrbios para onde era encaminhada a população menos favorecida da cidade de Alencar.

E é, geralmente, nesses espaços suburbanos onde encontramos as práticas de amar que iam de encontro com os padrões de comportamento; foram nesses espaços onde encontramos os sujeitos que protagonizaram processos criminais nos quais as sensibilidades eram praticadas de maneira a ferir com os padrões morais da época pela intensidade e pela repercussão do ocorrido, como nos casos de homicídios, adultérios, defloramentos e ferimentos que envolviam o descontrole das emoções.

Na organização do espaço físico, coexistiam a ordem e a desordem, de certa forma, os indivíduos caminhavam pelo proibido, mesmo que isso implicasse em cometer delitos¹⁵; os processos criminais, enquanto fonte para a pesquisa histórica, nos apresentam o momento em que os limites do “certo” e do “errado”, para uma dada sociedade, eram rompidos. Tais documentos trazem à tona histórias de pessoas que muitas vezes nem sabiam o que estavam fazendo; nos mostram as conseqüências, mas também os motivos, enredos e desfechos de homens e mulheres, que em algum momento, se deixaram levar por seus instintos independente das conseqüências.

¹⁴ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p. 21-24.

¹⁵ BARBOSA, Mata Emília Jacinto. **Cidade na contramão**: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. São Paulo: PUC-SP, 1996. p. 44.

Quando falamos em amor partindo de tal documentação, à primeira vista, temos a impressão de que terminaria em tragédia; no entanto, conseguimos perceber que laços foram criados, vidas impactadas e, em alguns casos de defloramentos, somos contemplados, por entre as páginas amareladas dos processos, finais aparentemente felizes.

Entendemos o amor, bem como os demais sentimentos, a saber: saudade, sofrimento, vergonha e ciúme, como construções socioculturais; isto é, as práticas sensíveis, e aqui entendemos por prática o que Certeau diz estar relacionado ao cotidiano das pessoas, às artes de fazer, às maneiras pelas quais escolhiam agir¹⁶ e a percepção dos sentimentos tendem a ser transformadas ao longo do tempo e do surgimento e desenvolvimento de novas tecnologias.

Vamos encontrar, na cidade de Fortaleza, indivíduos que escolheram a utilização de cartões-postais, cartas, bilhetes e até o envio de fotografias para demonstrar seus sentimentos; mas encontramos também sujeitos que utilizavam de partes das suas vestimentas para empreenderem o *flerte*, como o caso da utilização da bengala, por parte dos rapazes e do leque, pelas moças; e ainda encontramos intelectuais e jovens boêmios que faziam uso do espaço urbano como local para demonstrar seus sentimentos, como no caso das serenatas que Otacílio de Azevedo pincela em sua obra *Fortaleza descalça*¹⁷.

O capítulo foi dividido em três partes, em uma estrutura que nos auxilie numa melhor compreensão do objeto pesquisado; objetivamos, em um primeiro momento, analisar a disposição da população bem como a apropriação pela mesma, do espaço urbano, entendendo a cidade não apenas como palco dos acontecimentos, mas como sujeito deles; pretende-se ainda, no segundo momento, compreender as ideias de família e o seu papel como instrumento de civilidade, atribuindo-lhe relações com as sensibilidades, especialmente o amor romântico, sendo configurado como um sentimento pessoal e que deveria ser mantido em silêncio, restrito a uma idealização da alma, atrelado a um bloqueio sexual promovido pela separação dos corpos, seria aquele que promoveria uma intimidade sem, no entanto, estar relacionado com a luxúria¹⁸. E para finalizar, no terceiro tópico, empreender uma discussão acerca da presença do Estado e de sua interferência na vida público-privada das famílias, no controle dos corpos e comportamentos.

¹⁶ DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 16-19.

¹⁷ DE AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Fortaleza: SECULT/CE, 2010. p. 106-108.

¹⁸ NOBRE, Gleiciane Damasceno. **De Alarico para Candinha: as sensibilidades e o processo civilizador na cidade de Sobral. (1903-1907)**. Fortaleza: UECE, 2014. p. 53-55.

2.1. OS SUJEITOS E SEU LUGAR NA CIDADE

Entendemos a cidade como parte dos enredos e das tramas amorosas que aconteciam no período recortado; principalmente porque acreditamos que a organização de um território influencia diretamente nos comportamentos e nas características socioculturais dos sujeitos que fazem uso do espaço urbano;¹⁹ para isso acreditamos ser relevante uma análise da distribuição da população e a utilização por parte dos cidadãos dos equipamentos urbanos.

Quando falamos de Fortaleza não podemos pensá-la de maneira singular, acreditamos existirem múltiplas Fortalezas desde o perímetro central até os subúrbios,²⁰ definidos a partir da planta de Adolfo Herbster, em 1875; vamos encontrar nos espaços urbanos indivíduos que compunham as variadas esferas da sociedade dividindo o mesmo lugar e compartilhando experiências; embora alguns sujeitos situados em determinados locais tenham peculiaridades atreladas às suas vivências cotidianas.

Quando pensamos nos sujeitos que compõem os papéis de vítimas e réus nos processos criminais; nos deparamos com pessoas que viviam nas periferias e praticavam suas sensibilidades de maneiras particulares. Portanto, entendemos que a cidade funciona como um texto que foi escrito, a cada capítulo, por um autor diferente²¹.

Embora existisse uma separação entre a população menos privilegiada e as elites, encontramos indivíduos que circulavam por ambos os espaços: os intelectuais e boêmios que costumavam frequentar estabelecimentos situados nas regiões para além do perímetro central. Alguns desses sujeitos são os que, supomos, faziam parte do público que enviava textos, poemas, poesias e charadas para a redação do Almanaque do Ceará e que, direta ou indiretamente, estavam falando sobre sentimentos. Citamos como exemplo dessa interação sociocultural uma barbearia localizada à Rua Floriano Peixoto, que não era bem vista pelas elites por conta de sua estrutura decaída e ultrapassada, mas que era um lugar onde esses jovens encontravam espaço para travar debates literários, se embriagar e socializar²².

Vários outros pontos da cidade funcionavam como centro de convergência dos sujeitos, independente do seu status social. Outro ambiente mencionado pela historiadora

¹⁹ LE PETIT, Bernand. De Alexandria ao Cairo. Práticas eruditas e identificação dos espaços no final do século XVIII. In. SALGUEIRO, HelianaAngotti (Org.). **Por uma nova história urbana**. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 75.

²⁰ BARBOSA, Mata Emília Jacinto. **Cidade na contramão**: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. São Paulo: PUC-SP, 1996. p. 15.

²¹ LE PETIT, Bernand. É possível uma hermenêutica urbana? In. SALGUEIRO, HelianaAngotti (Org.). **Por uma nova história urbana**. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 152.

²² MARTINS, Ana Luiza Rios. **Entre o piano e o violão**: a modinha e a cultura popular e Fortaleza (1888-1920). Fortaleza: UECE, 2012. p. 24.

Luiza Rios, a Lapinha do velho Paula Ramos, funcionava como ponto de encontro de variados tipos; lá, até mesmo as mulheres poderiam adentrar, inclusive domésticas e lavadeiras. Onde houvesse divertimento a base de música não havia tanta exclusão²³.

Antes de continuarmos nosso diálogo acerca das sociabilidades e utilizações do espaço urbano da cidade de Fortaleza, julgamos importante discorrer acerca da disposição da população fortalezense, porque acreditamos que a localização seja relevante para a compreensão das práticas sensíveis dos sujeitos. Neste sentido, entendemos por sensibilidade o conjunto de sentimentos e sensações que temos, mas também diz respeito ao modo como as experimentamos e praticamos. A dimensão do sensível não é regida por regras, leis ou razão, no entanto, as emoções traduzem características do meio do qual as pessoas faziam parte²⁴.

Para entendermos a disposição da população, faz-se necessária uma compreensão acerca do desenvolvimento econômico do Ceará. Sendo assim, damos destaque para o crescimento da produção algodoeira, na década de 1860, por conta da Guerra de Secessão nos Estados Unidos da América; a partir daí o Ceará vivenciou um período de austeridade econômica que só foi afetado por conta da inconstância climática e o desencadeamento da seca de 1877-1879.

Tal desenvolvimento gerou um forte relacionamento comercial entre a província e a Europa, em especial Inglaterra e França, o que acabou culminando no estabelecimento de casas comerciais estrangeiras em solo alencarino²⁵. Com a chegada dessas casas comerciais, inevitavelmente, o estilo de vida e os anseios da população sofreram transformações; estava cada vez mais presente entre os cidadãos, a oportunidade de se inserir nos padrões de civilização do período, que a partir desse contato mais intenso tornaria essa realidade cada vez mais próxima dos fortalezenses.

Com o intuito de melhorar as obras públicas e a disposição da cidade o Governo provincial recebeu de Pernambuco a cessão de um de seus mais brilhantes engenheiros: Adolfo Herbster, que chegou ao Ceará em 1858,²⁶ e deu início a um trabalho de desenvolvimento de projetos modernizadores para o espaço urbano; como meio para isso foram elaboradas três plantas, uma em 1859, outra em 1875 e a última em 1888, que será a

²³ Ibidem. p.24-25.

²⁴ FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Cartografia da sensibilidade: a arte de viver no campo do outro (Brasil, séculos XVI e XVII). In. ERTZOGUE, Marina Haizenreder, PARENTE, Temis Gomes (Org's). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 218.

²⁵ BEZERRA, José Tanísio Vieira. **Quando a ambição vira projeto**: Fortaleza, entre o progresso e o caos (1846-1879). São Paulo: PUC-SP, 2000. p. 46-47. (Dissertação)

²⁶ DE CASTRO, José Liberal. Contribuição de Adolfo Herbster à forma urbana de Fortaleza. Revista do Instituto do Ceará, anno CVIII, 1994, p46-90.

trabalhada aqui pela proximidade da mesma ao recorte estabelecido, e por ser uma melhoria das duas anteriores.

É interessante ressaltar que o ordenamento da cidade através das plantas estava atrelado ao Código de Posturas que visava padronizar, para além dos comportamentos, as sacadas dos prédios e construções com a finalidade de alinhá-los de forma a não chocar a visão dos transeuntes, especialmente os estrangeiros²⁷. Para tanto, Herbster esteve diretamente ligado à comissão organizadora do referido código e toda a ocupação de espaços vazios, passava por sua aprovação²⁸.

As plantas têm uma relevância para a compreensão do espaço urbano e isso fica claro quando Liberal de Castro se pronuncia afirmando que:

Esses documentos gráficos constituem especial testemunho para entendimento da evolução urbana do fortalezense, mesmo porque cobrem um período em que a cidade conheceu evidente progresso material, iniciado em meados dos oitocentos. Nos dias de publicação da planta de 1888 (e, de certo modo, já de 1875) faz prever a forma que a cidade veio a assumir em dias não muito distantes dos que hoje transcorrem²⁹.

Quando o engenheiro chegou à Fortaleza, encontrou um problema no que tange à disposição do terreno, que era bastante arenoso e à falta de materiais para construções; tendo, portanto, que definir o empedramento das principais ruas, levando em consideração o escoamento das águas pluviais e a utilização de um material que era, inclusive, proibido na cidade, o tijolo de diatomita³⁰.

Para além disso, encontrou outros problemas referentes à dificuldade das atividades portuárias e ao abastecimento de água; quanto ao primeiro não conseguiu resolver, mas o segundo, foi-se implantada a escavação de cacimbas públicas, também chamadas de “*cacimbas do povo*”³¹. No ano de 1863, começaram a construção de chafarizes localizados em determinadas praças da cidade, a água provinha de poços cavados no Benfica. Começava

²⁷ Ibidem. p. 59.

²⁸ Ibidem. p. 61.

²⁹ Ibidem. p. 62.

³⁰ Trata-se de uma matéria-prima mineral de origem sedimentar formada por acúmulo de partículas que foram se fossilizando ao longo do tempo. Trata-se de um material poroso que ajuda nos processos de filtração, possui baixa densidade e alta porosidade. No entanto, está sujeita a contaminações que podem alterar a qualidade do produto e reduzir o valor de custo e de mercado. In. FRANÇA, Silvia C. Alves, DA LUZ, Adão Benvido, INFORÇATI, Paulo Francisco. Diatomita. In **Rochas e minerais industriais** – CETEM/2015. p. 399-401. Disponível em <http://mineralis.cetem.gov.br/bitstream/handle/cetem/1054/18.DIATOMITA%20ok.pdf?sequence=1> acesso em 26/04/2016.

³¹ DE CASTRO, José Liberal. Contribuição de Adolfo Herbster à forma urbana de Fortaleza. Revista do Instituto do Ceará, anno CVIII, 1994. p. 53-65.

a se esboçar um avanço na distribuição de água, embora ainda seja bastante insipiente, percebemos o Estado agindo de maneira a tentar amenizar o problema da sua distribuição.³²

Diante de tal informação, começamos a imaginar como deveriam se dar as relações de sociabilidade de sujeitos como lavadeiras que precisavam fazer uso do mesmo espaço urbano para a realização de seu ofício. Como essas mulheres se comportavam, as conversas que travavam, a prática da observação dos transeuntes e dos hábitos dos mesmos? Tais informações poderão ser obtidas através dos relatos transcritos no decorrer dos depoimentos e até mesmo de anexos (cartas, fotografias, cartões-postais) presentes nos autos processuais.

Percebemos, ao analisar o enredo dos processos criminais que envolvem as populações periféricas da cidade, que existiam micro-poderes atuando através da vigilância desses indivíduos uns sobre os outros.³³ Quando algo acontecia, sempre existia alguém que poderia testemunhar e relatar sobre o ocorrido, nos mostrando que, estar na mira dos populares significaria estar, em alguns casos, na mira da justiça.

Na planta elaborada no ano de 1888, algumas inovações são apresentadas, como os traçados das linhas de bondes de tração animal (marcados por linhas vermelhas pontilhadas), que eram utilizadas para interligar pontos-chave da periferia ao centro.³⁴ João Nogueira, um homem que se dedicou a escrever com entrega as memórias de experiências passadas, nos apresenta o percurso realizado pelos bondes, e sua descrição nos mostra, se compararmos com a planta, que, de fato, existia uma ligação entre as regiões da cidade e, conseqüentemente, os sujeitos que circulavam por ela.

Segundo o autor, existiam duas linhas, a da estação e a do matadouro que seguiam os seguintes percursos:

A primeira, partindo da frente do mercado, seguia pela praça da Assembléia, passava em frente à Assembléia, ganhava a rua da Boa vista, dobrava na de S. Bernardo e, entrando por um beco, hoje fechado, cortava a rua da Alegria; passava ao lado N e em frente aos Artigos Bélicos e pela rua Conde d'Eu entrava no largo do Garrote, donde, pela estrada da Messejana, ia em linha reta, à Estação, construída em 1879. O ramal do matadouro começava no cruzamento da Rua Boa vista com a de São Sebastião. Seguia por esta até a rua Amélia, pela qual subia até a praça de Pelotas. Dobrando na esquina do Formiga, seguia pela rua do livramento, atravessava em diagonal a Praça de S. Sebastião e entrando pela estrada do Soure chegava ao matadouro.

³² Ibidem. p. 66.

³³ BARBOSA, MataEmísia Jacinto. **Cidade na contramão: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo: PUC-SP, 1996. p.100-106.

³⁴ DE CASTRO, José Liberal. Contribuição de Adolfo Herbster à forma urbana de Fortaleza. Revista do Instituto do Ceará, anno CVIII, 1994, p. 70.

O bonde de Pelotas, seguia este mesmo itinerário, partindo porém do Mercado, a fazer ponto naquela praça, junto à Rua do General Sampaio. A extensão total destas duas linhas era avaliada em 7.500 metros.³⁵

Os bondes também eram utilizados como lugar para flertar, muitos dos redatores de pasquins circulavam nos bondes observando o comportamento dos jovens e acabavam presenciando momentos de *flerte* aos quais publicizavam em suas folhas; sua intenção era escandalizar os acontecimentos, porque através do humor e do caráter jocoso, acabavam atuando como agentes civilizatórios que reprovavam comportamentos indesejados da juventude da época.³⁶

Situação semelhante é retratada por Adolfo Caminha em sua obra *A Normalista* que teve seu romance publicado no pasquim a *Matraca* sob o título de *Namoro do Trilhos de Ferro*. A publicação, por si, já seria um agravante para qualquer pessoa, especialmente para uma moça pobre que vivia de favores na casa de um padrinho que fervilhava de desejo e ciúmes por ela; para além do escrito nas páginas do periódico, o romance foi divulgado aos berros pelos vendedores. O que acabou gerando um falatório e, conseqüentemente, problemas para a moça, dentro de casa. Embora se trate de uma ficção, temos à nossa disposição, as impressões de um homem que não apreciava o conservadorismo da sociedade, era a favor do romance e dos sentimentos acima de tudo e que vivenciou a Fortaleza desse período.

Encontramos mais uma referência à relação das práticas de *flerte* e os bondes na modinha de Ramos Cotoco de 1901, onde parecia fazer críticas aos comportamentos das moças dizendo que as mangas de suas roupas são todas rasgadas devido ao fato de ficarem debruçadas sobre as janelas esperando o bonde passar. Devido ao fato de gostar de escandalizar através de suas criações, existe a possibilidade de estar fazendo uma ironia ao tratar essas moças como vítimas de um costume e isso fica nítido quando fala do martírio das moças que não moravam perto das linhas do bonde como podemos ver no trecho transcrito:

Tôdas elas, sem exceção,
Têm as mangas dos casacos,
De viverem nas janelas,
Tôdas cheias de buracos.
...
Conheço algumas que moram
Aonde o bonde não passa,
Que gritam, fazendo troça:
Esta rua é uma desgraça!

³⁵ NOGUEIRA, João. **Fortaleza velha**. Fortaleza: UFC, 1981. p. 167-168.

³⁶ DA SILVA, Marco Aurélio Ferreira. **“Corrige os costumes rindo”**: humor, vergonha e decoro na sociabilidade mundana de Fortaleza (1850-1900). Recife: UFPE, 2004. p. 48. (Tese).

Não passa o bonde,
Está na janela;
O dia inteiro
aí passa ela;
Aos transeuntes
Olha com ardor,
Namora a todos;
É um horror!³⁷

Essa relação entre as moças e os usuários e/ou condutores referenciadas em três documentos diferentes servem como vestígios para uma prática de sensibilidades a partir da utilização de um dos muitos equipamentos urbanos que estavam se disseminando pelo traçado urbano de uma Fortaleza que estava buscando se modernizar.

No que tange ao traçado urbano retratado na planta de 1888 o perímetro urbano da cidade de Fortaleza havia aumentado, se compararmos com a planta de 1875. A arquiteta Margarida Júlia Farias de Salles Andrade, em sua tese de doutoramento defendida na Universidade de São Paulo, realizou alguns exercícios de reconstituição cartográfica da capital cearense, fazendo com que as plantas da cidade destacadas no presente trabalho se tornassem mais legíveis; nas imagens 01 e 02 encontramos a disposição do perímetro urbano de Fortaleza, destacado em amarelo, entre os anos de 1875 e 1888, e na imagem 03 temos a representação do traçado produzido originalmente.

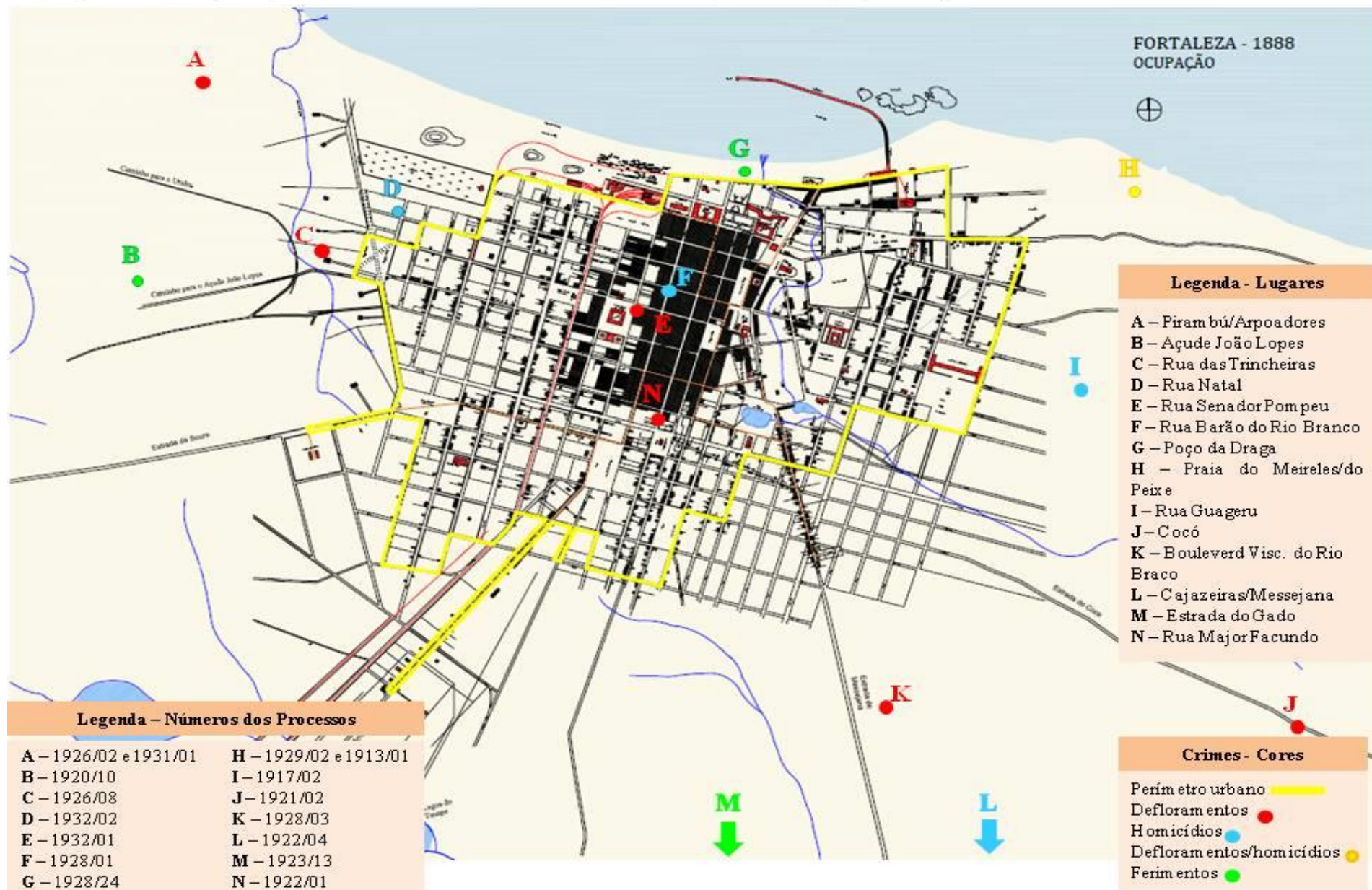
³⁷ COTOCO, Ramos. O bonde e as moças. **In.** DE ALENCAR, Edigar. **A modinha cearense.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967. p. 139-140.

Imagem 1 – Reconstrução do perímetro urbano da cidade de Fortaleza (1875)



Fonte: ANDRADE, M. J. F. de S. **Fortaleza em perspectiva histórica: poder público e iniciativa privada na apropriação e produção material da cidade**. 2012. 316 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-05092015-112507/pt-br.php> >. Acesso em 19 abr 2016.

Imagem 2– Reconstrução do perímetro urbano da cidade de Fortaleza no ano de 1888, contendo a disposição dos lugares onde os crimes destacados aconteceram.



Fonte: ANDRADE, M. J. F. de S. **Fortaleza em perspectiva histórica: poder público e iniciativa privada na apropriação e produção material da cidade**. 2012. 316 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-05092015-112507/pt-br.php> >. Acesso em 19 abr 2016.

Diante da análise das imagens, podemos perceber que houve um considerável aumento do perímetro urbano da cidade nos 13 anos que intercalaram as plantas do arquiteto municipal; isso significa que o aumento populacional e os avanços da modernização acabaram viabilizando uma maior utilização do espaço físico, tanto para negociações como para as práticas cotidianas e habitacionais o que gerou uma mudança no tamanho do que era considerado por cidade; isso fica ainda mais claro quando observamos as demarcações, em vermelho, das linhas de bonde e trem que circulavam para além desse perímetro.

Imagem 3 – Planta da cidade de Fortaleza – Capital da Província do Ceará (Original). Levantada por AdolfoHerbster. 1888.



Fonte: Disponível em < http://fortalezaantiga.blogspot.com.br/2010/01/modernizacao_26.html >. Acesso em 19 abr 2016.

É interessante pensar que a idéia de progresso, ao mesmo tempo em que trazia fascínio e sedução, gerava nos indivíduos medo e ameaça; porque a cidade acabava perdendo sua timidez de sertaneja e ganhava a ousadia do novo.³⁸ Alguns intelectuais não se sentiam muito contemplados com os avanços modernizadores, como é o caso de Adolfo Caminha que denunciava uma vida atrasada com traços de civilidade;³⁹ e Otacílio de Azevedo que criticava o avanço do progresso que botava a baixo o tradicional, tema abordado na crônica “*O Oitizeiro do Rosário*” que fora derrubado para ceder lugar ao que o autor chamou de “bêbados de gasolina”, isto é, à circulação de automóveis⁴⁰.

A cidade contava, no final do século XIX, com 34 ruas, paralelas e alinhadas, com 13,33 metro de largura formando quadras, 3 boulevares, isto é, ruas largas de 22,22 metros, que eram considerados, por, Antônio Bezerra, verdadeiros ventiladores por conta do seu espaçamento. Algumas das ruas eram empedradas, isto é, pavimentadas, e os lugares que não o eram ficaram conhecidas por areais.

Fortaleza possuía ainda 14 praças, sendo a mais notável a dos Mártires, ocupada pelo passeio público⁴¹. Um espaço de sociabilidade, cercado por grades de ferro, à sombra de grandes árvores contando com a presença de estátuas brancas das deusas do Olimpo onde, algumas vezes, segundo Ramos Cotoco e o Almanaque dos Municípios do Estado do Ceará para 1908, havia interação entre as diversas esferas sociais; o segundo, no entanto, produzido pela Livraria Araújo, uma das maiores da cidade, retrata o espaço como lugar de recreação e cordialidade independente das classes e condições dos transeuntes, tal descrição pode ser melhor percebida através da análise da imagem 04, que apresenta a disposição dos ornamentos, das espécies vegetais e até mesmo da apropriação do espaço por parte da população, apesar de se tratar de uma ilustração de 1908, não houve grandes mudanças.⁴²

³⁸ DA SILVA, Marco Aurélio Ferreira. “**Corrige os costumes rindo**”: humor, vergonha e decoro na sociabilidade mundana de Fortaleza (1850-1900). Recife: UFPE, 2004. p. 47. (Tese)

³⁹ Ibidem. p. 57.

⁴⁰ DE AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Fortaleza: SECULT/CE, 2010. p. 18.

⁴¹ BEZERRA, Antônio. **Descrição da cidade de Fortaleza**. UFC: Fortaleza, 1992.p. 35-36.

⁴² Almanaque dos municípios do Ceará para 1908. p. 8

Imagem 4 – Coletânea de fotografia do Passeio Público presente no Álbum de Vistas do Estado do Ceará – 1908.



Fonte: Portal da História do Ceará – Obras Raras. Disponível em <<http://www.ceara.pro.br/>>. Acesso em 20 de out de 2015.

O espaço da praça era dividido em três partes iguais, a Av. Caio Prado que se tratava do lugar da fina sociedade, a Av. Carapinima, onde ficava a classe média a escutar a

Banda da Polícia Militar tocando operetas e valsas e a Av. Padre Mororó, o lugar destinado às mulheres da vida e aos pobres de maneira geral⁴³. Tal separação nos mostra que uma possível interação cordial entre os indivíduos de classes sociais distintas era pouco provável; o que não significa, supomos, a inexistência de relutância e resistência.

O referido almanaque nos relata ainda que as noites de quinta e domingo eram as mais movimentadas, devido a apresentações musicais que alcançavam todas as ruas do Passeio. Na obra *A Normalista*, Adolfo Caminha retrata esse fato e descreve como se dava a movimentação dentro do espaço; segundo o literato, não parava de chegar gente, o lugar ficava cheio e nas três avenidas as pessoas se cruzavam em todos os sentidos chegando até a se acotovelar. Tratava-se de um espaço gratuito e por isso era bastante disputado; pessoas de todas as gerações que estivessem interessadas em sair da monotonia freqüentavam o Passeio Público, especialmente nos dias de programação musical⁴⁴.

O almanaque de que falamos há pouco, embora tenha o objetivo de apresentar dados e características do Estado, apresenta-nos peculiaridades por trazer descrições de espaços das cidades do Ceará, dispostas em ordem alfabética, exceto a Capital, que ganhou destaque nas primeiras páginas. No que tange à Fortaleza, traz a descrição e localização dos principais prédios, de praças e órgãos do governo. Com dados estatísticos, mas também charadas, versos e textos, publicado no ano de 1908 pela principal livraria da cidade *O Araújo*, o periódico nos traz detalhes do espaço urbano da cidade, que só havíamos localizados, quando encontrados, nas obras memorialistas.

Além do passeio público, outros espaços de lazer encontraram destaque tanto no álbum de vistas da cidade como no Almanaque dos Municípios; são elas a Praça Marquês de Herval, hoje Praça José de Alencar, onde existia um belíssimo jardim conhecido pelo nome de *Nogueira Accioly*, um lugar que possuía, segundo o periódico, um espaço calçado onde eram realizados os passeios; circundado por canteiros, contento, ao centro, um elegante pavilhão de ferro que conferia leveza ao ambiente tornando um lugar de diversão para os fortalezenses (Imagens 05 e 06)⁴⁵.

⁴³ AZEVEDO, Otacílio *Apud* MARTINS, Ana Luiza Rios. **Entre o piano e o violão: a modinha e a cultura popular em Fortaleza (1888-1920)**. Fortaleza: UECE, 2012. p. 33. (Dissertação).

⁴⁴ CAMINHA, Adolfo. **A normalista**. Fortaleza: Diário do nordeste, 1997. p. 91-92.

⁴⁵ Almanaque dos municípios do Ceará para 1908. p. 8

Imagem 5 – Jardim Nogueira Accioly – presente no Álbum de vistas do Estado do Ceará – 1908.



Fonte: Fonte: Portal da História do Ceará – Obras Raras. Disponível em <<http://www.ceara.pro.br/>>. Acesso em 20 de out de 2015.

Imagem 6 – Pavilhão do Jardim Nogueira Accioly – Álbum de vistas do Estado do Ceará – 1908.



Fonte: Fonte: Portal da História do Ceará – Obras Raras. Disponível em <<http://www.ceara.pro.br/>>. Acesso em 20 de out de 2015.

As convergências entre os lugares abordados no Almanaque e no Álbum de Vistas não param por aqui; ambos foram publicados no ano de 1908, e retratam os mesmos lugares, o primeiro através da descrição enquanto o segundo, nos apresenta uma possível distribuição dos espaços já mencionados através da iconografia; uma ferramenta bastante difundida a partir de meados do século XIX e que se tratava de um signo da modernidade e que pode ser um modo de descrever a cidade, e nesse ponto não podemos esquecer que uma descrição vem repleta de intencionalidade por parte de quem a está produzindo.

Quando falamos sobre populares, nos referimos aos indivíduos que estavam situados à margem do traçado central da planta de Adolfo Hebster e que têm representantes compondo ora o banco dos réus, ora a postura de vítima nos processos criminais, sejam de defloramento, ferimentos ou homicídios; mas que, acima de tudo, praticavam o mesmo espaço

urbano do qual vimos percorrendo até agora. Estamos nos referindo a indivíduos que atuavam como lavadeiras, domésticas, carpinteiros, padeiros, sapateiros, operários e até mesmo os que eram designados pela manutenção da ordem, os guardas; que, fosse por meio do percurso de trabalho, ou nos momentos de lazer, deixavam suas marcas no perímetro urbano da cidade.

Observando uma das fotografias expostas no já mencionado Álbum de Vistas, nos deparamos com uma imagem ilustrativa (Imagem 07) e que pode trazer sustentação à tal colocação; o registro fotográfico nos mostra uma senhora que parece ser negra, de trajes simplórios, com o que parece ser uma trouxa sobre a cabeça, observando o Passeio Público do lado de fora da praça; nos levando a crer que pode ter feito uma pequena pausa enquanto estava no exercício de sua função, possivelmente lavadeira.

Imagem 7 – Praça dos Mártires situada à Rua Formosa - Álbum de vistas do Estado do Ceará – 1908.



Fonte: Portal da História do Ceará – Obras Raras. Disponível em <<http://www.ceara.pro.br/>>. Acesso em 20 de out de 2015.

No entanto, por estarmos fazendo uso de um material que fora produzido com a finalidade de apresentar o Ceará, na primeira década do século XX, devemos levar em conta a possibilidade de tal imagem ter sido preparada para a referida finalidade; independente da intencionalidade do fotógrafo, estamos diante de uma possibilidade de representação da realidade urbana de Fortaleza que traz uma confluência de públicos das mais variadas camadas sociais transitando pelos mesmos percursos.

No que se refere ao comportamento dos sujeitos que compõem as esferas menos privilegiadas da sociedade fortalezense, Adolfo Caminha, descreve biotipos, vestimentas e comportamentos que transitavam pela Av. Padre Mororó como:

“criadinhos morenas e rechonchudas, com os seus vestidos brancos de ver a Deus, de avental, conduzindo crianças, filhas de famílias pobres em trajes domingueiros, muito alegres na sua encantadora obscuridade; mulheres de vida livre sacudindo os quadris descarnados, com ademanos característicos, perseguidas com uma troça de sujeitos pulhas que se punham a lhes dizer gracinhas insultas.”⁴⁶

Ao descrever esses indivíduos e comportamentos, Caminha nos apresenta, através de sua narrativa literária e do seu objetivo de criticar a sociedade da época, as possibilidades de comportamentos dos sujeitos que procuravam naquele espaço público, o lazer; mas que carregavam consigo características comuns ao ambiente em que viviam.

É importante que levemos em conta o tempo em que esse documento foi produzido, e a pretensão do autor ao acrescentar tais colocações em um romance ficcional. Trata-se de um literato um tanto quanto insatisfeito com a moralidade civilizatória que o havia criticado por vivenciar um relacionamento com uma mulher casada; e que fez de sua arte um veículo de crítica e rememoração das práticas de uma sociedade passada.

Ao falarmos sobre a utilização do mesmo espaço urbano por pessoas de variadas camadas sociais é interessante apontarmos que, baseado nas informações obtidas através da qualificação de réus e vítimas dos processos criminais, pudemos perceber que a grande maioria dos envolvidos habitava no que Adolfo Herbster chamou de subúrbio.

Realizamos um levantamento e a catalogação de processos das sub-séries de defloramentos, homicídios e ferimentos; e destacamos a qualificação desses sujeitos em uma planilha contendo informações acerca do nome, idade, profissão, residência, alfabetização e o local onde os crimes ocorreram com a finalidade de mapear as práticas sensíveis, fossem aceitáveis ou não.

Quadro 1 – Resumo com qualificação de vítimas e acusados dos processos criminais.

(Continua)

QUADRO COM QUALIFICAÇÃO DE VÍTIMAS E ACUSADOS DOS PROCESSOS CRIMINAIS						
Defloramentos						
Processo 1913/01						
----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Jacyndia do Amazonas	13 anos	Praça de São Sebastião. Temporadas na Praia do Peixe.	Não informado	Sabe ler e escrever	Praia do Peixe
RÉU	Luiz Camarão	16 anos	Praia do Peixe	Artista	Sabe ler e escrever	

⁴⁶CAMINHA, Adolfo. **A normalista**. Fortaleza: Diário do nordeste, 1997. p. 91.

(Continuação)

	Filho					
Processo 1921/02						
-----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Vicentina Araújo de Castro	15 anos	Cocó	Serviços domésticos	Sabe ler e escrever	Festa religiosa no Cocó
RÉU	José Honorato de Souza	18 anos	Tauhape	Negociante ambulante	Sabe ler e escrever	
Processo 1922/01						
-----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Maria Evangelista de Sousa	19 anos	Rua Major Facundo (areias) – Perto do prado	Serviços domésticos	Não sabe ler e escrever	Casa do Réu, Major Facundo (areias)
RÉU	João Baptista de Oliveira Filho	22 anos	Rua Major Facundo (areias)	Carpinteiro	Não sabe ler e escrever	
Processo 1926/02						
-----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Luiza Marques de Oliveira	17 anos	N/D	Operária - Empregada na Fábrica Iracema	Sabe ler e escrever	No Mato – Arpoadores
RÉU	Manoel Dias	21 anos	N/D	Padeiro	Sabe ler e escrever	
Processo 1926/08						
-----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Francisca Martins Alves	18 anos	Rua Senador Pompeu (areias)	Serviços domésticos	Não sabe ler e escrever	Na casa do réu. Rua das trincheiras
RÉU	Antônio Pedro Mendonça	29 anos	Rua das Trincheiras, 147.	Empregado-servente no gabinete do Diretor da Estada de ferro de Baturité	Sabe ler e escrever	
Processo 1928/03						
-----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Maria do Carmo Brasil	18 anos	Rua do Seminário	Serviços domésticos	Sabe ler e escrever	Na casa do Réu – Boulevard Visconde do Rio Branco, nº 1046.
RÉU	Eduardo Gomes Pessoa	25 anos	Boulevard Visconde do Rio Branco	Auxiliar de comércio	Sabe ler e escrever	
Processo 1931/01						
-----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Isabel Rodrigues da Silva – “Bellinha”.	18 anos	Residente na Tijubana	Operária	Não sabe ler e escrever.	Pirambú
RÉU	Miguel Alves	20 anos	Rua Santa	Pintor	Não sabe ler e escrever.	

	da Silva – “Miguellinho”		Isabel, nº 343.			
Processo 1932/01						
-----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Maria Antonieta Serra	19 anos	Vila Peixoto.	Serviços domésticos	Sabe ler e escrever	Rua Senador Pompeu, 582.
RÉU	Joachim Evers	Não Informado	Senador Pompeu, 582.	Funcionário da empresa Pernambucana	Sabe ler e escrever	
Homicídios						
Processo 1917/02						
-----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Leonízia Cavalcante de Albuquerque	20 anos	Rua Guageru	Não informado	Sabe ler e escrever	Rua Guageru
RÉU	Joaquim Tavares Baptista	21 anos	Rua Guageru	Negociante no Mercado	Sabe ler e escrever	
RÈU	Francisco Alves de Albuquerque	26 anos	Rua Guageru	Terceiro sargento do Regimento Militar	Sabe ler e escrever	
Processo 1922/04						
-----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Isaura Emygdio de Oliveira	19 anos	Não informado	Não informado	Sabe ler e escrever	Cajazeiras (distrito de Messejana)
RÉU	Pedro Florentino da Costa	22 anos	Não informado	Sapateiro	Não sabe ler e escrever	
Processo 1928/01						
-----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Maria Bomfim Zogob Neves	26 anos	Não informado	Não informado	Não informado	Pensão Globo, rua Barão do Rio Branco, nº 97.
RÉU	Carlos Ferreira Neves	24 anos	Cauhipe	Funcionário da estrada de ferro de Baturité	Sabe ler e escrever	
Processo 1929/02						
-----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Eulampia Salles	16 anos	Não informado	Não informado	Não informado	Praia do Meireles
RÉU	Antônio Pereira da Costa. “Ceroulinha”	22 anos	Não informado	Operário	Sabe ler e escrever	
Processo 1932/02						
-----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Maria dos Prazêres	32 anos	Não informado	Não informado	Não informado	Rua Natal – Tiiubana.

	Mota – “Prazer”.					
RÉU	Luiz Gonzaga de Souza – “Luiz Chichico”	28 anos	Rua Agapito dos Santos, nº 18.	Ferreiro	Sabe ler e escrever	
Ferimentos						
Processo 1920/10						
-----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Raymunda Maria de Souza	20 anos	Arrabalde Açude de João Lopes	Operária	Sabe ler e escrever	Arrabalde Açude de João Lopes.
RÉU	Raymundo Alves Pereira	23 anos	Arrabalde Açude de João Lopes	Doceiro	Sabe ler e escrever	
Processo 1923/13						
-----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Maria Silva de Sousa	38 anos	Estrada do Gado	Serviços domésticos	Não sabe ler e escrever	Estrada do Gado.
RÉU	Damásio Felipe de Sousa	37 anos	Não informado	Negociante ambulante	Não sabe ler e escrever	
Processo 1928/24						
-----	NOME	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	ALFABETIZAÇÃO	LOCAL DO CRIME
VÍTIMA	Anna Hermenegilda da Siva	32 anos	Rua da Praia	Serviços domésticos	Não sabe ler e escrever	Poço da Draga
RÉU	Josefa Maria da Luz	17 anos	Rua da Praia	Serviços domésticos	Não sabe ler e escrever	

Fonte: Processos criminais disponíveis no Arquivo Público do Estado do Ceará.

Dos dezesseis processos catalogados, percebemos a presença de 33 indivíduos, sendo 16 vítimas e 17 acusados; desse total, 20 sabiam ler e escrever; embora pareça um número elevado, se compararmos aos dados do censo de 1872, que não acreditamos ter tido grandes alterações até o começo do século XX nesse quesito; traz, para a cidade de Fortaleza uma população total de 721.686 habitantes; da qual 642.079 era composta por analfabetos.⁴⁷

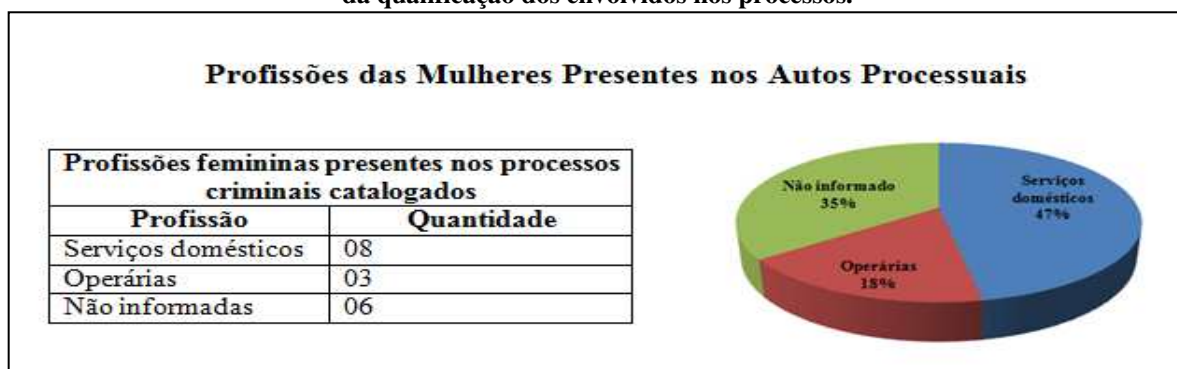
O fato de termos encontrado cartas e bilhetes anexadas a alguns dos processos nos dá a oportunidade de entender as percepções sensíveis desses indivíduos; além disso, nos deparamos com um importante corpus documental que, pelos dados acima mencionados, se mostraram raras oportunidades para nos aproximarmos das práticas amorosas, mas também de acessar a produção escrita de pessoas simples.

⁴⁷ DA SILVA, Marco Aurélio Ferreira. “Corrige os costumes rindo”: humor, vergonha e decore na sociabilidade mundana de Fortaleza (1850-1900). Recife: UFPE, 2004. p. 200. (Tese).

Continuando a análise da tabela, percebemos que 11 dos 16 crimes aconteceram em regiões consideradas periféricas, se tomarmos como base o perímetro urbano estabelecido pela planta de Adolfo Herbster; importante ressaltar que um dos casos aconteceu na região central; o que acaba por nos mostrar que, de fato, os indivíduos populares, em determinados momentos, dividiam o mesmo espaço com as elites. Neste ultimo caso, damos destaque ao processo de defloração de Maria do Carmo Brasil, que apresenta uma particularidade; a menor contraiu núpcias, através de cerimônia religiosa realizada na Igreja da Sé, que está dentro do espaço central delimitado pelo engenheiro, e que não teve a efetivação do casamento civil porque o noivo, Eduardo Gomes Pessôa, residente no Boulevard Visconde do Rio Branco, acreditou que a esposa já havia sido deflorada anteriormente e resolveu devolvê-la para a família; acontecimento do qual resultou o auto processual.⁴⁸

No que tange às profissões, realizamos um levantamento, a partir dos autos processuais e alcançamos os seguintes resultados:

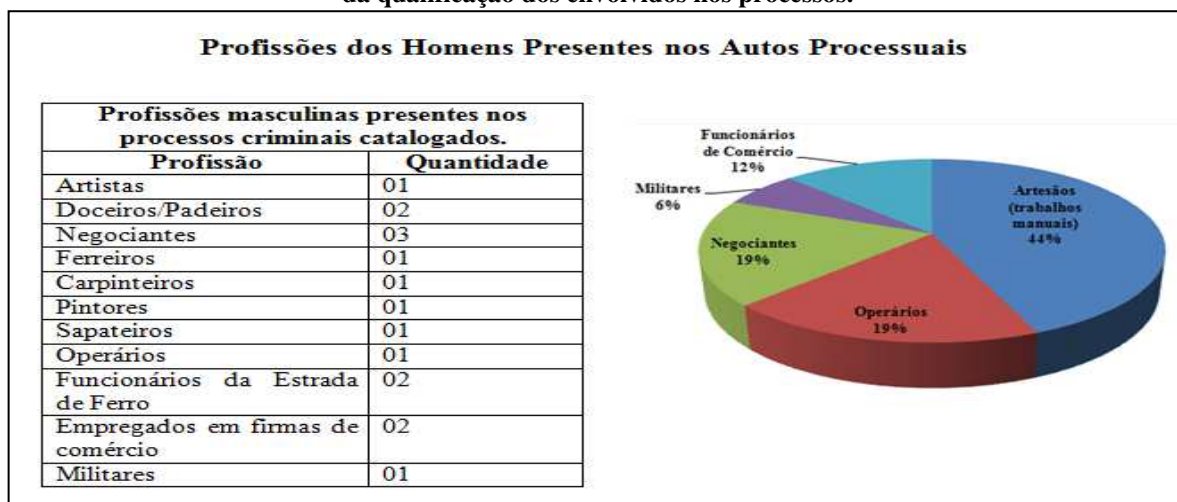
Quadro 2 – Profissões das mulheres presentes nos autos processuais, informações obtidas a partir da qualificação dos envolvidos nos processos.



Fonte: Processos criminais disponíveis no Arquivo Público do Estado do Ceará.

⁴⁸ APEC- Arquivo Público do Estado do Ceará. Fundo: Tribunal de Justiça. Série: Ações criminais. Sub-série: deflorações. Caixa:03. Processo: 1928/03.

Quadro 3 - Profissões dos homens presentes nos autos processuais, informações obtidas a partir da qualificação dos envolvidos nos processos.



Fonte: Processos criminais disponíveis no Arquivo Público do Estado do Ceará.

A partir dos dados computados, conseguimos perceber que, mais da metade das mulheres, trabalhavam em serviços domésticos; sendo seis não identificadas e três operárias. Isso nos mostra, que mesmo entre as populares, que precisavam trabalhar para auxiliar no sustento de suas casas, as funções atribuídas a elas ainda eram as mesmas que competiam às mulheres, de maneira geral. Quanto aos homens temos uma maior variedade de funções, até porque a eles competia a vida pública e a utilização do espaço público; constatamos a presença de uma maioria que exercia ofícios artesanais/manuais (artistas, carpinteiros, padeiros, doceiros, sapateiros, pintores, ferreiros), em segundo lugar encontramos, com a mesma quantidade, operários e negociantes comerciais; em terceiro lugar funcionários de firmas comerciais e, em menor quantidade, oficiais militares.

No censo de 1872, as profissões com maior número de trabalhadores eram, respectivamente, lavradores (182.760), serviços domésticos (116.890), costureiras (38.379), criadores (23.474), criados e jornaleiros (21.613), comerciantes, guarda-livros e caixeiros (6.015), artistas (2.887) e pescadores (2.182). Percebemos que, nesse período, o número de lavradores era maior porque a maioria das atividades ainda era voltada para agricultura, sugerindo assim forte presença de um mundo ruralizado na cidade.⁴⁹

Entretanto, com base nos dados dos processos selecionados, conseguimos perceber uma maior quantidade de trabalhadores urbanos; até porque a cidade de Fortaleza do início do século XX possuía mais equipamentos urbanos do que no período do censo; porém, isso não quer dizer que devemos desconsiderar as informações coletadas para uma melhor

⁴⁹ LINHARES, Juliana Magalhães. **Entre a casa e a rua: trabalhadores pobres urbanos em Fortaleza (1871-1888)**. Fortaleza: UFC, 2011. p. 84. (dissertação).

compreensão da evolução da utilização do espaço como local de trabalho e de trocas socioculturais de maneira geral.

Outro ponto interessante de ser mencionado é o fato de termos um indicador para as profissões de jornalista e guarda-livros; em uma sociedade onde mais da metade é de analfabetos, a presença de tais profissionais nos leva a pensar na possibilidade de a parte letrada consumir e até mesmo produzir bastante material escrito.

Tratando-se de espaço urbano e sua utilização, vale salientar que até o final do século XX, as regiões praieiras eram destinadas ao escoamento dos esgotos da cidade, somente nesse período é que passaram a ser povoadas pela população pobre, população esta formada, na maioria das vezes, por imigrantes como já fora mencionado.⁵⁰

Já no século XX, as praias se tornam ambientes de lazer e terapia; os banhos de mar eram considerados “terapias elegantes”.⁵¹ Os espaços da cidade, como mencionados anteriormente, eram divididos e ordenados através de recortes para as classes; um exemplo disso é a separação das áreas de banho para mulheres honestas e mulheres públicas. O que não quer dizer que tais normas eram obedecidas; na organização do espaço urbano coexistiam a ordem e a desordem.

De certa forma, os indivíduos também caminhavam pelo proibido, mesmo que isso implicasse em cometer delitos.⁵² Sendo assim, pensamos nas ruas como morada do coletivo que é inquieto, que vive e experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao seu quarto; tratando-se de um interior mobiliado e habitado pelas massas.⁵³

Acreditamos que era comum aos sujeitos passar temporadas nas casas de familiares, especialmente se esse lugar fosse considerado ponto de lazer. Em um processo de defloração ocorrido no ano de 1913, somos apresentados à história da menor Jacy Índia do Amazonas que morava próximo à praça de São Sebastião e que costumava passar temporadas na Praia do Peixe, também conhecida como Bairro dos Pescadores (Ver imagens 03 e 04), que corresponderia hoje à Praia de Iracema, onde acabou conhecendo o jovem artista Luis Camarão Filho; por quem disse sentir amor verdadeiro e a quem se entregou sobre promessa de casamento. No decorrer do depoimento, a moça afirmou que fazia caminhadas na praia

⁵⁰ MATOS, Fabio de Oliveira. A cidade e o mar: considerações sobre a memória das relações entre Fortaleza e o ambiente litorâneo. In. **Geografia ensino & pesquisa**, v. 15, n. 1, jan./abr.2011. (p. 71-84). p. 77.

⁵¹ BARBOSA, MataEmísia Jacinto. **Cidade na contramão: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo: PUC-SP, 1996. p. 35.

⁵² Ibidem. p. 43.

⁵³ BENJAMIN, Walter. O Flâneur. In. **Charles Baudelaire um lírico no auge do Capitalismo – Obras escolhidas III**. Trad. Alves Baptista, H. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 194-195.

com parentes; o que aponta para o uso do espaço praieiro como lugar de flerte e de vivência das sensibilidades.

Não estamos nos referindo a um lugar de elite, mas a um espaço que também estava inserido na região periférica; e se observarmos nas imagens, percebemos que se tratavam de casas simplórias, verdadeiras choupanas; sendo, portanto, o lugar de pessoas simples, às quais chamamos de populares.

Imagem 8 – Bairro dos pescadores – imagem presente no Álbum de Vistas do Estado do Ceará – 1908



Fonte: Portal da História do Ceará – Obras Raras. Disponível em <<http://www.ceara.pro.br/>>. Acesso em 20 de outubro de 2015.

Imagem 9 – Bairro dos pescadores – imagem presente no Álbum de Vistas do Estado do Ceará – 1908



Fonte: Portal da História do Ceará – Obras Raras. Disponível em <<http://www.ceara.pro.br/>>. Acesso em 20 de outubro de 2015.

Dentro da ideia de civilidade, a família apresenta um papel de suma importância; competindo ao pai a função de prover o lar e fornecer subsídios para que a mulher pudesse cumprir seu papel como educadora e facilitadora de filhos civilizados. Como parte da civilização, o amor, especialmente o amor romântico agia como propulsor por promover a separação dos corpos; já que se tratava de um sentimento que deveria ser idealizado e internalizado e que será melhor discutido no segundo capítulo, o que muitas vezes não acontecia e que acabava culminando em casos de polícia; onde os pais eram os maiores interessados em recorrer ao Estado para defender sua honra, especialmente nos casos de defloração. Diante do exposto, acreditamos ser indispensável compreender de que maneira as relações familiares, o amor e as demais sensibilidades interferiam e interagiam com os ideais de civilidade; e é o que nos deteremos no tópico a seguir.

2.2. FAMÍLIA: UMA FERRAMENTA DA CIVILIZAÇÃO

Durante o século XIX, a sociedade brasileira passou por transformações tais como a consolidação do capitalismo e as suas consequências para o contexto sociocultural. Nota-se que surgiu uma burguesia e uma mentalidade burguesa que veio a reorganizar as vivências familiares, domésticas, sociais e culturais, inclusive as sensibilidades.⁵⁴ É interessante salientarmos que, quando nos referimos a uma burguesia, não estamos tratando de uma camada social, mas de um status e mentalidade que atingia grande parte das elites brasileiras; como diria Christophe Charle: “*a burguesia é o principal viveiro das elites*”.⁵⁵ Dentro dessa condição, percebemos que a mulher, ainda assim, possuía um papel atrelado a funções domésticas tendo grande importância dentro da família, atuando como promotora do sucesso da instituição familiar.

Viveiros de Castro, um jurista bastante mencionado nos autos processuais do período, inclusive aparecia citado nos de deflorações acontecidos em Fortaleza; criou uma espécie de manual que trazia por base comportamentos por parte das famílias e das moças que seriam consideradas honestas. As moças de família deveriam viver no recato do lar, sob o olhar vigilante da mãe e conservar sua virgindade tanto do corpo como dos sentimentos.⁵⁶

⁵⁴ D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In. DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 223.

⁵⁵ CHARLE, C. Como anda a história social das elites e da burguesia? Tentativa de balanço crítico da historiografia contemporânea. In. Heinz, F. M. (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006. P. 23.

⁵⁶ ESTEVES, Martha Abreu. **Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989. p. 68.

Os valores morais da época foram pensados de maneira que se encaixariam melhor no cotidiano de membros das elites, em especial das mulheres, pois estas não precisavam sair às ruas em busca de trabalho para auxiliar financeiramente a família e, conseqüentemente, não estariam tão expostas a desvios de comportamento, inclusive amorosos; embora não possamos dizer que esses ideais não estavam presentes entre as moças pobres; para muitas a realização dos mesmos poderia gerar ganhos sociais, maior respeitabilidade na vizinhança e até no trabalho.⁵⁷

Esse padrão de civilização era inspirado no modelo francês e europeu de maneira geral; como evidência disso encontramos, na cidade de Fortaleza, do século XIX a circulação de códigos de bom tom e civilidade que ensinavam como as pessoas deveriam se portar, fosse no ambiente público ou no âmbito privado.⁵⁸ Essas transformações vão refletir nas edificações das cidades e nas relações sociais que passaram de senhoriais para de tipo burguesa. Nesse sentido, a cidade burguesa deveria lutar e combater comportamentos, atitudes e posturas que não condissessem com a nova situação. Era uma espécie de dissolução de práticas antigas para aplicação de modernas.⁵⁹

Apesar do avanço da modernidade e do encanto que a população pudesse sentir acerca dela, existia o medo de perder o que já possuíam, o que dominavam e estavam acostumados. Marshall Berman define modernidade como a situação de:

“encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”.⁶⁰

Dessa forma, vale salientar o impacto dessa modernidade sobre os indivíduos ao longo do tempo, embora mal sabiam as pessoas a dimensão do que estava acontecendo; nem mesmo o público do século XIX sabia exatamente o que significava ser moderno; mas é no século XX que o processo de modernização se expande e alcança todo o mundo.⁶¹

Devido à rapidez com que as coisas se transformaram com o avançar da modernidade, podemos afirmar que os sentimentos, a dimensão do sensível, são influenciados por ela; os indivíduos dormiam amando determinada coisa e não sabiam, ao certo, o que

⁵⁷ Ibidem. p. 124.

⁵⁸ DA SILVA, Marco Aurélio Ferreira. “Corrige os costumes rindo”: humor, vergonha e decoro na sociabilidade mundana de Fortaleza (1850-1900). Recife: UFPE, 2004. p. 134-136. (Tese).

⁵⁹ Op. Cit. p. 227.

⁶⁰ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p. 24.

⁶¹ Ibidem. p. 25-26.

estaria à sua disposição no dia seguinte.⁶² Ousamos dizer que os fortalezenses, embora o processo de modernização tenha sido em outro ritmo se comparado ao europeu, se deparavam a cada dia com sentimentos diferenciados e, conseqüentemente, com formas diferentes de percebê-los e praticá-los; isso nos apresenta a capacidade que os cidadãos possuíam de adaptar a cultura recém chegada a sua realidade social; muito mais do que uma apropriação, estamos falando de uma adaptação cultural.

À medida que máquinas e estruturas modernas foram sendo criadas, os sentimentos foram ganhando novas formas; dizemos isso porque, ao analisarmos as maneiras pelas quais os indivíduos escolhiam demonstrar, isto é, praticar seus sentimentos findavam mudando sempre que algo novo, materialmente falando, surgia. Temos como exemplo a utilização da fotografia que alguns jovens escolhiam trocar como símbolo dos sentimentos, mas também estava presente na impressão de cartões-postais remetidos e colecionados por jovens enamorados; o uso de partes da vestimenta do período, tanto femininas quanto masculinas, para o empreendimento do flerte; a utilização de flores, cores e livros que, dependendo da sua colocação e posição em detrimento do corpo, teria um significado especial para os jovens apaixonados.⁶³

No final do século XIX começaram a circular manuais que ensinavam os namorados a flertar através de sinais; no ano de 1908, o Almanach dos municípios do Estado do Ceará para 1908, trouxe o catálogo da livraria *O Araújo* e entre os livros disponíveis estava o Dicionário das flôres, folhas e fructas; conseguimos localizar uma edição do ano de 1924, publicada pela Editora Quaresma, muito popular na transição dos séculos XIX e XX. Na presente edição temos à disposição as opções de sinais para demonstração de sentimentos e aplicação dos mesmos para o desenrolar de um diálogo. A primeira linguagem apresentada no manual é a que utiliza as flores, de uma maneira poética:

Uma flor no peito
 Quer dizer: respeito
 Assim na cabeça
 Quer dizer: depressa!
 Perto da cintura
 Quer dizer: ternura!
 Cá do outro lado
 Quer dizer: cuidado!

 Uma flor no cinto
 Quer dizer: não minto!
 Posta mais p'ra cá:

⁶² Ibidem. p. 27.

⁶³ Dicionário das flores, folhas e fructas. Rio de Janeiro: Quaresma, 1924.

<< Lá vem papá!>>
 Se for posta assim,
 Quer dizer que – sim.
 Stando assim na mão,
 Quer dizer que – não.⁶⁴

Não estamos afirmando que se tratasse de um código que era seguido pelos enamorados, mas podemos afirmar que existia a explicitação de uma codificação; e se havia a sua disponibilidade isso implica que alguém, em um momento de cortejo poderia ter feito uso dela. O simples fato de tais signos aparecerem como opção evidencia a necessidade que os amantes do período tinham de dialogar secretamente.

Para além do uso das flores, vamos encontrar muitos outros métodos para a demonstração sensível; que melhor abordaremos nos capítulos seguintes; o que nos importa compreender, por hora, é que, à medida que o processo civilizador capitalista avançava na cidade de Fortaleza, as percepções e demonstrações do sensível também passavam por transformações.

Ainda no que diz respeito aos sentimentos, percebemos uma mudança na sensibilidade em relação ao que se chamava ora de amor, ora de sexualidade. Vai se dissipar a tentativa de estipular o afastamento dos corpos que passaram a ser mediados por regras prescritas pelo amor romântico.⁶⁵ A ideia do amor romântico e o bloqueio sexual promovido pela separação dos corpos seriam os impulsionadores para a realização do casamento. Nesse sentido, compreendemos o amor, o casamento e as práticas de amar como relações socioculturais.

O amor seria uma necessidade, que se tornou mais aguda com o avanço do processo capitalista civilizador, a identificação das relações sexuais, porém, era fruto de ideologias religiosas e sociais.⁶⁶ O casamento deveria funcionar com um lugar privilegiado do amor, qualquer relação sexual fora dele era considerada leviana e doentia;⁶⁷ por isso, quando nos deparamos com relações extraconjugais nos autos dos processos criminais, presenciamos cidadãos e Estado indignados com tais acontecimentos. Sendo assim, o amor estaria ligado á civilização, enquanto o sexo pertencia às ideologias morais.

Civilizar os hábitos passava pelo papel dos órgãos jurídicos, especialmente nos momentos em que as denúncias e as prisões aconteciam; o que existia era um processo

⁶⁴Ibidem. p. 5.

⁶⁵D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In. DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012..p. 229.

⁶⁶ MACFARLANE, A. **A cultura capitalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 176-177.

⁶⁷ ESTEVES, Martha Abreu. **Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989. p. 54.

disciplinador. Para Martha Esteves civilizar era *estabelecer demências, prisões, punições e forçar casamentos independentemente da vontade das ofendidas. E até mesmo independentemente do seu meio viciado.*”⁶⁸

O que percebemos especialmente nos processos de defloração catalogados na cidade de fortaleza, no início do século XX, é que casos de amor foram transformados em processos criminais por conta da ação dos dispositivos jurídicos, mas também por conta da participação dos populares nas denúncias e do rol das testemunhas. Existiam as leis, mas existiam também as práticas que se tornaram comuns e que são frutos da vigilância e contenção que foram aceitas e incorporadas pela sociedade.⁶⁹

Podemos entender, a partir das análises dos casos dos processos, dos escritos nas correspondências amorosas e nas publicações dos Almanques, que existia uma diferença entre legítimo e legal. Muitas vezes os costumes conduzem os indivíduos a uma determinada prática, tornando-a, para sua realidade, algo legítimo; no entanto, nem tudo que é legitimado desta forma, é legal; isto é, pode não se enquadrar na lei; principalmente quando nos referimos à cultura popular. Nesse sentido, convém-nos compreender melhor acerca dos dispositivos⁷⁰ que empreendiam os padrões comportamentais, as leis e a maneira como os mesmos interferiam na sociedade fortalezense do período, levando em conta as adequações e resistências dos cidadãos.

Michel Foucault, na última aula que compõe o livro *Microfísica do Poder*, faz um apanhado geral sobre a genealogia da arte de governar, isto é, da governamentalidade e diz que, a princípio, o bom governante deveria ser um bom chefe de família, provedor e regulador; com o passar do tempo o foco do bom governo passa a ser a população de maneira geral, o que não quer dizer que a família perdeu o foco; ao contrário, ela passou a ser um segmento relevante e privilegiado porque sempre que o Estado pensava em aplicar alguma coisa à população, o primeiro alvo era a instituição familiar, tornando-a responsável pela transmissão de tais valores.⁷¹ A partir do século XVIII, a família se torna um instrumento e quando falamos dos ideais de civilidade, não poderia ser diferente; a família passa a agir, ou deveria, como uma ferramenta de civilização.

⁶⁸ Ibidem. p. 83.

⁶⁹ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 10.

⁷⁰ A princípio se tratava de operadores de poder; das técnicas e estratégias do Estado para preparar os sujeitos. Os dispositivos são, ao mesmo tempo, discursos e práticas tanto de instituições como táticas móveis, tais como: saber, poder, disciplina entre outras. In. REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 39.

⁷¹ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 288-289.

Mesmo depois da proclamação da república brasileira, a família continuou sendo considerada a instituição civil mais importante; embora a idéia harmoniosa de família ainda consistisse na manutenção das diferenças entre homens e mulheres. Isso aconteceu, mesmo sob a relutância de alguns juristas em posse de idéias reformistas como Clovis Beviláqua, que fora convidado em 1899 para redigir um código civil brasileiro que substituiria a utilização do Livro V das ordenações filipinas que era herança do período colonial brasileiro e de sua dependência à Portugal.⁷² O referido jurista havia pensado uma adaptação do código civil para o que entendia por família moderna sendo ela:

Uma família constituída por amor e respeito mútuo e não pela arcaica 'base egoísta da autoridade'. Ele acreditava que por natureza os homens e as mulheres deveriam exercer funções fundamentalmente diferentes, mas igualmente 'nobres e elevadas' na família e na sociedade.⁷³

Diante disso, os homens continuariam agindo como chefes de família atuando com certa autoridade sobre sua mulher, mas preservando o princípio jurídico da igualdade. Acreditamos que o posicionamento de Beviláqua não esteja atrelado apenas a sua corrente jurídica; mas também ao seu relacionamento com a esposa Amélia, a quem dedicou variadas cartas de amor que foram selecionadas, transcritas e compendiadas em uma obra denominada *De Clovis para Amélia*; o que nos leva a crer que, se havia entre eles uma relação de igualdade, ele estaria disposto a defender tal critério para o restante da nação; até porque o homem é, ao mesmo tempo fruto e semente para o meio no qual está inserido.

Apesar da relutância do redator do código, as diferenças entre os gêneros prevaleceram apontando as mulheres como incapazes. Ainda assim, o jurista continuou defendendo a necessidade de tornar a vida conjugal uma união harmoniosa.⁷⁴

Na transição do século XIX para o XX, circulou na Capital Cearense, obras de caráter antropológico e científico que falavam do amor de maneira prática para os jovens da época, ensinando-os a compreender, para além de seus sentimentos, a reação e manifestação dos mesmos em seus corpos. Na obra *Amor dos homens* o antropólogo Paulo Mantegazza discorre acerca das posturas esperadas por parte dos homens e de como tratavam seus próprios sentimentos.

⁷² CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra:** moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: Unicamp, 2000. p. 64.

⁷³ Idem.

⁷⁴ Ibidem. p. 64-65.

Para Mantegazza a sociedade deveria saber exatamente o que esperar dos homens, como podemos ver na citação:

Deveríamos esperar que todos os homens reservassem para o amor o mais sublime entusiasmo e as mais esplendidas galas da poesia; e que do coração e da mente dessa criatura enamorada deveriam brotar copiosamente as suas mais generosas pulsações e os seus mais belos pensamentos.⁷⁵

Os homens deveriam estar preparados para o amor, e para realizar as escolhas que viriam como consequência de seus sentimentos, especialmente a de uma esposa. Segundo o antropólogo existiam três caminhos para conquistar uma mulher; sendo elas a *conquista pela violência, por compra e a por livre escolha*.

O primeiro caso se refere ao homem, que quando não consegue o amor da mulher por meio de simpatia, não se importa de raptá-la e até mesmo maltratá-la, o que é considerado crime,⁷⁶ inclusive nos códigos criminais do Brasil. O segundo caso, se enquadra no sistema de dote, onde o noivo compra sua esposa dos pais; neste caso a mulher ofereceria ao marido, além do corpo, uma dada quantia em dinheiro o que acabava por significar que a mesma possuía um valor e que deixaria de ser propriedade do pai e passaria a ser do marido.⁷⁷ O último caso mencionado pelo pesquisador trata de uma eleição sexual, isto é, de uma escolha mútua entre os envolvidos; segundo ele:

O amor que mais se aproxima da perfeição ideal, é aquelle que é consagrado por uma livre escolha e por uma reciproca sympathia. O matrimônio que se baseia no amor e que não sofreu violencias ou por pancadas ou por imprevistas lascívias e que não tem a marca fiscal de compra e de venda, é por certo o que dá melhores garantias de ser feliz e duradouro.⁷⁸

Dentro desse tipo de amor, encontramos as características do amor romântico que levava ao indivíduo a buscar uma idealização do sentimento, tratando o ser amado como uma espécie de deidade, objeto de adoração; ao homem competia a função de cortejar a mulher, dedicando a ela: tempo, dinheiro e toda sua criatividade, não só para garantir a conquista mas para alcançar a reciprocidade do sentimento da dama a quem devotava suas emoções. O que percebemos em muitos dos escritos da época, por parte dos enamorados, era o medo e a angústia gerados pela dúvida da correspondência do amor. Sendo assim, entendemos que a tarefa da civilização era estimular condutas delicadas, de controle e disciplinares.

⁷⁵ MANTEGAZZA, Paulo. **O amor dos homens**. Lisboa: Tavares Cardoso e Irmão, 1901. 11^a ed. p. 165.

⁷⁶ Ibidem. p. 165-167.

⁷⁷ Ibidem. p. 183-184.

⁷⁸ Ibidem. p. 211.

A legislação brasileira e o Direito Canônico davam aos indivíduos o livre-arbítrio na escolha do cônjuge.⁷⁹ No entanto, diante do tradicionalismo e conservadorismo religioso comuns, à população brasileira e especialmente, à cearense, até a segunda metade do século XX, os casamentos continuavam sendo contraídos a partir da opinião e da aprovação familiar.

Juristas como Viveiros de Castro e Oscar de Macedo Soares, acreditavam que o cristianismo, na representação da Igreja Católica, era, a princípio, a força que propagava o pudor. De certa forma, o pudor atingiu de maneira mais forte às mulheres que aos homens como proteção contra os instintos sexuais e violentos dos ditos primitivos.⁸⁰ Segundo a historiadora Sueann Caulfield o pudor:

Formava a base da moralidade individual, que por sua vez formava a moralidade pública, a garantia de toda civilização'. Era, portanto do interesse do Estado promover a moral cristã, evitando a sexualidade descontrolada, que representaria um retrocesso ao estado selvagem.⁸¹

Estado e Igreja possuíam uma relação de interação no que tange aos interesses da civilidade, e nas cidades do Ceará, especialmente, por conta da forte tradição religiosa e da propagação de valores civilizatórios de separação dos corpos; tais valores muitas vezes não eram consumados porque os indivíduos tendiam a vivenciar suas sensibilidades da maneira que melhor conviesse aos seus desejos. Isso nos mostra que existia uma forte tensão entre os que tentavam impor uma ordem pré-definida e as reações daqueles que resistiam, consciente ou inconscientemente, cotidianamente.⁸²

Durante o final do século XIX e começo do século XX os gestos e as expressões do amor entre os membros das camadas média e alta deveriam ser questões íntimas, não deveriam ser testemunhados. O amor era considerado, portanto, algo pessoal e como tal deveria ser silenciado e discreto; as demonstrações não deveriam ser públicas. No seio familiar e no interior do lar é que se desenrolavam as relações amorosas que tratamos na presente pesquisa. Diante da repressão dos sentimentos o amor ficou restrito a uma idealização da alma o que suprimia, automaticamente, a funcionalidade do corpo. Isto quer dizer que o afastamento dos corpos, o autocontrole e a idealização é o que caracteriza o amor

⁷⁹ CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas: Unicamp, 2000.p. 66.

⁸⁰ Ibidem. p. 88.

⁸¹ Idem.

⁸² CHALHOUB, Sideny. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. Campinas: Unicamp, 2012. p. 174.

romântico, o tipo de amor propagado e esperado pelos dispositivos que tinham por objetivo controlar corpos e condutas.⁸³

No início do século XX, ser feliz no casamento correspondia à participação dos cônjuges em afeto, ter uma estabilidade familiar, viver com segurança financeira e o casal conviver dando carinhos aos filhos. Amor familiar e amor conjugal deveriam, portanto, andar de mãos dadas.⁸⁴

Os juristas do século XX não estavam sozinhos em pensar na honra como quesito de civilização; ainda no século XIX, engenheiros, políticos, médicos sanitaristas e policiais concordavam com eles ao afirmarem que a honra feminina deveria ser preservada por meio da proteção às famílias.⁸⁵ Os crimes contra a honra sexual, não eram apenas considerados crime contra um indivíduo, mas contra a segurança da honra familiar;⁸⁶ diante de uma ameaça à honra de uma única moça, a honestidade da família inteira estaria em xeque.

A mulher era considerada influenciável pelos seus sentimentos, tentadas pela paixão e que estaria sempre rodeada e fadada à loucura.⁸⁷ Viveiros de Castro acreditava que uma moça honesta e de família deveria ser transparente; ela jamais se entregaria a relações sexuais extraconjugais se não tivesse sido enganada.⁸⁸

Diante do exposto, convém-nos destacar que, dos oito processos de defloração catalogados, encontramos quatro moças que alegaram aceitar obter relações sexuais com seus namorados mediante a promessa de casamento; e as outras quatro já entendiam como certa a união conjugal; uma delas, Luiza Marques de Oliveira, 17 anos de idade, residente no bairro Arpoadores, subúrbio de fortaleza, alegou ter se entregado por já estar noiva e acreditar que o rapaz se casaria com ela; em outro caso Francisca Martins Alves, de 18 anos, residente na Rua Senador Pompeu (areias), alegou ter cedido porque o noivo havia dito que só casaria se tivesse certeza da sua virgindade e pureza; no caso de Vicentina Araújo de Castro, de 15 anos de idade, residente no Cocó, disse ter se entregado porque tinham uma relação estável, se encontravam diariamente e que o rapaz ameaçou romper o noivado caso a jovem não cedesse; e a última, Maria do Carmo Brasil de 18 anos, residente na Rua do Seminário, se entregou

⁸³ LEITE, Míriam Moreira, MASSAINI, Márcia Ignez. Representações do amor e da família. In. D'INCAO, Maria Angela. (Org.) **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989. p. 74-76.

⁸⁴ DEL PRIORE, Mary. **Matar para não morrer**: a morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 12.

⁸⁵ CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: Unicamp, 2000. p. 109.

⁸⁶ Ibidem. p. 74.

⁸⁷ Ibidem. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 13.

⁸⁸ Ibidem. Campinas: Unicamp, 2000. p. 77.

devido à consumação de seu casamento por meio da cerimônia religiosa, tomando por certa a suposta união civil.

O jurista italiano Francesco Carrara, acreditava que tal consentimento seria aceitável desde que a moça tivesse a ilusão de que estava antecipando os direitos de marido.⁸⁹ No entanto, mesmo o Estado oferecendo a essas moças um atestado de miserabilidade e o direito de defesa promovido pela defensoria pública do Estado; em alguns dos casos, mediante a realização do exame de corpo de delito, tiveram sua virgindade e consequente defloramento questionados devido à imprecisão do exame que tinha como base o rompimento do hímen e o atestado do tempo de cicatrização do mesmo. Isso nos mostra também, que os indivíduos, de certa forma, faziam uso dos recursos de uma modernidade civilizadora, a seu favor.

No que tange aos processos de homicídios, foram catalogados cinco e percebemos que todos eles estão inseridos na polêmica do crime passional. No primeiro caso, Leonizia Cavalcante de Albuquerque, casada com o terceiro sargento do Regimento Militar de Fortaleza Francisco Alves de Albuquerque, foi encontrada em flagrante pelo mesmo, em relações sexuais ilícitas com seu amante Joaquim Tavares Baptista, com quem vinha trocando correspondências amorosas e a quem vinha dedicando seu amor; durante o confronto entre os dois homens a mulher recebera uma facada no pulmão que a levou ao óbito. O interessante desse processo é que nenhum dos dois admite tê-la ferido e que lhe dedicavam amor demais para tanto; mesmo não sendo possível apontar com precisão quem havia sido o autor do referido ferimento o marido teve, em sua defesa, o fator atenuante da defesa da honra.

A honra, como atributo moral era da competência das mulheres, mas a defesa da honra era responsabilidade dos homens. Segundo a tradição popular, a punição para a mulher infiel só se daria por meio do derramamento de sangue.⁹⁰ Embora o código penal recusasse a defesa da honra por meio da violência, isso ainda acontecia e, de certa forma, acabava por se tornar um delito socialmente privilegiado.⁹¹ Por ser responsável por sua própria honra o homem deveria recorrer à violência porque, se adotasse a opção de pedir a ajuda do Estado para sanar sua ofensa, estaria confirmando sua fraqueza e incompetência.⁹² Não por acaso que

⁸⁹ Ibidem. p. 78.

⁹⁰ DEL PRIORE, Mary. **Matar para não morrer:** a morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 16.

⁹¹ CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra:** moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: Unicamp, 2000. p. 84.

⁹² ROHDEN, F. Para que serve o conceito de Honra, ainda hoje? Campos 7(2): 101-120, 2006. p. 106.

se propagou com frequência o dito popular que “*em briga de marido e mulher ninguém mete a colher*”.

Como a mulher era considerada influenciável pelos seus sentimentos, e diante dos discursos médicos que giravam em torno da infidelidade das mulheres, Leonizia foi diagnosticada como histérica o que, cientificamente e socialmente era mais aceitável como explicação para seu ato de adulterar. Embora o teor das correspondências remetidas ao amante nos apresente uma realidade totalmente diferente; chegando a comparar o amor que sentia por Joaquim (o amante) como o amor que os anjos dedicavam a Deus; no trecho de um pequeno bilhete com quatro divisões, a enamorada declarou: “*Amo-te como os anjos amam a Deus.*” Tal escrito nos apresenta um teor romântico, quando vemos Leonizia comparar o que sentia pelo amante aos que os anjos dedicavam a Deus; no entanto, pela natureza leviana do adultério, social e juridicamente falando, deveria ser definido como paixão e não amor. Nos deteremos com maior afinco aos escritos, percepções e definições amorosas para a sociedade em questão e para os sujeitos destacados na presente pesquisa, no próximo capítulo.

O último processo catalogado se enquadra numa tentativa de homicídio que teve como vítima o sogro do acusado Pedro Florentino da Costa, que fora deixado pela esposa após uma discussão, indo então morar com o pai; o réu descobriu que a mesma andava recebendo cartas de amor de outro rapaz e, corroído pelos ciúmes, desprovido de sua sanidade mental, acabou indo à residência do sogro tomar satisfações; com quem travou um duelo, ferindo-o quase fatalmente.

É interessante ponderarmos que alguns juristas entendiam os sentimentos e as reações desses criminosos passionais como psicologicamente irracionais e as visualizavam como socialmente úteis; especialmente porque achavam pouco provável que algo parecido voltasse a acontecer com eles; não sendo considerados, portanto, uma ameaça para a sociedade.⁹³ Um homem traído que, movido pela raiva e impulsão, cometeu um homicídio qualificado como crime passional, provavelmente não voltaria a reincidir.

No que tange aos preceitos de educação higiênica, difundida no Brasil pelo discurso médico, eles acabaram gerando modelos de homens, mulheres e de seus relacionamentos, principalmente sexuais, o que acabou culminando em formas de dominação, manutenção e reprodução de uma ordem social tipicamente burguesa.⁹⁴

⁹³ CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra:** moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: Unicamp, 2000. p. 84.

⁹⁴ CHALHOUB, Sideny. **Trabalho, lar e botequim:** o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas: Unicamp, 2012. p.177.

O discurso dos médicos procurava entender as diferenças entre a natureza dos homens e das mulheres a partir da diferenciação sexual e da forma como interagem com suas sensibilidades de maneira geral, mais especificamente com o amor.⁹⁵

No percurso de leituras bibliográficas acerca das produções atreladas às publicações de almanaques no Estado do Ceará nos deparamos com a divulgação do que estava sendo produzido no período recortado; e encontramos o amor sendo estudado a partir do ponto de vista científico; tratavam de questões acerca dos tipos de amor, dos diagnósticos, das causas, sintomas, o início e o fim das manifestações amorosas e entre as obras enumeradas damos destaque para duas *Hygiene do amor* e *Fisiologia do amor* escritas pelo mesmo antropólogo, viajante, médico e senador italiano Paulo Mantegazza.⁹⁶

As três obras do antropólogo, já mencionadas, e outras quatro que tratavam de questões inerentes ao amor, às mulheres, aos homens e ao casamento foram divulgadas nas últimas páginas do Almanaque dos Municípios do Estado do Ceará para 1908, compondo o catálogo, entre os livros de Medicina, da livraria *O Araújo*, situada à Praça do Ferreira; tratava-se da maior livraria da cidade no período, e que também era responsável pela edição e circulação do referido periódico. As obras estavam disponíveis com preço de custo de 5\$000. É interessante lembrarmos que o livro, em variados momentos da história, funcionava como um objeto de distinção sociocultural e, como fruto e parte de um processo civilizador capitalista possuía um valor monetário, funcionando como um produto. O fato de tal produto estar disponível no mercado livreiro cearense do período significava que existia um público leitor-consumidor esperando para adquiri-lo.

Tratam-se de obras que trazem o caráter científico e moralizante do amor; o autor se dedica a discutir sobre as questões da diferenciação natural dos corpos e dos sexos; bem como de questões inerentes à fisiologia e à sexualidade de maneira geral; chegando a tratar de assuntos como masturbação, virilidade, ereção, entre outros. Ainda na dedicatória do livro *Fisiologia do Amor* o escritor nos apresenta o sentimento como recompensa da virtude, atuando como força motriz do progresso:

Esta obra é dedicada às mulheres, para que ellas façam vêr aos homens que o amôr não é luxúria nem voluptuosidade, mas, sim, o mais elevado e sereno prazer; e para que ellas façam do amôr a mais alta recompensa da virtude, a mais gloriosa conquista do gênio, a mais enérgica fôrça do progresso.⁹⁷

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ MACAMBIRA, Débora Dias. **Impressões do tempo: os almanaques no Ceará (1870-1908)**. Fortaleza: UFC, 2010. p. 189. (Dissertação)

⁹⁷ MANTEGAZZA, Paulo. **Fisiologia do amôr**. Lisboa: Livraria clássica editora, 1914. 2ª Ed.

Para o autor, a obra se refere a uma análise do mais nobre sentimento, ele admite que o estilo do escrito saiu bem mais quente do que conviria; embora alegue não ter acontecido por conta de sua escolha mas pela própria natureza do assunto. Apesar de dizer que a obra fora bem recebida pelo público leitor ainda existiram pessoas que a chamaram de imoral, não devendo ser lida por famílias. No entanto acreditava convictamente que se tratava de um trabalho moralizante e de caráter instrutivo.⁹⁸

No que tange à circulação dos almanaques e à leitura, existia um movimento duplo: primeiro os leitores buscavam textos recreativos nos impressos e eles acabavam lhes apresentando outras publicações. De certa forma, o almanaque fazia parte de um esforço civilizador para o Ceará desde meados do século XIX.⁹⁹

Sobre a relação leitura-escrita dos almanaques, pode-se dizer que houve uma espécie de formação de uma rede de leitores de diversos lugares usando pseudônimos ou não, e que foi articulado pela circularidade dos referidos impressos. Durante o ano, esses leitores compartilhavam hábitos: corriam para responder charadas e enigmas, usavam os almanaques para obter informações e entretenimento. O hábito da leitura acabou desenvolvendo o da escrita e nos almanaques os leitores podiam se tornar escritores, bastava enviar suas contribuições; e, se passassem pelo crivo dos organizadores, eram publicados.¹⁰⁰ O interessante é que, quando analisamos as publicações do almanaque do Ceará proposto por João Câmara encontramos escritos sobre família, amor, saudade, sofrimento e tantos outros assuntos que mereciam ser debatidos e mencionados anualmente.

Na edição do ano de 1900, Barão de Studart publicou um texto sobre o amor cristão fazendo uma referência a esse sentimento como sendo a base para a formação da família, tratando-o como algo que está atrelado à caridade, negando que estivesse diretamente envolvido com o gozo corpóreo, ou com a perda dos sentidos, como podemos ver no trecho:

O amor! Mas o que é o amor?
Mysterio que envolve o berço da familia humana, enigma indecifavel a acompanhar
as gerações até o occaso derradeiro.
Será o desvairamento dos sentidos, o delírio da materia, a ancia do goso corpóreo, o
culto da forma, o preto rendido áplastica?
Será a paixão que se desencadea, devorando o coração calcinando o espirito, será a
tempestade que combure as carnes e deixa após si desillusões e o tédio?
Mas esse não é o verdadeiro amor mas esse não é o amor christão. [...]

⁹⁸ Ibidem. p. 9-10.

⁹⁹ MACAMBIRA, Débora Dias. **Impressões do tempo: os almanaques no Ceará (1870-1908)**. Fortaleza: UFC, 2010. p. 190. (Dissertação)

¹⁰⁰ Ibidem. p. 205-206.

[...] O amor é o sentimento pregado por Agostinho e cantado por Thereza de Jesus. Mas o amor, que é tudo isso, mas o amor que é sacrifício por que sem o sacrifício esse sentimento não existe, onde estudal-o, onde comprehendel-o? Nas Divinas Escripturas, lidas no espirito em que foram meditadas e escriptas, nas Escripturas que não encerram a eloquencia mas são o thesouro da verdade [...]¹⁰¹

Para o autor desse texto, a família funcionava como berço e fim das gerações, seria a responsável pela propagação do amor verdadeiro, isto é, o amor cristão; segundo ele o único lugar onde se poderia conhecer tal sentimento, seria nos escritos bíblicos. Ao enaltecer as qualidades do amor ideal, acabou apontando e detalhando características que não poderiam ser cogitadas por pessoas moralizadas; e se observarmos bem, todos os pontos descritos pelo Barão estavam inseridos no descontrole e na entrega aos desejos carnaais.

Mais uma vez nos deparamos, e agora recortando especificamente o Ceará, ideais de amor e família atrelados aos discursos religiosos e higienistas de controle e separação dos corpos; entendendo que não competia aos indivíduos civilizados sentimentos que os fizessem perder o controle de seus corpos, mentes e comportamentos; tendo, portanto, a família uma função fundamental de controlar, fiscalizar e promover comportamentos sãos para uma sociedade sã. Dentro das qualificações sensíveis de Studart percebemos o perfeito enquadramento nos ideais românticos de afastamento dos corpos e idealização dos sentimentos.

Segundo os discursos higienistas as diferenças consistiam basicamente nas características anatômicas dos sexos; e cientificamente, a mulher era definida como sendo mais frágil que o homem, fisicamente falando, e que portanto, possuía certa debilidade e delicadeza moral. Era fraca por natureza e tinha por virtudes a sensibilidade, doçura, passividade e submissão; sua vida deveria se resumir em amar e ser amada. Já o homem, possuía vigor físico e grande força moral, virilidade e sua sensibilidade, por outro lado, deveria ser menos aguçada que a das mulheres, tendo seu interesse mais voltado para o gozo sexual. O que unia esses indivíduos tão distintos era o amor pelos filhos e a necessidade de união conjugal. O que acabou restringindo à mulher, de maneira geral, à fiscalização dos filhos e ao homem, o trabalho.¹⁰²

Quando paramos para refletir acerca da família e da sua importância para a promoção, fiscalização e preservação da honra dos indivíduos e, conseqüentemente familiar, percebemos, ao analisarmos os processos descritos no quadro de qualificação apresentado no

¹⁰¹ *Almanaque do Ceará, 1900*. P. 131-133.

¹⁰² CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas: Unicamp, 2012. p.178.

primeiro momento deste trabalho, que, dos oito casos de defloração três foram denunciados pelo pai das moças, que deveriam ser os responsáveis pela defesa da honra de suas filhas; um dos casos foi noticiado às autoridades pela irmã da vítima que era a responsável por ela desde a morte dos pais; outro caso foi autuado em flagrante, tendo como denunciante a própria vítima; que já era órfã de pais; dois casos onde a denunciante era a mãe da vítima, que as criavam sozinhas; e um caso onde a própria vítima recorreu à Força Policial.

Diante dos dois casos em que as mães foram as responsáveis pelas denúncias, convém-nos discorrer acerca das dificuldades de mulheres solteiras que chefiavam suas famílias, devendo ao mesmo tempo cuidar do lar, garantir o sustento e manter o controle da família e de seus comportamentos.¹⁰³ Em um dos casos mencionados, a mãe da ofendida aparece em todo momento, seja nos relatos da jovem, seja nos do acusado ou até mesmo nos escritos do promotor de justiça como uma mãe presente que fora ludibriada pelo acusado o que acabou resultando no acontecimento. Sua filha é descrita como moça honesta que não saía sem a companhia de sua mãe ou de alguém da família.

Outro caso nos vem à mente quando pensamos em mães que criavam seus filhos sozinhas e de como essa realidade era difícil, principalmente nos subúrbios da cidade de Fortaleza, sob o olhar vigilante e muitas vezes cruel da vizinhança; o que nos é apresentado pelas personagens Lídia e sua mãe D. Amanda do romance de Adolfo Caminha *A Normalista* que eram mal vistas e mal faladas justamente por precisarem atuar socialmente e percorrer os espaços urbanos para garantir seu sustento. Além disso, a jovem chocava a sociedade porque pensava à frente do seu tempo; mencionando inclusive direitos iguais entre os sexos na prática do flerte.¹⁰⁴

O patriarcado vai deixando de exercer sua influência de forma direta nos lares e, em virtude disso, a afeição materna se tornou a base para a educação familiar, construindo uma maternidade moderna caracterizada por uma leveza por parte do comportamento das mães o que, de maneira especial, acabou alimentando valores do amor romântico. Trata-se, portanto, de um amor familiarizado.¹⁰⁵

Diante do exposto, conseguimos perceber uma forte atuação do Estado como regulador dos princípios jurídicos, médicos, e até mesmo das sensibilidades; recebendo forte influência religiosa presentes nos padrões de comportamento dos indivíduos; sendo assim,

¹⁰³ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XX**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 20-22.

¹⁰⁴ CAMINHA, Adolfo. **A normalista**. Fortaleza: Diário do nordeste, 1997.

¹⁰⁵ GIDDENS, Anthony. **As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993. p. 53.

acreditamos ser necessária uma explanação mais densa acerca das questões competentes ao mesmo e à apropriação que faz da família com a finalidade de civilizar a sociedade, especialmente a fortalezense.

2.3. AS VANTAGENS DA CASTIDADE E OS PREJUÍZOS DA LIBERTINAGEM¹⁰⁶: O ESTADO, A AÇÃO GOVERNAMENTAL E AS PRÁTICAS SENSÍVEIS

Quando nos referimos às sensibilidades, não podemos imaginá-las como algo que está planando sobre as demais características da sociedade; deixando de entendê-las como um conjunto complexo de inter-relações entre práticas culturais, vivências sociais e a regência do Estado como um dispositivo que faz uso de micro-poderes, muitas vezes imperceptíveis, para bem gerir essa população. Entendemos o amor, bem como os demais sentimentos como construções históricas e socioculturais, trazendo consigo hábitos e costumes inerentes a um determinado espaço físico e temporal.

Quando falamos em micro-poderes nos referimos aos designados para a gestão dos cidadãos, mas também às reações, mesmo que inconscientes, de indivíduos que escolheram vivenciar suas sensibilidades. Micro quer dizer pequeno, e no que tange às formas de poder, se refere ao que, muitas vezes, não é perceptível; isso fica claro quando analisamos o contexto em que algumas das cartas de amor catalogadas para a construção dessa pesquisa foram escritas; como no trecho:

... Aqui findo porque não tenho ellementos para escrever o que meu coração péde só com nossa vista direi o que [sin]to.
Peço-te que desculpe os erros e os borroes porque foi escripto com o marido dormindo no quarto e eu na salla, com a maior preça findo, Meu benzinho. Inda digo-te adoro-te quero-te beijo-te stimo-te
Acceita muitas sauda e lembranças da Desprezada
E sempre tua admiradora

Aizinoel¹⁰⁷

Ao nos debruçarmos sobre o trecho acima, retirado de uma das cartas da jovem Leonizia, já mencionada anteriormente, percebemos em seus escritos o cuidado de explicar para o amante que os erros e borrões de sua correspondência se deviam ao fato de estar

¹⁰⁶ MANTEGAZZA, Paulo. **Higiene do amor**. Porto: Tavares cardoso e Irmão, 1903. 15ª ed.

¹⁰⁷ Trecho final de uma das correspondências enviadas por Leonizia ao amante Joaquim, anexadas ao processo 1917/02. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará; no fundo: Tribunal de Justiça, na Série: Ações criminais, sub-série: homicídios, caixa 04.

escondida na sala, com pressa, enquanto o marido dormia no quarto ao lado. Acreditamos que não havia mais ninguém no espaço domiciliar, além do esposo dormindo e da filha pequena, que pudesse surpreendê-la em sua ação, tida como imoral; mesmo assim existia um quê de receio, pois no fundo, ela acreditava que o que estava fazendo, para a sociedade do período, era incorreto.

Outro ponto curioso da transcrição consiste no fato de ter assinado seu nome ao contrário (AIZINOEL – LEONIZIA); por que estaria assinando de tal forma se a carta possuía um destinatário certo e a entrega seria feita em mãos? Ninguém além dos amantes teria acesso a tal correspondência; mais uma vez nos deparamos com um autocontrole padronizado socialmente.

Tal fato não acontecia apenas com ela; Joaquim, o amante, por sua vez, remitiu-lhe assinando como Quincas e no trecho final, como um pós-escrito, de sua carta encontramos a seguinte inscrição: “*PS. pesso que impreterivelmente logo que lé a referida, rasgue ou devolva-me que eu guardala-hei com o massimmo cuidado*”.¹⁰⁸ Claro que não existe nenhuma explicitação, por parte do rapaz, acerca das motivações pelas quais pede que sua amada rasgue a carta; mas acreditamos que seja pelo receio e a certeza de que o que se passava ali, não seria bem visto por qualquer outra pessoa que se deparasse com sua declaração de amor a uma senhora casada. O fato de se oferecer para guarda-lo nos leva a crer que, para ambos, aquele pedaço de papel simbolizava a prova de um sentimento, que ao ser relido seria também revivido.

Durante a catalogação das referidas correspondências, no Arquivo Público do Estado do Ceará, percebemos que a carta do rapaz havia sido rasgada e remendada com um papel fininho, equivalente ao que hoje conhecemos como papel manteiga. A priori não conseguimos entender o porquê; mas ao nos debruçarmos sobre os autos do processo, especialmente no depoimento do esposo traído, conseguimos fazer uma pequena reconstrução do ocorrido.

O terceiro Sargento do regimento Militar, Francisco, quando se aproximava de sua casa percebeu que sua esposa segurava um pedaço de papel. Ao avistá-lo se aproximar, Leonizia imediatamente amassou a carta e saiu; executando algo parecido com o sugerido por seu amante, no entanto o fizera tarde.¹⁰⁹ Seu marido recolheu o papel, fez uma remontagem, e

¹⁰⁸ Trecho final da carta remetida por Joaquim à amante Leonizia. Anexada ao processo 1917/02. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará; no fundo: Tribunal de Justiça, na Série: Ações criminais, sub-série: homicídios, caixa 04.

¹⁰⁹ Processo 1917/02. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará; no fundo: Tribunal de Justiça, na Série: Ações criminais, sub-série: homicídios, caixa 04.. Fl. 19.

conseguiu ler o conteúdo, dando início ao plano que, mesmo sem intenção, culminou na morte de sua mulher, que os autos deixam transparecer, fora accidental. Após o acontecimento fatídico, Francisco apresentou a correspondência como prova do adultério de sua mulher, objetivando mostrar que havia sido muito mais vítima das consequências do que acusado do crime.

Os exemplos descritos acima, conforme supomos, nos apresentam exemplos do sucesso desses micro-poderes que foram disseminados pela cidade de Fortaleza por meios dos dispositivos de segurança e disciplina que visavam normatizar os comportamentos.

Ao criar o neologismo *Governamentalidade*,¹¹⁰ Michel Foucault, nos apresentou a evolução dos tipos de poder e suas técnicas de governo; para ele, existiram três tipos de poder que correspondiam a um determinado tempo e espaço; e que foram reconfigurados com o passar dos anos, sendo que, nenhum anulou o outro; eles foram se encaixando e se adaptando, resultando em algumas perdas, mas também em permanências. Sendo eles: o poder soberano, o poder disciplinar e o Biopoder.

O poder soberano seria o exercido na instância das punições; a figura do soberano era quem decidia se um indivíduo viveria ou morreria. Nesse caso, a punição acontecia por meio do suplício, acontecendo de forma corpórea e exposta ao público com a finalidade de coibir a reincidência dos crimes; somente em meados do século XVIII essa prática começa a incomodar a população.

Já o poder disciplinar surgiu no século XVII, e colocava em prática mecanismos que vigiavam e tentavam regular as atividades humanas; tratava-se da vigilância e do exame dos acontecimentos com a finalidade de moldar os comportamentos individuais. O foco era o indivíduo em sua particularidade.

O Biopoder, surgiu na transição do século XVIII para o XIX e tinha, como principal preocupação, a vida e a população como foco, era visto como um organismo vivo. Aqui o foco já não era mais o indivíduo em sua particularidade, mas o coletivo, isto é, a sociedade.¹¹¹

É importante entender que o surgimento de um modelo não suprime o anterior, ao analisarmos as definições deles, percebemos que algumas coisas foram aperfeiçoadas, mas outras deixadas de lado. O Biopoder seria um complemento do poder disciplinar; os dois aconteceriam ao mesmo tempo. O poder disciplinar agindo como micro-poder sobre os corpos

¹¹⁰ A governamentalidade tem a ver com a forma racional de gestão do Estado.

¹¹¹ DOS SANTOS, Roni Eleandro. **Genealogia da Governamentalidade em Michel Foucault**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 21-22. (Dissertação).

e a vida individualizada enquanto o Biopoder passou a atuar no nível macro, tendo como foco a vida da população.¹¹²

O Biopoder tem a ver com a gestão global da vida; o corpo humano passa a ser considerado um ser vivo, como elemento de uma espécie. Nesse caso, trata-se de fazer uso de procedimentos racionalizados de uma gestão política da vida; isso se dá por meio do uso de dispositivos como os de segurança, a aplicação de normas, estatísticas que abrangiam a população tais como: a natalidade, mortalidade, doença, alimentação, entre outras.¹¹³

Esse tipo de poder vai olhar também para o bem-estar da população com a finalidade de promover-lhe a vida; diante disso vai desenvolver mecanismos de cuidados médicos, a medicina social, e vai cuidar das suas condições de moradia com a finalidade de afastá-la de doenças e miasmas porque, com o processo de urbanização e desenvolvimento industrial das cidades, não se podia perder a base para a produção: a mão-de-obra, o indivíduo.¹¹⁴

É interessante pensarmos também que as sensibilidades, especialmente o amor e as relações sexuais eram questões, de certa forma, ignoradas; não havia discussões acerca do assunto; existia um silêncio que gravitava por entre as gerações. Cada tempo traz consigo um silêncio, e nos séculos XIX e XX o sexo e as relações amorosas eram restritas ao espaço mais recôndito do lar, à alcova; e falar sobre o primeiro, especialmente, não era comum e um tanto quanto inaceitável.

Paulo Mantegazza, o antropólogo que vimos trabalhando por meio de obras polêmicas, escreveu no prefácio da 1ª edição do livro *O amor dos homens* que, apesar das críticas que recebia, seu objetivo era o melhor possível: levar instrução para os jovens e fala isso enquanto pede ao leitor que:

Não leves a mal o livro audacioso, que te apresento e que é uma das mais importantes paginas da psicologia humana. Se olhares apenas para o título, ou abrires uma ou outra página sómente, pode ser que ajuizes mal; mas quando tiveres lido todo, estou certo que derramarás algumas lagrimas, assim como me sucedeu ao escevel-o. Esconder as chagas do coração humano em nome do pudor, pode parecer virtude, quando não é mais que hypocrisia ou medo.¹¹⁵

O silêncio que pairava em torno de tais assuntos despertou críticas às abordagens expositivas e detalhadas do corpo humano bem como nas perversidades do amor enumeradas

¹¹² Ibidem. p.54.

¹¹³ Ibidem. p. 47-48.

¹¹⁴ Ibidem. p. 57.

¹¹⁵ MANTEGAZZA, Paulo. **O amor dos homens**. Lisboa: Tavares cardoso e Irmão, 1901. 11ª ed. p. 5-6.

pelo antropólogo como sendo: masturbação, sodomia, bestialidades, entre outras; no prefácio à 11ª edição, o autor faz um questionamento ao seu leitor inquirindo se deveria existir pudor para as questões científicas e responde afirmando que não; o belo deveria estar ligado à arte e, no que compete à ciência, a preocupação e o foco deveriam ser a verdade, afirmando: “*assim como na arte deve ser o bello o unico mestre e senhor, tambem na sciencia o único Deus deve ser a Verdade*”.¹¹⁶ Para o estudioso, não existia obsceno para a ciência. Estamos diante de obras que trazem discussões polêmicas, mas que o faziam sob a justificativa de apresentar os sentimentos e os comportamentos humanos cientificamente. Essas obras circulavam na cidade de Fortaleza, na transição dos séculos; e o que nos vem à cabeça é o choque que tal obra deve ter gerado para os conservadores que viviam na Cidade e que insistiam em ignorar ou criticar a sexualidade e o desejo.

Com o surgimento e desenvolvimento do capitalismo, a medicina que era praticada de maneira individualizada passa a ser coletiva; o corpo é o foco da Biopolítica e a medicina é uma estratégia para a garantia do seu bom funcionamento.¹¹⁷ Com o desenvolvimento urbano, vamos perceber, inclusive na cidade de Fortaleza, como já mencionado no primeiro momento deste capítulo, um inchaço populacional e conseqüentemente, o aumento dos miasmas e doenças, especialmente nos períodos de estiagem, com as epidemias e a péssima condição dos flagelados sertanejos.

Diante de tal situação vamos presenciar, nas cidades, o afastamento de instalações consideradas insalubres como o matadouro e o cemitério. De certa forma, a medicina aplicada era excludente, medicalizar era separar os corpos indesejados dos demais cidadãos.¹¹⁸ Em Fortaleza, isso fica claro com a construção dos abarracamentos, durante a seca de 1877, os leprosários, asilo de mendicidade, asilo de alienados e até mesmo os campos de concentração durante a seca de 1932.

Os principais alvos dessas políticas medicalizantes eram os pobres, o que acabou gerando a separação da cidade por bairros, e era nos subúrbios que eles ficavam. Rodolfo Teófilo em sua obra *Varíola e vacinação no Ceará* descreve as condições insalubres de moradia dos habitantes das regiões periféricas enquanto visitava-os para aplicar-lhes a vacina contra a varíola.¹¹⁹

¹¹⁶ Ibidem. P. 11.

¹¹⁷ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 80.

¹¹⁸ Ibidem. p. 89.

¹¹⁹ THEÓPHILO, Rodolpho. **Varíola e vacinação no Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 1997. p. 108-109.

Desde o segundo Império a medicina foi direcionada para a família burguesa da cidade com a intenção de alterar suas posturas físicas, intelectuais, morais, sexuais e sociais para promover a adequação dos seus membros ao sistema econômico vigente,¹²⁰ no caso da transição do século XIX para o XX, na cidade de Fortaleza, nos referimos ao sistema capitalista civilizador.

No que tange à higiene das famílias, pode-se observar, a princípio, um direcionamento para as elitistas, os demais agiriam como anti-norma, como casos limites de infração contra a higiene. A camada daqueles que não possuíam família seriam entregues à polícia.¹²¹ Diante do exposto é interessante lembrarmos que, boa parte dos crimes que aconteceram, especialmente os de defloramentos, nos apresentam indivíduos que não possuíam a oportunidade do convívio familiar, ou, quando tinham, não era “saudável”.

Mais uma vez conseguimos perceber esses micro-poderes se comprovando; porque, por mais que algumas moças tenham tido suas honras defendidas por um dos pais, encontramos aquelas que eram cuidadas por terceiros, que já tinham suas famílias para dedicar sua preocupação e zelo; essas moças, muitas vezes, eram quem recorriam à polícia para a defesa da “honra” que elas mesmas haviam decidido perder. Isso nos mostra que, no fundo, elas sabiam que o que estavam fazendo, aos olhos da sociedade e dos dispositivos de regulação, era considerado errado; nesse ponto é que está a eficácia desses micro-poderes.

O crime de defloração não era um crime sexual, era um crime de sedução, isto é, a moça era, aos olhos da sociedade do período, enganada pelo rapaz e, para não perdê-lo e não perder a possibilidade de um futuro bom casamento, acabavam cedendo e obtendo relações sexuais antes da obtenção do matrimônio.

O Código Penal, uma construção sociocultural do final do século XIX e do advento da República, colocava essas mulheres como vítimas das suas sensibilidades, da sua delicadeza e da tendência a ser ludibriada, o que era considerado parte da natureza da mulher; não cogitava o desejo dessas mulheres e a sua liberdade de escolha; e quando os levava em conta elas eram vistas como desonestas e indignas do uso do dinheiro dos cofres públicos para defender uma honra que ela não tinha. Isso perdura até a instauração de um código reformulado nos anos 1940.

Percebemos esse discurso por parte dos dispositivos jurídicos no caso de defloração da jovem Maria Antonieta Serra de 19 anos, que entrara com um processo contra o funcionário da empresa *A Pernambucana*, o Alemão Joachim Evers, e que havia

¹²⁰ COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 33.

¹²¹ Idem.

partido e deixando-a “desgraçada”. Ela mesma realizara a denúncia, indicara dez testemunhas, levava o processo à diante até que, mesmo depois de ter o laudo de exame de corpo de delito e o Jure a seu favor, decidiu desistir do processo. O Promotor de justiça tece uma série de comentários sobre o escândalo que ela causara e lamenta o desfecho que a própria moça deu ao seu processo, como podemos ver na citação:

O presente inquerito termina de maneira profundamente lamentável. Depois de um grande escândalo, de muito esforço das dignas autoridades policiais e membros da justiça no sentido de ser elucidado o caso sub judice, depois de varias despesas que pesam nos cofres publicos – vem a queixosa fazer as declarações retro.¹²²

O único motivo apresentado foi de que iria viajar, mas acreditamos que ela possa ter desistido do inquérito diante de uma proposta de amasiamento vinda do rapaz; a historiadora Martha Esteves afirma que muitas das *Meninas Perdidas* com as quais trabalhou, na cidade do Rio de Janeiro, desistiam do processo diante de uma proposta de amasiamento com o rapaz, estariam sendo amparadas, mesmo que não fosse pelas vias legais.¹²³ Não estamos concluindo que a decisão de Antonieta se deu ao fato de ter ido embora para viver com o rapaz; mas, a possibilidade de tal decisão existe; como também poderia ter se interessado por outro rapaz; dentre outras possibilidades que não nos é possível apontar.

Apesar de ser uma fonte rica nos detalhes do cotidiano e de nos trazer a possibilidade de entender as práticas sociais e sensíveis dos sujeitos pobres da cidade de Fortaleza, os processos criminais deixam lacunas que jamais conseguiremos preencher porque foram escritos por indivíduos repletos de uma subjetividade comum aos juristas, parciais ao contar os fatos a partir do seu ponto de vista. Mesmo quando davam voz aos depoentes, realizavam uma narrativa em terceira pessoa, na qual percebe-se claramente sua perspectiva acerca do crime. Sendo assim, inevitavelmente, algumas coisas passariam em branco. Diante do exposto chegamos à conclusão de que só podemos, a partir de um embasamento teórico e de elaboração de hipóteses, sugerir o que aconteceu com esses indivíduos, como no caso de Antonieta.

Já no caso da menor Jacy Índia do Amazonas, mencionado no primeiro tópico, percebemos a alusão a um cidadão, o Coronel José Hermógenes de Oliveira Amaral, na casa de quem Jacy trabalhava, e a quem lhe competia os cuidados; entretanto, ao folhearmos as

¹²² APEC – Arquivo Público do Estado do Ceará. Fundo: Tribunal de Justiça. Série: Ações criminais. Sub-séries: Defloramentos. Caixa: 01. Processo: 1932/01. S/N.

¹²³ ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas Perdidas: Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 182-183.

páginas do processo não encontramos nenhuma declaração do mesmo reivindicando a defesa da honra da menor. Isso pode se dever, conforme supomos, ao fato de, mesmo sendo responsável por ela, não se enxergar enquanto tal diante da ameaça de envolver a honra de sua família.¹²⁴

Diante do avanço do processo capitalista civilizador, novas formas de condutas, comportamentos e regulamentos surgem; o Estado visava uma intervenção normativa sobre as famílias através da medicina doméstica e de campanhas de moralização. Na primeira promovia-se uma reorganização das famílias no que tange à conservação e educação das crianças; na segunda, eram as famílias pobres como uma higiene coletiva.¹²⁵

Aqui, vale ressaltar o papel do amor romântico que promovia a separação dos corpos e restringia o amor a algo inerente à alma dos indivíduos; tal ideal de amor, juntamente com o bloqueio sexual, se tornaram propulsores do casamento; o que não quer dizer que todos os indivíduos conseguissem resistir aos desejos em nome de sua honra. O amor era uma necessidade que se tornou mais aguda com o avanço do processo civilizador.¹²⁶

No que tange aos sentimentos do período, é interessante salientarmos que enquanto o Estado procurava, de acordo com os mecanismos e práticas que Foucault chamou de Biopoder, promover a vida, a saúde e o bem-estar da população; encontramos, em contrapartida, a difusão dos pensamentos e escritos românticos de uma segunda geração embebida do mal do século que falava em morrer de amor; em sofrimento, saudade e dor.¹²⁷

Tais sentimentos não eram difundidos apenas na Europa; encontramos, nas publicações da parte literária do *Almanaque do Ceará*, vários poemas, charadas, textos, artigos que têm como temática o amor e o sofrimento.

Para além do referido periódico, encontramos também, um pasquim do ano de 1900, *O Bohemio*, que trazia como folhetim capítulos do livro *Os sofrimentos do jovem Werther*, uma publicação ultra-romântica do Alemão J. W. Goethe, que na transição do século XVIII para o XIX serviu de inspiração para muitos jovens, que por não ver seu amor concretizado, cometiam suicídio. Órgão que se autodenominava neutro, o *Bohemio* era propriedade de uma associação, publicado três vezes na semana (terças, quintas e sábados), e que possuía assinantes tanto na Capital como no Interior do Estado¹²⁸; tinha como redator

¹²⁴ APEC – Arquivo Público do Estado do Ceará. Fundo: Tribunal de Justiça. Série: Ações criminais. Sub-séries: Deflorações. Caixa: 01. Processo: 1913/01.

¹²⁵ COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p.51-52.

¹²⁶ MACFARLANE, Alan. **A cultura capitalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 176-177.

¹²⁷ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 109.

¹²⁸ *O Bohemio*, Fortaleza, 05 de dezembro de 1900. p. 1.

chefe Fernando da Costa Weyne, um jovem boêmio, autor de poemas românticos que se tornaram modinhas e que fazia parte do Clube literário.¹²⁹ Isso nos mostra que, o bem viver e as ideias de morrer ou sofrer dividiam espaço na Capital Cearense.

Embora as discussões de Foucault estejam direcionadas para a Europa, tomando-as como referencial teórico para a compreensão das estratégias do Estado, em parceria com a Igreja, com jornais e com a herança cultural de gerações familiares; é possível compreendermos como se deu a veiculação das normas e das vivências da população fortalezense e, de que maneira, se inseriam ou não no status de cidadãos civilizados. Dentro dessas vivências damos destaque para as sensibilidades, especialmente porque, na maioria das vezes em que infringiam as normas era para vivenciar seus sentimentos e ter um pouco de prazer e felicidade.

A relação entre Estado e Igreja no Ceará é bem intensa e fica explícita quando nos deparamos com o relatório de Presidente da Província do Ceará, no ano de 1888, onde o Dr. Enéas de Araújo Torreão agradece ao Bispo Diocesano D. Joaquim José Vieira que “*com summaprudencia e sabedoria, promove o bem espiritual do rebanho que em bôa hora lhe foi confiado, e a quem sou grato pelas boas disposições com que sempre o encontrei no interesse dos negócios a seu cargo e da administração temporal*”.¹³⁰ Por se tratar de um relatório de passagem de um Presidente para outro, percebemos neste, maior precisão no que tange aos acontecimentos transcorridos durante seu mandato; dentre elas, a presença eclesial.

Quanto ao amor, como pudemos perceber ao longo do capítulo, não devemos pensá-lo apenas como algo inerente à alma, precisamos colocá-lo dentro de um contexto; e na cidade de Fortaleza do início do século XX, o referido sentimento também era analisado de maneira científica; constatamos isso a partir da divulgação, através do *Almanaque dos municípios do Estado do Ceará* para o ano de 1908¹³¹, de livros que tratavam do sentimento, e dos quais já comentamos no tópico anterior.

Em uma das obras apontadas nesta publicação, o livro *Hygiene do amor*, o autor, Paulo Mategazza, recebera profundas críticas no que tange ao teor de seu livro; que fora considerado indecoroso; no prefácio da 10ª edição, ele traz suas respostas às questões levantadas e nos apresenta, de maneira mais clara, sua intencionalidade ao tratar de assuntos

¹²⁹ Biografias do Portal da história do Ceará. Disponível em: http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2283&catid=293&Itemid=101. Acesso 28/11/2015.

¹³⁰ Relatório de Presidente da Província do Ceará, 1888. p. 25-26. Disponível em <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/cear%C3%A1>. Acesso em 23/04/2016.

¹³¹ MACAMBIRA, Débora Dias. **Impressões do tempo: os almanaques no Ceará (1870-1908)**. Fortaleza: UFC, 2010. p. 189. (Dissertação).

que poderiam, de fato, ser mal interpretados pelas sociedades conservadoras do mundo inteiro.

O antropólogo alegou que escreveu seu livro “*para os moços, para os homens, enfim, de bom senso, que desejavam exercer todas as funções da vida com sciencia e com consciencia.*”¹³² Continuando com suas justificativas disse ainda que seu livro, na verdade, “*demonstrava scientificamente os prejuizos, que a libertinagem, a masturbação e todas as perversões sexuaes produzem á saude; que proclama em alta voz as vantagens da castidade.*” Para ele, esse livro deveria “*ser considerado um livro moral e nunca como um attentado contra o pudor.*”¹³³

Embora tenha recebido críticas acerca da sua intencionalidade, o autor estava tentando disseminar a moral através do conhecimento científico; dizendo que, até mesmo para a empiria da ciência, determinadas posturas deveriam ser evitadas; mas zelava pelo ensino da higienização dos órgãos genitais, tanto em homens como em mulheres; dedicando uma parte do primeiro capítulo à higiene das meretrizes. Diante dessas observações, percebemos que, o amor, o corpo e a sexualidade estavam na mira dos dispositivos normalizadores.

A vida privada não era codificada pelos princípios e vocabulários jurídicos. Era difícil para a legalidade jurídica invadir o espaço do privado; apesar disso, uma parte dos seus princípios estavam presentes na vida familiar; como o exemplo do direito soberano do marido sobre a mulher. A porta de entrada para o controle da vida íntima estaria, portanto, no poder e no saber sobre a moral; isto é, nos micro-poderes.¹³⁴

Quando nos debruçamos sobre as publicações da parte literária do *Almanaque do Ceará*, encontramos inúmeras publicações que trazem como temática central a família e a mulher; na maioria dos casos encontramos a mulher como uma figura materna; boa companheira para o homem, apta a suportar tudo; tomando por exemplo a publicação *Noivo Pródigo*, um texto em prosa redigido por Francisca Clotilde que descreve a história de uma moça que foi abandonada por seu noivo às vésperas do casamento e que teve seus sonhos despedaçados. Fazendo uma analogia à história do filho pródigo, narrada no livro de Lucas da Bíblia, a autora conta que o rapaz gastou tudo o que tinha com diversão e outras mulheres; e quando acabou sua fortuna voltou; mas ao invés de ir para os braços do pai, vai para os da noiva que:

¹³² MANTEGAZZA, Paulo. **Hygiene do amôr**. Lisboa: Livraria clássica editora, 1904. p. 14.

¹³³ Idem.

¹³⁴ COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 62-63.

Ao vel-o sente um ímpeto de indignação, um assomo de dignidade offendida. Quer recriminal-o, fallar-lhe de sua felicidade tão rudemente esmagada, mas (oh! Grandesa do coração feminino!) ao sentil-o pobre, infeliz, sem amigos, sem os fastigos da riqueza; abre-lhe os braços, e aperta-o de encontro ao coração, e a chorar acariciando-o, prova exuberantemente que somente Ella que o amava sem interesse tinha /poderosos/ elementos para fazel-o feliz.¹³⁵

Como se percebe na citação, a mulher aparece descrita como a transfiguração de uma virtude capaz de perdoar, amar e se dedicar de forma integral ao seu esposo ou, no caso, futuro esposo. Os comportamentos ideais estavam presentes em toda a parte, fosse por meio de textos literários, poemas, charadas, nos jornais, nos sermões das igrejas, até mesmo na boca do povo. O curioso nesta publicação é que a autora foi a mesma que publicaria, alguns anos depois, a obra *A Divorciada* apontando os preconceitos e sofrimentos de uma mulher que tomou a decisão de se separar do marido e bater de frente com os padrões convencionais.

Quando falamos que esses ideais estavam circulando por entre a população, o fazemos baseado nas declarações das testemunhas dos processos criminais que sempre tinham alguma coisa para falar sobre o acontecido, os comportamentos dos envolvidos; sempre tinham uma conclusão e uma explicação para os fatos.

Falando um pouco sobre a importância do Almanaque como fonte para a presente pesquisa, gostaríamos de destacar que se trata, de maneira geral, de uma literatura de fácil apreensão, com linguagem simples, conteúdo rápido e ameno; uma publicação barata por conta da pouca qualidade de impressão. Garantia entretenimento, informação sobre o Estado e suas cidades, veículo de moralidade e ensinamento, mas também de diversão.¹³⁶

Até o primeiro pós-guerra o livro era um artigo de importação e os almanaques eram uma espécie de híbrido entre periódico e livro; acabaram se transformando em importantes guias das cidades¹³⁷, trazendo dados quantitativos dos municípios do Estado acabam contribuindo para o estudo da cidade; por estes motivos e por ser uma fonte pouco utilizada escolhemos o Almanaque do Ceará.

Quando falamos do referido periódico como veículo de moralidade pensamos em um espaço onde são os próprios indivíduos, que vivem e praticam o espaço urbano, que escrevem os textos publicados no Almanaque do Ceará; não podemos dizer com precisão que se tratam de membros de uma elite, mas conseguimos perceber, por meio dos escritos, que se

¹³⁵ Noivo Pródigo. *Almanaque do Ceará*, 1897. p. 134.

¹³⁶ DUTRA, Eliana de Freitas. **Rebeldes literários da República**: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914). Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 16.

¹³⁷ CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana. (1890-1915). São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013. p. 54-58.

tratam de sujeitos letrados e que estão bem informados quanto à idéia de civilidade e os preceitos normalizadores que ela traz consigo.

Damos destaque para uma série de poemas intitulados *Typos Sociaes* publicados ao longo da edição de 1902, que traçava os perfis de alguns indivíduos a partir de determinadas características *A namorada*¹³⁸, *A Baroneza*, *O Barão e o Dandy*; tais publicações eram assinadas por um Múcio Teixeira, que ou se tratava de um jornalista da cidade de Porto Alegre, ou algum fortalezense que usava seu nome como pseudônimo; os dois casos fariam sentido, já que o periódico cearense recebia textos do Brasil inteiro e que muitos dos escritores preferiam preservar suas verdadeiras identidades.

Nos versos mencionados anteriormente, percebemos um tom de severa crítica aos indivíduos que se portavam com as características desses sujeitos. No que tange à moça namorada, o autor a descreve como caprichosa, histérica, descontrolada no falar, moça que anda tanto durante o dia como a noite e que seria louca por valsas; para o autor essas moças não poderiam ser boas mães, mas excelentes tias. A personagem descrita é uma moça cujos comportamentos e sua índole poderiam ser facilmente questionados e criticados; mas que seria capaz de amar um sobrinho sem comprometer sua educação; afinal era atribuição dos pais.

Pensando nessa moça *namorada* nos lembramos do enredo de um dos processos de defloração que nos apresenta uma moça, Isabel Rodrigues da Silva (Bellinha) de 18 anos, denunciada pelo rapaz com quem travava relações sexuais e a quem havia denunciado como sendo o culpado de seu desvirginamento, Miguel Alves da Silva (Miguelsinho) de 20 anos. O rapaz disse que tinha interesse em casar com a moça, mas que soube por um conhecido que ela não era mais virgem, e que, ao ouvir tal denúncia associou-a aos comportamentos da moça que empreendia passeios até um lugar chamado Morro do Croatá onde participava de festas dançantes e muitas vezes se embriagava.¹³⁹

Tal processo teve, por desfecho, a confirmação de que Bellinha não era moça honrada, Miguelsinho fora inocentado e liberado devido à disseminação desse perfil de moça honesta; nenhuma das testemunhas disse que ela, de fato era desonrada, mas sua presença nessas festas dançantes às altas horas da noite fizeram com que fosse vista como moça desonesta, sendo portanto, desconsiderada vítima no caso de defloração.

¹³⁸ Typosociaes. *Almanaque do Ceará*, 1902. p. 173.

¹³⁹ APEC – Arquivo Público do Estado do Ceará. Fundo: Tribunal de Justiça. Série: Ações criminais. Sub-séries: Deflorações. Caixa: 01. Processo: 1931/01.

De todas as formas o crime de defloração era desvantajoso para a mulher; o fato de ter escolhido vivenciar seus desejos se torna de conhecimento público e precisa recorrer ao Estado, posicionando-se enquanto vítima, para não ter que passar por humilhação maior, ficando sozinha e “*desgraçada*” diante da sociedade. Tal crime é um reflexo perfeito do ideal de mulher e do que acontece quando esse ideal não é a realidade de uma mulher.

Ao falar dos demais tipos sociais o autor tece críticas aos comportamentos. Trata A *Baroneza*¹⁴⁰ como mulher virtuosa, que segue as regras e cuida do lar enquanto o marido, O *Barão*¹⁴¹ come biscoitos com chá, homem gordo, que se ocupa de suas atribuições sociais, e faz uso dos dons de sua mulher. Ao falar sobre O *Dandy*¹⁴² o autor descreve um jovem de certa estirpe, com boas condições financeiras e que passa o dia lendo jornais, fumando charutos, deitado em um divã ou fica recostado à janela a procura da próxima conquista.

Diante dos tipos descritos por Múcio Teixeira, conseguimos perceber uma crítica aos indivíduos que não estavam seguindo os padrões higiênicos, moralizadores e civilizados onde o indivíduo deveria ser produtivo, recatado, isto é civilizado.

A questão do trabalho também é retratada no Almanaque de 1904 que descreve-o como importante instrumento para a transformação de um lugarejo em cidade; o trabalho seria a força propulsora do progresso para o espaço urbano. Fala ainda acerca do comércio, colocando-o como o berço do engrandecimento do país, gerando mais trabalho e, conseqüentemente, a diminuição de roubos e assassinatos.¹⁴³ Em todos os aspectos da cidade e da vida em sociedade, cidadãos higienizados e não ociosos, agiam como agentes civilizados do progresso.

O próprio amor passou por transformações, para acompanhar as mudanças no contexto espaço-temporal. Antes era visto pela família por meio de um olhar religioso ou da literatura e acabou se transformando em um evento suscetível à manipulação dos dispositivos médicos e legais.¹⁴⁴

Nesse sentido, pretendemos, no próximo capítulo, estabelecer um conceito para as sensibilidades, destacando dentro delas sentimentos como: amor, sofrimento e saudade; entendendo-os como um constructo sociocultural. Quando analisamos as pessoas em diferentes espaços de tempo percebemos transformações nos seus comportamentos e posturas; com as sensibilidades não poderia ser diferente.

¹⁴⁰ Typossociaes. *Almanaque do Ceará*, 1902. p. 156.

¹⁴¹ Ibidem. p. 143.

¹⁴² Ibidem. p. 160.

¹⁴³ O Trabalho. *Almanaque do Ceará*, 1904. p. 177-178.

¹⁴⁴ COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 64.

Os sentimentos como tudo o mais que possua a presença humana, sofrem mudanças ao longo do tempo. Pretendemos, também, analisar as percepções de amor dos sujeitos fortalezenses, através das cartas encontradas anexadas aos autos processuais e das correspondências trocadas por jovens através da parte literária do *Almanaque do Ceará*; sendo assim, destacaremos a importância e a necessidade, por parte desses sujeitos, de registrar seus sentimentos.

3 CONCEITOS DE AMOR: AS FRONTEIRAS ENTRE SENSIBILIDADES E CIVILIDADE.

Trabalhar com um objeto tão abstrato, tão imaterial, tão intocável quanto o amor, e outros sentimentos que vêm acompanhado dele, como sofrimento, saudade, vergonha e ciúmes; é desafiador em todos os aspectos, especialmente porque são raros os momentos em que nos debruçamos sobre documentos ou vestígios produzidos especificamente referentes a eles; não vamos encontrar um jornal do amor ou algo tão material quanto; mas podemos apreendê-lo por entre as linhas de um anúncio em periódicos, por entre os versos de um poema, através da escrita de sujeitos que decidiram falar de seus sentimentos para outras pessoas através de cartas, por meio das representações sensíveis de um literato ao escrever um romance e até mesmo através da diversidade das publicações remetidas por pessoas de variados lugares, correntes literárias e classes sociais, para o Almanaque do Ceará.

Entendemos que as sensibilidades são na realidade um conjunto de sentimentos e sensações que temos, bem como na maneira que as vivenciamos¹⁴⁵ e como tal, se exprimem através de atos¹⁴⁶, que aqui chamamos de práticas, e que acabam por se materializar. Elas saem do campo das subjetividades humanas, que também são construídas, de maneira a unir experiências individuais e coletivas do meio no qual os sujeitos estão inseridos.

Estudar as sensibilidades vai além de lidar com as subjetividades e trajetórias de vida, trata-se de apreender a vida privada em sua totalidade, inclusive dar conta dos sentimentos que foram expressos ou reprimidos.¹⁴⁷

Outro ponto que dificulta o estudo de um objeto tão abstrato quanto os sentimentos humanos é que, devido ao fato de as emoções culminarem nos corpos, e não acontecerem muitas vezes de maneira a atender com os padrões socioculturais de uma época, muitos familiares ou herdeiros dessas histórias, escolhiam se desfazer desses vestígios que poderiam ser constrangedores ou não.

Quando nos debruçamos, por exemplo, com o caso do casal sobralense Alarico e Cândida¹⁴⁸, que deixou uma riquíssima coleção de cartões-postais trocados durante o período de namoro e noivado, e que depois fora doado para o Museu Diocesano de Sobral;

¹⁴⁵ FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Cartografia da sensibilidade: a arte de viver no campo do outro (Brasil, séculos XVI e XVII). In. ERTZOGUE, Marina Haizenreder, PARENTE, Temis Gomes (Org's). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 218.

¹⁴⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História cultural**. Belo Horizonte: autêntica, 2012.p. 58.

¹⁴⁷ Ibidem. p. 59.

¹⁴⁸ NOBRE. Gleiciane Damaceno. **De Alarico para Candinha: as sensibilidades e o processo civilizador capitalista na cidade de Sobral (1903-1907)**. Fortaleza: Uece, 2014.

percebemos que não se trata de nada indecoroso. Na realidade, estamos diante da expressão de sentimentos que atendiam, perfeitamente, aos padrões estabelecidos e aplicados naquela cidade, durante os primeiros anos do Século XX.

Quando falamos, no entanto, de vestígios constrangedores nos referimos a documentos que poderiam conter teor íntimo ao ponto de tratar da sensualidade, de casos amorosos e de práticas ou narrativas não tão convenientes para as gerações posteriores, como os diários, por exemplo.

O historiador Peter Gay, em sua obra introdutória da coleção *A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud* nos apresenta uma grande variedade de escritos íntimos de sujeitos, homens e mulheres, que além da prática da escrita e preservação de diários, não deixaram de registrar sua vida até mesmo a sexual.¹⁴⁹ Claro que em um Estado conservador como o Ceará, para além de um elevado índice de analfabetismo não existia, conforme acreditamos, uma prática de escrita, muito menos no que tangia aos sentimentos e intimidades; e mesmo que alguns sujeitos tivessem ousado escrever sobre suas vidas e anseios em diários, a vida útil desses artigos, e dos seus conteúdos expositivos, teriam sido breves; fosse por arrependimento do próprio indivíduo, ou por vergonha das gerações vindouras.

Encontramos alguns vestígios íntimos, embora poucos, anexados em processos criminais; cartas e bilhetes apresentados como provas de sedução (em casos de defloração) e de adultério (em casos de homicídios); e não deixamos de nos questionar se estes documentos não teriam se perdido, caso um descendente tivesse se deparado com eles. E mesmo que não tivesse destruído, de que outra maneira teríamos acesso ao referido vestígio? Isso nos leva a crer que muitos outros bilhetes, cartões-postais, cartas e até mesmo fotografias que expressavam os sentimentos íntimos e a própria subjetividade de sujeitos outros se perderam ao longo do tempo, ou simplesmente continuam guardados em caixas e baús de memórias no fundo de armários espalhados pelos bairros da cidade de Fortaleza e de tantas outras no mundo.

Para estudar os sentimentos humanos temos que vasculhar frangalhos de vestígios, muitas vezes deixados como migalhas, que competem ao historiador captar, analisar, contextualizar, teorizar e levantar hipóteses a respeito através da construção de narrativas que podem ainda, ao longo da leitura, ser reinterpretadas pelo leitor, levando-o a concordar ou não com as intenções originárias do autor.¹⁵⁰ Para a historiadora Sandra Jatahy

¹⁴⁹ GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**: A educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das letras, 1988. Vol.1.

¹⁵⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: autêntica, 2012. p. 61.

Pesavento, a História funciona como uma ficção controlada, especialmente por conta da construção e reapresentação que um sujeito contemporâneo (o estudioso) faz acerca dos vestígios de uma época passada.¹⁵¹

As variações dos estados da alma e das emoções são as mais complexas entre os objetos dos quais poderíamos nos debruçar; é muito difícil para um andarilho do presente tentar entender as coisas que motivavam os homens do passado a viver e até mesmo a morrer; quando hoje, já não fariam mais tanto sentido.¹⁵²

Estar diante de um soneto, poema, enigma e até mesmo charadas publicadas no Almanaque do Ceará durante a transição do século XIX para o XX, com sua escrita, vícios de linguagem, símbolos e sentidos característicos de uma época da qual só temos disponíveis narrativas representativas é algo que ainda nos coloca na penumbra do imaginário de uma época vivida por nossos antepassados; nos deixando a possibilidade de construir narrativas a partir de outras narrativas.

Quando nos deparamos com os logogrifos¹⁵³, nos encontramos em uma posição ainda mais difícil devido ao fato de se tratar de uma charada numérica disposta, algumas vezes, no formato de sonetos ou poemas, mas que contem, em linhas salteadas, uma sequência numérica correspondente a uma palavra; isso se repete em todas ou em algumas estrofes das quais se retiram sílabas para formar outra palavra. Tomemos como exemplo o trabalho do pesquisador Ernesto Rodrigues, que explica como deveria ser decifrado um logogrifo:

Na floresta procurai-me, – 4, 2, 3
 Uma pedra encontrareis – 9, 10
 Se te alegras, olha bem, – 6, 7, 8
 Sem este mal andareis. – 1, 5
 Esta classe desgraçada
 Anda sempre despresada. (p. 437).
 Reconhecendo *pau*, *mó*, *ris*, *pé* – e descurando acentos –, encontrávamos *pauperismo*.¹⁵⁴

No entanto, para decifrar essas charadas, nos dias atuais, seria necessário conhecer a mentalidade, a escrita, a política de separação de sílabas dentre outros aspectos gramaticais

¹⁵¹ Op. Cit. p. 54.

¹⁵² PESAVENTO, Sandra Jatahy. Pensar com o sentimento, sentir com a mente: bienal de Veneza, 2007:52ª exposição de arte. In. MATOS, Maria Izilda Santos de; PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire (Org's). **Olhares sobre a história:** culturas, sensibilidades, sociabilidades. São Paulo: HUCITE, 2010. p. 20.

¹⁵³ Espécie de enigma no qual se compõem, com as letras de uma palavra, outras palavras que se devem adivinhar, bem como a palavra principal. Disponível em <http://www.dicio.com.br/logogrifo/> acesso em 18/08/2016

¹⁵⁴ RODRIGUES, Ernesto. Passatempos de papel. In. **Navegações**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 214-218, jul/dez. 2011. p. 216.

e literários da época; como o próprio autor mencionado acima, afirma, é uma espécie de passatempo muito complicado.

Para além do enigma que o logogrifo exige ainda encontramos significado no texto, na dedicatória e no teor dos escritos; como poderiam ser feitos em prosa ou poesia sempre traziam uma mensagem e um destinatário, sendo o logografista (remetente/autor) alguém que desejava passar uma mensagem ou desafiar outro charadista.

No Almanaque do Ceará encontramos um indivíduo que costumava dedicar seus logogrifos a uma moça, a outros charadistas (homens e/ou mulheres) e em alguns casos dedicava aos últimos, versos com teor romântico, fazendo uso do nome da moça preferida como acróstico¹⁵⁵; quem sabe numa esperança de unir o útil ao agradável; mas não nos apressemos; teremos, no decorrer deste capítulo, o prazer de nos deliciarmos com as trocas de charadas e poemas desse casal que durou cerca de cinco anos repletos de versinhos por entre as páginas literárias desse documento publicado anualmente e, por mais que não consigamos adivinhar todas as palavras das sequências numéricas e a palavra-chave final; ainda nos é possível perceber a carga sensível e a inspiração de seus autores.

Em contraposição a esses sujeitos que participavam ativamente de uma vertente intelectualizada e que estava inserida nesse universo culturalmente letrado; encontramos indivíduos que não deixavam de falar, muito menos de viver o amor e os demais sentimentos, como saudades do ser amado, sofrimento pelo medo de perder ou não ser correspondido, pelas dúvidas e inconstâncias emocionais; e muitas vezes, na maioria delas, pelos ciúmes; que não deixam de ser um pedacinho de cada uma dessas emoções agora mencionadas. Sendo eles os sujeitos que compunham os bancos dos réus ou vítimas de processos-criminais, especialmente os configurados nos crimes de homicídio ou defloração.

Através dos processos podemos desfrutar um pouco da atmosfera sensível de sujeitos reais, que percorriam as ruas de uma Fortaleza de emoções diariamente, vivenciando suas sensibilidades enquanto lutavam para garantir seu sustento e de seus familiares. Partindo das experiências pessoais, de suas práticas sensíveis e dos vestígios deixados ao longo da história é que podemos resgatar, de certa forma, emoções, sentimentos e percepções de uma época; temos, portanto a oportunidade de perceber as peculiaridades com as quais os indivíduos traduziam o mundo por meio de suas emoções e pensamentos.¹⁵⁶

¹⁵⁵ Composição em verso cujas letras iniciais (às vezes as mediais ou as finais), lidas no sentido vertical, formam uma ou mais palavras, que são o tema, o nome do autor ou o da pessoa a quem foi dedicada a composição. Disponível em <http://www.dicio.com.br/acrostico/> acesso em 18/08/2016.

¹⁵⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 57

Para além do conjunto de sentimentos e sensações; e das maneiras pelas quais escolhemos experimentá-los e praticá-los¹⁵⁷; as sensibilidades dizem respeito às maneiras pelas quais os homens, em sua individualidade e/ou coletividade, se apresentam e como representam o mundo.¹⁵⁸

Dos sentimentos que trabalharemos, o mais intrigante e complexo é o amor; filósofos, trovadores, pensadores, cientistas, literatos e intelectuais de várias épocas gastaram muita tinta e horas de estudo tentando compreender a lógica desse sentimento e quão confortante e confrontador ele foi ao longo da história. Agora, partimos dos domínios de Clio e tomamos parte de outras ciências para tentar dissertar um pouco acerca desse e de outros sentimentos que ele traz na bagagem; tentando entendê-lo no contexto de Fortaleza na virada do século XIX para o XX; para isso, utilizaremos como documentos históricos os escritos particulares de alguns; os escritos de terceiros sobre eles e suas práticas sensíveis e até mesmo tentando entender um pouco sobre a raiz desse amor que até os dias de hoje é motivo de alegria para uns e de profundo sofrimento para outros.

Nesse sentido, achamos melhor dividir o presente capítulo em três momentos; no primeiro, pretendemos traçar um paralelo entre as definições dos sentimentos acima enumerados partindo do amor como elemento central que conecta os demais, tais como saudade, sofrimento e ciúme; para isso faremos uma jornada por entre outras disciplinas como a filosofia, sociologia, antropologia e psicanálise.

No segundo tópico pretendemos analisar as percepções sensíveis, isto é, de uma *escrita de si* dos fortalezenses partindo dos poemas, charadas e textos publicados na parte literária do Almanaque do Ceará, nas cartas e bilhetes anexados aos autos dos processos criminais, bem como nos depoimentos das testemunhas nos quais podemos perceber a definição dada por uma parte da população menos favorecida financeiramente, mas que não deixou de amar e ser amada.

No último momento pretendemos discorrer acerca das percepções dos sujeitos amantes diante de sentimentos que trazem, ao mesmo tempo, o prazer e a dor de reviver tempos passados desfrutados intensamente, e que já não faziam parte de uma realidade presente. Lidar com o medo de perder o ser amado, de não ser correspondido e até mesmo de ter a reciprocidade, mas estar distante do objeto do amor, eram sensações que giravam em torno dos enamorados na cidade de Fortaleza da época, mas que ao mesmo tempo em que

¹⁵⁷ FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Cartografia das sensibilidades: a arte de viver no campo do outro (Brasil, séculos XVI e XVII). In. ERTZOGUE, Marina Haizenreder, PARENTE, Temis Gomes (Org's). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 218.

¹⁵⁸ PESAVENTO, **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 57

despertava a angústia gerava um sabor doce comum aos que se deixavam abraçar pela saudade e pelo sofrimento como marcos de uma geração intensamente romântica.

3.1. AMAR NA HISTÓRIA, AMAR NO CEARÁ: UM PARALELO DE EMOÇÕES

Como já vimos discutindo, o amor tem sido objeto investigativo de muitos pensadores, ao longo da história; pessoas que amaram e foram amadas, ou não tiveram condições de afirmar que foram acometidos pelo mal desta emoção porque não conseguiam traçar um paralelo que lhe pudesse servir de referência.

Embora nossa proposta seja analisar e tentar compreender os sentimentos e as maneiras com as quais interagiam com o mundo; temos a plena consciência de se tratar de um objeto abstrato, impalpável, e imaterial; mas que não deixa de nos apresentar às características de uma época. A esfera do sensível, conforme acreditamos, é o berço de toda a configuração sociocultural; todas as idéias e práticas são expressões de algo muito mais profundo do que se pode, de fato ver. É justamente da necessidade que temos de compreender, sensível e intelectualmente, um tempo passado e de entender significados que muitas vezes aconteciam nos escuros dos quartos ou nos silêncios dos interiores das vidas íntimas que partimos do conceito de sensibilidades.¹⁵⁹

Na presente pesquisa pretendemos dar voz a sujeitos que, ao contrário dos grandes nomes e marcos da história, tiveram extrema importância e relevância para as pessoas que dividiam seus cotidianos, que conheciam seus anseios e desejos; e que, há bem pouco tempo, não seriam considerados extraordinários o suficiente para terem suas histórias e emoções estampadas e resgatadas pela ciência histórica. Mas, antes de fazermos isso, acreditamos ser relevante analisarmos o que sujeitos que deixaram seus nomes estampados nas ciências e estudos de maneira geral, falaram e pensaram acerca desse sentimento.

Se perguntássemos para qualquer pessoa sobre como definiria o amor ou por quais motivos ama a determinada pessoa, levaria um tempo até que ela conseguisse, de fato, explicar e ainda que conseguisse seria difícil fazê-lo de forma aprofundada e detalhada.

O amor funcionou e continua a funcionar como uma espécie de linguagem universal, como campo de sensações para todos, independente de ideologia; mesmo os ateus

¹⁵⁹ BARBIERO, Alan. Prefácio. **In.** ERTZOGUE, Marina Haizenreder, PARENTE, Temis Gomes (Org's). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 13.

encontram no amor uma amostragem do eterno que negam em qualquer outra esfera da vida.¹⁶⁰

A raiz do amor ocidental é basicamente hebraica e foi se reconfigurando ao longo do tempo, com mudanças, mas também com permanências no que tange ao entendimento e percepção das emoções dentro de uma sociedade, num dado espaço de tempo. Trata-se, portanto, de uma emoção universal, mas que varia de acordo com o tempo e o lugar.¹⁶¹

O filósofo Simon May, segundo suas pesquisas acerca deste sentimento e de sua construção histórica; fala que existem quatro grandes transformações pelas quais passou, no Ocidente, ao longo do tempo. Na primeira, se refere ao amor descrito desde o livro das escrituras hebraicas de Deuteronômio até o pensamento de Santo Agostinho, configurando-se, aos poucos como virtude suprema.

A segunda transformação pela qual o sentimento passou remete à transição do século IV ao XVI, dos escritos e pensamentos de Agostinho para os de Tomás de Aquino; onde se entendia que o ser humano era capaz de amar com um poder divino, isto poderia fazer com que indivíduos pudessem se tornar seres divinos.

Do século XI ao XVIII, se configura a terceira transformação, onde o que muda, na verdade, é o objeto do amor. O ser humano se torna digno do amor que outrora havia sido reservado exclusivamente para Deus. O limite entre divino e terreno se torna bem restrito.

Por última transformação destacamos, a partir do século XVIII, com a presença forte de Rousseau, aquele que ama se torna o foco do amor, enquanto o objeto amado quase não aparece. É como se o amor se encantasse por ele mesmo.¹⁶² Para o filósofo, o amor é o desejo intenso de alguém por outrem ou outra coisa e que tem por base, a própria existência. O amor tem duas faces: a intimidade de possuir outra pessoa e a de se tornar totalmente disponível para ela.¹⁶³

Percebemos essa constância por parte dos amantes nos escritos dos fortalezenses do período recortado; muito mais do que apenas enaltecer a pessoa amada, o assunto era, especialmente como eram as venturas e desventuras de amar. Vamos perceber, ao longo deste capítulo, que poetas, romancistas, pessoas comuns das mais diversas esferas sociais dedicaram tempo para descrever seus sentimentos, e embora percebamos a idolatria comum aos escritos romântismos, encontramos também a tentativa de estampar em papéis como se

¹⁶⁰ MAY, Simon. **Amor**: uma história. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 15.

¹⁶¹ Op. Cit.. p. 26.

¹⁶² Ibidem. p. 26-27.

¹⁶³ Ibidem. p. 28.

sentiam; escrever sobre o amor se tornou muito mais significativo para quem amava do que para quem era amado.

Como já havíamos mencionado, o fundamento do amor ocidental está nas escrituras e na herança hebraica; as primeiras acabam conferindo ao ocidente o que chamamos de “amor cristão”, isto é, um sentimento altruísta em relação a se doar sem reserva e a uma dedicação e devoção apaixonada a Deus e à sua lei. Nesse sentido, o amor funcionaria como o maior exercício da vontade como submissão à vontade do outro.¹⁶⁴

Um outro, forte pilar desse sentimento, no ocidente, é a tradição grega; de filósofos como Platão, Aristóteles, Aristófanis, entre outros que tentaram entender de que maneira e porque as pessoas enxergavam nas outras uma razão para viver ou até mesmo a sua parte perdida.

Para Platão e Aristóteles, o amor tinha a ver com o desejo natural do ser humano de conseguir bondade e/ou virtude e se aproximar cada vez mais delas.¹⁶⁵ Já Aristófanis tratou sobre o mito da androginia; de que todos os seres humanos eram redondos e que possuíam os dois sexos e que, por terem se rebelado contra os deuses do Olimpo, tiveram seus corpos separados e estariam fadados a passar toda sua existência procurando a outra metade.¹⁶⁶ Esse mito, por mais que não tenha sido transfigurado para nossos dias atuais, deixou-nos um legado cultural sensível que está presente nas culturas de várias sociedades até os dias de hoje; como a necessidade que as pessoas descrevem de encontrar alguém para completar suas vidas ou se deparar com a pessoa certa.

Mais uma vez apontamos para as evidências de que o amor, era algo que se tratava muito mais sobre quem amava, do que quem era amado. E isso também tem, como veremos mais adiante, traços do individualismo e da idéia de posse advindos da ótica capitalista de enxergar as coisas. Na capital cearense percebemos muitos escritos de jovens, homens e mulheres, que sofreram o medo e a angústia de estar distante ou até mesmo de perder o ser amado e isso gerou uma cultura de escrever sobre amar, sobre sentir saudade e até mesmo a dor de perder o amor.

Continuando nosso passeio pela história do amor, para além da tradição grega, ainda encontramos a presença de elementos do trovadorismo refletindo o amor cortês que transformou o sentimento em poemas musicados. O contexto do amor cortês dependia da

¹⁶⁴ Ibidem. p. 29-37.

¹⁶⁵ Op. Cit. p. 44.

¹⁶⁶ Ibidem. p. 63-64.

subjetividade dos trovadores que poderiam enaltecer, tanto o desejo como o adultério.¹⁶⁷ E quando nos atemos aos escritos cearenses, encontramos a prática da escrita e musicalização de poemas que eram cantarolados pelas ruas da cidade; diante de janelas e portas das moças a quem os boêmios dedicavam seus sentimentos. Não estamos afirmando que se tratava de casos de trovadorismo e amor cortês; isso seria anacrônico; o que estamos pontuando é a herança de tais práticas realizadas no contexto aqui estudado.

Na era clássica, a ideia de amor estava ligada a algo bom, belo e verdadeiro e surge no ocidente, especialmente a partir da propagação da obra *O Banquete* de Platão. No século XVIII a própria mentalidade do amor romântico teve sua fonte no platonismo e na ausência da outra metade promovendo uma nostalgia diante do objeto ou ser amado perdido.¹⁶⁸

O amor cortês, presente a partir da idade média, seria o predecessor do amor romântico; nele a felicidade está na aceitação da própria renúncia; aqui a pessoa/objeto amada(o) é tratada(o) como uma divindade.¹⁶⁹

As mulheres eram cultuadas por esses poetas, como uma fonte de inspiração, de virtude e nobreza para o pretendente; caso a dama aceitasse seu amor revigoraria o enamorado; caso não aceitasse, geraria nele um sofrimento considerado como experimentar a morte em vida.¹⁷⁰

Diante do exposto até aqui, já podemos perceber a proximidade existente entre os sentimentos de amor e sofrimento. A dimensão do sensível é complexa também por se tratar de um emaranhado de emoções que se liquidificam e se fundem ao ponto de não conseguirmos separá-las. Seria impossível, independente do período estudado, falar de amor sem falar de sofrimento, saudade, ciúmes e até mesmo vergonha.

A saudade, por exemplo, não parte do individual para o socialmente coletivo; trata-se na verdade, de uma experiência comum a todos os indivíduos que direcionam a percepção desse sentimento como associado à ausência de determinado elemento ou pessoa.¹⁷¹ Sendo assim, da mesma forma que o amor vem sendo construído de maneira sociocultural; a saudade também o é; isto quer dizer que vem sendo ensinada de uma geração

¹⁶⁷ Ibidem. p. 161-162.

¹⁶⁸ DE MENEZES, Maria Célia. O mito do amor romântico. **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 17, n. 5/6, p. 539-572, mai/jun. 2007. p. 561

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ Ibidem. p. 163-165

¹⁷¹ DA MATTA, Roberto da Mata *Apud* DA SILVEIRA, Leonardo Lucena Pereira Azevedo. **Em busca do tempo querido**: um estudo antropológico da saudade. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2007. (Dissertação de Mestrado) p. 27.

para outra dentro de uma sociedade. Tal sentimento só é possível porque vivemos em um espaço de relações onde uma pessoa pode até desaparecer, mas as relações e o que elas representam, as memórias e as representações, não.

A saudade, na realidade, é uma junção de vários sentimentos, que acontecem simultaneamente e que, ao mesmo tempo em que despertam amargura, geram também, uma satisfação melancólica de incompletude;¹⁷² o que nos remete ao sofrimento de estar distante do ser amado, ou ao medo de não estar sendo correspondido. Esses sentimentos aparecem, normalmente atrelados ao amor romântico. É muito comum, no romantismo, características de questionamentos e até mesmo dúvidas da reciprocidade dos sentimentos do sujeito amado; e isso acaba, de certa forma, valorizando o sofrimento experimentado.¹⁷³

Essa teia emaranhada de sentimentos está presente nos documentos que elencamos para trabalhar, especialmente, nos versos estampados e impressos da parte literária do Almanaque do Ceará; é muito comum encontramos homens e mulheres falando de amor, saudade e sofrimento de maneira uníssona, simbolicamente falando.

Depois dos pensamentos e escritos de Rousseau, o amor romântico, se tornou cada vez mais embebido do sofrimento e da nostalgia; sofrer seria, portanto, o destino de quem amasse; seria impossível amar sem experimentar o sofrimento, as vezes reconhecido como tristeza.¹⁷⁴ Tal percepção era tão frequente nos escritos cearenses; que Ana Pompeu não deixou de colocar sua percepção em um poema intitulado *Tristeza* publicado no ano de 1910, no Almanaque do Ceará que dizia:

A sinto vir como misteriosa sombra outonal, e como funebre mariposa negra;
- Baixas silenciosamente sobre minh'alma, e captivas o meu coração, acalantas
minhas alegrias, e em minhas illusões pregas as suas coroas.
E's suave, e embriagadora como um perfume misterioso.
Docilmente opprimes o meu coração e envolver a minh'alma com um manto de
lagrimas.
Ao ouvido me fallas sempre com suavidade arroubadora, de muitas coisas languidas,
e de muitas coisas mortas.
E, quando vejo o valle, o sol, e o céu que encantam, tu dentro do meu coração
palpitas como uma pomba ferida. Oh tristeza! doce e embriagadora tristeza minha.
Belém - Pará¹⁷⁵

Algumas coisas podem ser apontadas a respeito do que a autora desse texto descreve como tristeza; ela está se referindo a um sentimento que exemplifica o sofrimento

¹⁷² Ibidem. p. 35-36.

¹⁷³ TOMASINI, Maristela Bleggi. **Memória social em cartas de amor:** sensibilidades e sociabilidades na Porto Alegre da década de 1920. Canoas: UNILASALLE, 2012. (Dissertação de Mestrado). p. 42.

¹⁷⁴ MAY, Simon. **Amor:** uma história. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 289.

¹⁷⁵ Almanaque do Ceará, 1910. p. 151.

por amor, mas entendendo de uma forma serena que cativava seu coração e acabava por abraçar suas alegrias; fala isso dizendo que tal sensação oprimia de forma doce o seu coração. No trecho transcrito, percebemos com clareza, o trato de emoções doloridas que eram acolhidas pelos sujeitos. Por mais que não nos seja viável falar mais sobre a autora e suas intencionalidades, nos é possível levantar a hipótese de que, o simples fato de tal percepção e de tantas outras com o mesmo viés estarem impressas na parte literária do Almanaque do Ceará nos remete a um imaginário romântico onde os sujeito tanto amavam como sofriam por amor; e se não o sentiam, pelo menos falavam sobre para aqueles que desses escritos se apropriariam.

Antes de tratarmos do amor romântico de maneira mais aprofundada, acreditamos ser necessário que discorramos um pouco acerca de como se chegou a essa definição do sentimento.

Para Sponville, existiam três tipos de amor: *Eros*, *Ágape* e *Philia*. O primeiro seria aquele caracterizado pelo desejo, não necessariamente o amor carnal, mas o desejo da falta; trata-se do anseio de se unir a sua metade perdida para juntas se tornarem uma só; aqui percebemos, mais uma vez, a herança cultural do mito de Aristófanes. O sofrimento faz parte desse tipo de amor, daqui advém as percepções românticas que vimos falando. Tomemos como exemplo o caso de Romeu e Julieta; seria impossível, imaginar tais personagens felizes.¹⁷⁶ Segundo Hegel, para esse tipo de amor, a felicidade seria ter páginas em branco dentro de um romance com tais características.¹⁷⁷

O segundo tipo de amor, *Ágape* ou *Caritas* corresponde a um amor de benevolência, mas não por uma pessoa em particular, e sim pela humanidade; o que leva à caridade, isto é, um discurso humanista religioso, nesse momento estamos falando sobre amar o próximo.¹⁷⁸ Aqui, mais uma vez, em uma tradução sensível de um filósofo da modernidade, percebemos heranças hebraicas e cristianizadas do amor.

Já o amor *Philia* corresponde ao amor-amizade, implica na satisfação da companhia do outro; essa forma de amor não se limita ao prazer. Aqui se enquadra uma relação duradoura entre iguais, mas não se reduz à amizade; é o sentimento que costuma existir entre cônjuges, no prazer da convivência; mesmo que a paixão romântica chegasse ao fim, ainda seria possível a permanência da amizade aristotélica aqui descrita.¹⁷⁹

¹⁷⁶ BORGES, Maria de Lourdes. **Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.p. 9.

¹⁷⁷ HEGEL. *Apud*. BORGES, Maria de Lourdes. **Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 9

¹⁷⁸ Ibidem. p. 11.

¹⁷⁹ Ibidem. p. 9-10.

Diante dessas descrições amorosas e da análise dos escritos de alguns fortalezenses, e isso ficará mais claro no segundo momento deste capítulo, notamos que as percepções de amor na transição dos séculos XIX para o XX trazem consigo um misto dessas definições; existem momentos em que observamos versos de um sujeito tratando sua amada como amiga; outros momentos, uma postura decadentista ao falar de morrer de amor, tristeza e dor imbuídos nas descrições amorosas desses sujeitos. Um exemplo disso está presente na citação de um dos mais publicados charadistas Alencar Sobrinho: “ O homem que tem amores, soffre mil dôres e mil dôres”¹⁸⁰; alguns dos sujeitos que escreviam sobre sentimentos chegavam ao ponto de demonstrar que o amor, de fato, estava atrelado à dor e até à morte: “Se o coração é o santuario das nossas mais caras affeições, muitas vezes, também, é o tumulto do nosso amôr”¹⁸¹.

É importante termos em mente que as sensibilidades de uma época podem ser expressas na concepção estética presente no gosto dos indivíduos, especialmente artistas, isto é, através dos poemas, versos, charadas, textos e obras literárias.¹⁸² O que queremos dizer, basicamente, é que as inscrições literárias refletem, em certa medida, o imaginário e a realidade sensível de uma época.

Os almanaques tinham como função, de maneira geral, discorrer sobre as características gerais das cidades e na maioria das vezes enalteciam suas qualidades. Geralmente eram produzidos por intelectuais: homens de imprensa, políticos, escritores; pessoas que tinham acesso aos dados a serem levantados; sendo alguns até mesmo administradores públicos.¹⁸³

As agremiações literárias acabavam responsáveis pela organização e realização da publicação anual desses almanaques. A própria Padaria Espiritual, em seu regimento acrescentou o artigo XXXVI onde diziam que, no começo de cada ano, publicariam um almanaque ilustrado do Ceará. Porém não existem registros que esse almanaque tenha saído do forno.¹⁸⁴

Quando a seção literária do Almanaque do Ceará foi inaugurada, em 1897, os padeiros estavam presentes.¹⁸⁵ E continuaram remetendo textos em prosa ou em versos ao

¹⁸⁰ Almanaque do Ceará. Ano de 1909. P. 169

¹⁸¹ Ibidem. P. 164.

¹⁸² BARBIERO, Alan. Prefácio. In. ERTZOGUE, Marina Haizenreder, PARENTE, Temis Gomes (Org's). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 12.

¹⁸³ MACAMBIRA, Débora Dias. **Impressões do tempo: os almanaques no Ceará. (1870-1908)**. Fortaleza: UFC, 2010. p. 76-77.

¹⁸⁴ Ibidem. p. 116-117.

¹⁸⁵ Ibidem. p. 118./

longo das publicações. Inclusive encontramos um casal, Sabino Baptista e Anna Nogueira Baptista, que se conheceu em uma das reuniões da referida agremiação, se casaram e continuaram publicando poemas no almanaque até a morte do poeta; que falecera três anos após o casamento acometido por uma varíola hemorrágica.¹⁸⁶ Como poderíamos descartar um documento como este, que nos apresenta histórias de amor, estampadas ou embutidas por entre os versos dos poemas da sua parte literária?

No ano Almanaque de 1897, Sabino Baptista publicou os versos intitulado *Tuas Cartas* dizendo:

Não me escreveste! E eu triste, pesaroso,
fiquei sem atinar qual o exqueto
motivo oculto, imenso, poderoso
de me não teres, boa amiga, escripto.

Ah! não imaginas como eu ancioso
esperava o correio, e como afflicto
no teu silencio extranho e mysterioso
attentamente inda a scismar cogito!

As tuas cartas trazem-me a festiva
alegria de outr'ora... uma missiva
tua é para mim hoje o maior prazer...

A intensa magua de minh'alma aparta:
manda-me sempre uma adorada carta:
oh! não me deixes nunca de escrever!...¹⁸⁷

Como era casado com a também poetisa Ana Nogueira Batista, acredito que tenha dedicado esse poema a ela. Pesquisando sobre o poeta, encontramos também outro texto, que publicou n'O Pão de 1892, intitulado, *Bilhete postal* tratando, no caso, sobre as motivações pelas quais não havia lhe escrito.

Diante dessas informações, podemos perceber que o soneto fora publicado no mesmo ano em que contraíram núpcias, embora não tenhamos como saber se fora antes ou depois. Analisando o inventário de Antônio Sales, percebemos que Sabino se correspondia com o líder da agremiação por meio dos jornais e que, em uma das publicações, fala acerca da saudade que sentia, devido à distância de sua esposa que já durava três meses.¹⁸⁸

¹⁸⁶ Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/viewFile/17200/15774> acesso em 03/08/2016

¹⁸⁷ Almanaque do Ceará, 1897. p. 150.

¹⁸⁸ Disponível em http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/edicoes_online/inventarios/Inventario_ArquivoAntonioSales.pdf acesso em 03/08/2016. p. 22.

Acreditamos que a temática das missivas seja algo pelo qual o poeta prezava. Partindo para a análise do poema, percebemos a relevância da prática missivista, toda a expectativa pelo recebimento de uma carta e a frustração quando isso não acontecia. O poeta fala ainda, da alegria que era receber uma carta da amada amiga; que seria, naquele momento o maior prazer. E conclui pedindo para a amada nunca deixar de escrever para ele.

Pouco tempo depois o poeta foi acometido pela varíola e veio a falecer, mas Ana não deixou de registrar a importância de ter vivido, ao lado dele, uma história de amor, fazendo um *Retrospecto* do que viveram:

Retrospecto (1898)

Eis-me a reler os versos maviosos
que te inspirei naquela apaixonada
fase de amor, serena, imaculada
plena de sonhos, de ilusões, de gozos.

Releio-os um a um e mas formosos
acho-os agora; na alma enamorada
revive tôda a quadra iluminada
pelos clarões dos dias venturosos.

Releio tudo... e como por encanto
ante os meus olhos úmidos de pranto
vae-se animando todo meu passado...

E sinto ainda palpitar o seio,
e encontro o nosso amor o nosso enleio
em cada estrofe, em cada verso amado.¹⁸⁹

Sabino falecera no ano de 1886, três anos após o casamento, e, após três anos de sua morte, Ana resolveu escrever sobre como se sentia ao reler os versos que outrora dedicara a ela; se debruçava sobre eles conferindo-lhes um significado novo, repleto da dor da saudade e da falta que seu companheiro fazia. Nos versos finais ela descreveu como o passado ia se animando, tomando vida, a medida em que lia os escritos do amado; algo bastante característico que vimos percebendo e que falaremos com mais fôlego no último tópico é a capacidade que a saudade tem de fazer reviver momentos passados; de romper a barreira do tempo.

Até aqui nos foi possível perceber, que mesmo sofrendo várias transformações ao longo da história, os sentimentos foram se reinventando e modelando de acordo com as percepções de um tempo; mas não deixaram de trazer um pedacinho de cada. Por isso achamos importante pontuar sobre as percepções dos estudiosos acerca do amor; porque

¹⁸⁹ ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. **Mulheres beletristas e educadoras:** Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935. Fortaleza: UFC, 2012. (Tese de Doutorado). p. 126

acreditamos que, no amor, nada foi totalmente lançado fora; mas sim adaptado e ressignificado.

Continuando nosso percurso pelos estudiosos do amor, pausemos agora para entender o que Spinoza, um dos grandes pensadores da filosofia moderna, falou sobre o amor; para ele, esse sentimento tem a ver com o regozijo presente na simples existência do outro. Aqui não existe a urgência de se juntar ao objeto amado. A alegria pode existir mesmo na ausência e a presença do ser amado seria apenas a consolidação do contentamento. Isto é, quando se está distante do ser amado, a alegria é fortificada e aumentada.¹⁹⁰ Tal concepção de amor esteve presente no emaranhado das percepções amorosas do passado e continua na contemporaneidade. Trata-se, como vimos supondo, de um misto de permanências e inovações que perduraram na visão sensível ao longo da história.

Passemos agora para a visão de Edgar Morin, um pensador multifacetado, que ao longo de sua produção trabalhou com as mais variadas temáticas e que também foi acometido pela ânsia de entender um pouco mais, e até de definir o amor. Segundo ele, tal sentimento é o ápice da união entre loucura e sabedoria; chega a compará-lo a um tipo de mito indispensável.¹⁹¹ Para ele, o amor está enraizado em nosso ser mental; e isso acaba envolvendo a linguagem, já que para existir um diálogo e uma demonstração do mesmo é preciso que o indivíduo desenvolva mecanismos de comunicação entre o seu interior e exterior e isso acontece por meio da palavra.¹⁹²

Ao longo desta empreitada historiográfica acerca do amor e das demais emoções que a ele estão ligadas vamos perceber que a palavra foi, na maioria das vezes, a maneira mais satisfatória para os fortalezenses da passagem do século traduzirem suas emoções; fosse através de poemas e obras literárias de maneira geral, fossem por meio de cartas e bilhetes. Isso não descarta, claro, outras maneiras de vivenciar as sensibilidade; afinal encontramos hábitos, gestos, e práticas das mais diversas, que saltavam do papel e tomavam formas materiais para exteriorizar do que o interior de um sujeito estava cheio.

Morin acreditava que existiam duas extremidades amorosas, em uma delas estaria o componente físico, não restrito ao ato sexual, e na outra, estariam inseridas as esferas mitológicas e imaginárias que refletiam a profundidade da realidade humana.¹⁹³ Entendendo por imaginário o que Pesavento diz ser “um sistema de ideias e imagens de representação

¹⁹⁰ SPINOZA *Apud* BORGES, Maria de Lourdes. **Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. P. 11.

¹⁹¹ MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 21.

¹⁹² Ibidem. p. 17

¹⁹³ Ibidem. p. 16.

coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”¹⁹⁴ acreditamos que os sentimentos também fazem parte dessa construção histórica de percepções e sensações de ser e estar no mundo. Especialmente quando partimos da ideia de que a necessidade do amor tem a ver com o desejo dos indivíduos de encontrarem seu lugar, seu lar, no mundo.¹⁹⁵

Sendo assim, o amor seria parte na natureza humana; mas o que não quer dizer que não tenha sofrido e não continue sofrendo mudanças a partir das percepções, práticas socioculturais, políticas e econômicas presentes no meio onde os indivíduos estão inseridos. De certa forma, tudo que existe na sociedade, ao longo da história, foi criado ou reapropriado pelo próprio homem devidamente inserido em seu meio social. O imaginário dos sentimentos, seja amor, sofrimento, saudade, ciúme ou vergonha; também é uma criação histórica produzida pelo homem.¹⁹⁶ Nesse sentido, a própria emoção amorosa é uma aprendizagem cultural que passa por uma aprendizagem social.¹⁹⁷

Não se pode comprovar de maneira lógica e muito menos empiricamente a necessidade do amor¹⁹⁸; mas podemos, através dos vestígios de pessoas que tentaram entender suas sensibilidades transcrevendo-as para o papel e até mesmo tendo suas ações registradas, mesmo que de forma negativa, nas páginas amareladas dos processos criminais, compreender o que tais sentimentos significavam para eles; que o amor faz parte da vida humana; e que ele acontece muitas vezes de maneira a surpreender homens e mulheres que, quando menos perceberam, viram suas vidas conectadas a de outra pessoa e tiveram que aprender, passo a passo, o que fazer e como fazer para praticar esse amor.

O amor possuía também o risco de tragédia; especialmente porque os indivíduos costumavam projetar essa sensação de necessidade humana no outro¹⁹⁹; isso acabava gerando expectativas, muitas vezes fruto de fascinações e que eram frustradas por conta da condição humana de falhar; não estamos falando apenas de casos como o de Romeu e Julieta, que acabaram ceifando suas vidas por não poderem desfrutar de seu amor; muito menos como o jovem Werther de Goethe que tirou a vida por não poder amar livremente sua Charlotte; ou o caso do triângulo amoroso que envolvia os fortalezenses Leonízia, Joaquim (amante) e

¹⁹⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: autêntica, 2012.p. 43.

¹⁹⁵ MAY, Simon. **Amor: uma história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 19.

¹⁹⁶ SILVA, Vergas Vitória Andrade. O imaginário romântico: modos de amar e sofrer. **In. Revista inter-legere**, nº 05: Reflexões. (p. 170-182). P. 174.

¹⁹⁷ Ibidem. p. 172.

¹⁹⁸ MORIN, Edgar. **Amor, poesia e sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2003. p. 28-29.

¹⁹⁹ Ibidem. p. 31.

Francisco (esposo) do qual a aludida saía fatalmente vitimada durante uma briga corpórea entre os dois homens.

Não entendemos por tragédias apenas casos fatais; mas também casos onde as pessoas (homens e mulheres) perderam seu valor social, ficando mal vistos por conta de suas escolhas ao praticar amores considerados “ilícitos”, podemos citar como exemplo as decepções amorosas das jovens que se enamoravam e acabavam recorrendo às autoridades para ter suas honras reparadas após a entrega sexual, configurada na época como crime de sedução. Tratam-se de tragédias individuais; frutos das escolhas subjetivas de amar e que acabavam assustando alguns dos espectadores dessas sensibilidades.

Falando um pouco acerca das práticas sensíveis, achamos por oportuno tratar sobre o que George Simmel chama de coquetismo, isto é, a prática da conquista; o que é bastante complexo porque funciona como um jogo com características físicas e psíquicas.²⁰⁰ De certa forma, as principais características dessa prática estão no olhar terno, cabeça esquivada; quer dizer, ao mesmo tempo, dar atenção e recusá-la.²⁰¹ Tem muito a ver com a ideia de ter e não ter; o sujeito desejava muito algo ou alguém e quando conseguia, seria impossível ser o mesmo; isto quer dizer que, as vezes, aquilo que é difícil ser conquistado desperta muito mais o desejo e a atração dos indivíduos.

Essa ideia de desejo, conquista e posse se intensifica ainda mais com a configuração capitalista civilizatória e seu enraizamento nas cidades brasileiras; o que incluía, como vimos no primeiro capítulo, a Capital Cearense. À medida que os elementos sofisticados e modernos chegavam, alguns fortalezenses se adiantavam para fazer uso delas; e, no que tange à filosofia do coquetismo, tomamos como exemplo a prática do flerte com partes das vestimentas como o leque, no caso das moças, e a bengala, para os rapazes. A linguagem desses sinais era publicada nos almanaques, e encontramos, circulando na cidade, o já mencionado Manual dos Namorados, ensinando aos interessados as maneiras de dialogar através dos sinais com esses artigos. Diante das colocações de Simmel acerca do coquetismo, acabamos, inevitavelmente ligando-a às práticas dos fortalezenses que faziam uso da linguagem de sinais.

O filósofo ainda afirma que as mulheres costumavam mostrar desinteresse para chamar a atenção dos homens, para que se sentissem, de certa forma, desafiados.²⁰² Talvez por isso encontramos, dentro da linguagem do leque algumas demonstrações de desprezo por

²⁰⁰ SIMMEL, Geroge. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 97.

²⁰¹ Ibidem. p. 95-96.

²⁰² Ibidem. p. 97.

parte da moça para com o rapaz. Tais como: “Não sinto amor por ti. Gesto de repulsa com o leque aberto”²⁰³ ou “Não quero saber de ti, estou amuada. Segurar nas mãos ás avessas o leque fechado”²⁰⁴ ou ainda “Deixa-me, que me enfadas. Bocejar atrás do leque aberto”²⁰⁵; “As tuas bajulações me aborrecem. Apoiar o queixo no leque desdobrado”²⁰⁶

Diante dessas sugestões de conversação através dos sinais, e de tantas outras que apontam para questionamentos de reciprocidade de sentimentos, demonstrações claras e afirmativas dos desejos que essas moças sentiam pelos rapazes; temos claras explicitações dessa lógica do coquetismo defendida por Simmel. Esse manual dos namorados, também chamado de Dicionário das Flores, Folhas e Fructas, circulou pela cidade de Fortaleza e por mais que não tenha sido toda a população que teve acesso a ele, o simples fato de ter uma tiragem sua, no início do século XX, isto é, um período tão crítico para as letras devido à dificuldade de publicações; simboliza que existia um público leitor.

Para além do público que tinha acesso direto à leitura desse manual, isto é, de uma parcela letrada e privilegiada; acreditamos que existiam também aqueles que estiveram à margem da sociedade, trabalhando e inter cruzando seus caminhos com a parte abastada da sociedade e que acabou tendo acesso ao visual dessa prática do coquetismo; gerando, quem sabe, a possibilidade de uma apropriação ou tradução da mesma.

Não podemos afirmar que os populares, aqueles que habitavam nos subúrbios descritos no primeiro capítulo, tinham o mesmo acesso à leitura que os filhos de uma elite; mas podemos supor que encontravam maneiras de recriar e reconfigurar uma linguagem de sinais própria. Quando nos deparamos com o teor das cartas trocadas pelo casal de amantes Leonízia e Joaquim, no ano de 1917, encontramos o jovem questionando a amada sobre os motivos pelos quais não aparecera na janela. Esperando que, como numa oportunidade passada, um passeio se repetisse. “Meu bem digas-me qual o motivo de hontem a noite não teres nem se que aparecido na janela? pois esperava que o passeio antecedente se reproduzisse! Mas qual! Tudo inutil.”²⁰⁷ E se, de repente, o simples fato de estar na janela funcionasse como uma linguagem para o casal? Isto, conforme acreditamos, está implícito; mas quem sabe não significava que seria seguido de um passeio? Isto é, do prolongamento de um momento de intimidade entre o casal?

²⁰³ Dicionário das flores, folhas e fructas. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma. Ed. 1924. p. 9.

²⁰⁴ Idem.

²⁰⁵ Ibidem. p. 11

²⁰⁶ Ibidem. p. 14.

²⁰⁷ Carta remetida por Joaquim à Leonízia. Anexada ao processo Criminal 1917/02. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará. No fundo Tribunal de Justiça, na série ações criminais, sub-séries de homicídios. Transcrição *ipsis litteris*.

Costuma-se pensar que o ato de se doar em nome dos sentimentos seja uma característica tipicamente feminina, principalmente por serem consideradas, na época, fisicamente mais capacitadas para as emoções que o homem; no entanto, é importante entendermos que, partindo dos vestígios que encontramos nos versos estampados no Almanaque e nas cartas e bilhetes destacados; e até mesmo nos casos de crimes enxergados como defesa de honra e que trazem em seus enredos homens que declaravam amar verdadeiramente suas esposas (caso de Francisco esposo de Leonízia); os homens amaram e se deixaram amar tanto quanto as mulheres.

Em alguns dos versos que trabalhamos percebemos homens falando que suas vidas dependiam do amor que sentiam por suas amadas; e outros afirmando que as amariam até mesmo depois de sua morte, como é o caso do poema *A partida* de Juvenal Galeno, romântico que se apaixonou por sua vizinha Maria do Carmo Cabral,²⁰⁸ com quem se casou e a quem o dedicou, na comemoração de seu aniversário, no Almanaque de 1918 os versos:

A' minha esposa, na festa do seu aniversario natalício.

“Quando eu me fôr d’esta terra
 “Irei nos ares voando,
 “Para que os matos não digam
 “Que já me viram chorando.

Quando eu me fôr d’esta terra,
 Finda a minha provação,
 Meu amor levarei todo...
 Meu vazio coração.

Irei nos ares voando,
 Triste só por te deixar,
 Em teu rosto vendo o pranto...
 Que não te esqueças do quanto
 No mundo te soube amar!

Para que os mattos não digam
 Que ouviram meu soluçar
 Não verão a minha imagem,
 Passando entre a ramagem,
 As folhas a balouçar.

Apenas dirão as flores
 Que já me viram chorando,
 Quando te amava na vida...
 Contudo, após a partida,
 Viverei inda te amando.

Neste mundo e no outro mundo,
 Por entre as nuvens vagando,
 Que diga o sol, diga a lua,

²⁰⁸ Disponível em <http://www.casadejuvenalgaleto.com.br/p/juvenal-galeto.html> acesso em 18/08/2016.

Que minh'alma é toda tua...
Que já me viram chorando.²⁰⁹

O poeta fala de um amor que, de certa forma era a essência da sua vida, que seu único sofrimento diante da morte seria deixá-la e vê-la chorando; mas pede que, mesmo depois de sua partida, sua amada não esqueça do quanto lhe dedicou amor. Diz ainda que levará consigo seu sentimento e que independente de ser nesta ou na outra vida continuaria amando-a. Juvenal Galeno, diante de um dos maiores medos do ser humano, o medo da morte, ainda continuava pensando na mulher a quem dedicara sua vida, com quem casara e constituiria família. Não se trata mais, de conquista, ele não precisava mais cortejar sua esposa; no entanto escolheu palavras marcantes para lhe falar de amor. Não podemos deixar, no entanto, de levar em consideração sua liberdade poética, sua postura romântica e sua intenção de emocionar não só a destinatária do poema, como qualquer outro que viesse a ler seu escrito; trataremos melhor acerca dessas intenções de escrita no próximo tópico.

Como vimos discutindo desde o início deste capítulo, é importante entendermos que o amor é uma construção histórica e como tal reflete uma época. Não só as percepções e definições, mas também as maneiras como eram vivenciadas. Diante das transformações pelas quais a cidade de Fortaleza passou e sobre as quais nos detivemos no capítulo anterior; convém-nos elencar a relação entre amor, capitalismo e civilização; entendendo, novamente, que quando nos referimos ao amor consideramos parte do seu conjunto os demais sentimentos descritos até aqui e sobre os quais nos deteremos melhor no último tópico deste capítulo.

O amor ocidental tem um determinado padrão que se torna atraente por tentar combinar atração sexual, procriação e família em um mesmo relacionamento: a partir do casamento.²¹⁰ Isso tem a ver com os ideais de família promovidos pela concepção do amor romântico.

Segundo Anthony Giddens, existiam dois tipos de amor, embora entendamos que trata-se de um sentimento complexo e abstrato demais para ser definido entre dois termos, achamos relevante analisarmos a postura do sociólogo, especialmente porque atua como reflexo de uma época e sociedade. Trata-se do amor romântico e do amor apaixonado.

O amor romântico se intensifica no final do século XVIII, no ápice da proposta de civilidade européia e que configurou, na transição do século XIX para o XX, a esfera

²⁰⁹ Almanaque do Ceará, 1918. p. 239.

²¹⁰ DE MENEZES, Maria Célia. O mito do amor romântico. **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 17, n. 5/6, p. 539-572, mai/jun. 2007. p. 560

sociocultural brasileira. Esse sentimento apresenta o amor como algo sublime prevalecendo sobre o desejo sexual; o amor acabava rompendo com a sexualidade.²¹¹

No que tange ao amor apaixonado, trata-se do responsável pelas perturbações pessoais, ele seria capaz de extrair o indivíduo de suas atividades tornando-o propenso a atitudes radicais; neste caso se tornava libertador e por isso acabava gerando uma quebra de rotina, definitivamente, esse tipo de sentimento não configurava a existência das instituições, inclusive a família.²¹²

Tomando por base o que Freud disse sobre os caminhos para a civilização estarem no controle dos desejos e no adiamento de sua satisfação;²¹³ percebemos que o aperfeiçoamento e comedimento dos comportamentos propostos pelos ideais civilizatórios, no que tange às sensibilidades, se enquadram perfeitamente nos padrões implícitos na concepção de amor romântico; que por não ferir os padrões institucionais, acabava por promover a família e, consequentemente a civilidade.

O amor como base para o casamento é uma característica das sociedades modernas²¹⁴; é algo contemporâneo à ascensão do que se entende por civilização modernizada e ao movimento romântico na literatura e nas artes. Com as rápidas transformações inerentes ao crescimento urbano e à industrialização houve uma espécie de impessoalização gerada pelas relações capitalistas; o que fez surgir a necessidade de novas formas de sentir.²¹⁵

A primeira das transformações que a sociedade sofreu foi a criação de um sistema matrimonial fundamentado no individualismo extremado. O amor, nesse sentido, pode ser visto como uma compensação para a solidão e o isolamento de uma sociedade que estaria perdendo os velhos traços comunitários.²¹⁶ Claro que não acreditamos que isso se aplique de maneira uniforme à então diversa sociedade fortalezense; especialmente porque, quando nos debruçamos sobre os processos criminais observamos que muitos desses sujeitos, réus ou vítimas, viviam em quintais coletivos, o que nos remete a uma vivência comum; e isso não descarta a intimidade e a privacidade sensível deles. O que notamos, especialmente nesses indivíduos, é que se inventavam e reinventavam para viver seus sentimentos e individualidades.

²¹¹ GIDDENS, Anthony. **As transformações da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993. p. 50-51.

²¹² Ibidem. p. 48-50

²¹³ GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**: A educação dos Sentidos. São Paulo: Companhia das letras, 1988. p. 18.

²¹⁴ MACFARLANE, Alan. **A cultura capitalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 158.

²¹⁵ Ibidem. p. 161.

²¹⁶ Idem.

Ainda existe a possibilidade da ideologia do amor romântico não passar de uma consequência da individualização que o capitalismo gerava; como evidência para tal hipótese consiste no momento em que uma pessoa acabava colocando o ser amado acima da comunidade e até mesmo da família. Isso, conforme supomos, se deu como consequência do capitalismo por se tratar de um sistema de vida econômico e social que substituiu a coletividade pelo individualismo.²¹⁷

Nesse sentido, acreditamos que o amor romântico é, ao mesmo tempo, promovido pelo capitalismo, por conta de sua concepção de individualização e posse, e promovedor dele; quando gera uma espécie de amenização das dificuldades e dos dissabores gerados pela rapidez dessas transformações.

É importante levarmos em consideração que nem todos os sujeitos encararam o processo de civilização de maneira positiva e de braços abertos; alguns possuíam práticas cotidianas que batiam de frente, diretamente, com a polidez e o comedimento que veio atrelado à modernidade. Isso se dá ao fato de esses indivíduos virem de uma tradição cultural tão à margem da sociedade quanto eles; estamos nos referindo aos sujeitos considerados populares; que tiveram seus nomes lançados nos bancos dos réus, ou das vítimas que tiveram seus corpos, vivos ou mortos, analisados pelos peritos especialistas da época.

Freud acreditava que o nosso passado psíquico não fica para traz, somos, de certa forma, um produto do que foi conservado e apreendido; para ele isso é muito mais uma regra do que uma exceção.²¹⁸ Um sujeito é a soma de tudo o que ele vivenciou durante todo seu processo de formação social e culturalmente falando; sendo impossível crescer em meio às pessoas que muitas vezes tinham costumes e práticas próprias e não adotá-las para si.

Não podemos é claro, acreditar que os crimes aconteciam apenas por entre as camadas menos privilegiadas, econômica e intelectualmente, afinal seres humanos estão, a todo momento, sujeitos a agir por impulso e, no calor do momento, romper com esses padrões socialmente apresentados. Vejamos o exemplo do jornalista e escritor Euclides da Cunha que, ao saber do caso amoroso entre sua mulher e Dilermando, tentara defender sua honra numa luta da qual saíra vitimado fatalmente.

O crime, o amor, o ciúme e a defesa da honra não eram práticas apenas da parcela mais pobre das cidades; no entanto, essas pessoas, possuíam o costume de andar armadas; com facas ou revólveres. Na maioria dos casos que elencamos para a presente pesquisa, seja

²¹⁷ Ibidem. p. 162-163.

²¹⁸ FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras, 2011. p. 15

de ferimentos ou homicídios; os participantes tinham à sua disposição algum tipo de armamento e não hesitaram em usá-lo.

Quando tocamos no quesito crime, precisamos deixar claro que nem sempre estava atrelado ao ciúme; mas sim à ideia de honra perdida, ferida e que precisava ser reparada; como vimos no primeiro capítulo, isso acontecia através do derramamento de sangue. Não existia no código penal o crime contra a honra a não ser por injúria e difamação; a *honoris causa* aparecia como atenuante nos casos de crimes passionais e, na maioria das vezes, eram mencionados por conta das discussões empreendidas pelos juristas da época e não do Código Penal propriamente dito. Ambos, crime e ciúmes, têm a ver com a ideia de posse; e como vimos falando isso está ligado à individualização e posse que a proposta capitalista desperta nos indivíduos.

Peter Gay fala que a agressão vai muito além do ódio, tem a ver com o instinto dominador e a necessidade de controlar seu ambiente; isso geralmente está presente nos homens; e costumam fazer isso por meio de tecnologias, política, economia e até mesmo exercendo seu papel social de marido e provedor.²¹⁹

O amor possui suas próprias contradições, ao mesmo tempo em que fala de submissão, discorre sobre a posse; generosidade e egoísmo; gratidão e desrespeito, no caso do último, acontece, muitas vezes, como fruto de uma necessidade violenta.²²⁰

As sensibilidades são, como já falamos, um conjunto de sentimentos, isto é, um misto das emoções humanas; um leque que as apresenta ligadas e misturadas compondo uma esfera sensível sobre a qual podemos apenas pincelar; especialmente porque não podemos nos teletransportar para o passado com a finalidade de observar como essa complexidade, de fato acontecia. Podemos apenas traçar narrativas a partir dos vestígios narrados por pessoas que amaram e falaram de amor.

Aproveitando esse gancho da submissão que o amor trazia consigo, podemos dizer que isso está ligado ao amor próprio e ao amor a outrem; trata-se de dois lados da mesma moeda; um sujeito só poderia amar alguém se este lhe inspirasse uma sensação de ter encontrado seu lugar, seu lar no mundo.²²¹

O ciúme, para os românticos que se identificavam com o amor cortês, era considerado um ataque; para o pretendente, era admirável por refletir a devoção à dama; mas

²¹⁹ GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo: Companhia das letras, 1988. p. 16

²²⁰ MAY, Simon. **Amor: uma história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 20.

²²¹ Op. Cit. p. 22-25.

para o marido, era grosseiro por refletir exatamente a possessividade.²²² Embora essas percepções tenham sido transformadas para a modernidade, nos apresentam uma das raízes do amor como posse. Nunca é apenas “amada”, mas sim, “minha amada” ou “adorado anjo”, mas “meu adorado anjo”; as escritas de amor refletem a ideia de pertencimento, posse, de uma pessoa pela outra. Isso, conforme acreditamos, se intensificava na mesma proporção em que o sistema capitalista fixava suas raízes na sociedade.

Não podemos dizer que as emoções estavam pairando sobre a sociedade de Fortaleza; elas estavam entranhadas em tudo, em cada sentido e significado, em cada gesto e pensamento; em cada obra construída, em cada intencionalidade, enfim, absolutamente tudo que é feito ou inspirado pelo homem, acontece a partir e por meio das ideias e emoções.

É interessante refletirmos em cima do que Freud dizia se tratar da felicidade e da necessidade de alcançá-la, presentes em todos os sujeitos; segundo ele, se tratava da satisfação de todas as necessidades, da ausência da dor e do sofrimento, da satisfação dos prazeres, de uma maneira tentadora de seguir com a vida. Isso não quer dizer que se colocaria a satisfação à frente da cautela.²²³ A realização dos impulsos e desejos era muito maior do que abrir mão deles pelo polimento; a experimentação do amor através do sexo, por exemplo, apresentou ao ser humano uma opção avassaladora de prazer.²²⁴

Diante do exposto constatamos que os padrões de polimento e comedimento apresentados pela civilidade eram sedutores, conquistavam e convenciam através de discursos e práticas de agentes civilizadores tais como a escola e até mesmo a família. A partir desse processo, os indivíduos despertariam para o desejo de fazer parte disso; no entanto, sua formação sociocultural bem como as características do meio onde viviam interferiam diretamente na maneira como escolhiam vivenciar seus amores. E era bem comum, especialmente quando olhamos para os sujeitos que compunham os enredos dos processos criminais, não abrir mão da satisfação dos seus desejos e prazeres em nome de uma, aparentemente bela, civilidade.

Por isso, dizemos que existiram, no Ceará, indivíduos que vivenciaram os amores idealizados, como é o caso do casal sobralense Alarico e Cândida; e, em contraposição, muitos outros, até então anônimos, que se entregaram aos seus desejos, viveram intensamente e, em alguns casos, até morreram para praticar seus amores. Enquanto para os estudiosos existiam vários tipos de amor; para os amantes existia apenas um; se para os primeiros o amor

²²² Ibidem. p. 169.

²²³ FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização**. São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2011. P. 19-20.

²²⁴ Ibidem. p. 23,27.

que cede aos desejos é apaixonado, para os últimos poderia se tratar de um amor equiparado ao que os anjos dedicam a Deus.

O amor é várias coisas e uma só, depende de pra quem vamos perguntar; mas uma coisa é certa; historicamente falando, ele é o produto do que as sociedades foram e vivenciaram e do que ainda acontecerá.

Na transição do século XIX para o XX foi publicado uma espécie de dicionário para os namorados; encontramos evidências de que circulou pela cidade de Fortaleza, através da livraria O Araújo, e esteve à disposição dos jovens amantes; tal dicionário, também chamado de manual, apresentava o que ele chama de “*Quadro synoptico das diversas especies de amor*”, elencando seis tipos de amor.

Achamos interessante analisar esses tipos de amor, pois eram a eles que pelo menos alguns fortalezenses tiveram acesso. Sendo eles: *amor sympathico*, *amor sensual*, *amor romanesco*, *amor por amor-proprio*, *uma simples inclinação*, *um gosto* e o *amor platonico*.

O *amor sympathico* se tratava de um amor súbito, não causado pelos sentidos; segundo o dicionário, é mais nobre porque nasce do coração. Se origina de um olhar, da fala do coração, através dos gestos. É o tipo de amor que, conforme acreditavam, se fortalece com o tempo. Não poderia ser destruído pela posição social por ter a capacidade de prevalecer sobre as origens e linhagens fazendo, por exemplo, com que uma rainha se apaixonasse por um simples pastor. Ainda ao retratá-lo, o autor do quadro sugere o que poderia ser acrescentado em uma carta; segundo ele, poderiam ser feitas confissões e cartas cheias de naturalidade. Afirma ainda que a pessoa em quem se enxergava a felicidade, se fosse um homem de bem, faria tudo pela felicidade do ser amado.

O fato de aparecer uma referência ao sexo masculino “homem honrado” mostra que, conforme acreditamos, de maneira geral, esse tipo de publicação tinha como público alvo as moças. Embora não queira dizer que não se tratava de uma sugestão aos homens para agirem de forma honrada a atender às demandas femininas.²²⁵

O *amor Sensual* teria sua origem num desejo puramente material, e segundo o autor, não poderia nem ser chamado assim por ter a possibilidade de ser extinto logo após a saciedade de um desejo. Ele usa a expressão “de um grosseiro apetite” para descrevê-lo; e conclui pontuando que ele tem raízes na posse do objeto amado.²²⁶

²²⁵ Dicionario das flores, folhas e fructas. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma. Ed. 1924. p. 74.

²²⁶ Ibidem. p. 75.

Em todas as descrições amorosas elencadas nesse quadro, o autor sugere temas ou maneiras para escrever cartas; nesse amor sensual não. Porque, conforme supomos, trata-se de um amor contraindicado, isto é, nada conveniente. Especialmente diante do trecho final, quando faz suas considerações:

Ai do homem que, tendo embrutecido seu coração e sua imaginação, coloca os maiores prazeres da vida entre os seus gozos physicos; priva-se da suprema felicidade que o céu nos reservou, isto é, do amor fundado sobre a virtude e legitimado pela religião.²²⁷

É muito interessante percebermos essa alusão ao amor legitimado pela religião, isso comprova o que discutimos no primeiro capítulo quando falamos da relação existente entre Estado e Igreja na função de controlar os corpos e pulsões dos indivíduos; isso se espalhava através da dimensão do sensível e nos discursos amorosos que, se não eram produzidos localmente, pelo menos tinha permissão para circular.

O amor romanesco seria fruto da excessiva leitura de romances, da exaltação da imaginação, de uma tendência dos indivíduos pelo maravilhoso; podendo vir também do que ele chama de disposições histéricas ou do excesso de solidão.

Ele diz que já que saiu de emoções fantasiosas, acaba chegando a um fim; o que faz despertar o sujeito para um novo sonho. Diz ainda que, se o leitor desejasse felicidade doméstica não deveria escolher uma mulher romanesca porque essas ilusões a tornariam insuportável. Para o autor, isso só deveria ser aceitável dentro do romantismo, o que talvez nos remeta a uma crítica aos devaneios românticos.

Sugeria que nas cartas, o sujeito fizesse uso de metáforas, frases abstratas e até mesmo uma espécie de devaneio ou delírios nas expressões. Diz ainda que, se o sujeito pegasse em uma harpa e cantasse uma canção seria bem sucedido na arte da conquista.²²⁸

Amor por amor-proprio, seria aquele que nasce do orgulho, da vaidade e do amor-próprio. “seu poder é bem fragil; seu calor é como o do phosphoro, não se alimenta nos fôcos do coração, e é por isso que morre perante a menor tentativa.”²²⁹ Como a estima, isto é, o bem querer é a principal coluna do amor, este não poderia resistir muito tempo, já que era baseado no amor que bastava a si mesmo.

Quando sugere as cartas que poderiam ser escritas, o autor indica que o indivíduo gabasse o talento e o espírito da amante; que lhe cercasse de “uma nuvem de falso incenso”

²²⁷ Idem.

²²⁸ Dicionario das flores, folhas e fructas. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma. Ed. 1924. p. 75-76.

²²⁹ Ibidem. p. 76.

porque ela iria acreditar nele de qualquer maneira; que iria acolher o amor-próprio do outro de qualquer jeito. Mas aconselha: “não acrediteis em sua constância; amor por amor-próprio é um culto que quer vosso louco e orgulhoso ídolo, sem lhe importar qual é o escravo que lh’o rende.”²³⁰

Uma simples inclinação seria uma espécie de gaguejar infantil da simpatia; ele pode crescer e se desenvolver. É de longa duração, por isso leva tanto tempo para evoluir. É preferível comparado à paixão; porque pode crescer, enquanto a outra pode morrer por causa do excesso. Quando vai sugerir os tipos de carta a serem escritas, aconselha a cautela nas expressões; não devendo ser utilizado nada estrondoso porque se trataria de um fruto que amadureceria e cairia por si.²³¹

Um gosto seria reflexo de um capricho; segundo o dicionário poderia nascer e ser destruído do nada; nem mesmo quem sente conseguiria defini-lo. Tanto seria fácil aniquilá-lo quanto transformá-lo em amor. Aconselha, ainda, que o indivíduo que o possuísse, analisasse o que valeria a pena e então optasse por continuar a ponto de aumentá-lo ou reduzi-lo até destruí-lo. Como sugestão de cartas, não se aprofunda, faz apenas um apontamento indicando o cuidado ao tentar descrevê-lo.²³²

E por último, *o amor platônico* que surgia nos desvairios da razão, como não nascia de maneira natural, poderia rapidamente se desfazer; somente a loucura e os excessos poderiam sustentá-lo. Na sugestão de cartas aponta para a preferência da utilização do requinte e refinado sentimento.²³³

Embora não nos seja possível obter informações mais detalhadas acerca da tiragem, venda e consumo do referido manual, podemos apontar para a relevância de sua circulação entre os fortalezenses. Se estava sendo divulgado e vendido é porque havia um público a ser alcançado. Para além disso, encontramos evidências de uma parte dele publicada na parte literária do Almanaque do Ceará do ano de 1914.

Diante do exposto, convém-nos questionar a importância de debater os tipos amorosos; apresentando aos apaixonados definições para suas emoções e sugestões de como se portar. As emoções eram tão dinâmicas na sociedade quanto a circulação de pessoas e mercadorias, mas os silêncios que carregavam consigo despertavam medos; fosse de perder a oportunidade de amar ou a de perder a vida inteira por um momento de entrega.

²³⁰ Ibidem. p. 77.

²³¹ Idem.

²³² Ibidem. p. 78.

²³³ Ibidem. p. 78-79.

A partir do que foi visto e analisado até aqui, acerca das definições do amor, achamos por oportuno pausarmos para compreender e analisar as percepções dos indivíduos elencados aqui como sujeitos históricos que tinham a necessidade de definir suas emoções além de vivenciá-las; para isso faziam uso das páginas literárias dos almanaques e até mesmo de pedacinhos de papéis onde escreviam bilhetes por meio dos quais descreviam seus sentimentos e marcavam encontros com a finalidade de desfrutar da presença do ser amado.

3.2. POR UMA ESCRITA DE SI: OS FORTALEZENSES E SUA NECESSIDADE DE DEFINIR EMOÇÕES.

De acordo com o que vimos discutindo conseguimos perceber que, ao longo da história, não só os sujeitos amaram e foram amados, como também escreveram e tentaram definir esse sentimento. Acreditamos que isso tenha se dado pelo fato de se tratar de um sentimento complexo demais para ser entendido; e não podemos esquecer, claro, que as emoções regeram muitos sujeitos durante tomadas de decisões.

Às vezes, a escrita era a maneira como esses indivíduos tentavam traduzir seus sentimentos, colocá-los em palavras com a intenção de que o destinatário não só dos escritos, mas também do seu amor, conseguisse entender e até mesmo aceita-los.

Acreditamos que, de maneira geral, o amor despertasse nos indivíduos uma necessidade de ter seu lugar no mundo, de ser algo significativo para alguém; e isso, quando vinha acometido pelo silêncio do ser amado, gerava o medo de não ser correspondido ou de ser desprezado; neste ponto elencamos o sofrimento que o amor pode gerar trazendo consigo um leve aroma de nostalgia. Os sentimentos que mais motivavam a escrita acerca das emoções na transição do século XIX para o XX eram estes: saudades, sofrimento e amor; sendo que os dois primeiros apareceriam, na maioria das vezes, ligados ao último. O interessante quando nos debruçamos sobre esses escritos é que deixam transparecer que o remédio para a dor de amor, era amar ainda mais.

Estamos falando de uma escrita que, de certa forma, representa a intimidade e a vida privada de alguns sujeitos; mas que nem por isso deixam de refletir a esfera pública; afinal é neste espaço, nessa construção sociocultural que se davam as escritas de si.²³⁴

Falar sobre uma escrita de si é discorrer acerca da importância não de uma verdade universal, mas dos acontecimentos e das emoções sob a ótica dos autores que fizeram

²³⁴ GOMES, Angela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 9.

suas escolhas no que tange às maneiras de expressão. Trata-se da produção de um “eu” que fala a “sua verdade”.²³⁵

Não podemos descartar, portanto, as motivações desses indivíduos, quem eram e o que representavam para a sociedade, de quem se tratava o destinatário, o próprio teor da escrita revelava muito sobre quem escrevia; nos casos dos literatos, por exemplo, sua corrente literária bem como as agremiações das quais faziam parte eram refletidas nos seus escritos. Para além disso, ainda existia a possibilidade de alguns desses “escritores de si” terem a noção da importância de seus escritos para a posteridade e isso acaba gerando inquietações acerca da intencionalidade dos mesmos.

Na cidade de Fortaleza vamos perceber a presença de pessoas que encontraram tempo, disposição e o desejo de falar de seus sentimentos por meio de escritos. Partiremos agora em uma viagem por entre as emoções desses sujeitos que, ao mesmo tempo em que buscavam definir seus sentimentos estavam praticando-os; isso porque entendemos como práticas de amar as maneiras pelas quais homens e mulheres escolhiam demonstrar seus sentimentos; e ao demonstrá-los já estavam vivenciando-os.

Para além do papel, que nos apresenta os escritos de si de alguns, acreditamos ser possível apreender as percepções acerca dos sentimentos e até mesmo as definições de emoções através dos autos processuais, que envolviam homens e mulheres que amaram e o fizeram de maneira tão intensa a ultrapassar os limites social e legalmente estabelecidos. Através dos seus depoimentos dispostos, mesmo que em terceira pessoa e contendo alguns juízos de valores de quem os escrevia, conseguimos perceber o que era amar, ser correspondido ou não; ser a escolha de alguém ou aquele que foi trocado/rejeitado.

Em alguns dos versos postulados por meio da parte literária do Almanaque do Ceará, encontramos pessoas que mandavam suas percepções e entendimentos sobre as emoções; uns tentavam realmente definir o amor e existia uma variação nas percepções; Barão de Studart, por exemplo, falou, como já vimos no primeiro capítulo, de um amor Cristão como sendo o padrão de amor; já na edição de 1897, encontramos a diferenciação entre idéia e amor feita por um sujeito que assinou como A. Nog. Viçosa. Infelizmente, não conseguimos descobrir de quem se tratava; mas podemos perceber que houve uma tentativa de entender e explicitar o que esse sentimento representava, vejamos seus escritos:

A observação me tem feito comparar a humanidade ao oceano.

²³⁵ Ibidem. p. 14-15.

O coração é uma concha, o cerebro é uma vaga; o amor é a perola dessa concha, a Idéa é a força dessa vaga.
 O amor nascendo do coração como a perola da concha; a Idéa rebentando do cerebro como a força da onda têm produzido as maiores revoluções no seio da humanidade.
 O amor fez o christianismo: a Idea a revolução francesa.
 O amor teve o Calvario para resuscitar mais bello entre as estrellas do céu; a Idéa teve o cadafalso para reaparecer mais lucida entre as constellações da historia.²³⁶

O autor ou autora tenta fazer basicamente uma diferenciação entre amor e razão. Para isso decidiu comparar a humanidade ao oceano; nesse contexto o amor seria o mais belo e precioso resultado que ele poderia gerar: a pérola; e a idéia acabaria sendo a parte que pode ser avassaladora, como a onda do mar.

O que podemos perceber, de certa forma é que, para ele/ela, o referencial de amor seria o sacrifício de Cristo e o de revolução seria a francesa; que, de uma forma ou de outra, foi uma das inspirações para a república brasileira e que transformou completamente o estilo de vida da população, poucos anos antes da publicação de tal poema.

Outro sujeito que se empenhou em falar sobre amor, e sobre este conseguimos algumas informações, foi Mário Rômulo Linhares; um dos intelectuais mais completos de Fortaleza; atuou como poeta, genealogista, consultor literário e historiador da literatura. Utilizou-se de muitos pseudônimos até adotar o nome Mário Linhares; por este motivo encontramos várias publicações suas no Almanaque ora assinando com o primeiro nome, ora com o segundo.²³⁷

Na edição para o ano de 1909, o poeta apresentou uma definição de amor configurado por uma essência sofrida; embora em nenhum momento vejamos, em seu escrito, dizer que não valeria à pena sofrer por amor; ou que se tratava de algo abominável. Na verdade, a poética do sofrimento amoroso transliterado por Mário Linhares é belíssima e intensa, vejamos o soneto ao qual nos referimos:

O amôr é sempre o eterno atlantico agitado.
 Em perpetuo furôr, bravio se encapella²³⁸,
 E o nosso coração é o afouto barco ousado,
 Sulcando os vagalhões²³⁹, affrontando a procella²⁴⁰.

²³⁶ O amor e a Idea. Almanaque do Ceará, 1897. p. 159.

²³⁷ Disponível em http://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/revistas/1959/ACL_1959_23_Plebeius_in_Curia_Raimundo_Girao.pdf acesso em 09/08/2016.

²³⁸ Encapellar: levantar a onda, e fazella dobrar sobre si. PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da lingua brasileira.** Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/02254100#page/1/mode/1up> acesso em 26/12/2016.

²³⁹ Onda grande. Disponível em <http://www.dicio.com.br/vagalhao/> acesso em 20/08/2016.

E o palinúro²⁴¹ audaz, calmo singrando²⁴² aquella
 Enorme vastidão de um mar convulsionado,
 Sem norte fita o céu: nem uma só estrellla
 Vê que pontilha, ao longe, o porto desejado.

E se o barco, sossobra²⁴³, o naufrago perdido
 Morre afogando o som do seu proprio gemido,
 Entre a fúria brutal das ondas se batendo.

E' sempre assim o amôr, - horrendo cataclysmo²⁴⁴ –
 E só conseguem vêr o fundo desse abysmo,
 Os que vivem amando, os que vivem soffrendo!²⁴⁵

Para o poeta, o amor é como o mar, o amante um navegante e o coração é o barco ousado e afoito por onde o amante/navegante enfrenta as grandes ondas e a tormenta desse mar de sentimento. Ele fala que o piloto/guia vai, audacioso e calmo, velejando na enorme vastidão desse mar do amor que é tão agitado e complexo.

Parece-nos que o barco (coração) se deixa levar pela intensidade do mar (amor) e o navegante (amante) vai, serenamente, enfrentado-o independente de se perder ou se achar; a intenção era desembarcar ou pelo menos avistar de longe o porto desejado; aqui acreditamos estar se referindo à pessoa amada.

No penúltimo verso o poeta cogita a hipótese do amante/navegante naufragar e se perder; e se isso acontecesse, ele teria que morrer silenciando sua dor por entre os sons da fúria brutal das ondas do mar do amor se batendo.

No último verso conclui fazendo uma comparação do amor a uma catástrofe ambiental e que somente aqueles que vivem no fundo do abismo, isto é amando e sofrendo, conseguem entender isso.

Para além do significado do soneto; Mario Linhares era conhecido como uma alma lírica que variava entre escritos românticos, bem simples, sem a sequência de padrões

²⁴⁰ Procella: Tempestade. PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionario da lingua brasileira**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/02254100#page/1/mode/1up> acesso em 26/12/2016.

²⁴¹ Palinuro: toma-se por piloto (entre poetas). PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionario da lingua brasileira**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/02254100#page/1/mode/1up> acesso em 26/12/2016.

²⁴² Singrar: navegar, velejar. PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionario da lingua brasileira**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/02254100#page/1/mode/1up> acesso em 26/12/2016.

²⁴³ Naufrágio, perigo, sinistro.

²⁴⁴ Cataclysmo: diluvio. PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionario da lingua brasileira**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/02254100#page/1/mode/1up> acesso em 26/12/2016.

²⁴⁵ O amor. Almanaque do Ceará, 1909. P. 170.

estéticos; e às vezes seguindo os padrões de versos; como o soneto acima apresentado.²⁴⁶ Esta não foi a primeira vez que ele falou sobre amor; na edição de 25 de março de 1907 da *Fortaleza revista litteraria, philosophica, scientifica e comercial* encontramos mais um soneto do poeta intitulado *Amor* no qual tenta definir o sentimento; agora de maneira mais leve:

Amôr
 Por mais que pulse a lira allucinadamente,
 Na ardente convulsão de uma alma arrebatada,
 Menos te deixo flôr, esplendida e nitente,
 Toda a augusta afeição por nós tão consagrada.

A cada percursão da rima doirada,
 Menos ouço te explime o que minh'alma sente,
 Cada nota que sae da pobre lira amada,
 Torna-se cada vez incoercível, silente.

Embalde fascinado eu o eólico instrumento
 Empunho e tango em febre em melodioso accento,
 Buscando em vão cantar a nossa idolatria!...

E' que, quando em nossa alma o amor vive florindo,
 Só os anjos do céu as citharas ferindo,
 Conseguem defini-lo ao som de uma harmonia.²⁴⁷

O poeta fala sobre a dificuldade de falar de seus sentimentos; na primeira estrofe afirma que, quanto mais tentava falar de amor para aquela que lhe inspirou, menos conseguia transparecer o tamanho da afeição que lhes havia sido consagrada. Quanto mais se esforçava para fazer a lira falar sobre seu amor menos conseguia se fazer entender acerca do que sua alma estava sentindo; e à medida em que falava de amor, mais absurdo e impossível se tornava silenciar essa expressão.

Percebemos ainda a presença do termo, *idolatria*, muito comum aos escritos românticos que costumavam enaltecer o ser amado e torná-lo uma espécie de tótem a ser adorado. E finaliza por nos apresentar mais um dos elementos característicos do amor romântico na época, atribuindo somente aos anjos do céu a capacidade de definir esse amor. Mário Linhares, na última estrofe admite a dificuldade que é definir esse sentimento; que somente um ser sobrenatural conseguiria fazê-lo.

Neste soneto, percebemos uma leveza maior se o compararmos ao amor descrito por ele como uma tormenta; e mesmo que não demonstre o sofrimento embutido a ele, como

²⁴⁶ DE AZEVEDO, Otacídio. **Fortaleza descalça**. Fortaleza: SECULT/CE, 2010. p. 250.

²⁴⁷ Amôr. A Fortaleza Revista litteraria, philosophica, scientifica e comercial. 25 de março de 1907. p. 3.

no primeiro, conseguimos encontrar certa angústia ao falar sobre um sentimento que ele jamais conseguiria expressar; mas apenas sentir.

Elementos semelhantes aos descritos na tentativa do poeta, podem ser percebidos nos escritos de uma mulher que trabalhava com serviços domésticos, casada e com uma filha; mas que fora acometida pelo mal do amor o que levou-a a romper com os padrões da época, passar por cima da instituição familiar e experimentá-lo de maneira intensa. Estamos nos referindo à Leonizia Cavalcante de Albuquerque, 20 anos, residente à Rua Guageru que era casada com o 3º Sargento do Regimento Militar Francisco Alves de Albuquerque, 26 anos; e que se enamorou pelo negociante Joaquim Tavares Baptista, 21 anos e que residia próximo ao casal.

Leonizia, como já vimos no primeiro capítulo, trocou cartas com o amante nas quais ambos tentavam descrever o que sentiam. Passemos agora à leitura dessas cartas que nos apresentam a carga sensível de indivíduos que estavam praticando um amor tido como “ilícito”, mas que era intenso o bastante para pausarem numa tentativa angustiada de falar de amor e de questionar os sentimentos um do outro; a mulher, enviara ao amante uma carta e um bilhete, em ambos ela tenta definir suas emoções:

Prezado Quincas
Saudações

Ao romper da aurora, com o coração cheio de saudades por completo. E que pego na rude penna para satisfazer o meu desejo, a muito aumejado, a muitos dias tenho tido vontade de te escrever, mais mutivos alheio me tem privado deste prazer, mais hoje como estou com bastante saudades de ti, enterrompo o scilencio a tanto tempo guardado. Não imaginas o quanto ti amo, o quanto ti adoro pois em ti é onde existe toda belêza tôda simpatya se fosce pocivel não deixaria de verte um só instante. o teu olhar analisa, Prende, captiva, seduz tem a ducura da briza, Phosphorecencias da luz desprende raios dourados, que prende pobres coitada, todas que te uzesins fitar, não seio como podes ter tanta beleza no olhar.!

Avizo-te que o meu marido a manha esta de cerviço, se puderes e quizeres vir aqui, privino-te, que só nas horas mortas da noite para não sermos visto pela visinhança, para não despertar os curiosos. Aqui findo porque não tenho ellementos para escrever o que meu coração péde só com nossa vista direi o que [sin]to.

Peço-te que desculpe os erros e os borroes porque foi escripto com o marido dormindo no quarto e eu na salla, com a maior preça findo, Meu benzinho. Inda digo-te adoro-te quero-te beijo-te stimo-te

Acceita muitas sauda e lembranças da Desprezada
E sempre tua admiradora

Aizinoel

Não te esqueças de mim
Resposta²⁴⁸

²⁴⁸ Carta anexada ao processo 1917/02. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará.

As cartas de amor acabavam atuando como vestígios que trazem o confronto entre memória e esquecimento. Elas acabam guardando acontecimentos que foram narrados e que sobreviveram à passagem do tempo.²⁴⁹ Neste caso, em especial, temos acesso às percepções do amor para uma mulher que viveu nos subúrbios de Fortaleza, na transição do Século XIX para o XX e que vivenciou um amor que para alguns teóricos poderia ser o apaixonado ou sensual; mas que para ela era o amor equiparado ao que os anjos dedicavam a Deus.

No trecho transcrito percebemos o cuidado de Leonizia em falar sobre saudades; e ao analisar os autos do processo, percebemos que moravam na mesma rua; provavelmente, se parasse para observar a rua, se depararia com Joaquim; acreditamos, portanto, que o fato de falar em saudade para alguém que estava amando era uma constante, especialmente por acreditar na necessidade que tinham de estar na presença um do outro. É impossível amar sem sentir saudade do ser amado e sem sofrer com isso.

Outra coisa que podemos destacar na carta de Leonizia consiste no prazer que ela demonstra ao pausar para dedicar um tempo de escrita para o amado; isso fica claro quando fala do quanto desejou pegar na pena e escrever-lhe sobre seus sentimentos; diz que fazia tempo que tinha vontade de escrever, mas motivos que não condiziam com sua relação não permitiam, quem sabe a presença do marido tenha sido esse empecilho. O interessante é que a jovem senhora afirmou que não conseguiria mais manter o silêncio por conta das saudades que eram grandes; aqui vemos ela, mais uma vez, fundida ao amor e sendo a motivadora do desejo da escrita.

No caso das cartas de amor, é preciso entender que as palavras são as responsáveis por dar conta do estado da alma, das manifestações sensíveis dos indivíduos; através delas vemos as sensibilidades se materializarem e se tornarem palpáveis, revisitáveis e revividas. As correspondências privadas acabavam por revelar a intensidade dos sentimentos, fossem bons ou ruins; alegres ou tristes.²⁵⁰

Após falar sobre a necessidade insuportável de escrever-lhe sobre o amor; dedica a Joaquim uma série de elogios, percorrendo acerca da beleza e da simpatia do rapaz deixando transparecer que estas são as justificativas para seu amor e adoração; a intensidade da carga sensível dos escritos é tão forte que ela afirma que, se fosse possível, jamais deixaria de vê-lo um instante sequer.

²⁴⁹ TOMASINI, Maristela Bleggi. **Memória social em cartas de amor**: sensibilidades e sociabilidades na Porta Alegre na década de 1920. Canoas: UNILASSALE, 2012. p. 55.

²⁵⁰ Op. Cit. 2012. p. 56

Quando falamos de uma escrita de si, devemos levar em consideração as intenções do escritor; Leonizia podia de fato sentir tudo o que descreveu e um pouco mais; mas a escolha das palavras e a entoação que ela lhes confere demonstra a sua pretensão de convencer o amante dos seus sentimentos e fazê-lo da melhor e mais bela maneira possível.

Estamos nos referindo a uma mulher cujo o grau de instrução não era tão elevado, cujas atribuições eram de cunho doméstico e sobre a qual não temos informações suficientes para dizer que fora alcançada pelas publicações literárias, fosse de almanaques ou até mesmo romances; mas que se posicionava muito bem e de forma poética diante do que sentia pelo amante o que pode estar atrelado ao imaginário romântico de uma época em que, mesmo quem não tinha acesso aos escritos, poderia ouvir vez por outra alguém cantarolando, pelas ruas da cidade, versos sobre o amor.

Na sequência da carta, a jovem senhora começa a descrever o olhar do rapaz, mas para além disso, o efeito que ele gera nela. Descreve-o como a doçura de uma brisa, a reunião de diversos pontos de luz suaves que clareavam uma escuridão sem gerar calor e que, segundo ela, estes gerariam raios dourados que prenderiam qualquer uma que ousasse fitá-los.

Se olhássemos com os olhos do presente seria incompreensível ver Leonizia chamar as moças que se encantavam com esse olhar de coitadas e, ainda mais difícil seria compreender o que queria dizer ao finalizar sua carta chamando a si mesma de desprezada. Essas são características do romantismo que ainda perdurava sobre a atmosfera sensível da cidade no período; toda a devoção que Leonizia dedicava ao rapaz, a saudade e o questionamento da reciprocidade dos sentimentos ainda configuravam as sensibilidades dos fortalezenses.

Existem outros elementos que podemos destacar nesta carta, como o fato de falar-lhe que o marido estaria, no dia seguinte, de serviço e que, se ele pudesse e quisesse, aparecesse na madrugada para que os vizinhos estivessem dormindo e não vissem sua chegada. Leonizia questionou, de maneira sutil, se o desejo do amante seria estar com ela; mais uma vez percebemos indícios que apontam para o medo de não ser correspondida; especialmente porque havia muita coisa em jogo.

A nosso ver, o ápice da carta de Leonizia, e dizemos isso por conta de nosso recorte de objeto de estudo, está no momento em que ela se encaminha para o encerramento da carta apresentando como justificativa o fato de não conseguir descrever o que sentia e o que seu coração pedia. Se pesquisadores do mundo inteiro, ao longo de toda a história da humanidade, não conseguiram chegar a uma definição e descrição clara desse sentimento,

imagina uma mulher simples que deveria estar passando pelos mais desventurados conflitos psicológicos e socioculturais ao se descobrir amando um homem que não era seu marido.

Como já discutimos no primeiro capítulo, existiram momentos em que percebemos claramente a atuação dos micropoderes na esfera sensível fosse por meio de um pedido de desculpas devido aos erros e borrões motivados pela pressa; bem como a possibilidade de assinar ao contrário para não ser descoberta com tanta facilidade; passemos agora para o momento em que pede que não seja esquecida. O maior medo dos amantes era o de ser esquecido, desprezado e deixado; isso nos remete ao sofrimento e ao sentimento de nostalgia que tais questionamentos geravam. Ao mesmo tempo em que o medo lhes afligia, se tratava de um dissabor que era um tanto saboroso, quando falamos de amor, muitas vezes estamos nos referindo a um grande paradoxo.

Como mais um vestígio dos sentimentos de Leonizia, encontramos ainda, também anexado ao processo criminal, um bilhete da mesma, com uma carga maior de questionamento; nele percebemos a sua angústia em saber se era ou não correspondida. Como as cartas não são datadas fica difícil estabelecermos uma linearidade; mas, de certa forma, nos apresenta o que os sentimentos representavam para esta mulher, vejamos a transcrição do bilhete:

Desculpe o [papel], sim?
 Meu adorado anjo, quando lembro-me da noite passada, pare^{cc}-me que foi um sonho; mas deitava saber scientmente se me amas, Tu me amas? falla com certeza, pois acho tao encrível que só tu com tuas frases mavioza poderar me fazer, sciente. Tua amas a outra? Pois confesça peço-te que não me enludas. Se não me amas, tambem farei de conta que nunca meus olhos deram na com a tu realçavel beleza mocinho tu dizes que me amas? mas eu não creio, pois leio em teu olhar um desdem, um arrependimento; que eu fico inda mais abatida.
 Amo-te como os anjos amam a Deus.
 Tua admiradora Leonizia.
 Meu anjinho não posso estar auzente de ti nem um instante cinto a febre me abraçar o sangue ardente por que o peito meu assim obra.

Neste caso, a jovem inicia o bilhete pedindo perdão pelo papel e faz isso por se tratar de um retalho do que parece ser uma folha de caderno arrancado de maneira rude, deixando o bilhete desigual. No entanto, não interessava como aquele papel estava em sua aparência, o que lhe importava era falar de seus sentimentos para o homem a quem entregara seu coração.

Aqui, Leonizia rememora um acontecimento, uma noite, comum aos dois e compara-a a um sonho; isso nos remete a momentos íntimos do casal, mas, ao mesmo tempo

em que fala de maneira agradável, questionava os sentimentos de Joaquim; perguntando se de fato a amava e pedindo-lhe a certeza de seus sentimentos; deixa a entender que as frases dele faziam-na acreditar e intensificavam ainda mais o que sentia, mas temia que ele amasse outra mulher.

Ao perguntar se Joaquim amava a outra mulher, Leonizia pediu que confessasse e que não a iludisse; porque se fosse esse o caso, faria de conta que nunca tinha se deparado com seus olhos e com sua beleza. É interessante percebermos a proposição de um orgulho, um certo desdém se os sentimentos não fossem correspondidos; isso aparece também nos versos de poemas publicados no almanaque do Ceará, a um dos quais nos deteremos mais a frente.

De acordo com as próprias palavras da mulher, o amante já havia lhe declarado amor; mas ela admitiu que não acreditava porque sentia um ar de desdém e arrependimento por parte dele que a deixava cada vez mais abatida. Talvez fossem seus medos de mulher apaixonada falando, ou talvez o rapaz tivesse mesmo carregando um arrependimento por se tratar de uma mulher casada e com uma filha pequena; ou quem sabe, o medo de Joaquim era o mesmo que acometia Leonizia? E se dedicasse todo seu amor a uma mulher que já era de outro homem e acabasse perdendo-a? Na única carta encontrada por entre os autos do processo remetida pelo jovem à amante, percebemos também uma carga romântica muito forte.

Antes de passarmos para a carta do rapaz, gostaríamos de salientar o desfecho do bilhete agora analisado; a mulher compara o amor que sente ao que os anjos dedicam a Deus, isso nos leva a crer que ela estava diante de um impasse de escrita, não conseguia mais achar palavras com as quais pudesse descrever seus sentimentos; sublimar o sentimento ao divino representa, conforme supomos, a elevação, a adoração e a dedicação que o amor romântico possuía; digamos que fora o extremo da jovem senhora.

Ainda falando sobre o sentimento de orgulho que acometia aqueles que eram desprezados pelo amores e amantes; achamos por oportuno destacar um soneto publicado no Almanaque de 1916, um ano antes do caso de Leonízia e Joaquim, assinado pelo pseudônimo de *Sensitiva*. Embora não tenhamos conseguido descobrir de quem se tratava, ele nos apresenta o imaginário de uma época e nos remete a uma das possibilidades de lidar com os sentimentos não correspondidos. No caso, O poeta ou a poetisa culpa seu coração por não ter dado ouvidos à razão e por seu sofrimento:

Fallando ao coração
Socega, coração, não desesperes,

O bem sempre é com o mal retribuído,
Soffrer? A culpa é tua, que mais queres?
Não me quizesse ouvir, foste punido...

Enxuga a pranto inútil, se poderes,
Illude aquelles que te crêem vencido;
Nada de humilhações, se assim fizeres
Soffrerás menos, coração ferido...

Sê forte como o Martyr de outras eras
Affagando o instrumento de tortura,
Sorrindo ao ser arremessado ás feras...

Esquece tudo; a vida é uma illusão,
Lança longe de ti essa amargura,
Morre sorrindo, afflicto coração.²⁵¹

Estamos diante da discussão de um sujeito com seu coração; ao mesmo tempo em que tenta acalmá-lo, culpa-o pelo ocorrido; por não ter lhe dado ouvidos. Percebemos no soneto um ar de orgulho ao não se mostrar ferido; o amante sugere ao coração que aja como um mártir e abrace a tortura de maneira serena para que ninguém perceba o que está sentindo. Conclui que a vida é uma ilusão e sugere que o coração morra sorrindo, isto é, que esconda sua dor e tristeza porque assim, sofreria menos. A carga sensível de sofrimento e mágoa estão presentes no soneto de uma maneira que é impossível, mesmo que a palavra amor não apareça, não conectá-los a ele.

O sofrimento e corações feridos foram as maiores motivações de escritores, pensadores e amantes de todos os tempos. Fernando Pessoa uma vez disse que “o poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente”; foi o que nos veio à mente quando lemos o soneto acima; a tristeza, a dor e a perda são a inspiração e a motivação para a alma de um poeta.

Amor, saudade e sofrimento formam um conjunto de emoções que não se separam; constroem o imaginário de uma época e representam a sua sensibilidade. Isso fica visível quando nos deparamos com a carta de Joaquim para sua amada e amante, como podemos ver na transcrição:

Presada Leonizias

Saudosamente Comprimetu-a

E com grande satisfação que pego na minha rude penna; para te escrever estas toscas linhas, pois não posso por mais tempo occultar os sentimentos que me devoram, é inexplicavel a paixão que a imagem tua fez em mim reproduzir. As tuas phrases

²⁵¹ Almanaque do Ceará, 1916. p. 169.

meigas ficarão para sempre gravadas, no mais intimo recesso do meu peito, ellas deram jus a minha eterna gratidão. Esta ~~e~~-noite p[roxima] passada foi para mim uma noite de illusões! Passei-a quaze todo por completo a sonhar que estava ao teu lado gosando do maior prazer que posso alcançar em minha vida; mas ao despertar que olhava em redor de mim estava assos o que concluia então é que, este factal sonambulismo é reticensia [inquieta] da presce.

Meu bem digas-me qual o motivo de hontem a noite não teres nem se que aparecido na janella? pois esperava que o passeio antessedente se reproduzisse,!.

Mas qual!

tudo inutil foram baldados todos esforços por mim empregados para obter que, passasse-mos mais um momento feliz. Espero que jamais poparás esforços para consolar um coração que só se fez pra te amar.

Do teu

Quincas

PS. pesso que impreterivelmente logo que lé a referida, rasgue ou devolva-me que eu guardala-hei com o massimmo cuidado.

Do mesmo.²⁵²

Nos escritos de Joaquim conseguimos identificar, como no de sua amante, a satisfação no ato de escrever, mas também o fato de não conseguir mais esconder os sentimentos que estavam a lhe devorar; não conseguia explicar a paixão que aquela mulher despertava nele. Aqui percebemos a escolha da escrita como sendo a que melhor definiria ou viabilizaria uma definição/descrição de sentimentos; para esses indivíduos, o ato de escrever ainda era a melhor opção de materializar as emoções. Cartas eram veículos íntimos, particulares que expressavam a interioridade de um sujeito; seus sentimentos, identidade e até mesmo sua interatividade.²⁵³

Ainda é possível identificarmos nos escritos do rapaz a importância das palavras da amada; afirmando que suas frases meigas ficariam eternizadas em seu peito, despertando nele sua eterna gratidão; aqui podemos entender a relevância da declaração de amor de alguém para outrem. Convém considerarmos que o amor era percebido, especialmente por quem estava sentindo e expressando, como uma verdade eterna; o amor sempre era para sempre²⁵⁴; encontramos indícios dessa eternização dos sentimentos nos escritos de ambos os amantes.

Outro ponto que achamos oportuno destacar consiste no relato de Joaquim acerca de uma noite de ilusões que passara, isto é, sonhando com sua amada e a decepção que teve

²⁵² Carta anexada ao processo 1917/02. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará.

²⁵³ SANTOS, Nádia Maria Weber *Apud*. TOMASINI. Maristela Bleggi. **Memória social em cartas de amor:** .p. 62.

²⁵⁴ Ibidem. p. 60.

quando acordou e percebeu que ela não estava ao seu lado; mas chegou à conclusão de que tudo isso seria um reflexo do seu desejo.

Freud afirmava que a psicanálise poderia estabelecer uma conexão íntima entre a *psiqué* dos indivíduos e a sociedade na qual estão inseridos.²⁵⁵ E a partir disso pode-se entender que a mente coleta suas fantasias e até mesmo sonhos no mundo; ao fazer algumas interpretações de sonhos o psicanalista entendia que eram reflexos do que preenchia o inconsciente desses sujeitos, expressando algumas vezes, seus desejos mais ocultos.

Nesse sentido, o próprio remetente chega à conclusão de que seus sonhos eram, de fato, reflexo de seu maior desejo, naquele momento: desfrutar da presença de sua amada. Tal constatação é seguida de uma inquirição acerca das motivações de Leonizia não ter aparecido na janela; afirma que esperava que tivessem outro momento juntos e finaliza dizendo que todos os seus esforços para esse fim foram frustrados porque ela não havia lhe dado a oportunidade.

O amante fala ainda, sobre seu anseio, o medo que tinha de que sua amada não se esforçasse para consolar (retribuir) a um coração que só havia sido criado para amá-la; está afirmando que o seu propósito seria dedicar seus sentimentos a ela.

Ainda nos é possível apreender, deste documento, vestígios que podem demonstrar a importância da guarda das cartas como uma evidência dos sentimentos; isso fica claro através da sugestão do remetente que a destinatária rasgasse a missiva, para não serem descobertos, ou devolvesse-lhe para que a guardasse.

Como acreditamos que a prática epistolar, os romances e poesias são maneiras eficientes de praticar e materializar os sentimentos, independente de serem decifrados ou não, o amor sempre esteve e sempre estará presente no imaginário dos homens.²⁵⁶ Se fizermos uma visita ao romance *A Normalista*, nos deparamos com uma personagem abraçando, beijando, lendo e relendo uma carta recebida por um rapaz por quem nutria amor;²⁵⁷ neste caso a literatura nos apresenta uma possibilidade de comportamento por parte dos amantes ao se depararem com a produção material dos sentimentos do outro e quem sabe não seja esta, para além de uma produção de memória, a motivação para a guarda dos documentos: reviver emoções.

²⁵⁵ FREUD, Sigmund *Apud*. GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: educação dos sentidos**. São Paulo: Companhia das letras, 1988. Vol. 01. p. 21.

²⁵⁶ TOMASIN, Maristela Bleggi. **Memória social em cartas de amor: sensibilidades e sociabilidades na Porto Alegre da década de 1920**. Canoas: UNILASSALE, 2012. p. 66

²⁵⁷ CAMINHA, Adolfo. **A normalista**. Fortaleza: Diário do nordeste, 1997. p. 33-34.

Joaquim assina sua carta com um apelido seu; mas o mais interessante é o fato de dizer-se dela; essa frase bem como a carta em sua íntegra, demonstra a intenção de escrita do autor; ele queria impressionar a mulher, acabar com qualquer dúvida que ela tivesse em relação a seus sentimentos e eternizar suas emoções.

Embora o desfecho dessa história tenha sido trágica, conseguimos apreender muito acerca das percepções de amor e práticas de amar desse casal. O marido Francisco, na noite em que estaria de serviço, resolveu fazer uma viagem até Soure, hoje Caucaia, ao voltar, surpreendeu sua mulher e o amante em trajes íntimos e; motivado por sentimentos de ciúmes e por sua honra ferida, acabou brigando fisicamente com Joaquim; durante a briga, Leonizia tentou separá-lo e acabou ferida no pulmão por uma faca.

Após a morte da amada de ambos, deram-se os procedimentos de prisão dos dois e, em seu depoimento, o marido alegou sentir pela mulher “amor verdadeiro” não sendo, portanto, capaz de feri-la. Devido ao quesito “defesa da honra”,²⁵⁸ como já discutimos no primeiro capítulo, o esposo foi inocentado e o amante condenado.

Como vimos defendendo, a saudade é uma das emoções que aparecem fortemente atreladas ao amor e, em alguns casos, era apresentada como um sentimento de nostalgia que não era de todo ruim porque trazia consigo um sabor adocicado.

Para muitos amantes, especialmente no que tange a um amor desfeito, a saudade era a única coisa que restava da pessoa amada e acabavam por se apegar a ela com todas as forças na tentativa de reviver as memórias. Isso fica claro com os versinhos breves que encontramos na edição de 1909 do Almanaque do Ceará: “A saudade é como a miragem do deserto que retrata a todo o instante o perfil do objeto amado.”²⁵⁹ Aqui é possível enxergamos que a saudade é comparada à coisa que mais ameniza o sofrimento psicológico de quem está perdido no deserto; melhor que a miragem, somente a concretização dela.

Mas para outros era tão dolorosa que chegava a ser comparada com chumbo; como no soneto de Cardoso Junior publicado na edição de 1910 do Almanaque do Ceará:

Coração de Chumbo

Eis-me sosinho neste mundo agora...
Eis-me agora sosinho, abandonado,
A relembrar o meu feliz passado,
A relembrar o meu viver de outr’ora!

E com que dôr vejo surgir, nest’hora,

²⁵⁸ Promoção descrita pelo Promotor de Justiça. Fl. 77v.

²⁵⁹ Almanaque do Ceará, 1909. p. 164.

A' mente, que o sonhar tem fatigado,
O vulto meigo, casto, santo e amado.
Da que me foi no amor a luz da aurora!

Nem sei eu se é saudade o que ora sinto,
Porque ha quem diga que a saudade é doce
E isto me amarga como fel retinto...

E nem sei como a tanto não succumbo.
Que o coração me pesa, qual se fosse,
Neste abandono, transformado em chumbo.²⁶⁰

Embora não tenhamos conseguido encontrar maiores informações sobre o responsável pela composição do soneto acima transcrito, notamos que ele percebe a saudade como um fardo pesado; chegando a mencionar o que outros falavam sobre a doçura da saudade se perguntando se o que sentia era o mesmo; porque em seu caso estava amargando. Ele fala do abandono, da amargura, da dor e diz que se via a relembrar o feliz passado e o viver de outrora; mas que isso não estava sendo leve e doce.

Em outra publicação percebemos a transformação da saudade em sofrimento, como podemos ver no soneto intitulado *Distante*:

A C.G.

Se os meus versos em receber consente,
Aquella que me tem subjugado,
O pensamento meu d'alma arrancado
Expresse a magua de a ter auzente.

Funda saudade que me invade a mente,
Traz o meu pobre coração ralado,
Mas se tão longe estou... tão separado,
Eu tenho a sua imagem em mim presente.

Voa minh'alma, vai dizer-lhe agora,
Sendo preciso de joelho implora,
Que não esqueça a fé que prometeu...

Parti vindo em busca d'um futuro
E um só desejo realizar procuro
E' ter o meu destino unido ao seu.

Rio, 9-9-96.²⁶¹

O presente soneto trata, basicamente da saudade, entendendo-a como o sentimento com o qual um indivíduo é atingido quando está distante da pessoa amada. Embora seja algo doloroso, traz consigo um quê de prazer para o sujeito que a sente, isso se dá ou porque tem

²⁶⁰ Almanaque do Ceará, 1910. p. 173.

²⁶¹ *Ibidem*, 1897. p. 167.

memórias acerca de bons momentos vividos com a aludida pessoa, ou alimenta uma esperança de ainda vivê-lo.

No caso especificado, por se tratar de uma publicação enviada aos organizadores do Almanaque do Ceará, e por falar de uma partida em busca de um futuro melhor a ser desfrutado ao lado da pessoa que ama; pode-se pensar que se trata de uma pessoa que está no Rio de Janeiro galgando um crescimento profissional para cumprir com seu destino desejado: desfrutar da presença da pessoa amada.

Junto com a saudade, o indivíduo descreve que seus pensamentos e sua alma estão dedicados à memória da pessoa amada e acaba falando sobre o sofrimento que foi, para sua alma, tê-la arrancada de sua presença.

Sentimentos jamais foram e nunca serão fáceis de definir, de entender e muito menos de viver; nunca se soube exatamente como lidar com as emoções e toda complexidade da construção histórica, social e cultural dos sujeitos; na verdade isso o torna ainda mais difícil.

Analisando os processos criminais, encontramos ainda outros casos onde os envolvidos estabeleceram a prática missivista; se não falassem de sentimentos através de cartas o faziam por meio de bilhetes; isso se aplicava a casos de defloramentos, homicídios e tentativa de homicídio.

No ano de 1913, encontramos um caso que envolve um casal de adolescentes, Jacy Índia do Amazonas, com 13 anos, e Luiz Camarão Filho, com 16 anos; na queixa feita pelo promotor de justiça para composição do sumário de culpa; é informado que em uma das noites passadas, ele estava falando isso no dia 23/09/1913, depois das oito horas da noite, no lugar chamado Praia do Peixe²⁶² fora ter com Jacy; o acusado Luiz, que havia alegado já ter tido “entrevistas amorosas” com a moça, se aproveitou enquanto a família estava reunida no alpendre da casa conversando; chamou a moça para o quintal. Segundo o processo, fazia tempo que eles tinham uma relação de amizade, inclusive através da troca de correspondências. Que ele a seduziu e a deflorou.

Claro que a fala do promotor, responsável pela acusação, teria como intuito acusar o rapaz e defender a moça, que fora, como já vimos no capítulo anterior, por conta de sua propensão natural à delicadeza e ao encantamento, iludida sob a promessa de casamento e acabara cedendo aos caprichos do seu amado. Isto é o que a sociedade da época falava; acreditamos que, por mais que a moça estivesse buscando cumprir o convencionalmente

²⁶² Hoje praia de Iracema – ver capítulo 01.

correto, diante da possibilidade de concretização do prazer e encontro com a felicidade, e aqui entra o que Freud falou, ela acabou se entregando ao amor e ao desejo.

Trata-se de um casal jovem, podemos estar diante de uma paixão de adolescência que, embebido dos desejos hormonais dessa fase, não pensaram no que poderia acontecer-lhes. Não estamos dizendo que são apenas vítimas do controle social; não podemos descartar a hipótese desse jovem saber que a aludida moça não tinha pais conhecidos e que não teria ninguém para reclamar sua honra; mas não esquecer de levar em consideração que tal crime se tratava muito mais de uma maneira legalizada de aplicar e garantir o polimento adequado para uma sociedade civilizada e que, se todos os jovens resolvessem vivenciar seus desejos e amores livremente, o controle estaria perdido.

Nas declarações feitas pelo acusado, Luiz acabou confessando a ofensa e dizendo que estaria disposto a reparar a honra da moça,²⁶³ pois queria se livrar do processo que havia se iniciado.

No depoimento da moça podemos perceber um pouco sobre quem ela era e o que aquele relacionamento representava. Afirma que ainda criança não conheceu seus pais e foi morar com uma família que se mudou do norte do país para Fortaleza; e que a referida família costumava passar temporadas na Praia do Peixe; em um dia que fora com a senhora tomar banho de mar; acabou conhecendo o jovem Luiz, e logo demonstrou simpatia por ela. Disse que se intensificaram os passeios e sua afeição pelo rapaz; que certo dia ele sugeriu um encontro a noite e acabara aceitando.²⁶⁴

Jacy relata, conforme registrado pelo escrivão, que naquela conversa o rapaz se declarara apaixonado e que pretendia se casar com ela. Dali em diante conversaram bastante durante outras noites. Disse ainda que, por várias vezes, recebeu bilhetes dele, falando de seus sentimentos e marcando encontros. Com um tempo, ele começou a insistir para que tivessem relações sexuais e que devido aos sentimentos que tinha por ele e por confiar no amor que lhe demonstrava resolveu ceder.²⁶⁵

A moça afirmou que iria guardar segredo do que acontecera, confiando em Luiz, mas fora surpreendida por um dos seus patrões ao escrever um bilhete para o rapaz e acabou confessando; em vista disso e de acharem que ele não se casaria com ela, decidiram recorrer à polícia.²⁶⁶

²⁶³ Arquivo Público do Estado do Ceará. Fundo tribunal de justiça, série ações criminais, subsérie defloramentos, caixa 01, processo 1913/01. Fl. 5

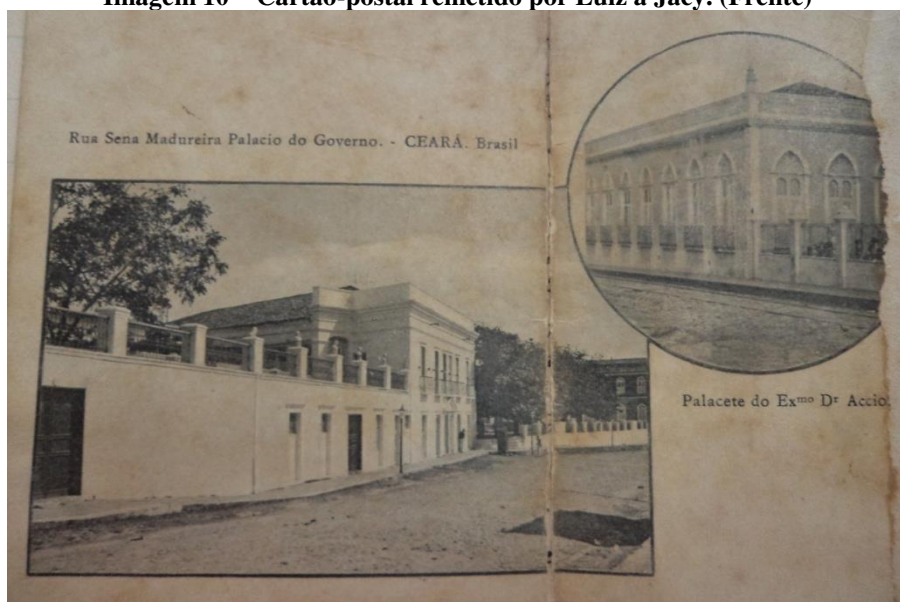
²⁶⁴ *Ibidem*. Fl. 9-9v.

²⁶⁵ *Ibidem*. Fl. 10.

²⁶⁶ *Ibidem*. Fl. 10v

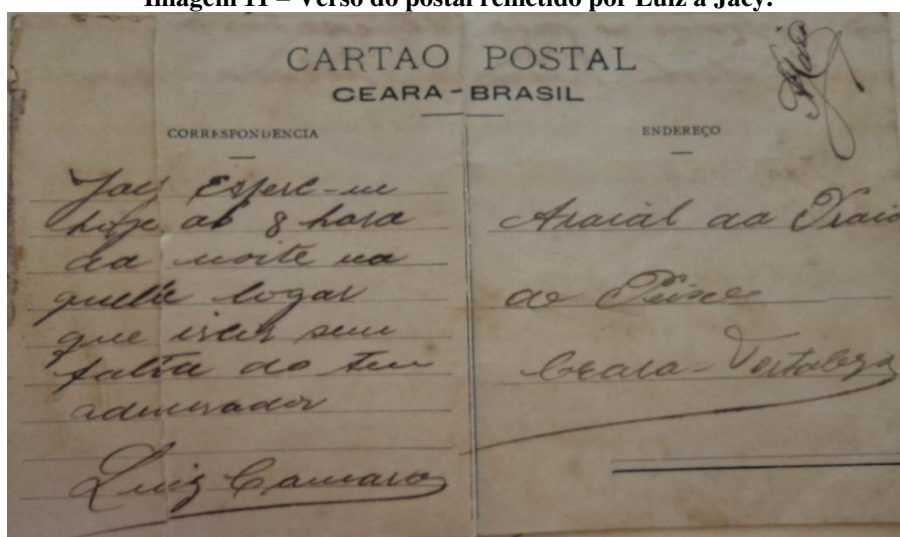
Um pouco depois de ter sido acusado, fora preso em flagrante, quando estava abraçado no quintal com a moça. No auto de prisão em flagrante o jovem confirmou ter mandado um postal (Imagens 05 e 06) marcando o encontro com a jovem, confessou ainda ter tido relações sexuais, mas alegou não saber se era virgem ou não; sobre o comportamento da moça, disse apenas que nunca tinha visto a moça com outro rapaz.²⁶⁷

Imagem 10 – Cartão-postal remetido por Luiz à Jacy. (Frente)



Fonte: Cartão-postal anexado ao processo 1913/01. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará.

Imagem 11 – Verso do postal remetido por Luiz à Jacy.



Fonte: Cartão-postal anexado ao processo 1913/01. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará.

No postal remetido pelo jovem conseguimos perceber que não houve uma preocupação com a beleza da imagem, o que era comum a um homem que queria cortejar uma

²⁶⁷ *Ibidem*. Fl. 14-14v.

mulher, mas acreditamos que seja porque trata-se apenas do veículo de informação; poderia ter sido qualquer outro pedaço de papel. Postais representam elementos da modernidade; e até o final do século XIX, não possuíam imagem alguma, trata-se ainda de algo que representa elementos dessa temporalidade. O que nos interessa, de fato, é o que o jovem escreveu: “Jacy espere-me hoje às 8 hora da noite na quelle logar que ireis sem falta do teu admirador Luiz Camarao.”

Diante do exposto, convém-nos levantar algumas hipóteses acerca das práticas de amar e de escrita; Luiz remetera a Jacy dois bilhetes, o que como acabamos de ver tinha um objetivo prático de marcar um encontro; o que nos faz pensar quantos outros jovens não usaram a mesma tática e nos faz questionar a maneira como esse recado chegou até ela. Acreditamos que tenha sido por meio de um correspondente, ou meninos de recado, ou o próprio rapaz deixara em um lugar secreto previamente combinado com a jovem. A história da intimidade, especialmente dos sentimentos, nos põe diante da dificuldade de apontar certezas, mas os mistérios e as incógnitas dos vestígios são o que a torna ainda mais interessante.

O advogado de defesa se pronunciou dizendo que, ainda na cadeia, Luiz assinou uma petição pedindo autorização, por conta da sua idade, para se casar com a moça; mas defendendo-o, como era seu papel, disse que não seria justo um rapaz tão jovem se casar com uma moça de passado desconhecido.²⁶⁸

O aludido defensor trava a defesa do rapaz tentando desmerecer a honra de Jacy, falando que o exame de corpo de delito não é conclusivo, questionando a postura da moça ao aceitar marcar um encontro noturno com o rapaz; dizendo que nenhuma moça, por mais ingênua que seja, marcaria tão facilmente tal encontro com um homem que se dizia apaixonado.²⁶⁹ Para além disso, menciona o fato do encontro ter acontecido outras vezes; questionando a índole da moça ao aceitar não só a primeira como outras relações sexuais. Afirmou ainda que a moça consentiu de livre vontade às relações, não podendo ser cobradas somente ao rapaz as consequências dos atos do casal.

Neste ponto, entra exatamente o que discutimos no primeiro capítulo, quando falamos acerca das pressões que as moças defloradas passavam. Em todos os aspectos elas saíam perdendo, por conta da construção social desse delito; primeiro porque, mesmo que tenham praticado algo para realizar seus desejos e vivenciar seus amores, não podiam assumir sua escolha, pois se o fizessem, perderiam toda e qualquer possibilidade de serem vistas como

²⁶⁸ *Ibidem.* Fl. 57.

²⁶⁹ *Ibidem.* Fl. 60

descentes; precisavam ainda se colocar na postura de vítimas com a finalidade de recorrer ao direito de ter sua “honra reparada” através do casamento; para isso teriam que negar seus sentimentos e até mesmo os momentos de prazer, precisariam enfrentar os homens por quem se apaixonaram e a quem se entregaram porque lhe retribuía o desejo.

A sociedade e suas regras civilizatórias de controle, conforme supomos, faziam com que as pessoas, especialmente as mulheres, tivessem que assumir a postura de vítimas, renunciar às suas vontades, desejos e até mesmo boas recordações; com a finalidade de não perder seu “valor” e continuar a serem vistas como honradas. Não podemos é claro descartar a possibilidade de algumas moças terem realmente cedido às insistências dos rapazes com a finalidade de fazer uso do sistema judiciário para contrair casamentos e que algumas, de fato, podem ter sido ludibriadas; enquanto pesquisadores, precisamos levantar todas as hipóteses e, enquanto historiadores, não podemos estabelecer verdades; podemos apenas, inserindo em um contexto, apontar as possibilidades.

Dentre as páginas do processo, encontramos o desfecho da história de Luiz com a justiça, durante o julgamento ele foi declarado inocente do crime de defloração e foi liberado da cadeia.

Embora o processo traga o desfecho jurídico para a história do casal, não temos como saber se voltaram a se encontrar, se ficaram juntos, que fim levou estes jovens. E se de repente ficaram juntos? O jovem demonstrou interesse em casar com ela; seus bilhetes não eram apenas provas do crime cometido; mas também um pedaço do que sentia ou pelo menos queria demonstrar para Jacy. Em um bilhete disse para a jovem:

Querida Jaci a Deus aceite um saudozo a braço queira me desculpa eu não ter lhe escrito e por falta de tempo a amizade que eu lhe tinha ainda e a mesma sim; logo lhe escreverei com mais vagança aceite um saudozo amplexo de seu amado Luiz²⁷⁰

Diante de tais escritos, é importante levarmos em consideração a possibilidade de este jovem estar realmente demonstrando o que sentia no momento; e que, diante da possibilidade posteriormente apresentada por seu advogado de defesa de sair ileso desse processo, ele não titubeou e aceitou. Pode, inclusive, ter seguido em frente e ter, de fato se distanciado da moça depois do ocorrido.

Diante da natureza da fonte, é impossível, a partir dos poucos vestígios produzidos por esses sujeitos, dizer ao certo que fim levou sua história; mas podemos analisar

²⁷⁰ Bilhete anexado aos autos do Processo de Defloração 1913/01. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará, no fundo Tribunal de Justiça, série ações criminais, na caixa 01.

seus escritos e a partir da própria necessidade de falar de sentimentos por meio de bilhetes e recadinhos podemos perceber uma escrita de si; especialmente porque o que nos importa, enquanto historiadores, é o próprio registro e a maneira como o autor se expressa.²⁷¹ Não podemos, é claro, nos deixar levar pela “verdade” dos fatos que os documentos podem nos apresentar, cabe a nós acrescentar uma criticidade e, a partir da historiografia, de elementos atrelados à teoria e à metodologia, levantar algumas suposições acerca das possibilidades.

Quanto à intencionalidade do rapaz ao escrever, para além de falar de um sentimento e de uma falta sua em não remeter cartas à jovem; a sua pretensão era conquistá-la, fazê-la entender que seus sentimentos de “amizade” ainda prevaleciam. Aqui é interessante lembrarmos que muitas vezes o amor era identificado pelos amantes como amizade; por se tratar de um sentimento onde havia companheirismo e mutualidade entre o casal. No entanto, não podemos cair no anacronismo de acreditar que ele estava falando da amizade da qual somos contemporâneos; eis, mais uma vez, explicita a dificuldade e os riscos de se trabalhar com sentimentos. Não podemos esquecer de nos despirmos do nosso tempo e nos realocarmos, o mais próximo possível, no tempo dos sujeitos estudados.

Para além das intenções do rapaz, ainda temos à nossa disposição uma linguagem típica do tempo; a partir de outros documentos contemporâneos aos escritos de Luiz, percebemos que sua grafia possuía alguns erros de português; mas não perdia elementos da linguagem da época, como o termo amplexo, que é o ato de abraçar a alguém.

Outro sujeito que nos despertou a curiosidade foi o sapateiro Pedro Florentino de Oliveira (22 anos), que no ano de 1922, invadiu a casa do sogro onde sua esposa, Isaura Emygdio de Oliveira (19 anos), estava se abrigando após ter fugido dele, acusando-o de maus tratos. Ao chegar à casa do sogro e se deparar com uma carta de amor que Isaura recebera; foi, corroído pelos ciúmes, tomar satisfação com o sogro; enraivecido acabou disparando vários tiros para o alto ameaçando ferir sua mulher e seu sogro.

Muito mais do que um caso de ciúmes, temos a nossa disposição os escritos do pretendente anônimo ao coração dessa jovem; apesar de não termos como identificar o escritor do texto, podemos perceber sua intenção de falar de seus sentimentos e de convencer Isaura a ficar com ele, passemos ao conteúdo da carta:

Illma Sr. D. Izara

Fortaleza 29 de Maio 922

²⁷¹ GOMES, Angela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 15.

Afim dessa cardinha é Sarber que a sinhora tem Amisade a mim i u mais é porquer não poço souporta as paixão que sorfler o meu coração e tambem espéro a resposta da Senhora mais breves possivel e quero que a Senhora não quera mim dar o despreso, e quero que A Senhora pode Asertar as minhas proposta, e quero que A Senhora ficar esperando por mim.

I quero sarber que a Senhora que morar con migo se que a S. queser mande a resposta com sem flata e nada é quero que S. deiscupe os eiros eu escervos esta cardinha porque sóbe que A Senhora despessou u ceu marido e quero saber que [A Senhora] que morar com migos e fico esperando a resposta com sem falta,

I peço que a Senhora escrever para a casa da D. guisarilva e nada Mais.”

[A assinatura foi rasgada da carta não sendo, portanto, possível identificar o autor da mesma.]²⁷²

É impossível definir a autoria da carta porque a assinatura fora rasgada; podendo ter sido pelas mãos da jovem com a finalidade de ocultar o homem que a estava cortejando enquanto estava abrigada na casa de seu pai.

A finalidade do autor da carta era saber se seus sentimentos eram correspondidos e porque o mesmo não conseguia mais suportar a paixão que estava fazendo seu coração sofrer. No curso da carta percebemos ainda o anseio do rapaz por uma resposta tanto aos sentimentos quanto ao pedido que fizera à moça convidando-a para morar com ele; ao falar sobre isso, demonstra seu medo de ser desprezado pela mulher por quem nutria sentimentos.

Claramente nos deparamos com variados erros ortográficos, e isso é possível através da análise de outros escritos da época; provavelmente o rapaz sabia de sua dificuldade de escrita, afinal, pede desculpas pelos erros cometidos ao longo da carta. É interessante apontarmos que o rapaz expressa sua motivação para a escrita e ela consistia na descoberta de que Isaura havia abandonado seu marido o que nos leva a cogitar a possibilidade de já haver um sentimento preexistente à discussão e afastamento do casal por maus tratos.

Quando nos deparamos com os escritos de uma pessoa, levamos em conta seu interesse em demonstrar e até mesmo ultrapassar os seus sentimentos com a finalidade de convencer a outra pessoa que a ama; mas, além disso, essa carta tem um elemento peculiar que se encontra no fato de o admirador anônimo pedir que a moça responda e entregue a carta a uma terceira pessoa.

Isso nos apresenta um exemplo de correspondente informal; alguém que não só participava da comunicação, mas que endossava o relacionamento e os sentimentos desse rapaz; e, embora não tenhamos a confirmação, quem sabe o da moça. Sentimentos podem ser confundidos e nutridos de maneira platônica, claro; mas o fato de ele mencionar essa senhora

²⁷² Carta anexada ao processo 1922/04. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará. Fundo tribunal de justiça, série ações criminais, subsérie homicídios, caixa 05.

e de parecer conhecer a história dela com o marido podem nos apresentar a possibilidade de se tratar de um sentimento que poderia ser recíproco.

A prática missivista amorosa na cidade de Fortaleza não pode ser considerada restrita à troca de cartas ou bilhetes, principalmente porque encontramos evidências de troca de mensagens sensíveis entre autores de poemas, charadas e logogrifos publicados anualmente, como é o caso de Alencar Sobrinho e Hilda Bezerra que, por quatro edições, trocaram correspondências amorosas por entre as páginas do Almanaque do Ceará.

Embora não tenhamos encontrado maiores informações acerca dos dois, nem do desfecho de sua história; conseguimos perceber questionamentos de reciprocidade de sentimentos, respostas afirmativas, dedicatórias e, mesmo quando não destinavam um ao outro, ainda mencionavam seus nomes ao longo dos escritos.

Gostaríamos de destacar duas publicações: a primeira remetida pela moça ao Almanaque de 1909 na qual questiona o jovem sobre seus sentimentos e a segunda, remetida pelo rapaz, em resposta, no periódico de 1910:

Logogripho
 Á J. L. D'Alencar Sobrinho
 Caro senhor Alencar -8-3-8-3-6-8-1
 Venho hoje te encommodar
 Desculpe-me a liberdade.
 Faça favor de dizer, -3-8-4-7-8-4
 Pois eu desejo saber:
 Se tu me tens amizade.
 Sei que amas outra mulher-6-4-5-3-2
 Não te odeio bem poder crêr.
 És um homem, tens valia-6-1-8-6-8-1
 Mas por mais que te confesse
 Esse amor sem interesse
 Tu me tens antipathia.²⁷³

No logogrifo acima apresentado percebemos as dúvidas que acometiam a jovem Hilda acerca dos sentimentos do rapaz; na verdade, ela alega saber que ele ama a outra mulher; e que na verdade tem antipatia por ela. Quando estávamos catalogando as publicações do periódico, percebemos uma constância entre os escritos desses dois; estavam sempre dedicando um ao outro mensagens, fossem na forma de charadas ou poemas. Isso nos chamou a atenção, porque, por mais que existisse a possibilidade de os textos não terem sido escritos com pretensões amorosas, a prática de dedicarem, por quatro anos, tempo e escrita um ao outro; não acreditamos que tenha sido coincidência.

²⁷³ Almanaque do Ceará, 1909. p. 184.

No ano seguinte, Alencar Sobrinho dedica à moça um soneto intitulado “A única”:

Á Hilda Bezerra.
 Parte meu triste coração – avante!
 Com os teus cruéis e eternos dissabores
 Em procura de mais sincera amante,
 Em procura de mysticos amores.

E elle partiu como um judeu errante,
 Sempre triste e repleto de amargores
 Na aza de um sonho excelso e rutilante
 Por entre aromas, musicas e flores.

Viu louras fadas, divinaes bellezas
 Que no meu verso frio em vão proclamo;
 Brancas vestaes e magicas princezas.

Depois de contemplar esses thesouros
 Voltou dizendo: só no mundo eu amo
 A minha virgem de cabellos louros!²⁷⁴

Deparamos-nos com versos por meio dos quais o jovem narra a aventura de um rapaz à procura de uma sincera amante; ele inicia o texto falando que as confusões dela lhe entristeciam, conta que essa personagem viajou e muito procurou; conheceu várias mulheres, contemplou tesouros mas que nunca encontrou no mundo alguém que ele amasse como amava a referida virgem de cabelos loiros.

O fato de Alencar Sobrinho remeter à Hilda este soneto um ano após ela ter lhe dedicado um logogrifo questionando seus sentimentos por ela e até mesmo afirmando que ele amava a outra mulher nos levaram a crer que se tratava de uma resposta às angústias da moça. Embora não devamos deixar de mencionar que encontramos, ao longo dos primeiros anos do século XX, o mesmo remetendo charadas e poemas a outras pessoas cujos nomes eram, na verdade, codinomes femininos; o que poderia demonstrar apenas uma prática de coquetismo não direcionada a apenas uma pessoa. No entanto, devido a quantidade e ao teor dos escritos remetidos à Hilda, acreditamos que com ela se tratava de algo mais intenso e duradouro; com os demais destinatários a frequência e a durabilidade foram bem menores.

Encontramos ainda alguns memorialistas que tentaram falar de amor e acabaram nos apresentando ao que pareciam histórias íntimas de amores passados; como é o caso de Rodolfo Teófilo, na obra *scenas e typos* e Otacílio de Azevedo, na sua *Fortaleza descalça*.

²⁷⁴ Almanaque do Ceará, 1910. p. 161.

Por se tratar de uma coletânea de textos, em *Scenas e Typos*, Teófilo nos apresenta várias narrativas memorialistas de um passado que ora retratava seus ancestrais, ora contava situações que poderiam, ou não, representar uma realidade da sua contemporaneidade. Um exemplo deste, consiste no texto intitulado “*A troca da costella*” no qual, inspirado na obra de Léon Tolstoi, Ana Karenina, discorre sobre um casal da alta aristocracia onde o homem, um “grande do Estado”²⁷⁵ teve a sua costela trocada pela de um viril oficial.

Ao iniciar o texto, o memorialista faz uma introdução sobre o papel da mulher e de como seus olhos haviam sido corrompidos pela serpente desde o Jardim do Éden; embora afirme que a criação do feminino não tenha sido para a prática do pecado, mas para o amor.²⁷⁶ o autor atribui o adultério ao fato de a mulher ter sido criada a partir da costela de Adão; o motivo de sua perdição seria por ter saído do homem.²⁷⁷

Segundo o autor, o pecado estaria nos sentidos, não importava o conhecimento; apenas o sentir; isso para endossar sua tese de que nada poderia impedir uma mulher de cumprir seu destino; nem religião, moral, conveniências sociais, deveres, nem mesmo o amor materno; se a mulher estivesse fadada ao adultério, assim seria; como no caso da personagem Helena, apresentada por Teófilo.

Trata-se de um texto narrativo que, provavelmente era ficcional, não encontramos nenhuma evidência que apontasse para a veracidade de tal ocorrido; mas, o simples fato de haver um texto que abordava tal caso fatídico nos leva a crer que se tratava, pretensamente, de um exemplo a não ser seguido; o que era típico de uma sociedade conservadora e polida como a fortalezense na transição dos séculos XIX e XX.

No desenrolar da trama o autor deixa transparecer o arrependimento profundo que acometeu Helena por deixar para trás marido e filho com a finalidade de viver um amor que para os demais era uma manifestação da sua carne. Ao longo dos escritos de Teófilo percebemos claro juízo de valores, como quando diz, por exemplo, que Helena “havia pisado sobre tudo que encontrára em seu caminho, para satisfazer a sua carne palpitante de desejos lubricos.”²⁷⁸ Percebemos seu julgamento ainda mais forte quando fala que a mulher havia morrido e ficado somente a besta, apontando esta para a única opção que motivaria uma mulher a abandonar seu filho.

²⁷⁵ THEÓFILO, Rodolpho. **Scenas e Typos**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009. p. 115

²⁷⁶ Ibidem. p. 113.

²⁷⁷ Idem.

²⁷⁸ Op. Cit. P. 126.

O desfecho da história é trágico e dramático; Helena, por não conseguir conviver com a realidade de ter abandonado marido e filho, por ter deixado de lado suas funções, acabou tirando a própria vida; o autor ressalta ainda o fato de que sua aventura havia concedido a ela uma curta vida de risos e lágrimas.²⁷⁹ Ao terminarmos a leitura do texto, colocando-o no contexto de uma cidade que buscava civilizar-se enquanto experimentava o progresso e o status de um capitalismo cada vez mais emergente, percebemos que a falta de decoro e o desejo desenfreado não eram sinônimos de felicidade; mas sim de amargura.

Em contrapartida, o mesmo autor conservador dessa história, escreveu outro texto “*Altruismo*” onde narra uma aventura sua enquanto estava se recuperando de uma gripe na Vila de Aronches, hoje Parangaba, na qual conheceu uma jovem chamada Dulcinéa a quem atribuía sua melhora, como podemos ver no trecho:

Influiu também na minha ressurreição o amor de Dulcinea, que, de quando em quando, aparecia – aquele amor mais sensual do que platônico, feito de olhares que produziam incêndios e despertavam desejos, que sacudiam os nervos e arrancavam crispções na carne.²⁸⁰

Pela descrição do autor, trata-se de um amor intenso, vívido, que foi capaz de lhe despertar não somente para a melhora física, mas também lhe serviu como motivação para mudar sua percepção sobre a vida. Nesse período, Rodolfo ainda não possuía toda a influência e o renome de um grande cientista; trabalhava como caixeiro e tinha um apreço pela trágica história do poeta Casimiro de Abreu, que morrera jovem acometido por uma tuberculose. O autor descreve, ao longo do texto, o impacto desse amor que dedicou a Dulcinéa para sua vida dizendo: “Não queria mais morrer. Casimiro foi um suicida, um criminoso, que ensinou aos moços o caminho da morte, o amor á tuberculose.”²⁸¹ Deixando a entender que, o amor que sentira por aquela jovem lhe inspirou não só a ter vontade de viver, mas de atribuir uma relevância a sua vida. Mesmo reconhecendo a importância do sentimento e da mulher que o despertara, Téofilo acabou concluindo que o sentimento que dedicava à jovem era uma paixão carnal e desordenada²⁸²; e afirma ainda que a saudade que sente daquele lugar não era da boa gente que lhe acolheu, mas da jovem Dulcinéa.

É interessante percebermos que os indivíduos, principalmente os intelectuais, por todos os tempos e sociedades, insistiam em definir e conceituar suas emoções e sentimentos; e

²⁷⁹ Ibidem. p. 127.

²⁸⁰ Ibidem. p. 79-80.

²⁸¹ Ibidem. p. 80.

²⁸² Ibidem. p. 81.

que as convenções sociais e os padrões de certo e errado apareciam como norteadores para tal prática. Desde que se pensou em civilizar os gestos, as sensibilidades passaram a ser questionadas, amenizadas e até mesmo suprimidas com a finalidade de não enquadrar sujeitos civilizados a padrões de selvageria.

Otacílio de Azevedo fala sobre seu “*primeiro romance de amor*” e seus impactos em sua vida; após ser despedido da *Fotografia Olsen* aceitou um trabalho para pintar um casarão recém-construído no sertão de Canindé; onde conheceu uma jovem “fidalga” por quem se encantou instantaneamente; no entanto, não conseguia aceitar suas emoções porque estava carregado por sentimentos de inferioridade devido a sua então condição financeira e por se tratar de uma moça rica. Ao descrever a moça e seus sentimentos por ela disse:

Era uma menina de olhos verdes, cabelos de ouro e beleza arcangélica e que me fez sonhar com um mundo estranho e impossível, diferente daquele em que eu sempre vivera. Era o amor, o primeiro amor. Era o início de um romance que me amargaria os dias pelo resto da vida... Uma angústia que me atormentaria dadas as circunstâncias que nos separavam, irremediavelmente, um do outro. Ela era muito rica e bonita. Eu, paupérrimo e horrorosamente feio, dentes estragados, rosto salpicado de manchas de nitrato de prata num acidente na Fotografia Olsen. Era ela uma fidalga e eu apenas um miserável plebeu...²⁸³

No trecho acima o autor deixa transparecer o sentimento de inferioridade que possuía quando se colocou diante da moça que lhe despertara amor; enaltece a beleza da jovem menosprezando sua aparência; descrevera sua condição social como plebeu principalmente por estar desempregado e prestando serviços para a família da jovem. Diante das condições expostas, ele afirma estar acometido por uma angústia atormentadora pelo simples fato de acreditar que tais circunstâncias os mantinha separados.

Apesar de se julgar inferior à moça, não se impediu de sonhar e idealizar tal sentimento; e pelo que deixa transparecer, existia certa reciprocidade por parte da moça. Após ter concluído o trabalho que fora chamado a fazer, sugeriu ao pai da jovem que lhe deixasse fazer uma pintura na sala de jantar, ultima moda na capital, com a finalidade de ficar mais tempo na presença da amada. Ela, por sua vez, ficava observando-o trabalhar o que, segundo Otacílio, dava asas aos seus pincéis. Para além da presença da jovem, ele relata que, certa noite, ao deitar numa rede próxima ao quarto dela ouvira sua irmã repreendê-la a não ficar observando o trabalho do pintor; o que lhe fez chorar. E o simples fato de, no dia seguinte, ela estar lá, lhe mostrava que havia interesse.

²⁸³ AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Fortaleza: SECULTE/CE, 2010. p. 85-86.

Difícil para o artista não foi estar distante de sua amada em presença; mas a despedida silenciosa. Tivera que partir e deixar para trás a musa dos seus sonhos, e a dor que sentiu foi tamanha que não conseguiu, sequer, dizer adeus. Fala que durante o caminho, por diversas vezes esperou que o cavalo o jogasse ao chão para que sua dor tivesse fim. Embora tenha sofrido com as diferenças e com a despedida. Otacílio atribui a esse amor o fato de ter se tornado poeta e afirma que essa jovem aparecia em seus versos com o pseudônimo de Cleonice.

O que percebemos ao analisar os causos de amor desses dois memorialistas é que tal sentimento foi capaz de revolucionar suas vidas, suas percepções e que, por mais que tenham seguido em frente e tenham, ambos, constituído família com outras mulheres; seus primeiros amores os acompanharam por toda a vida. O que nos leva a crer que os sentimentos e as suas vivências são constantes na formação da identidade e do caráter dos sujeitos ao longo do tempo.

Apesar de sabermos que o amor é um objeto que traz consigo tantos silêncios, as cartas nos apresentam indícios tão ocasionais, no que tange à preservação e disponibilização em acervos; e as sensibilidades, de maneira geral, são tão difíceis de serem apreendidas; ainda nos é possível perceber e entender a dimensão sensível de um tempo passado, isso porque os silêncios e as ausências falam muito alto para um pesquisador em História.

Pudemos, através de alguns escritos de sujeitos que viviam à margem da sociedade, mas também daqueles que vivenciavam uma esfera cultural intelectualizada; perceber um pouco da sensibilidade romântica dos indivíduos que compartilhavam o espaço urbano de Fortaleza. No entanto, existiram outras práticas amorosas que também podem nos alocar temporalmente na Capital Cearense da passagem do século XIX e são a elas que nos deteremos no último capítulo desta dissertação.

No momento, nos deteremos a uma discussão acerca das percepções dos fortalezenses, independente da sua posição socioeconômica e cultural, diante dos dissabores que o amor traz, carregando consigo traços de uma saudade e de um sofrimento que pareciam ser constantes e não variáveis na atmosfera sensível da cidade.

3.3. A SAUDADE E O SOFRIMENTO: UMA EXTENSÃO DA COMPREENSÃO DE AMOR.

Quando nos referimos aos sentimentos, especialmente ao amor romântico percebido e praticado ao longo dos séculos XIX e XX, faz-se necessária a discussão de duas emoções que caminhavam lado a lado com ele: o sofrimento e a saudade.

O amor romântico pode ser descrito como o amor do impossível, aquele em que não existia a possibilidade de satisfação da falta que um indivíduo sentia do outro. Nesse sentido, percebemos que sentimentos como amor e satisfação caminham junto a emoções desagradáveis. As escolhas e angústias que dominavam os pensamentos dos acometidos pelo mal de amor poderiam conduzir a momentos sublimes de felicidade, mas também ao desespero e à dor.²⁸⁴

A saudade seria uma junção de vários sentimentos: ao mesmo tempo em que remete a algo amargurador e doloroso, é percebida como o sabor amargo e ao mesmo tempo gostoso de um amor ausente. O dicionário, por sua vez, diz se tratar de um sentimento melancólico de incompletude; nesse sentido, acreditamos que as definições se completam e estão, de maneira geral, atreladas ao amor.²⁸⁵ Trata-se do amor romântico, isto é, um amor idealizado e exagerado, ou seja, estamos nos referindo a um todo que contempla alegria, desejo e tristeza e tudo isso facilitado pelo amor.²⁸⁶

O sofrimento, por sua vez, poderia acontecer de duas formas: partindo do momento em que uma pessoa passa a desejar a outra e vai nutrindo um amor, na incerteza e ansiedade de conquistar a pessoa a quem dedica tal sentimento; mas também pode acontecer, em outro momento, no qual, ao conquistar a recíproca, é acometido pelo medo de perder o ser amado.²⁸⁷

O medo de perder a pessoa amada faz com que o sentimento do amante seja aumentado; a final, para um romântico as dificuldades eram tratadas como desafios inspiradores e não como obstáculos. Algumas vezes, o motivo do sofrimento advinha da saudade; mas, em outros momentos, tratava-se da tradução literária de uma época em que morrer de amor e por amor eram escritos constantes.

²⁸⁴ BORGES, Maria de Lourdes. **Amor**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 22.

²⁸⁵ DA SILVEIRA, Leonardo Lucena Pereira Azevedo. **Em busca do tempo querido: um estudo antropológico da saudade**. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2007. (Dissertação de Mestrado). p. 35-36.

²⁸⁶ Ibidem. p. 38.

²⁸⁷ Ibidem. p. 23.

Antes de adentrarmos nos escritos dos fortalezenses e no entendimento de pesquisadores da antropologia e da ciência histórica acerca dos referidos sentimentos, convém abordarmos um ponto interessante quando nos referimos à saudade e ao sofrimento motivado pela mesma: o fator tempo. Além disso, acreditamos ser pertinente salientar que a própria percepção e entendimento sobre o que seria tempo e o seu transcorrer são relevantes para a presente pesquisa por estarmos tratando de uma época moderna em que os relógios precisaram ser sincronizados e o tempo deveria ser utilizado de forma proveitosa.²⁸⁸

O tempo moderno foi sentido e traduzido pela saudade através das lembranças, mesmo que descontínuas; tal sentimento atuaria como uma forma de expressão do tempo.²⁸⁹ Como tudo dentro da história, as percepções de tempo também carregam consigo traços da cultura e da sociedade na qual está inserido. Estamos nos referindo a um artifício humano, a final de contas, o tempo nada mais é do que a duração; não existe o tempo em si, toda e qualquer noção temporal é construída.²⁹⁰

O tempo dos sentimentos acaba se chocando com o tempo da modernidade, porque este sugeria uma impessoalidade; enquanto o outro levava os indivíduos aos mais alto grau de intimidade. Nos períodos de maior avanço científico e moderno o discurso saudosista acaba se intensificado, especialmente pela percepção de aceleração do tempo.²⁹¹

Dentro de tal colocação somos levados por um Otacílio de Azevedo, assombrado pelo progresso de uma modernidade, a experimentar as angústias de um avanço que colocou a baixo elementos tradicionais como as árvores e cafés para equipar a cidade com uma estrutura a acompanhar as inovações da era moderna.²⁹²

A saudade acaba sendo o entendimento de uma ausência, mas também uma sensação de esperança de reencontro e de ressurreição do que fora outrora perdido. Por serem seres de memória e de lembrança, os sujeitos acabavam desenvolvendo um relacionamento muito mais que racional com o tempo, trata-se de um relacionamento marcado pelas emoções. Isto quer dizer que, ora queremos que o tempo passe rapidamente, ora tememos sua velocidade impalpável.²⁹³

²⁸⁸ ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.22.

²⁸⁹ DA SILVEIRA, Leonardo Lucena Pereira Azevedo. **Em busca do tempo querido: um estudo antropológico da saudade**. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2007. (Dissertação de Mestrado). p. 17.

²⁹⁰ Ibidem. p. 22-23.

²⁹¹ JUNIOR, Durval Muniz Albuquerque. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In. ERTZOGUE, Marina Haizenreder e PARENTE, Temis Gomes. **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 119.

²⁹² DE AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Fortaleza: SECULT/CE, 2010. p. 18-19.

²⁹³ Ibidem. p. 117-118.

Sentimentos como a saudade e o sofrimento são possíveis porque existia e ainda existe no Brasil, um ambiente relacional onde as pessoas podem até desaparecer, mas as relações não. A saudade brasileira, por exemplo, é uma herança portuguesa que não aderiu às práticas burguesas de focar o olhar para o futuro e se desfazer do passado; na saudade o tempo é pleno e pessoal.²⁹⁴

Por falar em pessoalidade, José Antônio Tobias, afirma que, de todo o território brasileiro, é no nordeste que a saudade aparece com maior força; isso porque fora colonizado, quase que integralmente, por portugueses; diferente dos outros estados que receberam a influência italiana e alemã.²⁹⁵

Muitos estudiosos dedicaram tempo a entender as origens e os reflexos da saudade; desde a dualidade acerca da etimologia da palavra até seus impactos dentro de uma sociedade; já no que diz respeito ao sofrimento, pouco foi encontrado a respeito do entendimento de seu processo já que, de maneira geral, era atribuído ao amor e à própria saudade. Normalmente o sofrimento romântico estava ligado ao medo de não ser correspondido, de perder a pessoa amada e ter seu coração partido pela dor da saudade.

A palavra saudade é exclusiva do português, primeiramente em Portugal e ganhou um significado novo quando chegou ao Brasil. Existem algumas teorias acerca da origem do termo; uma diz que provém do latim *solitudo* que significa solidão enquanto a outra diz originar do árabe *saudah* que remete a um sentimento universal. A palavra é o que nos conduz a uma consciência do sentimento e não o contrário; é porque a palavra existe que atribuímos significado a ela.²⁹⁶

A sutil diferença entre a saudade para Portugal e para o Brasil é que, no primeiro, há um apego pelo sofrimento do qual se quer distância; já no segundo, o sentimento é sentido, afirmado e exaltado pelos poetas pela simples oportunidade de reviver uma emoção passada. Para os brasileiros a saudade é sempre bem vinda!²⁹⁷

Vale lembrar que cada tempo traz consigo sua própria saudade.²⁹⁸ Apesar de parecer um sentimento universal e que faz parte da natureza humana, acreditamos se tratar, como todos os elementos ligados às percepções e práticas dos indivíduos, de uma construção

²⁹⁴ DA SILVEIRA, Leonardo Lucena Pereira Azevedo. **Em busca do tempo querido: um estudo antropológico da saudade**. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2007. (Dissertação de Mestrado). p. 29.

²⁹⁵ TOBIAS, José Antônio. *Apud*. Ibidem. p. 33.

²⁹⁶ Ibidem. p. 35.

²⁹⁷ Ibidem. p. 56-57

²⁹⁸ JUNIOR, Durval Muniz Albuquerque. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In. ERTZOGUE, Marina Haizenreder e PARENTE, Temis Gomes. **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 118.

sociocultural que traz consigo vestígios de uma sociedade e de seu tempo; nesse sentido, podemos supor que com os fortalezenses da transição do século XIX para o XX não teria sido diferente.

A saudade, como vimos discorrendo, está ligada ao amor e ao sofrimento; ao primeiro porque só é possível sentir a ausência de algo que é considerado importante ou até mesmo indispensável; ao segundo, porque inevitavelmente é despertado por ela. No que tange ao sofrimento convém apontar para o fato de que, ao mesmo tempo em que é despertado pela saudade, funciona como um consolo para a dor.²⁹⁹

Estamos nos referindo a um trio de sentimentos que raramente pode ser dissociado: amor-saudade-sofrimento. Seria impossível, independente das eras e gerações, sociedades e sociabilidades, amar sem a angústia e o anseio da perda do ser amado e, conseqüentemente, sem a iminência de saborear o agri-doce tempero da saudade.

Um exemplo dessa associação pode ser visto nos escritos de Augusto Xavier de Castro, poeta cearense, que, ao compor a modinha *Recordação*, descreve que mesmo parecendo doloroso, a sensação dessas emoções são boas por serem capazes de substituir momentos felizes:

...Sou eu, sou eu, que humilhado
Inda uma vez venho ver-te
E por ti quanto hei sofrido
Venho em meu canto dizer-te
Como no bosque entre as fôlhas
Gemendo chora a palma,
Tristonha, a ave sentida
Assim soluça a minha alma.

Soluça, chora e lamenta
Doce tempo que fugiu
Quando o teu lábio em amôres
Aos meus olhares se abriu!...
Hoje me resta a saudade,
A tristeza, a mágoa, a dôr...
Deixa viver a minha alma
Dêste passado de amor.³⁰⁰

Na transcrição acima percebemos claramente a saudade se transfigurando em algo positivo capaz de amenizar a dor da ausência do ser amado. Embora saibamos não ser possível descrever a natureza exata das motivações para a escrita de tais versos, podemos ser alcançados pelo lirismo da época que exigia dos poetas a interpretação das sensibilidades; sem

²⁹⁹ Ibidem. p. 120.

³⁰⁰ DE ALENCAR, Edigar. **A modinha cearense**. Fortaleza: Imprensa universitária do Ceará, 1967. p. 59.

contar o fato de que muitas moças esperavam ouvir exatamente essas palavras saindo da boca, mas também das cordas e batidas dos instrumentos dos jovens boêmios.

No trecho transcrito, pode-se perceber a descrição de um amante capaz de anular a si mesmo com a finalidade de, mesmo em meio a angústia, se agarrar à saudade para revisitar um passado de amor; independente da dor que a circunstância presente possa infringir. Embora estejamos nos referindo a uma produção idealizada para fazer chorar a alma dos abandonados e/ou despresados, pode-se ver, a idealização de uma dor gerada pelo mal do amor perdido, típica de uma geração romântica de cantadores que vivenciou uma passagem de século na capital cearense.

Em outra composição de Augusto Xavier a saudade aparece como algo que o faz chorar, mas também o fazer bendizer:

Adeus, adeus! A saudade
D'alma não posso varrer,
Tem dó de mi que te amo,
Adeus que eu parto, adeus que eu parto sem te ver.

Est.

Nas sombras tristes eu vago,
Vago sozinho a cismar,
Quero dormir, busco um leito,
Ai! Mas não posso, mas não posso repousar.

Vejo o teu rosto nas estrêlas,
Teu canto sorrir nas flôres,
Na aragem doce que geme,
Ternas canções, ternas canções, cheias de amôres.

Não! mas eu sonho acordado,
Sonho de quem foi feliz,
De quem vive dum passado,
Ai! que chorando, que chorando então bendiz.³⁰¹

Dos muitos modinheiros apontados por Edigar de Alencar, as obras do referido poeta são as mais difíceis de ser autenticadas; mas encontrou-a como uma dedicatória ao autor Fernando Weyne.³⁰² Nela nos deparamos, mais uma vez com escritos nos quais a saudade, apesar de promover o sofrimento, é abraçada pelo poeta que faz questão de reviver os momentos como a única coisa que lhe restou.

Não podemos acreditar que o autor da modinha estivesse falando de suas emoções exatamente como elas aconteciam, a final de contas, eram acrescentados à mistura uma pitada

³⁰¹ Ibidem. p. 55 e 56.

³⁰² Idem.

de lirismo, uma medida de exagero e um quê de ousadia; mas podemos, contudo, ter acesso à dimesão sensível de uma época com suas devidas características e práticas.

É interessante como a saudade acabava funcionando como uma felicidade entristecida, que partia de uma lembrança promovedora de um prazer gerado a partir de um contato, mesmo que efêmero, com o perdido, mas que possuía um final com hora marcada. O fato de tal sentimento proporcionar um gosto que se transforma rapidamente em desgosto acaba se tornando um vício entre os praticantes do amor.³⁰³

A saudade era tão usada pelos poetas e trovadores românticos quanto o amor; promovendo uma espécie de glorificação dela, como nos foi possível perceber através dos trechos acima transcritos e poderão ser, em muitas outras referências que utilizaremos a diante. Falar de saudade era uma extensão do falar de amor.³⁰⁴

Esse sentimento costumava ser bem visto por dois aspectos, primeiro porque existia uma espécie de divinização do mesmo, sendo associada à alegria e a lembranças boas, isso quer dizer que o corpo poderia até morrer, mas a alma e a saudade não. Em segundo, porque trazia a sensação da possibilidade de manipular o tempo, isto é, através da saudade o tempo poderia ser prolongado.³⁰⁵

Embora sentir saudade pareça ser algo íntimo a cada sujeito, existe uma característica nela que atua de maneira externa; isso implica que estamos nos referindo a um sentimento social, ou seja, que parte da sociedade para o individual. A saudade, assim como o amor e o sofrimento, partem do coletivo, passam pelo sujeito que, por sua vez, reflete-a novamente para o meio social conferindo a ela, na maioria das vezes, um novo significado.³⁰⁶

Quando nos detemos aos escritos dos fortalezenses do período recortado, conseguimos sentir a carga sensível que variava entre a intensidade de um amor vivido até a última instância, fazendo-os desfrutar do mais elevado prazer; até a angústia da perda, do afastamento e até mesmo o medo desenfreado de ter a sua fonte de regozijo ceifada.

Muitos foram os homens e mulheres que escreveram sobre e descreveram o caráter doloroso e insaziável de amar; especialmente pela pluralidade de sensações boas e desgostosas que ele traz consigo; faziam isso por meio das publicações do Almanaque do Ceará, através da escrita de cartas, composição de modinhas entre outras. Mas, para além do

³⁰³ JUNIOR, Durval Muniz Albuquerque. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In. ERTZOGUE, Marina Haizenreder e PARENTE, Temis Gomes. **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 121.

³⁰⁴ DA SILVEIRA, Leonardo Lucena Pereira Azevedo. **Em busca do tempo querido: um estudo antropológico da saudade**. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2007. (Dissertação de Mestrado). p. 40.

³⁰⁵ Ibidem. p. 43-45.

³⁰⁶ Ibidem. p. 71.

papel, encontramos as demonstrações públicas de afeto, por meio dos gestos, que eram sugeridos através de manuais destinados aos apaixonados.

Francisca Clotilde demonstrou a dificuldade que era tentar definir a saudade, através de uma publicação que levava como título o sentimento, no Almanaque de 1907 dizendo:

Quem pode definir a saudade, esse sentimento delicioso e pungente que nos magôa e affaga, que enche a noss'alma de uma melancolia suave, de uma ternura dolente?
Nem mesmo os poetas, em todos os arronbos de seu éstro, puderam dizer o que é a saudade. Sente-se mas não se exprime.
Relembramo-nos dos dias idos, vêm á memoria as agradaveis recordações do passado feliz, sentimos o aroma dessas flores colhidas nos vergeis da mocidade e que, apesar de murchas, ainda nos inebriam e nos deleitam...³⁰⁷

Percebemos, nos escritos acima, um quê de conflito no que tange à saudade e nos apresenta um sentimento extremamente dual; mais interessante do que essa abordagem acerca da saudade é sabermos mais sobre a figura curiosa e polêmica que escreveu. Francisca Clotilde foi uma mulher de família tradicional e que acabou rompendo com todos os padrões e convenções socialmente aceitáveis.

Casara muito jovem, mas não desejou esperar que a morte os separasse; o marido tinha um vício em álcool e jogatina, sendo por isso enviado ao Rio de Janeiro e internado em uma clínica da qual fugiu e não retornou mais para o Ceará; por ninguém saber de seu paradeiro, Clotilde seguiu com a vida, mas não poderia se relacionar com outra pessoa devido a natureza incerta de seu estado civil.³⁰⁸ Acabara se apaixonando por outro rapaz, o Capitão Antônio Duarte Bezerra com quem acabou se envolvendo.³⁰⁹ Antes mesmo do ocorrido, já demonstrava traços diferenciados das demais moças porque se interessara pela literatura e acabara dedicando mais tempo a ela do que à própria família; isso, em si, já era contradizer os padrões sociais idealizados para as mulheres da sua época.

Uma mulher que conflitava em seus escritos entre o conservadorismo debaixo do qual fora criada e a ousadia que desenvolveu ao ponto de se inserir no mundo intelectual, lecionando e escrevendo; mas também foi ousada por ter seguido sua vida sem anular suas vontades em detrimento do que pensavam ou falavam a seu respeito. Essa mesma mulher escrevia textos, poemas e livros, que variavam seus pontos de vista e que tratavam de uma

³⁰⁷ Almanaque do Ceará, 1907. *Saudade*. P. 163-164.

³⁰⁸ ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. **Mulheres beletristas e educadoras**: Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935. Fortaleza: UFC, 2012. (Tese de Doutorado). p. 194.

³⁰⁹ Ibidem. p. 142-143.

sociedade dual e, na maioria das vezes, hipócrita. Uma mulher sensível, ora frágil diante das emoções e desejos; e forte diante de uma estrada muitas vezes tortuosa e cheia de julgadores.

Foi essa mulher, dual e apaixonada pelas letras e pela vida que afirmou na publicação antes transcrita, não ser possível descrever, mensurar e muito menos conceituar a saudade. Mas que, em todo o tempo, atribuía a esse sentimento o doce e amargo sabor de não desfrutar da companhia de alguém que se ama, comparando tal sensação a uma flor que mesmo murcha consegue deleitar aos que sentem seu aroma. Para desfechar seu pensamento a respeito de tal sentimento ela escolheu compará-lo ao oceano e sua infinidade: imenso, doloroso e cheio de mistérios.³¹⁰

Enquanto alguns não conseguiam entender a saudade, Luís de Castro gastou tempo escrevendo o soneto *Não é saudade, não!* no qual descreve o sentimento da perda não como saudade, mas como tristeza, desagrado e rebeldia:

Não é saudade, não! É só tristeza
que sinto, em pôr os olhos no passado.
Tanto ardor! Tanto amor desperdiçado!
- Exclamo, sem rancor, sem aspereza.

Não é saudade, não! É desagrado
frente ao destino, diante esta rudeza
em tudo que nos deu a natureza
para crer, para amar ou ser amado.

Não é saudade, não! É rebeldia
contra um mundo referto de tormentos,
contra esta vida só de hipocrisia...

De início, risos, luz, deslumbramentos.
Depois, estes perdões, estes lamentos,
este pranto, este horror, esta agonia...³¹¹

Podemos observar nos versos acima a agonia de um jornalista e poeta que não conseguiu descartar a dor que a saudade podia causar; não nos é possível encontrar grandes informações a respeito do autor deste soneto, não sabemos se escreveu como reflexo do que, de fato sentia, ou se estava falando de um sentimento tão constante à sua época que não quis deixar de opinar a seu respeito.

Embora não saibamos o nível de saudade que acometia Luís, podemos sentir o peso da angústia a qual se referia. Diz que a saudade, na verdade poderia ser a tristeza de olhar para o passado e ver tanto amor deixado; mas poderia ser também o desagrado diante

³¹⁰ Almanaque do Ceará, 1907. *Saudade*. P. 164.

³¹¹ DE AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Fortaleza: SECULT/CE, 2010. p. 208

das circunstâncias que acometiam os que criam e amavam; e poderia ser também a rebeldia contra as tormentas e à hipocrisia que tomava conta da sociedade da época.

No último verso, Luis traz a descrição da dualidade de sensações que acometem aqueles que sofrem do mal da saudade; e o interessante é que o que os indivíduos sentiam no que tange à saudade, seguia a mesma sequência do que desfrutavam numa relação amorosa: primeiro os deslumbres e risos; depois os lamentos, prantos e a agonia; mas a saudade funcionava como uma extensão de ambas as sensações fazendo os indivíduos reviverem as delícias de outrora, mas com um prazo de validade, desfazendo-se quando davam conta de que não se tratava mais de uma realidade.

Como já foi mencionado, circulou na cidade de Fortaleza, na transição do século XIX para o XX um manual dos namorados que sugeria liguagens de sinais para que os enamorados pudessem estabelecer um diálogo, mesmo que a distância. O interessante é que, ao trazer um telegrafo amatório, o referido livro traz uma justificativa para o fato de estar ensinando um alfabeto gesticulado. Ele diz:

Muitas vezes não podemos passar horas ditosas junto ao objecto do nosso amor. A afflicção, que punge nossa alma quando tem necessidade, e não é possível dizer o que se sente ao bem querido, só avalia quem ama com fé ardente. Para dois corações que mutuamente se correspondem deve haver uma linguagem que seja facilmente compreendida.³¹²

Eu te consagro oh! mulher os meus afetos
Meu viver só consiste em te adorar
Para que foges, assim de quem te ama?

A fim de instigar os jovens a utilizarem a linguagem sugerida, que veremos mais adiante, o autor trata de descrever as sensações que acometem aqueles que amam, mas que não podem estabelecer uma proximidade do ser amado. Escolhemos destacar tal texto para entendermos que existia, para além de uma atmosfera romântica idealista, a necessidade de colocar em prática os sentimentos e que, vez ou outra, encontramos pessoas iniciando um verdadeiro movimento do amor e que está intimamente ligado ao anseio da presença e, consequentemente, com métodos para burlar a saudade e o sofrimento.

Em contrapartida aos que saboreavam a dor da saudade encontramos escritos que descreviam o que sentiam como algo profundamente amargo, chegando a questionar se o que sentiam era realmente saudade, como é o caso da publicação de Cardoso Junior no almanaque de 1910 intitulada *Coração de chumbo* que transcrevemos anteriormente, onde é possível

³¹² Diccionario das flores, folhas e fructas. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma. Ed. 1924. p. 69.

perceber a angústia que a saudade carrega, mas antes do poeta questionar se o que sentia de fato era saudade, ele se delicia com a capacidade de reviver as venturas de um amor passado através da prática da lembrança e isso só seria possível por meio da saudade; no entanto o que ele não conseguia entender é que aquela angústia que sentira ao despertar das lembranças e dar de cara novamente com a solidão, fazia parte do processo da saudade. Que ela trás junto ao prazer a dor de não poder restituir o que fora perdido e que precisaria, então, descobrir uma maneira de viver sem. Acreditamos que seja por isso que tantos enamorados, homens e mulheres da passagem do século, não conseguiram e também não nos seria possível, enquanto pesquisadores das sensibilidades, separar amor, saudade e sofrimento.

Talvez seja em virtude dessa dualidade de sentimentos que, durante as transições de séculos, tantas pessoas abdicaram da vida e abraçaram a morte por não terem a satisfação do amor; ou porque tiveram e, em um dado momento, perderam. Foleando os escritos de Edigar de Alencar, encontramos um poeta que escreveu sobre as dores que tinha por não ter a correspondência do amor de uma moça e, em consequência, cometeu suicídio. O texto, intitulado *Teu Desprêzo* é carregado de dor, angústia, nostalgia e mágoa; como podemos ver na transcrição:

Eu fui um louco, oh! mulher em te amar (bis)

Estrilho

Teu desprêzo me arrasta lentamente
Para a campa solitária vou partir,
A morte será minha vingança
Para que serve oh! mulher eu existir? (bis)

São tantos males que torturam minha vida
O meu pranto não cessa um só instante
Sofro tudo, por ti, mulher querida
Mas por Deus, eu te juro ser constante. (bis)

Quando ouvires o dobres de um sino
São sinais por um pobre que morreu
Deita ao menos uma lágrima em lembrança
Por aquele que por ti tanto sofreu. (bis)

Quando fôres um dia ao cemitério
Uma campa bem triste lá verás
Não perturbe oh! mulher, por piedade
O sono mortuário de um rapaz. (bis)

Se fitares meu sepulcro esquecido
Ó tu, a quem tanto idolatrei,
Deita sôbre o meu túmulo uma saudade

Em troca do amor que te jurei. (bis)³¹³

O poeta Paulo Laranjeira deixou sua marca na história cearense não pela quantidade de produções, porque só deixou uma modinha; mas pelo trágico desfecho de sua vida. Cansado de um amor não correspondido que nutria por uma moça de tradicional família; compôs os versos acima descritos e cometeu suicídio.

Apesar de existirem alguns questionamentos acerca da repercussão dos versos, por não existir a certeza de que foram escritos originalmente tal como apresentamos; e pelos versos serem considerados fracos e sem uma preocupação com rima e métrica;³¹⁴ temos diante dos olhos uma riqueza de percepção da dor e do sofrimento de um jovem que morrera aos 28 anos acometidos pelo desespero que o mal de amar poderia despertar.

Nos versos transcritos pode-se sentir a angústia que o poeta, se não sentia, pretendia passar. Como comum aos escritos românticos nota-se a presença de palavras como adorar e idolatrar para além de juras e do sofrimento. Paulo Laranjeira demonstra a dúvida das motivações que levavam a jovem a não corresponder ao seu amor; se reconhece louco por, mesmo assim, ter dedicado a ela amor; questiona sua existência como se ela estivesse atrelada ao fato de amá-la e diz que a morte seria sua vingança.

A partir do momento em que começa a falar sobre morte, ele começa a falar dos males que afetam sua vida, na verdade ele os chama de tortura; a partir desse momento o poema traz as intensões de morrer, sugerindo que, quando fosse anunciado o ocorrido, ela ao menos lembrasse de alguém que viveu, sofreu e morreu por ela; e finalizou pedindo que ela deitasse sobre o túmulo dele, apenas uma saudade, em troca de tanto amor que havia dedicado a ela.

Por mais que não possamos comprovar que as motivações do suicídio dele tenham sido em virtude do amor não correspondido, podemos perceber nos escritos um forte teor de angústia e desespero diante do desprezo de um sentimento tão intenso. Sem contar que, por mais que não tenhamos, por hora encontrado tantos indícios, existiram outras pessoas que em um dado momento de suas vidas atentaram contra a própria vida. Como vimos, ao folhear rapidamente algumas notícias nas edições do jornal *O nordeste*, mas também em alguns registros das anotações da Chefatura de Polícia do Ceará catalogados no Arquivo Público do Estado do Ceará.

³¹³ DE ALENCAR, Edigar. **A modinha cearense**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceara, 1967. p. 87.

³¹⁴ Ibidem. p. 83-84.

Diante dessas colocações achamos oportuno trazer exemplos de outra emoção muito comum quando falamos em amar, que é o sofrimento. Muitos dos homens e mulheres que escreveram sobre ele o fizeram para descrever a saudade de um amor perdido ou nunca alcançado; mas, em alguns momentos, podemos levantar a hipótese de que os escritos traziam tais questões por se tratar também da mentalidade de uma época; isto é, a percepção e a prática de escrita românticas estavam estampadas nos pensamentos dos poetas, pensadores e amantes de uma época.

É comum encontrarmos nesse período alguns poetas que, de maneira retardatária, tendiam ao decadentismo, trazendo em seus versos o apreço pela morte, e pelo sofrimento; como é o caso de Bonfim Sobrinho, que ao longo do século XX, estampou com seus escritos magoados e trágicos as páginas literárias do almanaque do Ceará, mas também de muitos outros periódicos. Trazendo um suave toque ultra-romântico e, às vezes, traços de um simbolismo um pouco mais realista; como podemos ver nos versos de *Noivado Fúnebre*:

Negra tristeza meu semblante encova,
Ó noiva minha, ó lírio meu fanado!
Por que não vamos na mudez da cova
Em círios celebrar nosso noivado?

Nos sete palmos d'esse leito amado,
Ao frio bom de uma volúpia nova,
Há de embalar o nosso amor gelado
O coveiro a cantar magoada trova.

E os nossos corpos, gélidos, inermes:
Em demorados e famintos beijos,
Serão depois roídos pelos vermes...

E do leito final que nos encerra,
Em plantas brotarão nossos desejos,
E o nosso amor, em flores, pela terra.³¹⁵

No soneto acima transcrito, podemos ver a forte tendência decadentista do poeta, posta como um ritual fúnebre no qual um casal está envolto no mesmo leito final; no decorrer da leitura dos versos, percebemos a narrativa por parte do noivo traduzindo o sepultamento dos dois, na mesma cova, como um momento em que suas carnes se encontravam, se beijando, e que, por meio dos vermes, estariam tendo o amor consumado e desabrochando como flores.

315

Disponível em:
http://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/Colecao_Antonio_Sales/Literatura_Cearense/ACL_Literatura_Cearense_13_varias_tendencias_Part_01.pdf acesso em 10 de outubro de 2017. p. 236-237.

Nesses escritos percebemos a proximidade entre amor e morte na visão de alguns literatos da época; mas também de outras pessoas que atribuíam ao amor o desfecho mortal e por meio dele a vida tornaria a acontecer.

No que diz respeito ao sofrimento, em alguns casos é possível perceber o ardor da mágoa sendo revertido em frieza, mas uma frieza que só acontece para não dar o braço a torcer e assumir a fragilidade que abarca um sujeito abandonado. Bonfim Sobrinho, mas uma vez atua como um ótimo representante, com seus versos intitulados *Fins* publicados no ano de 1901 no Almanaque do Ceará:

Morreste para mim... E o que me importa
Que vivas para alguém? Já não sou crente
De teu fingido amor, - fria, inclemente
Lamina d'aço que o meu peito corta.

Mas tu morreste para mim sómente,
E uma saudade atroz me desconforta,
Triste relembro esta afeição que é morta,
Este infeliz amor doce e pungente.

Morreste para mim, e abandonado
Jaz este amor no esquecimento imerso,
Morto também, n'um sonho amortilhado.

De lucto, a musa em desventura exprime:
Um soluço de magua em cada verso,
Uma gota de pranto em cada rima.³¹⁶

O interessante, ao nos debruçarmos sobre escritos tão ranhosos a respeito de uma mulher que deixara marcas nos corações dos homens é que podemos quebrar a lógica de que somente as mulheres foram criadas para o amor; isso nos mostra que os homens pode ter amado tanto ou até mais que as mulheres; o que os impedia de demonstrar e viver intesamente suas emoções, seja as venturosas ou as dolorosas, foi a construção moderna que exigia do homem segurança, virilidade, masculinade, fortaleza e fibra; o que não condizia com um sujeito lamentando a dor de amar ou de perder um grande amor. Esse paradigma, conforme supomos, era quebrado, sempre que possível, pelos homens das letras por serem detentores de uma licença poética que lhes garantia livre acesso ao mundo das emoções sem, no entanto, parecer padecer nele.

Para além da intensionalidade do autor, ainda precisamos levar em consideração a significação que uma pessoa acometida pela rejeição faria diante de tais versos. Homens e mulheres poderiam se voltar para os escritos de Bonfim Sobrinho e se identificar com a

³¹⁶ Almanaque do Ceará, 1901. p. 202.

saudade e a tristeza presentes às memórias de uma emoção que já morreu; poderia se sentir contemplado quando o poeta chama os sentimentos alheios de fingimento e diz que aquela a quem dedicou tanto amor estava morta para ele. Independente de mostrar ou não as marcas da perda, pode-se sentir o peso do fardo que, como os versos deixam transparecer, o amante abandonado carrega.

Em outro soneto intitulado *Naufrago* o poeta decadentista deixa transparecer que, mesmo sofrendo continuaria acreditando no amor:

Olha, não sou dos falsos, dos fingidos,
Que a dor alheia escutam motejando,
Por entre os outros corações feridos
Anda também meu coração chorando.

No amor hei de morrer acreditando
Embora viva entre os demais descritos
Alguma coisa inda me traz sonhando
O triste relembrar de amores idos.

O formoso batel do amor primeiro
Por illusões e risos tripulado,
E tendo um sonho azul por gondoleiro

O destino atirou de encontro às fragoas,
No mar da vida humana, encapellado,
N'um rochedo de prantos e magoas.³¹⁷

Nos versos acima conseguimos sentir a mágoa que estava acometendo as intenções do poeta, no entanto, apesar de todo o sofrimento que descreve como uma embargação que sofrera um brusco e devastador acidente, percebe-se a esperança ao pontuar que haveria de morrer acreditando no amor. Tais escritos nos apresentam a amplitude e complexidade das sensibilidade, ou pelo menos, das percepções sensíveis dos sujeitos que se alimentavam da parte literária do Almanaque do Ceará, bem como dos demais veículos por onde as práticas letradas circulavam apresentando emoções e percepções sensíveis das mais diversas.

Continuando o passeio pelas páginas literárias do Almanaque do Ceará, no ano de 1909, encontramos um madrigal, uma pequena composição poética com traços finos e galanteadores que trazia os escritos acerca do sofrimento por amor e de como ainda seria visível se o corpo, depois de morto fosse aberto:

Madrigal

³¹⁷ Almanaque do Ceará, 1901. p. 170.

(Do Gaulois)

Dizem, ó meu amor, que o triste paciente
Quando lhe vara o seio algum punhal ferino,
Conserva em seu olhar os traços do assassino
E pode ler-se o crime, então, perfeitamente.

Assim, a vida em mim, quando desaparecer
Abre o meu coração, antes de sepultado: -
Verás o teu retrato ali photographado,
Porque, meu doce amor, fizeste-me morrer.

Arthur Duarte³¹⁸

Nos pequenos versos nos é possível apreender o exagero do desejo de demonstrar as marcas que a dor de amor pode deixar em alguém que se dedicou a outrém. Na primeira estrofe o autor se refere a um assassinato, dizendo que aquele que é ferido leva como última memória a imagem daquele que lhe tirou a vida; já na segunda estrofe se refere ao morrer de amor e que, como o último olhar de um moribundo, a vítima de uma tragédia amorosa guardaria estampado em seu peito a imagem daquele que lhe vitimara: a pessoa amada. O morrer de amor é comparado a uma homicídio onde o culpado da morte seria também aquele a quem mais se estimava.

O sofrimento não é um sentimento exclusivo dos escritos literários; vamos perceber descrições de momentos de tensão e verdadeira angústia partindo dos sujeitos presentes nos autos dos processos criminais. O próprio casal que figurou um caso trágico de romance extraconjugal e sobre o qual já dedicamos certo fôlego, Leonizia e Joaquim, colocaram em seus escritos trechos nos quais percebemos claramente sua angústia e até mesmo medo diante da sensação de desprezo, esquecimento e até mesmo não correspondência.

Em um dos bilhetes que remeteu ao rapaz ela demonstra seu medo de ser iludida; pedindo inclusive que ele dissesse, com sinceridade, se não a amasse, ou se seu amor era dedicado a outra mulher; para além disso, afirma, em um dado momento, que sentia, da parte dele, um olhar de desdém, de arrependimento que a deixavam profundamente abatida. Imaginemos por um instante que, de fato, o rapaz não correspondesse aos sentimentos da jovem; ela havia arriscado tudo o que possuía para se jogar de cabeça numa relação de amor e intensidade ao ponto de renunciar à própria família; o que na época era escandaloso e imoral.

Esta mulher, descreve na mesma carta, as reações corporais que apresentava em virtude do afastamento do amante; queria demonstrar pra ele que o desejava com tanto fervor

³¹⁸ Ibidem. 1909. p. 182.

que seu corpo ficava em chamas com o simples distanciamento de seus corpos; esta seria a reação química do corpo de Leonízia à saudade que sentia de Joaquim.

Por mais que não possamos constatar a veracidade de tais colocações, podemos admitir que estamos diante das percepções sensíveis de uma mulher; e mais ainda, da narrativa de uma mulher que faria de tudo para chamar a atenção daquele a quem dedicava um sentimento tão intenso quanto o que demonstrou sentir pelo amante. Independente de ser fato ou apenas a narrativa, tais escritos nos levam para uma atmosfera sensível onde sua carga, para além do amor, da saudade e do próprio sofrimento, traz consigo o exagero; e isso diz sobre a tendenciosidade da jovem estampar e fazer notar seu amor.

Em carta remetida à jovem, Joaquim, por sua vez, fala de como esses sentimentos estavam lhe devorando e que não poderia e nem gostaria de continuar os escondendo. Para além disso, demonstra toda sua expectativa em não ser considerado por Leonízia, e faz isso pedindo a ela que não poupasse esforços para consolar um coração que fora criado, segundo ele, com a finalidade única e exclusiva de amá-la.

É muito comum percebermos, ao olharmos para os escritos e discursos, que os indivíduos sofriam mais do que desfrutavam dos prazeres; isso porque o medo lhes alcançava em todas as esferas: fosse o medo de perder a pessoa amada (por morte ou abandono), de não ser correspondido, de morrer, de ser desprezado pela sociedade, e algumas vezes, pelo próprio medo de amar e ser amado. A modernidade fez isso com as pessoas na transição do século aqui delimitado, como vimos ao longo do trabalho; porque, ao mesmo tempo em que o progresso civilizatório traz coisas que saltam aos olhos, acaba também despertando nos indivíduos o medo de contradizer discursos e práticas, de perder seu papel, e até mesmo de ser engolido pelo tempo, que parece transcorer de maneira cada vez mais voraz.

Quando nos debruçamos sobre casos de defloração, por exemplo, o sofrimento que a consequência dos desejos e dos amores tidos como descompensados gerava nas jovens, consistia em um misto de sensações e pensamentos; claro que não podemos descrever exatamente o que sentiam ou pensavam, principalmente porque os processos eram resumidos e narrados em terceira pessoa por sujeitos que, na maioria das vezes, não escondiam suas opiniões e percepções. Mas podemos, através da bibliografia, da empiria e dos conceitos tecer algumas possibilidades no que diz respeito ao sentimento dessas moças quando se viam diante de uma honra perdida e, mais ainda, de um amor despedaçado.

Na maioria dos casos de defloração percebemos por parte das moças e de seus familiares a angústia e o peso que era bater de frente com os ideais civilizatórios, quebrar a

moralidade e, para completar, no caso delas, perder a possibilidade de viver uma história de amor que culminasse no casamento.

O processo que teve como vítima Maria Antonieta Serra e como acusado Joachim Evers, nos transportam para verdadeiros momentos de aflição por parte da jovem, ao descobrir que o homem para quem havia entregado muito mais que o coração havia lhe deixado.

Antonieta, no dia seguinte ao defloramento, fora até a casa onde estava hospedado o acusado, e foi informada pela funcionária Ana Viana que ele havia viajado para Pernambuco, atendendo um chamado de emergência. A mesma informou que:

... Dita môça [pegou], então, uma fotografia de um album, pertencente ao mesmo Dr. Evers, e guardou no seio; que essa fotografia, que contem hum retrato de Dr. Evers em grupo de familia, [...] a depoente pediu, quiz tomar, porem ela não deu, declando que daquela fotografia so se apartaria por morte.³¹⁹

Nos autos de perguntas feitas à vítima, aparece a descrição de Antonieta dizendo que “ao saber da fuga de Evers, ficou desorientada e, esquecendo-se da presença de Alice, declarou: <<Virgem Maria, Ele me desgraçou e fugiu!>>...”³²⁰ Nesse momento, juntanto a descrição do ocorrido pela ofendida e a fala da empregada da casa onde o jovem estava, pode-se perceber o sofrimento, mediante o misto de sensações variando entre medo do por vir, decorrente da quebra da vigilância e moral acompanhantes de um processo capitalista que trazia consigo o desejo e a prática de civilizar os sujeitos, inclusive as mais íntimas das emoções e relações.

Mas, não podemos deixar de levantar a hipótese de que, verdadeiramente, aquela jovem estivesse diante de um impasse amoroso; sentindo o abandono do sedutor, mas acima de tudo do homem a quem dedicava sentimentos, tanto que consumou a obtenção de relações sexuais anterior ao casamento, para praticá-los de fato.

O sofrimento, assim como a saudade, esteve presente no imaginário de uma época, especialmente porque está atrelado ao medo do incerto; viver e conviver em uma sociedade que estava em constante mutação socioeconômica era algo que não facilitava o trato com as emoções. Acreditamos que, quando as pessoas estavam começando a se acostumar com as mudanças e as inovações, apareciam coisas novas que despertavam seu interesse mas também lhe causava receio. E isso não condiz apenas com as novas tecnologias,

³¹⁹ Arquivo Público do Estado do Ceará, processo de defloramento 1932/01. fl. 24v.

³²⁰ Ibidem. fl. 8v.

mas também com a maneira como os sujeitos as enxergavam e significavam, e como elas interferiam nas vivências sociais e até mesmo amorosas.

Nos deparamos, como já visto, com produtos para realçar a beleza e tonificar os corpos porque a entrada e o uso da iluminação no ambiente interno das casas gerou nos indivíduos o desejo de potencializar o impacto de sua aparência. Vimos percebendo também que as inovações de produtos acabaram despertando os sujeitos para adaptar suas demonstrações de amor através do uso de artigos comercializados e partes das vestimentas para a prática do flerte; e isso ficará mais claro no capítulo seguinte quando trataremos das maneiras pelas quais o amor era materializado.

Temos percebido que é impossível separar os sentimentos e as práticas sensíveis do contexto no qual os indivíduos estão inseridos. E que, mesmo quando descreviam suas emoções de forma aparentemente exagerada, ainda assim, estavam deixando as impressões e expectativas de um tempo que estava em constante mudança.

Um exemplo disso está nos escritos do boêmio Carlos Severo, um modinheiro que não se deteve apenas à tristeza, mas trazia em suas composições uma dose de malícia e leveza; oscilando entre o desejo de estar próximo e a dor que era estar distante da pessoa amada. Na modinha *Estrêla do anoitecer* encontramos traços de melancolia e exagero; mas também um sentimento que esteve atrelado ao sofrimento pela dor de amor ao longo da história: o ciúme; como podemos ver:

Feliz de quem nesta vida
Não sabe o que é amor
Não tem imagem querida
Não tem queixumes, nem dor.

Feliz de quem não escuta
O que a mentira nos diz
Ciúme que nos dá luta
Nos mata e faz infeliz.

Noturno céu onde ostentas,
Estrêla do anoitecer,
Minha alma sofre tormentas
Que já não posso tolher.

A vida é triste e desaba
Ó estrêla do anoitecer
Dizei-me quando se acaba
Meu tão grande padecer.

E tu que giras no espaço
Com teu olhar tão profundo
Querida dá-me teu braço
Leva-me cá deste mundo.

Quero que ouças de perto
 A causa de meu penar
 Sofro triste num deserto
 Sem ter a quem me queixar.³²¹

Nos versos acima transcritos percebemos o sofrimento de alguém que lamenta ter experimentado a imagem querida de um amor, e faz isso afirmando que é feliz aquele que não passou por tal acontecimento; mas para além da sensação de perda do ser amado o poeta insere em seus versos uma emoção que faz parte das angustias de amar alguém: o ciúme; que atua, em certa medida, em decorrência do medo de perder a pessoa amada. Dizem que o medo faz as pessoas enxergarem coisas onde não existem, sendo assim; os amantes, temerosos por perderem o objeto de seus desejos acabavam se deixando levar por tal emoção e findavam perdendo a sanidade e agindo impulsivamente. Temos vários exemplos disso estampados por entre as páginas amareladas dos processos criminais do início do século XX na cidade de Fortaleza e, a alguns dos quais, já nos referimos anteriormente.

O desespero de um amante, mesmo munido pela licença poética que gira em torno das produções de versos entoados em canções ou recitados, nos é apresentado através da figuração de seres inanimados, um exemplo disso está nos escritos de Carlos Severo quando pede que um corpo celeste o aconselhe e o abraça com a finalidade de amenizar seu padecer e coloca isso enquanto descreve que sofre em um deserto por não ter a quem confessar sua dor. Tais colocações, é claro, não significam que estivesse realmente falando a uma estrela de forma literal; mas era comum aos românticos e apaixonados atribuírem a elementos da natureza a capacidade de acolher suas magoas e tormentas; o que acabava contribuindo, conforme supomos, para a formação e consolidação de uma atmosfera na qual o amor pairava e, juntamente com ele, estavam fluando as dores e a saudade.

Em outra composição sua, Carlos Severo fala do sofrimento que era recordar, com saudosismo o passado e que “o maior sofrimento do mundo é aquele que oculto domina”. Faz tal observação no meio de versos onde admite a tristeza que dominava sua alma ao não conseguir descrever suas emoções.³²² Mesmo sabendo que tais escritos podem não corresponder exatamente ao que os poetas estavam sentindo, não podemos descartar as escolhas dos termos, das expressões e a constância de tais sentimentos que eram reproduzidos, ouvidos, significados e ressignificados por românticos às portas das donzelas e por estas que,

³²¹ DE ALENCAR, Edigar. **A modinha cearense**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceara, 1967. p.73.

³²² Ibidem. p. 75.

muitas vezes, empreendiam uma viagem pelo mundo das emoções a partir de tal declaração pública.

Edigar de Alencar reuniu uma coletânea de varios versos compostos por diversos poetas na cidade de Fortaleza na transição dos séculos XIX e XX porque acreditava que o canto se tratava de um dos mais expressivos relatos de um povo; e diz ainda que a canção acabava espalhando sensibilidade e até mesmo um estilo de vida.³²³

Segundo ele, a finalidade da modinha era falar de amor e de saudade:

Apenas a modinha que era simples recado de amor, mensagem sonora de queixa e saudade, transmudou-se no samba que aqui e ali também foge ao tom brejeiro para continuar ainda a falar de amor e de saudade, temas eternos como o próprio mundo.³²⁴

A modinha se popularizou porque os jovens acabaram desenvolvendo a prática de empreender cantorias diante das janelas das casas das moças por quem estavam interessados; sobre tais práticas nos deteremos melhor no capítulo seguinte, mas o que pretendemos pontuar de antemão, é que a atmosfera romântica e sensível da Fortaleza do período era composta por homens e mulheres que carregavam o amor, a saudade e até mesmo o sofrimento para além do coração; carregavam-nos na ponta da língua e por entre as notas emitidas pelas cordas das violas.

Gostaríamos de salientar ainda a importância dos artigos comercializados através dos avanços tecnológicos promovidos pelo capitalismo e sua disseminação nas cidades brasileiras a partir da divulgação de um estilo civilizado e moderno de viver e conviver, sobre os quais nos deteremos também no capítulo seguinte.

Diante das percepções sensíveis dos sujeitos, expostas ao longo deste capítulo, achamos por oportuno, no próximo momento, analisarmos de que forma as sensibilidades se materializavam; fosse por meio da utilização de artigos modernos comercializados, consumidos e que ganharam significados nas práticas de amar; fosse por meio do corpo, entendendo-o como lugar onde as emoções culminavam e desembocavam; era por meio dele que as emoções alcançavam o outro, funcionando como uma ponte de acesso; e os sentimentos tomavam forma também por meio da utilização do espaço urbano como lugar e recurso para a prática do amor por meio dos passeios, das serenatas e de outras utilizações dos equipamentos citadinos para a prática do flerte.

³²³ Ibidem. p. 11.

³²⁴ Ibidem. p. 13.

4 QUANDO OS SENTIMENTOS SE MATERIALIZAM: AS RELAÇÕES ENTRE CORPO E OBJETO.

Quando nos referimos às percepções e às práticas de amar dos sujeitos dentro de um contexto sociocultural, inseridos em um espaço e sob a influência de seu tempo, não poderíamos deixar de mencionar a relevância de alguns elementos que estão em contínua interação, sendo eles: corpo, objeto e espaço.³²⁵ Aqui percebemos o corpo como mediador da apropriação do espaço físico por parte dos sujeitos, mas também como lugar onde as emoções culminavam.

No presente capítulo pretendemos tratar acerca das maneiras como as sensibilidades eram materializadas, para tal fim, faremos uma breve explanação em torno da cultura material, pontuando os objetos que eram utilizados pelos amantes para a prática do flerte e do cortejo; mas também da utilização e disposição dos espaços por onde passavam, entendendo que essas apropriações eram mediadas pelo corpo.

Uma parte considerável da cultura material consiste na função social fruto de uma relação corpórea; não se tratando apenas de um contato físico, mas também da disposição espacial dos elementos nos ambientes frequentados pelos corpos.³²⁶ Podemos elencar como exemplo a utilização de vestimentas e outros artigos para empreender o diálogo por meio de sinais; a prática dos passeios e das serenatas; o costume de beliscar a jovem dos sonhos, e até mesmo a disposição dos espaços públicos e dos privados, desde a posição de móveis e mobílias nas casas até a escolha das praças e dos equipamentos urbanos para os encontros; todos esses pontos eram mediados pelo corpo; e isso nos apresenta as maneiras pelas quais os sujeitos desfrutavam e se apropriavam dos espaços e dos artefatos cotidianos para praticar suas sensibilidades.

Acreditamos que os objetos materiais estão inseridos tanto no universo das palavras quanto das coisas; os artefatos são historicamente selecionados e utilizados por uma dada sociedade e seus grupos tanto no que tange à produção, quanto à circulação e até mesmo o consumo de forma sensível, o seu valor não está apenas porque são objetos; mas pelo sentido que ganham para os sujeitos.³²⁷ Seu valor está na significação e representação dos mesmos para uma sociedade.

³²⁵ REDE, Marcelo. Estudos de cultura material: uma vertene francesa. **In. Anais do Museu Paulista.** São Paulo. N. Sér. V. 8/9. P. 281-291 (2000-2001) Editado em 2003. p. 284.

³²⁶ Ibidem. p. 283.

³²⁷ DE MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **In. Estudos históricos.** 1998-21. p. 91.

As coisas que as pessoas utilizavam acabavam refletindo a personalidade de seus proprietários; na psicologia social é possível perceber que as posses materiais agem como reflexo do binômio ser e ter da sociedade contemporânea, mas isso acontece desde a modernidade, com a expansão das idéias civilizadoras capitalistas.³²⁸

Os artigos, de maneira geral, revelam uma série de olhares sobre os desejos e as necessidades que geravam os valores econômicos nas sociedades de acordo com suas características e demandas³²⁹; a demanda tem muito mais a ver com as práticas e classificações sociais do que simplesmente com as necessidades humanas e o desejo de usar o que está disponível.³³⁰ O consumo está diretamente ligado, não apenas ao valor financeiro dos objetos e artefatos de maneira geral, mas também ao valor simbólico atribuído a eles.

Quando voltamos nosso olhar para a cidade de Fortaleza, na transição do século XIX para o XX, percebemos a circulação de uma grande variedade de mercadorias, de artigos e coisas que possuíam um mercado de consumo; uma dada função técnica e social; mas que quando colocamos a lente das sensibilidades, vemos claramente ganhar um significado novo. Fosse nos produtos comercializados e utilizados; na utilização dos espaços e até mesmo na utilização dos corpos como instrumentos para a prática das sensibilidades.

Ao longo deste capítulo vamos nos deparar com um corpo a corpo com objetos que acabaram revelando as relações sociais e assimilação de produtos e percepções que partem de uma ótica civilizadora que despertou nos sujeitos desejos e demandas especialmente no que tange às demonstrações de afeto. Encontramos, desde anúncios que, a partir de uma difusão discursiva através do corpo, passaram a estampar as páginas dos periódicos com a finalidade de despertar o interesse pela beleza; a divulgação de métodos contraceptivos que nos apresentam as discussões a respeito da sexualidade e da família; até sujeitos que circulavam pelo espaço urbano cantarolando serenatas às portas das jovens com a finalidade de cortejá-las.

Na Fortaleza do período, homens e mulheres escreveram, descreveram e vivenciaram seus amores, suas emoções materializando-as fosse através do ato sexual, de uma produção escrita e/ou musicada, fosse por meio das valsas, dos beliscões e até mesmo do uso de artigos das mais diversas naturezas para fazerem ser entendidas suas intenções.

Através das análises de Norbert Elias, ao discorrer sobre as posturas que deveriam ser adotadas a partir do surgimento de determinados artefatos; podemos supor que, à medida

³²⁸ Ibidem. p. 96.

³²⁹ APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora UFF, 2008. p. 16.

³³⁰ Ibidem. p. 46

em que os artigos surgiam, as normas de civilidade iam sendo modificadas e adequadas; o que não descarta a relevância do desejo e da necessidade de determinado objeto na hora da idealização de novos artefatos. Isso é o que nos encanta ao estudar o capitalismo e o processo civilizador; o fato de não conseguirmos pontuar exatamente a hora nem o momento em que as coisas começaram a mudar ou o porquê; pois se trata de um processo contínuo, que ao mesmo tempo em que é legitimado pelo desejo de acompanhar o novo, também busca aperfeiçoamento para criação de novas tecnologias.

Quando pensamos em capitalismo, nos vem à mente, imediatamente a idéia de troca de mercadorias, de valor de mercado; apesar de a troca econômica ser responsável pela criação de um valor, este, por sua vez, é concretizado nas mercadorias/coisas trocadas.³³¹ Para Simmel, o valor não tem à ver com a propriedade do objeto, mas com o julgamento das pessoas sobre eles; os artigos não são difíceis de adquirir porque são valiosos; mas são valiosos porque são difíceis de conseguir.³³²

No que diz respeito à dificuldade de obtenção tanto na esfera econômica, na vida cultural e sentimental das pessoas, quanto mais impossível fosse alcançar a pessoa amada, mais se desejava estar próximo dela. Por isso e por outras questões abordadas anteriormente, é que acreditamos que amor e capitalismo estão lado a lado no cotidiano dos fortalezenses do período aqui recortado. Quanto mais difícil de ser alcançado, seja objeto ou ser amado, maior o desejo de conquista; acreditamos que essa seja a força de impulso que levou tantas pessoas a cometerem loucuras por amor ao ponto de terem seus nomes estampados nos bancos dos réus e nas listas de vítimas dos crimes tidos como passionais; somando a eles estão também aqueles que não poupavam esforços para falar ou cantar o amor.

Diante do exposto, convém-nos dividir o capítulo em três momentos; no primeiro trataremos sobre a maneira como as emoções, os desejos e até mesmo as demandas interagem com os corpos; especialmente porque acreditamos que o corpo é o primeiro instrumento a dominar e ser dominado, ele é quem intermedia a relação com os demais sujeitos e coisas; atuando como um balizador da experiência material, e consequentemente cultural, do homem.³³³

Enxergamos o corpo como lugar onde as emoções culminam, é por meio dele que as percepções e sensações interiores interagem com o meio social e material nos quais os

³³¹ APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora UFF, 2008. p. 15

³³² SIMMEL, George. *Apude* APPADURAI, p. 15.

³³³ REDE, Marcelo. Estudos de cultura material: uma vertene francesa. **In. Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. V. 8/9. P. 281-291 (2000-2001) Editado em 2003. p. 283.

sujeitos sociais estão inseridos; fosse no âmbito público ou privado. Seria impossível, ao nosso ver, trabalhar sobre sentimentos e a maneira como é impactado e impacta a sociedade sem tratar do veículo por onde isso acontece; sem mencionar a participação do corpo como expressão dessas sensações. Não podemos esquecer que, é através dos sentidos corpóreos (visão, audição, olfato, paladar e tato) que as emoções são despertadas; sendo assim, o corpo acabava por refletir e dar forma aos sentimentos; é nele que o rio das emoções desemboca.

No segundo momento, pretendemos analisar a maneira como o espaço urbano era utilizado para a prática do *flerte* e do cortejo; através dos passeios, das práticas das serenatas, dos bailes; de que forma a vida social e pública da cidade interagiu com as emoções; mas também pretendemos pontuar os espaços privados também, quais eram os lugares da casa onde as coisas aconteciam; onde os sentimentos eram praticados.

No terceiro e último tópico, pretendemos tratar a respeito dos artigos e artefatos que circulavam pela cidade de Fortaleza com determinados fins comerciais; mas que ganhavam um significado diferenciado para aqueles que amavam; de que forma esses produtos eram divulgados e como eram reapropriados por aqueles que estavam sofrendo do mal de amor.

4.1. CORPO, UM RECEPTÁCULO DAS EMOÇÕES.

Quando falamos em sentimentos e nas maneiras como eles eram idealizados, demonstrados e vividos é importante salientarmos a relação existente entre eles e o corpo; é nele onde as emoções culminam, onde, na maioria das vezes, a intensidade do amor é manifestada. Como tudo o que existe, também no caso das sensibilidades tem sua construção histórica e isso interfere diretamente na maneira como a sociedade concebia as demonstrações de amor.

O amor foi inventado e reinventado em diferentes épocas e sociedades bem como o corpo que não só funciona como suporte para o sentimento mas que também o experimenta.³³⁴ Não se trata de uma matéria inerte, mas de uma superfície que tem vida e que pode ser moldada aos padrões disciplinares, como pudemos ver no capítulo anterior; e como tal, está sujeito a transformações com a ação do tempo e das relações de poder.³³⁵

³³⁴ BARBOSA, Maria R., COSTA, Mara E. e MATOS, Paula M. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **In. Psicologia & sociedade**, 23 (1): 24-34, 2011. p. 27.

³³⁵ MENDES, Claudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **In. Revista de ciências humanas**, Florianópolis, EDUFSC, nº 39, p. 167-181, abril de 2006. p. 168.

O historiador Georges Vigarello entende o corpo como um território diverso e que, portanto, varia de acordo com a cultura e a época; sendo assim, acredita que o corpo possua três faces: a primeira sendo orgânica e mecânica; a segunda tendo a ver com o senso de propriedade e a terceira estando ligada à ideia de identidade e pertencimento.³³⁶

A primeira face do corpo é a do princípio da eficácia; trata-se dos recursos técnicos que o corpo tira do próprio sistema orgânico e da mecânica; isto é, as habilidades manuais e ações cotidianas. A segunda face é a do princípio de propriedade; trata-se da posse do corpo, de um espaço como totalmente pessoal, o que quer dizer que o indivíduo se apropria do próprio íntimo; nesta face encontram-se as sensibilidades. A terceira face é a do princípio de identidade, se referindo a um pertencimento que designa o sujeito; aqui estão inseridas as mensagens e sinais e as expressões de natureza física.³³⁷

O corpo transcende as barreiras da intimidade que revelam não só a relação dos indivíduos com os outros, mas também consigo mesmo. E diante do que foi apresentado conseguimos perceber a presença das três faces quando um sujeito resolvia demonstrar seus sentimentos para outra pessoa ao compreender e assumir seus sentimentos, fazer uso de suas habilidades manuais e culturais para demonstrar suas emoções através de signos; dos quais temos como exemplo a linguagem de sinais onde os jovens estabeleciam uma comunicação através do uso de partes das suas vestimentas ou até mesmo na prática das serenatas; e, por meio das suas práticas de amar percebemos a presença da terceira face, onde os indivíduos ressaltam sua identidade de amantes e conseguem enxergar seu lugar no mundo.

Analisando os escritos do antropólogo e viajante Paulo Mantegazza, em sua obra *Fisiologia do amôr*, nos deparamos com uma percepção do referido sentimento como uma junção entre filosofia e fisiologia, não sendo possível, portanto, fazer uma separação entre eles. A vida seria representada cientificamente pela existencia do amor, e esse amor científico é baseado na relação entre os corpos culminando na reprodução; isso fica claro nas palavras do autor:

Para nós, o amôr é uma função única, que, para ser compreendida, não deve sêr mutilada, indo uma parte para o laboratório do fisiologista, e ficando outra no laboratório do filósofo. O amôr eleva-se, dêse o mais automático instinto, até as mais estranhas regiões do sobrenatural.³³⁸

³³⁶ VIGARELLO, Georges. A história e os modelos do corpo. In. **Pro-posições**, V. 14, nº 2 (41) – maio/ago. 2003. (p. 21-29). p. 22.

³³⁷ Idem.

³³⁸ Trecho retirado da obra rara: MANTEGAZZA, Paulo. **Fisiologia do Amôr**. Lisboa: Livraria Clássica, 1914. p. 28.

Para o autor, o amor é o sentimento humano mais poderoso, e isso acontece porque se trata de uma sintonia entre carne e espírito; mas era também, especialmente nos séculos XIX e XX, o menos estudado, porque acabava rodeado por preconceitos e hipocrisia.; Mategazza acreditava se tratar do mais nobre sentimento.³³⁹ Não apenas o antropólogo, mas muitos filósofos, pensadores e sujeitos que foram acometidos pelas circunstância do amor e tentaram de alguma forma descrevê-lo ou defini-lo; fosse por meio de publicações em periódicos, obras literárias ou até mesmo missivas.

Diante dessa esfera de hipocrisia apresentada pelo pesquisador italiano, competenos apontar para um soneto publicado assinado por uma mulher no ano de 1920, na parte literária do Almanaque do Ceará, que decidiu registrar sua opinião sobre a falta de liberdade para expressar seus desejos pelo simples fato de pertencer ao gênero feminino, vejamos a citação:

Ser mulher, - ter no seio a lava ardente
De um explosivo sonho rosiclér³⁴⁰
E não poder dizer tudo que sente,
Pela triste razão de ser mulher...

Viver da Hypocrisia deprimente
E falsos preconceitos, sem sequer
Ser leal consigo mesma, - é certamente
Sujeitar-se ao mais bárbaro mistér.

Amar e embebedar-se do desejo
De abrasar o seu beijo noutro beijo,
E ter de, enfim, conter o seu Amor,

E' o supplicio de um Tântalo³⁴¹ maldito,
Que erra, brandando, num supremo grito,
Nos mais dantêscos circulos da dôr.

Bahia

Laura Viterbo.³⁴²

Apesar de não tratar diretamente do corpo, o referido soneto nos apresenta o olhar de uma mulher sobre as privações que, no início da década de 1920, ainda estavam sendo

³³⁹ Ibidem. p. 9.

³⁴⁰ Cor róseo-clara.

³⁴¹ A expressão suplício de tântalo é usada para tratar a condição de alguém escravizado e obrigado a abri mão de tudo o que possui ao se alcance. Trata-se de uma referência a um personagem da mitologia grega. O rei foi lançado no Tártaro, em uma parte abundante em vegetação e água, mas fora sentenciado a não poder saciar nem sua fome nem sua sede. Embora tentasse, jamais poderia alcançar ou conseguir pegar água ou galhos das copas. Fonte: SOARES, Fagno da Silva. O suplício de Tântalo entre Clio e Mnemósine: trabalho escravo contemporâneo em Açailandia – MA (1978-2008). In. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011. (1-18). p. 1-2.

³⁴² “Ser Mulher”. *Almanaque do Ceará*, 1920. p. 322.

impostas. Argumentando que não podiam expressar suas emoções e principalmente seus desejos a autora discorre acerca da hipocrisia que difamava o fato das mulheres não poderem ser leais consigo mesmas e que isso acabava sendo um trabalho árduo demais.

De certa forma, percebemos, em seus escritos, uma militância pela liberdade da mulher desfrutar de seus desejos e até mesmo se embriagar deles; de vivenciar, por exemplo, o calor da troca de um beijo. Lamenta ter que conter seu amor e seus desejos ao seu íntimo.

No último verso compara a agonia que sente ao sofrimento do personagem Tântalo, da mitologia grega, que, ao desafiar os deuses recebeu como punição uma passagem para o Tártaro, se estabelecendo em uma parte repleta de vegetação e água mas, como fora condenado a não poder saciar sua sede nem sua fome; não conseguia pegá-los mesmo estando ao alcance de suas mãos; a autora escolhe o caso para descrever e pontuar quão dolorosa é a condição daqueles que não podiam falar sobre ou simplesmente vivenciar seus desejos.

Como já mencionamos, o corpo bem como suas percepções e práticas vêm sendo transformados ao longo do tempo; bem como as maneiras como são compreendidos ou ganham significado, diante disso, acreditamos ser necessário um breve histórico acerca do corpo e de como ele vem sendo significado para que possamos entendê-lo dentro de um contexto específico, destacando a cidade de Fortaleza da transição do século XIX para o XX.

Precisamos ter em mente que contar a história do corpo humano é contar também a história da civilização.³⁴³ E isso acontece porque ele ganhou e vem ganhando significados diferentes que acabou influenciando na maneira como foi apropriado, vivenciado ou silenciado pelas sociedades.

Na Grécia antiga, o corpo era visto como elemento de glória; valorizado pela saúde, capacidade física e fertilidade; no que tange à moral, não havia tanta rigidez e autoritarismo, tratava-se apenas de evitar excessos para que os indivíduos pudessem fazer bom uso dos prazeres que eram do domínio masculino.³⁴⁴

Em Roma, o corpo era exposto, mas não com a mesma frequência e o mesmo objetivo, embora ainda houvesse um grande apreço pela beleza física. A partir da difusão do cristianismo, o corpo passou de fonte de beleza para origem do pecado; passando a ser reprimido e, somente por meio do sofrimento, poderia ser glorificado tendo como referência o sofrimento de Cristo.³⁴⁵

³⁴³ BARBOSA, Maria R., COSTA, Mara E. e MATOS, Paula M. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **In. Psicologia & sociedade**, 23 (1): 24-34, 2011. p. 24.

³⁴⁴ Ibidem. p. 25.

³⁴⁵ Ibidem. p. 26.

Na Idade Média existia uma dualidade que apresentava o corpo ora sob a ótica do santo ofício, apontando hereges, bruxas e prostitutas, ora sob a ótica dos cavaleiros trovadores representantes de um amor cortês que envolvia corpo e alma e sobre o qual já conversamos no início do capítulo.

Até o século XVI, o corpo sofreu influência das técnicas religiosas; mas, a partir do século XVII, os dispositivos religiosos perderam espaço para os da medicina, psiquiatria e jurisprudência. O que não quer dizer que não buscaram apoio uns nos outros, gerando continuidades e rupturas.³⁴⁶ O meio mais comum onde isso acontecia era através da confissão, nunca para iguais, mas para especialistas como padres, médicos, psiquiatras e advogados.³⁴⁷

Um exemplo desta interação entre os discursos desses dispositivos ainda encontramos presente nos anos 1917 em Fortaleza, no caso da já mencionada Leonízia que, mesmo depois de morta, teve seu ato de adultério apresentado como um possível caso de histeria³⁴⁸, com a finalidade de amenizar a desonra do marido e apresentá-la como uma pessoa instável o suficiente para cometer tal ofensa.

A constituição dos corpos está ligada, diretamente, aos interesses do capitalismo em promover uma melhor eficiência dos indivíduos; sendo assim, quando as técnicas disciplinares foram substituída pela do Biopoder, como pudemos perceber no capítulo anterior, os indivíduos foram forçados a falar de si, a se auto-avaliarem e se disciplinarem.³⁴⁹ O que acaba promovendo também um controle dos outros e das suas ações, isso fica claro quando analisamos os testemunhos dados por vizinhos e conhecidos dos acusados e vítimas apresentados nos processos criminais; as pessoas sempre tinham teorias e até certezas sobre os acontecimentos e rotinas uns dos outros.

Para além da simples idéia de eficiência dos corpos, o desenvolvimento do capitalismo acabou promovendo a separação entre corpo, trabalho e mente³⁵⁰; e consequentemente isso vai respingar nas percepções dos sujeitos acerca das emoções e na práticas das sensibilidades. O que se percebe, quando se estuda sobre o corpo, é que ele

³⁴⁶ MENDES, Claudio Lúcio *Apud* Foucault, Michel. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **In. Revista de ciências humanas**, Florianópolis, EDUFSC, nº 39, p. 167-181, abril de 2006. p. 174.

³⁴⁷ Ibidem. p. 175.

³⁴⁸ Arquivo Público do Estado do Ceará, fundo tribunal de justiça, série ações criminais, sub-série homicídios, caixa 04, processo 1917/02. Fl. 40.

³⁴⁹ Ibidem. p. 173

³⁵⁰ BARBOSA, Maria R., COSTA, Mara E. e MATOS, Paula M. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **In. Psicologia & sociedade**, 23 (1): 24-34, 2011. p. 28.

acabou se endurecendo, resumindo o prazer à sexualidade e o imaginário a uma mera nomenclatura; isso evidencia que foi sendo silenciado ao longo dos anos.³⁵¹

Historicamente, o corpo passou e continua passando por um processo de transformação de significado, deixando de ser entendido como objeto e passando a ser visto como um caminho para chegar à alma do sujeito. A partir daí o problema passou a estar naquilo que ele se tornaria, com suas patologias e anormalidades.³⁵²

No século XVI, após o concílio de Trento, percebemos o estabelecimento de uma dupla moral através da qual a Igreja passou a regular os corpos e que consistia no estabelecimento de condutas sexuais dentro e fora do casamento. O interior das relações conjugais eram indicadas restrições acerca do prazer e o incentivo à procriação; no caso das extraconjugais, era apontada a necessidade do uso de métodos contraceptivos além de uma maior liberdade de erotização.³⁵³

Já no período que compreende o entremeio dos séculos XVIII e XIX, os próprios signos corporais passaram por transformações simbólicas. Até mesmo a lágrima e o choro ganharam significados diferentes; enquanto no XVIII as pessoas choravam em público, no XIX as demonstrações sensíveis para os homens se tornam raras e para as mulheres, o excesso de emotividade passou a ser criticado e atribuído à patológica histeria. O que estamos percebendo é que o lugar de pranto e emoções se tornou cada vez mais privado.³⁵⁴

Ao longo do século XX, o corpo passou por um processo de desconstrução do pudor e isso se intensifica após a 1ª Guerra Mundial. Todas as interdições que o corpo passou foram promovidas pela concepção cristã de sexualidade, mas, aos poucos o corpo foi se revelando. E isso aconteceu através de mudanças de hábitos como a redução dos tamanhos dos trajes de banho após a popularização dos banhos de mar; a redução das peças íntimas de espartilhos para sutiãs; as roupas de uso corriqueiro passaram a mostrar mais as partes do corpo e, no caso das mulheres, as pernas.³⁵⁵

É interessante entendermos que, à medida que os corpos se tornavam visíveis na esfera pública, se intensificava o nível de intimidade e exposição corporal na vida privada; e isso passou a interferir no nível de luminosidade da alcova, afinal, enquanto não havia o quê

³⁵¹ PETER, Jean-Pierre e REVEL, Jacques. O corpo: o homem doente e sua história. In. LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. (ORGs). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Aves, 1974. p. 146.

³⁵² Ibidem. p. 172.

³⁵³ DEL PRIORE, Mary. A história do corpo e a nova história: uma autópsia. In. **Revista USP**. Nº 23, 1994. (p. 49-55). p. 52.

³⁵⁴ Ibidem. p. 53.

³⁵⁵ SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Org's). **História do corpo: as mutações do olhar**. O século XX. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 111.

olhar não se fazia necessária a claridade; essa revelação do corpo nú despertou nos indivíduos a preocupação com a beleza e com a aparência física. Inevitavelmente, o aparecimento de partes do corpo na esfera pública e dele por inteiro no privado, despertou a necessidade de embelezá-lo, o que despertou nos indivíduos o apreço pela musculação e pela dieta.³⁵⁶

Ao nos debruçarmos sobre o Almanaque do Ceará, encontramos, a partir de 1919, após a primeira guerra mundial, propagandas de produtos de beleza capazes de enaltecer a aparência dos seios e, em 1920, a imagem de um homem musculoso para divulgar a venda de equipamentos de musculação e, conseqüentemente, da imagem dos sujeitos, como podemos ver nas imagens:

Imagem 12 - Anúncio de pasta para os seios.



Fonte: Almanaque do Ceará, 1919.

³⁵⁶ *Idem.*

Imagem 13 - Anúncio de aparelhos de ginástica.



Fonte: Almanaque do Ceará, 1920

Os dois anúncios nos apresentam evidências da preocupação dos sujeitos com o corpo, a boa forma e a aparência; e o fato de aparecerem corpos nus como inspiração para os demais indivíduos nos mostra a importância que passou a ser dada à beleza física; algo que antes não possuía espaço. As percepções dos corpos, tanto feminino quanto masculino, acabaram gerando transformações na intimidade e na vida pública das sociedades civilizadas, onde o progresso se tornou uma força motriz do capitalismo; como evidência disso temos a divulgação de produtos de beleza sendo disponibilizados para a população através dos anúncios.

A pasta divulgada garantia seios “desenvolvidos, fortificados e aformoseados”, isto é, tamanho, rigidez e beleza; esta foi a primeira vez que o referido anúncio foi estampado no Almanaque do Ceará, e ressaltou, além da finalidade do produto, o fato de se tratar de um medicamento e não de um cosmético; embora não se tratasse de uma doença, a aparência dos seios já havia se tornado um problema e que precisaria de solução científica.

No ano seguinte, o anúncio traz um direcionamento muito maior para a beleza, apesar de ainda tratar a pasta como medicamento, como podemos ver na imagem:

Imagem 14 - Anúncio de pasta para os seios.



Fonte: Almanaque do Ceará. 1920.

Percebemos uma evolução no anúncio, principalmente no que diz respeito ao uso de imagens que despertassem, com mais intensidade, a atenção dos leitores do almanaque a se tornarem consumidores; para isso dispuseram uma imagem que remetia aos seios antes e depois do uso da pasta. Expuseram uma mulher abatida e sem muitos atributos e, depois do uso do produto, uma jovem vigorosa e aparentemente bonita. Para além disso, foram acrescentados o tempo para reação do produto, e as vantagens de usar tal pasta foram expostas em letras garrafais.

O fato de o referido produto oferecer garantias de aumento, embelezamento e endurecimento dos seios, por mais “molles e cahidos” que fossem, nos evidenciam evoluções nas percepções corporais que a cidade de Fortaleza estava começando a esboçar. O corpo, que há muito vinha sendo silenciado, passou a ser exposto por meio dos anúncios de produtos que, mesmo por eliminação de hipóteses, na mais frágil das condições estava sendo observado, desejado e, por estar ganhando um significado diferente, precisava ser potencializado em sua aparência.

Encontramos evidência dessa preocupação para além dos anúncios veiculados no Almanaque; ao longo dos autos que compunham os processos criminais elencados como fontes para a pesquisa aqui realizada, estão presentes homens e mulheres que não só apontavam para os atributos físicos já existentes, mas que, em alguns casos, resolveram investir na aparência do parceiro.

Como exemplo disso, destacamos um caso de defloração em que a mãe da moça tem como evidência da seriedade do interesse do acusado em sua filha apontando um investimento que ele fizera para tratar os dentes dela; como podemos ver na transcrição:

Respondeu que no anno passado, em fins de novembro, o individuo Antonio Pedro Mendonça, dizendo querer casar com a alludida filha da depoente, começou a todas as noites frèquentar-lhe a casa; tendo nesse periodo de noivado ele offerecido á moça um retrato e cincoenta mil reis para a mesma tratar dos dentes; que de outra vez, não dizendo a titulo de que, deu cinco mil reis á menor, tendo ella comprado uma alliança; que Antonio pediu a Francisca aprendesse a ler para assignar o nome por occasião do contracto civil.³⁵⁷

No referido processo, Petronilla Maria de Jesus recorre ao Estado para ter a honra de sua filha, Francisca Martins Alves, de 18 anos de idade, reparada após ter tido relações sexuais com o empregado do gabinete do diretor da Estrada de Ferro de Baturité, Antônio Pedro Mendonça de 29 anos de idade.

O curioso fato de a mãe ter mencionado o investimento do rapaz para que os dentes da jovem fossem tratados, nos remete a uma possível preocupação com a aparência; mesmo que levemos em conta a possibilidade de não se tratar de uma verdade, a simples menção é, por si só, simbólica no que tange aos aspectos da beleza.

O enredo dessa trama se dá no período de carnaval, onde o acusado havia convidado mãe e filha para uma festa na Praça de Pelotas, hoje Praça da Bandeira, e, aproveitando-se da aglomeração, despistaram a mãe da moça e foram até a casa dele, onde tiveram relações sexuais. A jovem alegou em seu depoimento, que cedeu aos investimentos do rapaz porque este havia afirmado que só se casaria se tivesse a certeza de sua virgindade; e que, logo após o ato sexual, ele dissera que ela era como as mulheres de vida “a toa” e não mais apareceu.³⁵⁸

Antônio, no auto de perguntas feitas ao acusado, declarou que no aludido dia havia retornado para a república onde morava com um amigo e que já estava recolhido ao seu quarto quando alguém bateu à porta e viu que era a jovem. Que logo em seguida ela já entrou tirando a roupa e que obtiveram relações sexuais, passaram a noite juntos e que, inclusive, em altas horas da madrugada tomaram banho nus no quintal da casa, os dois e outros dois amigos do jovem. Antônio afirmou que Francisca não era mais virgem e que havia confessado ter tido relações sexuais com outros homens antes dele; deixou claro que até tinha intensão de casar com ela, mas não o fez por conta de sua desonra.

O interessante nos discursos desses sujeitos é que cada um, claramente, tenta defender seu futuro, independente de terem os dois desfrutado de momentos de prazer e gozo.

³⁵⁷ Arquivo Público do Estado do Ceará. Fundo, tribunal de justiça; série, ações criminais; sub-série, defloramentos; caixa 02; processo 1926/08. Fl. 6v.

³⁵⁸ Ibidem. fl. 20.

Isso se dá pelo fato de estarmos nos referindo a uma sociedade onde o corpo funcionava como um ser alojado dentro de outro ser; um próximo contrário, uma espécie de amigo-inimigo, que ameaçava, negava e, como represália, fazia o sujeito negá-lo também. Não existem palavras para descrever o prazer e isso acabava desencadeando em silêncios e medos, nesse sentido o corpo acabou funcionando como uma fronteira entre o que se sabe e o momento em que se tropeça nesse saber.³⁵⁹

Não podemos apreender uma verdade, muito menos fazer uma reconstituição acerca dos acontecimentos narrados em um processo, especialmente em casos como este onde ambos os lados saíam prejudicados de uma forma ou de outra; a moça, se não conseguisse a sentença para o casamento, carregaria consigo os efeitos do escândalo; enquanto o rapaz, se sentenciado ao casamento, carregaria o estigma de ter a qualquer momento o olhar vigilante da sociedade sobre a sua família.

Apesar de não se tratar de um documento que possa nos apresentar uma verdade absoluta sobre os fatos, o processo criminal, tem a capacidade de nos mostrar o imaginário, a sensibilidade, o discurso, os medos, costumes e regras de uma época passada.

Podemos destacar como exemplo o costume dos jovens em presentear ou possuir uma fotografia da pessoa amada. Apesar dos depoimentos de Antônio e Francisca conflitarem com relação a isso também, a final ela dizia que recebera a foto do rapaz; ele, por sua vez, alegou que ela pegara enquanto esteve na sua casa. Temos, assim, acesso a uma prática repleta de significados; especialmente no que consistia em carregar consigo uma réplica da pessoa amada para ser acessada, apreciada, quem sabe até acariciada e beijada enquanto uma oportunidade de reencontro não era certeza. Vejamos a foto:

³⁵⁹ PETER, Jean-Pierre e REVEL, Jacques. O corpo: o homem doente e sua história. **In.** LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. (ORGs). **História:** novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Aves, 1974. p. 153.

Imagem 15 - Fotografia de Antônio Pedro Mendonça.



Fonte: Fotografia anexada ao processo 1926/08. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará.

Trata-se de uma fotografia que, conforme supomos, foi realizada em um studio, preparada para apresentar o jovem na sua melhor vestimenta, acessórios e postura. Pela descrição de sua função apresentada nas qualificações do acusado, percebemos que se tratava de um funcionário que atuava no escritório da Estrada de Ferro de Baturité e, pelos gastos que teve, supostamente, com a jovem; não se tratava de um simples operário; somando isso a sua idade, podemos supor que se tratava de um jovem que não era necessariamente imaturo.

O que difere essa pesquisa de tantas outras que trabalham com crimes passionais, sejam de defloramentos, homicídios ou ferimentos, é que, independente de um desfecho trágico ou satisfatório, em algum momento esses sujeitos sentiram com tanta intensidade que não conseguiram reter suas emoções, e se entregaram aos seus desejos, amores e sexo; mesmo que em rápidos e momentâneos prazeres, houve gozo e entrega; e isso nos diz muito sobre uma época e sua sociedade.

Apesar de existir um limite entre o saber e o fazer, o corpo acabava atuando como lugar onde o discurso poderia facilmente tropeçar. O corpo, apesar de não falar, emite palavras; e essa linguagem criada pelos desejos só existe para criar uma contenção e racionalização dos pedidos do corpo.³⁶⁰

³⁶⁰ PETER, Jean-Pierre e REVEL, Jacques. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. (ORGs). **História:** novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Aves, 1974. p. 153.

A linha entre os sentimentos e os corpos é tênue demais e poderia ser facilmente transposta, especialmente numa sociedade com tantas restrições e silêncios como a fortalezense do período. Seria impossível restringir o amor apenas à ideia romantizada de que pertencia ao coração; as emoções passavam também pela dimensão da ideia antes de se tornar uma prática.

Sendo assim, faz todo sentido encontrarmos obras como a do antropólogo Paulo Mantegazza, que objetiva entender o funcionamento da fisiologia de um amor que, rompendo ou ressaltando a moral de sua época, culminava no corpo dos indivíduos.

Ao analisarmos a obra *Fisiologia do Amôr*, percebemos, por parte do autor, uma descrição do amor como algo que, por si só, já funcionaria como um poço de contradições; trazendo consigo emoções boas e ruins, aliviadoras e angustiantes, mas que mesmo assim, ainda eram preciosas ao ponto de o homem desejar ter muito mais para oferecer em sacrifício a ele.³⁶¹

O que percebemos ao longo desse estudo é que, segundo o antropólogo, as leis que foram criadas para regular as relações amorosas possuíam um caráter hipócrita e decoroso pelo fato de não ter sido possível, para as pessoas daquela época, compreender esse sentimento por completo. Toda sua abstração e complexidade geraram e continuam a gerar nos seres humanos medo e barreiras decorrentes, de maneira geral, do desconhecido e imensurável.³⁶²

Ao finalizar o primeiro capítulo de sua obra, Mantegazza expôs sua visão acerca do caráter civilizatório do amor, de como essa força atuava como promotora de uma virtude que deveria ser passada de uma geração para outra; o autor defendia ainda a necessidade da criação de uma legislação que pudesse regular o amor, mas, segundo ele, de uma maneira mais moral e racional; não apenas movido pela ignorância que acabou disseminando a ideia de que nem todos eram para o amor, e muito menos o amor era para todos.³⁶³

Direcionando seus escritos para os efeitos das emoções sobre os corpos, o pesquisador resolveu discorrer sobre a distinção entre as características e os papéis dos homens e das mulheres, afirmando que a estas:

... prescreveu a naturêza tarefa mais difícil e mais cruel. Deve recusar o que deseja: deve lutar contra a voluptuosidade que nella se insinua; deve repellar aquêlle que ella

³⁶¹ MANTEGAZZA, Paulo. **Fisiologia do Amôr**. Lisboa: Livraria Clássica, 1914. P. 30.

³⁶² Ibidem. p. 30-31.

³⁶³ Ibidem. p. 31.

ama: exigir sacrificios, em vez de pedir beijos; sêr avarenta, quando tudo a impelle para a liberalidade; congregar, em fim, todas as suas débeis fôrças, para se defendêr do assalto de quem ella desejaria apertar contra o coração.³⁶⁴

E no tocante aos homens apontava as características que uma mulher deveria observar, antes de pensar em constituir uma família com ele:

Para a fecundação bastaria apenas um súbito ardôr e um violento desejo. Mas a mulher não procura simplesmente um fecundadôr: quer um defensor para a sua prole e um protector para a sua fraqueza; e quer assegurar-se da firmêza daquela ternura, com que elle diz que a ama. O homem tem de construir o seu ninho; é bom architecto? Tem de o defendêr; mas será corajoso? Deverá criar e procurar collocação a seus filhos; é laborioso acaso? tem ambições? tem perseverança? É preciso que ella saiba de tudo isso.³⁶⁵

À mulher, coube a tarefa mais difícil; pois deveria recusar tudo aquilo que, naturalmente esperava; até mesmo os carinhos do homem amado, com a finalidade de não aderir aos prazeres sexuais, indo de encontro inclusive aos desejos do seu próprio coração. O que tal citação nos mostra é a linha tênue e sensível existente entre a virtude e o pecado; a lei e a transgressão; porque bastava ceder à própria natureza que tudo estaria perdido. Nessa configuração podemos, por conseguinte, fazer mais uma conexão com os casos das jovens que não conseguiram se equilibrar na corda bamba das emoções, deixando-as se materializar em seus corpos através do ato sexual e passaram a compor o rol de vítimas em processos de defloração no início do século XX, na cidade de Fortaleza.

Convém destacarmos, ainda, que ao apresentar o termo “fecundação”, o pesquisador está se referindo ao ato sexual, à procriação e à formação familiar; e que se os indivíduos não estivessem firmes no propósito para os quais acreditavam ter sido criados, bastaria um desejo forte e ardoroso para se entregarem às emoções e aos desejos.

Estamos nos referindo a uma obra que possuía um público alvo muito específico na cidade de Fortaleza; era destinado a médicos e higienistas que deveriam estar prontos para orientar homens e mulheres a fazerem bom uso de suas emoções e controlar as pulsões. Como evidência disso, temos a descrição dos papéis e, mais do que isso, ao tratar sobre a arte da sedução, aponta caminhos para que os amantes façam a corte e vivam suas emoções de maneira prudente, como podemos ver na citação:

Inda na mais feliz e mais rara das hipóteses, em que dois amantes são, ao mesmo tempo, dominados por uma simpatia igualmente enérgica, é-lhes necessário *fazêr a*

³⁶⁴ Ibidem. p. 81-82

³⁶⁵ Ibidem. p. 83.

côrte, isto é, mostrarem-se, um ao outro, sob todos os aspectos da bellêza física, moral e intellectual. Depois de conquistados pelo olhar, devem reconquistar-se em cada dia, em cada hora, pelas seducções do coração, da graça, da intelligência.³⁶⁶

Para o autor, no perfeito amor deveria existir uma espécie de equilíbrio entre os dois amantes e, mesmo depois de efetuada a conquista, seria necessário ao casal se reinventar e se conquistar dia após dia. Partindo desse ponto ele aborda uma prática que poderia se tornar patológica, caso não houvesse equilíbrio: o galanteio.

Para além da necesssidade que um sujeito tem de se relacionar e de seduzir, o galanteio funcionava como uma patologia presente no homem, mas que poderia ser ainda mais vulgar na mulher; e neste aspecto, segundo o pesquisador, encontra-se mais presente o orgulho do amor próprio.³⁶⁷

Ao se referir à mulher que se entrega descontroladamente à prática dos galanteios, o antropólogo diz:

O compartilhar uma paixão é indiferente a uma galanteadôra, contanto que ella agrade a muitos; menos censurável apraz-lhe, em volta de um verdadeiro amôr, uma grinalda de simpatias: inda que haja dado o coração, não tem escrúpulo de dispensar sorrisos, suspiros, e até beijos, meio castos e carícias meio-libertinas a outros, que ella quer mantêr seguros pelo fio tênue de uma esperança. Nos casos mais graves, o coração não pôde sêr cedido a ninguém, porque está prometido a todos; e o atroz afan de agradar a muitos fatiga a tal ponto o sentimento, que torna impossível o desenvolvimento de uma afeição séria.³⁶⁸

Aqui o autor faz uma crítica às pessoas, especialmente às mulheres, que se colocam na condição arriscada de entregar seus corações para várias pessoas, comprometendo, inclusive sua chance de viver uma afeição séria e sincera. O galanteio acabava gerando uma queda para aqueles que se colocavam em condição tão arriscada.

A ofensa à moral que era atribuída ao fato de haver sempre mulheres prontas a vender sorrisos e desejos, dissimuladamente, enquanto zombavam de outras que, pela força do desejo ou motivadas por uma “verdadeira” paixão acabaram caindo, fosse por não conseguir e acabavam cogitando a mentira ou a traição.³⁶⁹

Mais uma vez, achamos por oportuno lembrar que não se trata de uma obra produzida dentro do cenário brasileiro, muito menos fortalezense; mas o fato de circular e de ser veiculada entre os médicos, uma das partes envolvidas na manutenção de discursos e

³⁶⁶ Ibidem. p. 84

³⁶⁷ Ibidem. p. 85.

³⁶⁸ MANTEGAZZA, Paulo. **Fisiologia do Amôr**. Lisboa: Livraria Clássica, 1914. p. 85.

³⁶⁹ Ibidem. p. 86.

práticas higienistas, nos evidencia os ideais e pensamentos que planavam sobre a cabeça, o coração e as emoções dos cidadãos da Capital Cearense na transição do século XIX para o XX.

O antropólogo apresenta aos leitores as características das loireiras, isto é, mulheres que eram provocantes e que gostavam de seduzir; advertindo aos rapazes os perigos de se deixarem levar pelos seus encantos, como podemos vêr na citação:

A virtude de uma loireira é a virtude do amianto, o qual resiste ao fogo porque é incombustível. É uma virtude meramente física, anatômica. Quem a aprecia não tem vislumbres de senso moral, nem leu nunca uma página da fisiologia do coração humano.

Leitores! Se tendes a desventura de amar uma loireira, lembrai-vos de que o seu carácter pertence à história da libertinagem do sentimento; e, se tendes sede de amor, mudai de rumo, porque vos enganastes o caminho.³⁷⁰

É interessante observarmos que, como contraponto aos papéis idealizados e disseminados entre os fortalezenses, existiam exemplos e discursos girando em torno do não-ideal e das consequências de se deixar levar por eles. Na mesma página estão dispostos os perigos de uma loireira e o ideal de verdadeiro amor; isso não se deu por acaso, e, conforme supomos, nos evidencia que o referido sentimento se tornou, de fato, a força propulsora de civilidade, ou pelo menos uma referência para ela.

Para Mantegazza, o verdadeiro amor seria:

O que não procura simplesmente a voluptuosidade, mas a posse absoluta, completa, de todo o ente amado, não tem a paciência nem a serenidade necessária para aprender a fingir. O amor relampagueia, troveja, chora, fulmina, ameaça, supplíca; esmagado, esmaga; ferido, mata; blasfema e abençoa.³⁷¹

Ao contrário da voluptuosidade, o amor seria o melhor atributo de uma sociedade civilizada para controlar as pulsões, os desejos e os sexos dos indivíduos. E é nesse ponto que percebemos até mesmo a individualização proveniente da idéia de propriedade/posse que o capitalismo traz consigo enraizada em proporções inclusive sentimentais.

Nunca foi fácil para um sujeito se relacionar com seu corpo, por ter se tornado um lugar de contradição fundamental; afinal, é nele onde as regras convergiam e encontravam suporte; trata-se de um lugar que atua como fonte de ser, desejo e razão. É no corpo onde essas três funções se chocam; é nele onde acontece o embate entre o que o indivíduo deseja e

³⁷⁰ MANTEGAZZA, Paulo. **Fisiologia do Amor**. Lisboa: Livraria Clássica, 1914. p. 86.

³⁷¹ Idem.

o que tem construído dentro de si como consciência; tratam-se, portanto, de exigências e conflitos perturbadores.³⁷²

Nesse contexto de efervescência, entre desejos e deveres é que encontramos muitas jovens cedendo às suas paixões, se entregando e, em seguida, procurando os órgãos jurídicos para terem suas honras defendidas e reparadas. Ou, em outros casos, onde os desejos eram incontroláveis ao ponto de fazer com que mulheres e homens casados colocassem em risco seus relacionamentos e suas reputações com a finalidade de se lançar inteiramente aos anseios mais recônditos do seu ser.

No que tange aos processos criminais podemos perceber várias abordagens para o corpo por ser o espaço onde as emoções desembocam, e, por funcionar como receptáculo para os sentimentos; é nessa documentação que melhor encontramos os ideais de certo e errado colidindo. Por meio dos processos temos acesso ao corpo morto, recém desvirginado, ferido, saudável; mas é neles também que vemos como a medicina lidava com ele no seu pluralismo, inclusive quando esse corpo não possuía uma mente considerada como saudável.

Independente do estado dos corpos dentro dos processos, podemos observar que, para cada um dos apresentados nas páginas dos processos catalogados, encontramos as marcas da intensidade das emoções de sujeitos estampadas e/ou marcadas na superfície corpórea.

Fosse através do exame de corpo de delito realizado nas moças para atestar o rompimento do hímen e o tempo de cicatrização do mesmo, que comprovaria sua entrega ao prazer; fosse na emissão de um laudo corporal para aqueles que, dominados pela raiva ou ciúmes, geraram ferimentos não fatais em outra pessoa; fosse na realização da autópsia de um cadáver vitimado por um homicida motivado pela descoberta de uma traição. Em qualquer uma dessas situações, o corpo se tornou agente e reagente. As emoções efervesceram e despertaram nesses sujeitos impulsos incontroláveis.

Para cada tipologia de processo encontramos uma maneira de abordagem diferenciada para o corpo; os discursos tinham algumas características específicas quando se tratavam dos casos de defloramento. Dentro das narrativas dos sujeitos percebemos algumas colocações recorrentes entre os acusados no que tange à facilidade da penetração na vagina das moças; um dos acusados, no ano de 1921, por exemplo, afirmara que a moça estava “frouxa”³⁷³.

³⁷² PETER, Jean-Pierre e REVEL, Jacques. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. (ORGs). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Aves, 1974. p. 152.

³⁷³ Arquivo Público do Estado do Ceará. Fundo tribunal de justiça, série ações criminais, sub-séries defloramentos, caixa 02, processo 1921/02. Fl. 17v.

As sensações dos rapazes era o ponto de partida para a desconfiança da suposta desonra da mulher; no caso envolvendo Eduardo Gomes Pessôa e Maria do Carmo Brasil, já mencionado no capítulo anterior, que contraíram casamento somente com cerimônia religiosa e que no dia posterior à noite de núpcias resolveu devolvê-la à família, afirmando que, depois da relação sexual, havia notado uma facilidade na penetração do órgão sexual, como teria acontecido com um “mulher qualquer” e que não havia sangrado. Ainda mais interessante é a justificativa que a jovem lhe deu; afirmando que o ocorrido se devia ao fato de suas amigas haverem introduzido o dedo na sua vagina justificando assim o rompimento da membrana.³⁷⁴

A evolução dos estudos acerca do rompimento ou não do hímen e dos efeitos de um primeiro ato sexual para a morfologia do órgão feminino nos mostram a impossibilidade de uma conclusão plausível. Embora não se pudesse afirmar com certeza, a possibilidade da jovem ter criado uma história alternativa, independentemente de ser verdade ou não, nos apresenta uma situação um tanto constrangedora para o período: a possibilidade de uma ou mais moças estarem se tocando. No entanto, se o acusado havia criado tal suposição infundada, mostraria um pensamento seu. Em todas as possibilidades, o simples fato de tal discurso aparecer estampado nas páginas de um processo, já nos mostra um pouco de uma realidade sexual hipócrita que pairava sobre a capital cearense.

É importante salientarmos que, nos depoimentos, as histórias tinham sempre os traços de quem estava narrando; e para dar veracidade a suas inquietações, suposições e questionamentos poderiam haver manipulações da verdade. Os processos, como qualquer outro documento histórico, não podem dar conta das coisas que e como, de fato, aconteceram; mas, ao nos debruçarmos sobre sua lógica, somos apresentados às intencionalidades de uma época.

Outra coisa interessante que os processos nos apresentam é o leque de possibilidades de usos dos espaços da cidade para a prática da própria relação sexual. Em alguns processos de defloração percebemos, por exemplo, o coito acontecendo em um ambiente externo, público, muitas vezes no meio do mato, com os sujeitos deitados sobre o chão³⁷⁵.

Já no caso ocorrido em 1922, o acusado João Baptista de Oliveira Filho, carpinteiro de 22 anos de idade, descreveu o ato sexual com a finalidade de comprovar os comportamentos indecorosos da vítima Maria Evangelista de Sousa, de 19 anos, residente

³⁷⁴ Arquivo público do Estado do Ceará. Fundo tribunal de justiça, série ações criminais, sub-séries deflorações, caixa 03, processo 1928/03. Fl. 17.

³⁷⁵ Arquivo público do Estado do Ceará. Fundo tribunal de justiça, série ações criminais, sub-série deflorações, caixa 02. Processo 1921/02. Fl. 14.

perto do Prado. O jovem afirmou que a jovem começou a apalpá-lo, pegando no seu membro viril que, ao convidá-la para terem relações, ela havia aceitado; afirmou ainda que o ato aconteceu com ambos em pé, levantando apenas a roupa da jovem e, para concluir, alegou que o seu órgão entrou sem a menor resistência.³⁷⁶

Segundo Maria, esta fora a segunda vez que tiveram relações porque a primeira havia acontecido em uma rede que estava armada na sala de sua casa, durante uma das muitas visitas que João lhe fazia. Já seria difícil para os juristas da época encontrarem uma verdade absoluta, imagina para nós que estamos com quase um século de distância; apesar de não podermos confirmar a veracidade da história do casal, podemos apreender os pensamentos, percepções e até mesmo a potencialização do medo de estar diante de uma situação que poderia mudar completamente o curso da vida desses indivíduos.

As descrições feitas acerca do comportamento dessa jovem nos fazem revisitar os conceitos de galanteio feminino, da voluptuosidade e da libertinagem do sentimento feminino tão debatido pelo antropólogo italiano e combatido pelos ideais civilizadores da época.

Acreditamos que a linha entre sentimento e emoção seja tênue demais, pois no primeiro tratamos de uma experiência mental acerca do que se passa no corpo, tem a ver com a percepção; a segunda, tem a ver com uma reação rápida, instintiva. E quando o corpo entra em foco, fica ainda mais estreita; porque nele convergem as percepções e o instinto.

Muitas dessas moças se colocavam diante de situações que eram consideradas arriscadas por estarem diante do desejo e do amor do outro; motivadas fosse pelo desejo, pelo prazer ou pela presença do ser amado. Tomando por base tudo o que foi apresentado acerca do corpo, do amor e dos sexos, na obra de Mantegazza, nos questionamos como poderia um casal de jovens, cheios de vigor, desejo, amor e instintos resistir a uma oportunidade? Fisiologicamente impossível; e, apesar dos quesitos moralidade, civilidade e controle das pulsões; na hora de amar, era somente o amor que importava.

A jovem Maria Antonieta Serra, de 19 anos de idade, doméstica entrou com um processo de defloração contra o alemão Joachim Evers, funcionário da loja Pernambucana e, ao descrever o momento em que cedeu aos encantos do rapaz e, automaticamente, aos seus desejos, conta que recebera um bilhete do rapaz informando que estava doente e que diante isso decidiu visitá-lo. Chegando lá, ouviu um pouco de vitrola com o amigo do jovem e que, em seguida, se dirigiu ao quarto; sentou-se à beira da cama sendo, então, beijada pelo rapaz.

³⁷⁶ Ibidem. Processo 1922/01. Fl. 13v.

A jovem afirmou que tentou fugir do namorado, mas que ele afirmava querer apenas beijá-la; deitou-a na cama e rasgou suas calças. Ela disse ainda que Evers a tranquilizou dizendo que casaria com ela, e que se isso não acontecesse ela poderia recorrer à polícia. Namorava com ele há aproximadamente um mês e confiava nele porque a tratava com muito respeito.³⁷⁷ Independente do rapaz ter intenções de levar tal relacionamento a diante ou não; da moça ter sido desonrada e ter arriscado viver sob os olhares julgadores de uma época; é inevitável deixarmos de direcionar o olhar para as emoções que, conforme supomos, dominavam o casal, especialmente a moça.

Tomando como referência o papel da mulher construído socioculturalmente, e muito bem discutido por Mantegazza; as normas comportamentais de civilidade e moralidade que pairavam sobre os fortalezenes; e em detrimento disso destacamos a vontade de saciar o desejo, vivenciar o amor, bem como o medo de perder o ser amado. Um verdadeiro embate físico, ideológico e sensível acontecia com aqueles sujeitos, e no momento crucial de conflito o que prevalecia muitas vezes eram as emoções e os impulsos.

Não podemos é claro olhar para o passado com os olhos do hoje e analisar casos como o de Antonieta colocando-a diretamente como sujeito agente e consciente da sua sexualidade porque seu entendimento acerca do assunto e os debates eram escassos demais; no entanto, não podemos também colocá-la na posição de vítima. Acreditamos se tratar de um indivíduo que amou, desejou e se entregou a ambos, cogitando e temendo as consequências, mas que, mesmo não podendo admitir para os juristas, desfrutou do prazer do seu amado.

Percebemos ainda, que o corpo, mesmo sadio, se acompanhado de uma mente doente virava um problema para a sociedade; e as sensibilidades possuíam e ainda possuem variadas fronteiras tênues, e uma delas é com a loucura.

Dentro do contexto de um Biopoder, onde os corpos dos sujeitos passaram a ser regidos e regulados pelo Estado, tomando como referência a família e implementando os ideais de civilidade e pudor vamos encontrar no século XIX, e respingando no século XX, discursos e práticas médicas que isolavam os sujeitos que eram considerados alienados; entendendo-os não como pessoas com julgamento perturbado, mas como sujeitos que agiram de maneira desordenada se rendendo às suas paixões e desejos; e que, em um dado momento, tomaram decisões pela liberdade.³⁷⁸

³⁷⁷ Arquivo Público do Estado do Ceará. Fundo tribunal de justiça, série ações criminais, sub-série defloramentos, caixa 03. Processo 1932/01. Auto de declaração prestada pela ofendida. Fl. s/n.

³⁷⁸ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 121.

Analisando os processos criminais, nos deparamos com um processo de homicídio em que o sujeito, motivado por um ciúme incontrolável da esposa, que ele mesmo reconhecia como honrada, tirou-lhe a vida.

Carlos Ferreira Neves 24 anos de idade, funcionário da estrada de Ferro de Baturité, casado com Maria Bomfim Zogob Neves, 26 anos de idade; ambos residentes no Cauhipe, percebera a demora de sua esposa em retornar com seu pagamento resolvera ir ao encontro dela e conferindo a sua história um fim trágico. A mãe da vítima explicara, em seu depoimento, que o pagamento havia atrasado e que por isso a filha decidiu se hospedar em uma pensão na cidade. Quando o marido chegou, embebido de um ciúme desmedido atirou contra a mulher, matando-a na mesma hora.

O interessante desse processo é que, ao cair em si, do que acabara de fazer, o jovem atentou contra a própria vida. No laudo de corpo de delito está transcrito que ele atirou contra a têmpora direita, mas que a bala havia ficado alojada na arcada dentária; segundo o laudo, ao depoimento do acusado ele ficou cego.³⁷⁹

Neste caso, percebemos quão tênue é a linha entre amor, ódio e loucura; e que o fato de ter cedido aos impulsos de atentar contra a vida da mulher foi incontrolável; ele alega, inclusive que perdeu o juízo e não lembrava do ocorrido; embora tenha dito que em um dado momento sentira-se “corno”. Aqui percebemos que, o que não podia ser explicado e controlado no que tange às pulsões dos indivíduos era entendido como loucura.

O réu foi enviado para o asilo de alienados diagnosticado com doenças mentais, e aqui é importante salientarmos o papel do louco e dos hospitais ainda no século XX, que consistiam na separação e isolamento do incompreendido e incontrolável. Carlos não passou muito tempo no asilo porque foi acometido pela lepra, sendo enviado para o Leprosário da Canafístula; o processo não nos aponta para o desfecho da história dele após a doença.

Por entre os demais processos catalogados, nos deparamos ainda com outro indivíduo que, motivado por um trem descarrilhado de emoções, acabou ferindo fatalmente sua esposa. Motivado por ciúmes, revoltado pelo fato de a mulher não cumprir com seus deveres e pelo constrangimento por se tratar de uma mulher, segundo ele, de festas.

Em outro processo, Antônio Pereira da Costa, 22 anos de idade, operário, era casado com Eulampia Salles, 16 anos de idade. Segundo o jovem, tivera problemas com sua esposa e tentara ajuda com a mãe da moça e que, por um tempo, até havia melhorado; no entanto, quando ele saía para trabalhar a jovem seguia para festejos. O réu afirmou que o

³⁷⁹ Arquivo Público do Estado do Ceará. Fundo tribunal de justiça, série ações criminais, sub-série homicídios, caixa 07. Processo 1928/01. Auto de exame de corpo de delito feito em Carlos Ferreira Neves. fls. 3-3v.

impulso de matá-la aconteceu quando foi com ela a uma festa, acompanhados de duas moças e um rapaz e, ao se deparar com o comportamento da mulher, não resistiu.

O interessante desse processo, e do discurso de Antônio é que, no decorrer do depoimento encontramos transcrito um bilhete que havia enviado para a jovem antes de começarem a namorar; o que já demonstrava sua insegurança no que dizia respeito aos sentimentos da moça. O bilhete dizia:

Senhorita Eulampia. O fim deste é em dizerte que não nos convem a nossa amizade, porquanto a sua mãe não quer, e eu soube em casa de sua Tia Magdalena que você estava namorando com um marinheiro da Capitania dos Portos, de nome Xavier e que elle vivia lhe presentando com latas de doce e queijo, por isso acho conveniente que você deverá se cazar com elle, porque teria mais fortuna do que commigo que sou um pobre garçon, que apenas poderei lhe dar o almoço sem jantar. E no mais á Deus, desejo-te que sejas muito feliz com esse teu noivo que tua mãe adora. Do teu esquecido Antonio Pereira da Costa.³⁸⁰

O jovem estava narrando em seu depoimento como havia conhecido a jovem e como havia se desenrolado o relacionamento deles; que quando conheceu Eulampia, ambos possuíam alguém, ela um marinheiro que sempre a presenteava; e ele uma noiva. Não resistiram um ao outro e, conseguindo o consentimento da mãe, contraíram núpcias.

Para além da insegurança, percebemos, por parte do rapaz, certo sentimento de inferioridade, achando que não conseguiria disputar o coração da sua amada com um homem que estava sempre lhe presenteando; que provavelmente lhe daria melhores condições de vida que um simples garçon. O jovem conclui o bilhete se reconhecendo esquecido, o que, pode ressaltar nossa hipótese da insegurança ou se tratar de uma característica literária da atmosfera romântica da época.

Mais uma vez nos deparamos com a inconstância no que tange ao trato com as emoções, independente da época, das condições sociais e dos valores; definí-las, vivenciá-las e entendê-las não é uma tarefa fácil. Embora não exista uma fórmula exata para amar ou para entender o amor, através dos vestígios de sujeitos que ousaram desafiar todas as barreiras e falar sobre o incomunicável, experimentar o proibido e se entregar ao novo; conseguimos apreender um pouco do cenário sensível da cidade de Fortaleza nessa transição de século.

Tais aspectos influenciam diretamente na maneira como os sujeitos praticavam o flerte, consumiam artigos importados ou locais que funcionavam como materialização dos sentimentos (cartas, penas, cartões-postais, vestimentas, entre outros) tocavam serenatas às

³⁸⁰ Arquivo Público do Estado do Ceará. Fundo tribunal de justiça, série ações criminais, sub-série homicídios, caixa 07. Processo 1929/02. Bilhete transcrito no depoimento do acusado. Fls. 17v—18.

portas das donzelas, realizavam passeios de mãos dadas; é acerca dessas práticas e das maneiras como usavam o espaço urbano e a alcova que nos deteremos agora.

4.2. PRATICAR O AMOR NO ESPAÇO URBANO: O FLERTE, AS SERENATAS E OS PASSEIOS EM FORTALEZA.

A Fortaleza do final do século XIX e início do XX estava repleta de equipamentos urbanos que demonstravam toda a preocupação das autoridades em oferecer uma estrutura que contemplasse as inovações e a modernidade que estavam em alta na época. E, de acordo com o que pudemos observar a partir da ótica sensível, esse espaço foi, inúmeras vezes, ressignificado pelos praticantes do amor.

Segundo o Almanaque dos Municípios do Ceará para 1908, Fortaleza contava com 14 praças e cada uma com sua particularidade; dispondo de belas paisagens prontas para serem utilizadas pelos cidadãos e, conforme supomos, pelos amantes dispostos a desfrutar da presença dos seres amados; no referido periódico, a praça Marquez de Herval é descrita como:

Um lindo jardim, com espaçoso passeio calçado de cimento circundando os canteiros tanques, palmeira, e, no centro, um elegante pavilhão de ferro, tudo isto dando á praça um aspecto alegre, e offerecendo á população da cidade um magnifico ponto de diversões. Esse esplendido jardim donomina-se Avenida Senador Accioly.³⁸¹

Ao apontar tal praça como ponto de diversão, descreve um espaço repleto de beleza, pavimentado, estruturado e apto para receber a população fortalezense nas suas horas de lazer; e eram nesses espaços onde os jovens caminhavam e experimentavam, conforme supomos, muito mais do que a urbanidade, praticavam também seus amores e sensações.

Para além deste espaço, o Almanaque apresenta ainda a Praça do Ferreira, que contava com vários quiosques onde jovens se encontravam para compor e recitar seus poemas, cantarolar modinhas e até mesmo praticar o flerte. É impossível imaginar um espaço frequentado por jovens das mais variadas esferas sociais e não imaginar que, durante esses encontros, não tenham acontecido troca de olhares, risos e até mesmo toques; no caso dos últimos, damos destaque para esbarrões, pisões nos pés e beliscões.

Outro espaço destacado pelo periódico, mas que aparece em tantos outros documentos é a Praça dos Mártires ocupada pelo Passeio Público, descrita aqui como:

³⁸¹ Almanaque dos Municípios do Ceará para 1908. p. 8.

Cercada de grades de ferro, á sombra das grandes arvores, os caprichosos alegrêtes matizados de variadas flôres, os grupos de palmeiras, as pequenas ruas de myrtacias, por entre as quaes sobresaem as estatuas brancas das deusas do Olympo ao lado de vistosos pavilhões tornam este lugar concorrido e attrahente, principalmente nas noites de quintas feiras e domingos, em que a população da capital, sem distincção de classe ou condicção vem ahi recreiar-se na mais doce cordialidade.³⁸²

Um dos espaços mais bem registrados na história da cidade de Fortaleza, o Passeio Público se destaca enquanto área central da cidade, e devido a sua beleza e disposição com vista privilegiada para o mar se tornou ponto de encontro e lazer da população citadina, o que nos leva a crer que se tratava de um lugar onde os jovens empreendiam seus encontros, passeios e até mesmo o *flerte*.

Nos espaços públicos de sociabilidades, os grupos sociais se espalhavam, mesmo que de forma hierarquizada, para desfrutar de tempos de lazer; e dentre essas práticas que eram consideradas civilizadas estão inseridos os passeios vespertinos, as conversas e até mesmo namoros discretos nas praças. E o modo como se comportavam, se vestiam, conversavam, levantavam e até sentavam denunciavam a qual esfera social cada sujeito pertencia; a idéia era que esses indivíduos conseguissem se encaixar, cada vez mais em uma sociedade que pretendia alcançar o status de civilizada.³⁸³

Por contemplar todas as esferas sociais, embora não tão democraticamente quanto expunham alguns registros das suas instalações, afinal as ruas deveriam ser praticadas, cada uma por sua demanda social, acreditamos que não eram espaços apenas para as famílias, mas também para os jovens terem à vista opções de rapazes e moças a quem dedicar seus olhares.

A historiadora Carla Vieira traz as anotações de Raimundo Girão sobre as observações de Joaquim Pimenta acerca das trocas de olhares entre rapazes e moças no meio de um espaço público: “Deu-se na Praça Marquês do Herval, onde as ‘moças sorridentes acompanhadas de matronas sérias’ sentavam-se nos bancos, pelos quais rapazes passavam em um constante vai e vem de troca de olhares.”³⁸⁴

Os equipamentos urbanos eram utilizados por toda a população; e não se pode negar que não existia idade, nem mesmo distinção social no que tange às linguagens e vivências de amor. Os mesmos espaços utilizados pela boemia e pelas elites de Fortaleza eram experimentados pela população suburbana, como vimos no primeiro capítulo; e isso fica

³⁸² Op. Cit. 1908. p. 8.

³⁸³ VIEIRA, Carla M. **Sociabilidade e lazer:** Fortaleza no início do século XX. Fortaleza: INESP, 2015. p. 97-98.

³⁸⁴ GIRÃO, Raimundo. *Apud.* VIEIRA, Carla M. **Sociabilidade e lazer:** Fortaleza no início do século XX. Fortaleza: INESP, 2015. p. 206.

visível quando nos deparamos com as histórias de amor que ultrapassaram os limites legais e foram esbarrar nas delegacias e nos juizados da cidade.

Era esperado, pelos praticantes das praças e passeios ajardinados o cumprimento de determinados códigos de civilidade, tais comportamentos apontariam para o que seria compreendido como belo ou feio e que atribuiria aos sujeitos traços de distinção.³⁸⁵

Ao longo da leitura dos 16 processos catalogados, somos apresentados a sujeitos que amaram demais e sem medida e que, por conta disso, acabaram ou mortos ou condenados; o que existe em comum entre eles é que todos experimentaram de uma forma ou de outra a esfera pública para praticar seus sentimentos; alguns levaram isso tão ao extremo que acabaram experimentando relações sexuais em regiões que, embora isoladas, estavam à mercê dos olhares curiosos dos transeuntes.

Vicentina Araujo de Castro, 15 anos, e José Honorato de Souza, 18 anos, acabaram cedendo aos desejos, o extremo das emoções, e acabaram obtendo relações sexuais no meio do mato; ela morava na região do Cocó e ele no Tauhape, embora estivessem fora do perímetro urbano delimitado por Adolfo Herbst, conforme nos foi possível visualizar no mapeamento dos crimes na cidade, disposto no primeiro capítulo; a história desse casal nos traz um tipo de vivência social na qual estiveram poucas horas antes do ato do defloramento.

Os autos do processo narram que os dois estavam em uma festa religiosa para a Santa Luzia e que de lá foram para um canto escondido e se renderam aos desejos, esquecendo por uma fração de tempo o que aquele momento significaria em seu futuro. O jovem, ao realizar seu depoimento descreve que fazia pouco menos de dois meses que conhecera a moça e que logo gostou dela “dedicando-lhe amor”.³⁸⁶

Dois pontos merecem ser destacados nesse caso: a prática sexual em regiões públicas; o que não é uma particularidade deste processo; encontramos pelo menos mais 4 processos que apontam diretamente para o coito em lugares abertos; e o outro ponto é a participação desses sujeitos em festividades ou práticas de sociabilidade comuns a sua realidade; o que veremos mais a diante.

Este caso, em especial, nos chamou a atenção pelo fato de que, após o rapaz ter negado ser o responsável pelo defloramento da jovem e ter se recusado a assumir tal responsabilidade, fora inocentado e liberado de tal obrigação; no entanto, o processo traz uma certidão de casamento celebrado na Vila de Parangaba; o que nos leva a crer que o amor que havia dito que dedicava a ela, era real. Isso porque, mesmo não admitindo ter sido o primeiro

³⁸⁵ BOURDIER, Pierre. *Apud.* Op. Cit. p. 87.

³⁸⁶ Processo de Defloramento nº 1921/02. Fl. 17v.

homem na vida dela, o que poderia ser uma falsa alegação movida pelo medo de toda a repercussão do ocorrido; resolveu assumir seus sentimentos, e casar com a jovem com quem, provavelmente, sonhava em constituir uma família. Não existia mais nenhuma obrigação legal, mas, conforme supomos, seus sentimentos o impeliram a não desistir de alguém que poderia ser seu verdadeiro amor.

Outros dois casos aconteceram explicitamente no meio do mato; um no ano de 1922 e o outro em 1926; embora alguns processos ultrapassem o recorte delimitado; não podemos deixar de observar as constâncias e reflexos de determinadas práticas ao longo do século XX; afinal se trata de um século repleto de mudanças no que tange às vivências sociais e, especialmente, às práticas das emoções. A evolução da liberdade sensível culminou, inclusive, em uma maior abertura para a prática sexual; e a maior evidência disso é a retirada do crime de defloração do código penal editado no ano de 1940.

No caso envolvendo os jovens Maria Evangelista de Sousa, 19 anos, e João Baptista de Oliveira, 22 anos, temos mais uma vez descrita nos autos processuais a prática do ato sexual no meio do mato. Para além da utilização do espaço urbano para o coito, ainda percebemos nas falas de ambos que isso aconteceu a partir de um passeio que realizaram juntos nas proximidades do Prado.³⁸⁷ Se tratava de um lugar de sociabilidade, onde os filhos das elites fortalezenses frequentavam; o processo não aponta para uma possível entrada no prado, por parte do jovem casal; no entanto o passeio pelas redondezas despertou nos dois o desejo e o vislumbamento de uma possibilidade de satisfação para o mesmo.

Percebemos claramente que, no que tange às emoções e às satisfações dos desejos, público e privado não tinham tanta distinção; pelo menos não para os sujeitos que compuseram os processos de defloração aqui elencados. Isso também nos mostra que os perigos apontados pelos discursos normativos de que moças que andam sem a companhia de um familiar poderiam facilmente se perder, faziam sentido para a sociedade da época; o que não era apontado, claro, é que nem sempre é possível frear a natureza ardente de um desejo de amor.

No ano de 1926, foi a vez de Luiza Marques de Oliveira, 18 anos, e Manoel Dias, 21 anos, se renderem aos prazeres e satisfazer seus desejos. A jovem conta, no auto de perguntas feitas à vítima, que o rapaz a acompanhava quando voltava do trabalho ou da casa de uma amiga; e que passou a frequentar sua casa estabelecendo um relacionamento de

³⁸⁷ Processo de Defloração nº 1922/01. Fl. 9-9v

proximidade e carinho; afirmou que em um determinado dia convidou-a para ter relações sexuais no mato e assim aconteceu.

O ponto que gostaríamos de salientar aqui consiste na prática dessas caminhadas que travavam do trabalho até a casa da moça. Imaginemos por alguns instantes que esses jovens estavam experimentando um prazer indescritível na companhia um do outro, e mais ainda, do que um significava para o outro. Toda sorte de expectativas, de desejos, de carícias resguardadas enquanto caminhavam pelas ruas da cidade; uma cidade que, para a época, tinha seus encantos que exerciam influência na mentalidade e no imaginário romântico das pessoas.

A jovem trabalhava na fábrica Iracema, situada à rua Major Facundo, e morava no bairro do Arpoadores, hoje Pirambú; o caminho oferecia ao casal um tempo de qualidade para apreciar a cidade e, mais ainda, a companhia um do outro; mas existiam, é claro, os riscos de estar com alguém por quem nutre sentimentos e desejos a sós, com oportunidade suficiente para desfrutar do ápice de suas paixões.

Após a denúncia, vieram as testemunhas e prestaram depoimentos acerca da postura e da índole da jovem e o rapaz foi acusado oficialmente; no entanto, não aceitou casar-se com ela e fôra preso. Poderíamos muito bem descartar esse processo, não porque não possui um final feliz, mas pelo fato de Manoel ter escolhido a prisão ao casamento; mas a escolha dele não suspende o desejo ardente, a paixão intensa que sentiu por aquela jovem ao ponto de cortejá-la por um tempo até a consumação do ato sexual. Acreditamos que ele a desejou na mesma proporção em que ela o amou; talvez não tenha conseguido abrir mão do orgulho ou, simplesmente percebeu que ela não era quem ele queria ao seu lado pelo resto da vida. Mas em nenhuma dessas hipóteses o desejo e a satisfação são apagados.

Outros processos nos apresentam a prática das sociabilidades; tais como os passeios nas praias; a participação em festas religiosas e bailes dançantes. Se conseguimos perceber tal prática entre as pessoas dos subúrbios que precisavam dedicar mais tempo ao trabalho por uma questão de sobrevivência, imagina as elites que dispunham de melhores condições financeiras e tempo livre.

No ano de 1913 nos deparamos com o caso de defloração de Jacy India do Amazonas e de Luiz Camarão Filho; do qual já tratamos anteriormente, mas que convém ser lembrado aqui especialmente pela prática dos passeios e banhos à beira mar. A partir do momento em que os banhos de mar deixaram de ser puramente medicinais e passaram a ser um espaço de sociabilidade e lazer; e com o enredo da história desse casal despertamos para a possibilidade de tal espaço ter se tornado um ambiente no qual os jovens se observavam,

flertavam, empreendiam alguns diálogos e passeios; e que, em algumas circunstâncias, funcionavam como nascedouro e despertar de desejos sexuais.

Tais práticas nos levam a crer que o amor estava no ar; a atmosfera romântica circundava homens e mulheres de todas as idades, nos mais variados espaços da cidade; e isso se dá devido ao fato de os ideais de família serem incutidos no imaginário dos sujeitos ao ponto de viverem, caminharem e respirarem o amor, pois era através dele que se alcançaria a família. Aqui percebemos claramente tal instituição como elo existente entre amor e civilização; os indivíduos passavam tanto tempo em busca do almejado ambiente familiar que talvez não fosse possível parar de projetar o amor sempre no cruzamento com alguém que lhe chamasse atenção.

Tal imaginário era projetado desde os escritos românticos em formatos de prosa, poesia, música, gestos; até a execução de toques e ações, independente de ser aceitável, socialmente falando, ou não. Entretanto, algumas vezes, essas características e práticas se desequilibravam entre os entendimentos e vivências ao ponto de encontrarmos jovens que não conseguiram manter o ritmo estimado pelos discursos e culminaram no topo do desejo sexual. É como se na dança do amor não fosse possível, em determinados momentos, abrir mão da última volta.

No ano de 1926 encontramos o caso, também já mencionado, de Francisca Martins Alves, 18 anos, e Antônio Pedro Mendonça, 29 anos, que estavam noivos e que não saíam sem a supervisão da mãe da jovem; no entanto, durante uma noite de carnaval da Praça de Pelotas, o acusado despistou a mãe e convidou a moça para se distanciarem a fim de terem um tempo a sós, se dirigiram até a casa dele e lá se renderam aos desejos e obtiveram relações sexuais.

Poderíamos destacar várias possibilidades de más intenções do rapaz, ou da inocência da jovem; mas preferimos nos deter ao fato de que ambos optaram por tal momento; e que independente de toda a construção sociocultural de que a moça deveria se preservar e que o rapaz estaria agindo como predador; ambos estiveram inseridos em um discurso que pretendia promover a família através do casamento e que para isso acontecer o sexo deveria ser resguardado até lá. No entanto, os seres humanos nascem sexuados e repletos de carências e desejos que muitas vezes não podem ser contidos e acabam sendo vivenciados até o último ponto.

Mais uma vez estamos diante de um tempo de passeio a sós, em que, num vislumbre de prazer, os dois podem ter se rendido aos desejos e vivenciado, sem pensar no

amanhã, a prática sexual. É interessante, mais uma vez imaginarmos o que poderia estar passando na cabeça e no corpo desse jovem casal ao ter um tempo juntos, transitando pelas ruas de uma fortaleza noturna exalando desejo; seria inevitável que se entregassem à ardência da paixão; assim como havia sido inevitável que dois jovens que se gostassem ansiassem por um tempo só para eles. Quanto mais se pudesse desfrutar da companhia do ser amado, mais se arriscaria para tê-lo; e, na mesma proporção, estava em jogo também o risco de não resguardar a sexualidade para o casamento.

No ano de 1930, nos deparamos com a história de Bellinha (Izabel Rodrigues da Silva) e Miguellinho (Miguel Alves da Silva) um casal jovem que se conheceu e iniciou uma amizade que acabou se transformando em amor; assumiram o compromisso de noivado e possuíam o hábito de fazer passeios e participar festas dançantes juntos; mas o que outrora era um elo para o dois acabou se tornando um problema; Miguel descreveu em seu depoimento que as idas desenfreadas de Izabel às festas se tornou motivo de briga, não queria mais que ela participasse desses momentos.

Claro que o discurso do jovem está nos autos de defesa de um processo de defloração e sua fala tinha o objetivo de acusar a jovem de ter comportamentos inapropriados; mas o que é comum nos depoimentos de ambos é que existiam essas festas dançantes e que o fato de ela gostar de estar lá rodopiando acabou se tornando um problema para o casal. Quem pode garantir que o término do relacionamento não tenha sido pelos ciúmes de vê-la tão exposta? Porque, segundo o depoimento de Miguel, sua motivação para o fim do romance foi o comportamento da moça.

O processo tem como desfecho a absolvição do acusado, e o mais curioso é que, nos autos já aparecem as discussões acerca das mudanças modernas debatidas pelos juristas que culminaram na mudança do código penal, como podemos ver no trecho: “provará que o antigo conceito jurídico relativo á sedução, soffreu o influxo da doutrina moderna, de modo a não se circumscrever á promessa formal de casamento, como preconizava Viveiros de Castro.”³⁸⁸ Tal transcrição nos mostra que os conceitos de crime, isto é, dos padrões de certo e errado variam de acordo com as transformações sofridas nas práticas socioculturais de uma época.

Mais uma vez nos deparamos com a percepção de que as transformações da modernidade não implicavam na aceitação padronizada, fosse na escala material como na

³⁸⁸ Processo 1931/01. Folha 03 dos encaminhamentos.

valorativa; mas não deixavam de atuar como veículo de um modo de vida que poderia ser confortável, eficiente e racional.³⁸⁹

Errou quem disse que, na passagem do século, na cidade de Fortaleza o amor era algo restrito ao mundo privado; na realidade, o que encontramos ao nos depararmos com os vestígios documentados nas fontes eleitas para a presente pesquisa é que as ruas da cidade foram tomadas pelas emoções de sujeitos que flertavam a olhos nus; que cantavam de porta em porta o amor; que recitavam suas emoções nos mais variados equipamentos urbanos à disposição da população.

Quando nos referimos ao flerte realizado publicamente nos referimos por exemplo, às moçoilas que ficavam às janelas esperando o bonde passar para trocar olhares com os condutores ou passageiros; Ramos Cotoco diz que elas chegavam a ficar com as mangas das roupas desgastadas de tanto tempo que passavam recostadas às janelas. Embora já tenhamos citado parte dos versos dessa modinha, achamos por oportuno dispô-los na íntegra, com a finalidade de nos debruçarmos sobre uma possível prática feminina para utilizarem a transição entre casa e rua objetivando vivenciar suas emoções:

Na rua onde passa o bonde
Môça não pode engordar,
Não trabalha, não estuda,
Não descansa... é um penar.

(Estrilho)

Se o bonde passa,
Está na janela:
Se o bonde volta,
Ainda está ela...
Namora a todos,
É um horror;
Aos passageiros
E a condutor.

Tôdas elas, sem excessão,
Têm as mangas dos casacos,
De viverem nas janelas,
Tôdas cheias de buracos.

Algumas eu tenho visto
Correrem lá da cozinha
Com a bôca cheia de carne,
Sujo o rosto de farinha.

Outras, de manhã bem cedo,
Acordam atordoadas,

³⁸⁹ MATOS, Maria Izilda Santos de Matos. **Âncora das emoções:** corpos, subjetividades e sensibilidades. Rio de Janeiro: Edusc, 2005. p. 99.

Vem o bonde... elas já surgem
Com as caras enferrujadas.

As parelhas já conhecem
Estas moças de janelas;
Quando passam se demoram
Para olhar para elas.

Conheço algumas que moram
Aonde o bonde não passa,
Que gritam, fazendo troça:
Esta rua é uma desgraça!

Não passa o bonde,
Está na janela;
O dia inteiro
aí passa ela;
Aos transeuntes
Olha com ardor,
Namora a todos;
É um horror!³⁹⁰

Nestes versos escritos por Ramos Cotoco percebemos o teor de crítica que faz ao comportamento das moças; seus escritos eram repletos de ironia e jocosidade; cantava sobre tudo, especialmente coisas do cotidiano e ao tratar sobre as moças que moravam próximo à linha do bonde, aponta para uma característica aventureira delas; ao empreenderem o flerte com os usuários ou trabalhadores do mesmo.

O interessante a pontuar aqui é que não é a primeira referência sobre o namoro nos bondes; existia um periódico intitulado *O Bonde* que trazia várias notícias sobre comportamentos e namoricos no interior das instalações; mas para além disso, encontramos referência também na literatura, na obra *A Normalista* quando se refere aos comportamentos das jovens estudantes da Escola Normal.

Podemos levantar a hipótese de que a atenção dessas moças não estava apenas atrelada à beleza e aos encantos dos rapazes; mas também ao deslumbre do equipamento urbano que acabava por despertar nos usuários a vontade e a prática de andar bem vestidos. Como um artefato da modernidade não chamaria a atenção dos sujeitos e não alteraria a sua rotina? Talvez fosse por isso tamanha pressa ao correr para a janela, conforme canta Cotoco, sem esperar nem mesmo a comida descer ou se limpar, provavelmente despertadas pelo barulho do equipamento. Isso nos leva a crer que as sensibilidades estão diretamente atreladas às vivências sociais e às urbanidades; e acabavam se reinventando de uma forma quase que simbiótica.

³⁹⁰ DE ALENCAR, Edigar. **A modinha cearense**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967. p. 139-141.

Outro caso que nos chamou atenção e que nos levou a refletir sobre a possibilidade de muitas outras jovens e até mesmo senhoras estabelecerem a mesma prática foi a história do romance de Leonizia e Joaquim, tratado por diversas vezes ao longo dessa dissertação, na qual o rapaz faz uma referência ao momento em que passara por sua janela, esperando reencontrá-la e, quem sabe, a possibilidade de, a partir daquela troca de olhares, se deslocarem para um passeio e terem o privilégio de desfrutar um pouco mais da companhia um do outro. Claro que estamos nos referindo a um processo com desfecho trágico; no entanto, nos é possível apreender a descrição de momentos de intenso prazer, saudade e dor pela situação à qual se viam obrigados a viver.

O amor, de maneira geral, funcionava com um paradoxo, e dizemos isso ao olharmos para ele sob uma ótica social, porque ao mesmo tempo em que era constantemente incentivado por ser o promovedor do casamento e da família, também era o maior motivador das escolhas ruins e dos desfechos um tanto quanto inaceitáveis para a época. Isso nos deixa ver que já não era fácil amar na cidade de Fortaleza, imagina vivenciar um amor que ultrapassou as barreiras do possível e do aceitável. O casal de amantes aqui mencionado precisou traçar das mais variadas táticas para vivenciar suas sensibilidades, e fazer uso do espaço urbano foi uma delas; empreendemos tal suposição porque, em seus escritos, nos é possível ver referência a um passeio anterior e o desejo de que aquele momento se repetisse.

Outra prática amorosa comum ao espaço urbano é a serenata; segundo Edigar de Alencar foi em função dela que a modinha sobreviveu, como podemos ver na citação:

A modinha viveu muito em função da serenata. Das serestas das ruas, à luz da lua, às portas das amadas, onde os boêmios líricos e amorosos iam derramar suas queixas ou exorar suas súplicas aos acordes do violão, da flauta ou do cavaquinho. Pode-se hoje pensar na volta da serenata? O rádio, a eletricidade, os edifícios de apartamentos e até a polícia em nome do sossego e da tranquilidade pública, extinguíram a serenata, dando-lhe o golpe de misericórdia.³⁹¹

Pelo que o autor fala, percebe-se que a popularização das modinhas aconteceu muito por conta da prática dos jovens que saíam às noites de luar empreendendo cantorias nas janelas das casas das moças por quem estavam interessados. E isso também é tratado na obra *Fortaleza Velha* do memorialista João Nogueira. Tratava-se de uma prática cultural que se proliferou entre os jovens da cidade de Fortaleza na transição dos séculos XIX para o XX.

Edigar de Alencar fala ainda sobre as possíveis motivações para os jovens empreenderem as serenatas: poderiam estar movidos pelo luar, pelo álcool e até mesmo pela

³⁹¹ DE ALENCAR, Edigar. **A modinha cearense**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967. p. 13.

malandragem.³⁹² Para além disso, o estudioso da música popular brasileira, diz que as ruas arenosas cobertas pelo prateado do luar se tornavam desafios para os serenatistas. Ao falar sobre a personalidade e o caráter desses jovens, diz que eram populares com as moças, mas não eram bem vistos pelos pais que os consideravam detentores de uma perigosa lábia.³⁹³ Mas, o fato de ganharem a atenção das moças era o que os motivava a continuar. Embora os boêmios que realizavam serenatas fossem perseguidos, as modinhas era uma realidade e passaram a fazer parte do cotidiano sensível da cidade de Fortaleza.³⁹⁴

Um exemplo de como essas modinhas cantadas às portas poderiam ser um complicador de vidas para as moças está apontada na citação de uma serenata referenciada na obra *Fortaleza Descalça* de Otacílio de Azevedo que diz:

Perdão, Emília, se roubei-te a vida,
se fui impuro, fui cruel, ousado,
perdão, Emília, se manchei-te os lábios,
perdão, Emília, para um desgraçado...³⁹⁵

Ao narrar a tentativa trágica de um rapaz chamado Fenelon de empreender uma serenata à porta de uma jovem; o autor nos apresenta o descuido que poderia ser motivado por falta de percepção do que estava fazendo ou com a intenção de chocar a sociedade, em especial a família da jovem. Otacílio destaca que o cantador não esperou nem mesmo os instrumentos iniciarem; começou a gritar bem alto, mas não chegou a concluir a cantoria porque imediatamente começaram a ouvir, de dentro da casa, barulhos de vidros quebrando, móveis caindo e gritos de maldições; segundo o autor, não esperaram para ver o que aconteceria quando a porta fosse aberta, correram como se não houvesse amanhã.

Por se tratarem de indivíduos que eram boêmios, Alencar nos aponta para uma problemática no que tange à preservação e até composição das modinhas; pois não tinham o costume de escrever suas letras, era uma tradição repassada pela cultura oral; o que torna difícil ter a letra correta, tal qual fora composta, sendo difícil até mesmo a atribuição de sua autoria; pois não havia registro de quem era o compositor.³⁹⁶

Alencar ressalta ainda uma outra prática bastante interessante, no que tange ao manuseio das modinhas pelos fortalezenses, especialmente os solteiros: a prática de escrever

³⁹² Ibidem. p. 20.

³⁹³ Ibidem. p. 35

³⁹⁴ Idem.

³⁹⁵ DE AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Fortaleza: SECULT/CE, 2010. p. 107.

³⁹⁶ DE ALENCAR, Edigar. **A modinha cearense**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967. p. 29.

em cadernos os versos e as melodias que haviam sido decorados; tanto homens quanto mulheres, desenvolveram essa prática.³⁹⁷

Por mais que existam vários discursos a respeito da universalidade e naturalidade dos sentimentos, as suas expressões variam porque o processo de subjetivação dos indivíduos é múltiplo. O amor tem uma espécie de dimensão coercitiva, portanto, passa pelo entendimento e subjetividade humanos; enquanto o sexo, ao contrário, tem uma codificação e uma significação social.³⁹⁸

As canções carregam grande potencial para revelar a subjetividade dos sentimentos; e são capazes de trazer à tona vozes e vivências que estiveram em silêncio; abordando temáticas raras a outro tipo de documentação. Até mesmo a receptividade e o consumo dessas canções, bem como os gostos musicais funcionam como elementos históricos e capazes de construir as subjetividades dos sujeitos.³⁹⁹

Nesse aspecto é interessante levantar algumas hipóteses: o desejo de reviver as emoções, a preservação da memória, quem sabe até a construção de uma literatura íntima. Isso nos evidencia que a prática de escrever e descrever os sentimentos, conforme foi abordado no segundo capítulo, poderia caracterizar até mesmo a escrita de diários. Se essa prática não fosse comum, quem sabe a escrita de tais versos não servia para transcrever, através das palavras de um cantador, as emoções que estavam sentindo?

Os versos das modinhas contemplam as percepções sensíveis de maneira rica e pouco aproveitada pelos pesquisadores das sensibilidades, e têm grande potencial já que expressam resultados de uma interação entre o que é dito e ouvido. O compositor era responsável pela captação e reprodução das experiências sociais compartilhadas entre os sujeitos enquanto que, por outro lado, seu público poderia incorporar, rejeitar e resistir às idéias e sentimentos apresentados nas canções.⁴⁰⁰

Aqui podemos fazer, por exemplo, a leitura dos tempos da narrativa que Paul Ricoeur traz acerca da evolução de sentidos desde a idealização até a ressignificação da mensagem transmitida. Tratam-se de três momentos: no primeiro entram os significados e as representações a partir da visão do autor/narrador; no segundo, entra a produção textual bem como o ambiente e a condição dessa produção e em terceiro, é o momento da refiguração, isto é, a apropriação por parte de um receptor. Acreditamos que, o vivido se tornar mais humano à

³⁹⁷ Ibidem. p. 33.

³⁹⁸ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Ancôra das emoções: corpo, subjetividades e sensibilidades**. Bauru: Edusc, 2005. p. 29.

³⁹⁹ Ibidem. p. 30-31

⁴⁰⁰ Ibidem. p. 92.

medida em que é narrado e compreender a história é também compreender o contexto onde as narrativas foram construídas.⁴⁰¹

Nos escritos de amor é possível vislumbrar um pouco desse processo, desde a intenção do narrador dos sentimentos até a repercussão dos seus escritos. Tomemos como exemplo as obras médicas que utilizamos ao longo do trabalho; tais livros foram criados com o intuito de orientar os profissionais da medicina e higienistas a compreender e como proceder diante dos amores, da sexualidade dos corpos e das normas de civilidade. No entanto encontramos nos prefácios, Paulo Mantegazza respondendo às críticas que sugeriam aos homens que não se relacionassem com mulheres que tivessem esses livros na estante.

Tal comentário nos leva a crer que o livro se popularizou entre os leitores e as leitoras da época e algo que deveria ser utilizado para um público específico acabou expandindo horizontes e criando ainda mais tabus. Embora não encontremos evidências de que tais obras foram lidas para além dos profissionais da medicina; imaginamos que tal discurso chegou aos cidadãos através da leitura e ressignificação dos higienistas, responsáveis pela saúde da população, mas também da sociedade de forma geral, e isso inclui os padrões de civilidade.

Para que os costumes fossem remodelados era preciso promover a construção de espaços aptos para as práticas modernas de civilidade; portanto as práticas civilizadas estavam diretamente ligadas às práticas de lazer e sociabilidade.⁴⁰²

Outra prática comum de vivenciar os espaços por meio das sensibilidades consiste na rotina de bailes e festas tanto dançantes quanto religiosas que se popularizaram e se espalharam pela cidade de Fortaleza e que atraíam rapazes e moças não só pela diversão do momento em si, mas também pela possibilidade de uma dança, ou de uma troca de olhares ou de um simples esbarrão.

Edigar de Alencar, mais uma vez nos contempla com o apontamento da presença das modinhas no cotidiano das pessoas, que eram cantaroladas o dia inteiro pelas moças enquanto executavam suas prendas domésticas; sem falar das festas familiares e nos forrós das areias.⁴⁰³ Essas últimas, pelo termo “areias”, nos levam a pensar que esteja se referindo às festas que aconteciam nas áreas mais populares da cidade; afinal era esse o nome dado às

⁴⁰¹ RICOEUR, Paul. *Apud* REIS, José Carlos. **História e Teoria:** historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 141.

⁴⁰² VIEIRA, Carla M. **Sociabilidade e lazer:** Fortaleza no início do século XX. Fortaleza: INESP, 2015. p. 80-81.

⁴⁰³ DE ALENCAR, Edigar. **A modinha cearense.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967. p. 33-34.

partes das ruas da cidade que ainda não haviam sido pavimentadas e que faziam parte do cotidiano das pessoas menos privilegiadas.

Ao falarmos sobre esse tipo de festa podemos, prontamente, relembrar de alguns dos casos verificados nos processos criminais que foram apontados há pouco. Os espaços de lazer festivos acabavam se tornando, para as pessoas de condições simples, a mola propulsora para seus desvios de padrão e entrega total às emoções. Vimos o exemplo do casal que esteve numa festa carnavalesca e que despistou a todos para um tempo a sós; quem nos garante que o desejo não fora despertado durante um tempo de dança e troca de olhares movidos pelo calor do momento?

Outro exemplo destacado foi o da festa de Santa Luzia, onde os jovens se encontraram e, bem pouco tempo depois, se separaram da multidão e foram para um lugar reservado. A impressão que temos é que não era a festa em si, mas o clima diferente; o fato de estar cercado de pessoas e todas distraídas de alguma forma estampavam nos jovens o agri-doce desejo de experimentar o proibido. Talvez suas intenções nem fossem as de, pronta e diretamente, empreenderem o ato sexual; mas sim um tempo de intimidade e de conversa a sós; mas os riscos de duas pessoas que sentiam carinho, apreço e desejo uma pela outra, se renderem ao prazer era iminente. Quem poderá dizer que existe razão quando parece que o coração ou o corpo é quem dita as regras?

As festividades poderiam ser um espaço de oportunidade para os jovens enamorados terem um tempo de qualidade com as pessoas de seus sonhos; mas poderiam se tornar também um problema, agindo com fonte de ciúmes. Como seria possível para um jovem rapaz observar a mulher por quem nutre sonhos e desejos, voltejando nos braços de outro homem? Encontramos vestígios de tal sensação ao nos debruçarmos sobre a modinha intitulada *Antes, Durante e Depois* cujos versos são da autoria de Ramos Cotoco:

Antes muito do baile, pedi-te:
 “Para o baile não vás, que eu não vou”
 E zangada, morena, disseste:
 “Eu irei, pois cativa não sou!”

No salão supliquei-te: “Não dances,
 Pois não quero que dances assim!”
 Tu, zangada, voltaste-me o rosto
 A dizer: “sou senhora de mim”.

Só agora, depois do sarau,
 É que vens implorar-me perdão?!
 Tu és livre, não tens que pedir-me,

És senhora do teu coração.⁴⁰⁴

Nos versos acima transcritos, vemos claramente a construção de uma cena de ciúmes promovida pela disfunção existente entre a falta de tato de dois jovens que insistiram em suas colocações e não cogitaram abrir algumas concessões. Apesar de se tratar de uma representação, não podemos deixar de pontuar que, o fato de um poeta escrever sobre tal circunstância pode evidenciar retratos de uma época em que as mulheres ainda estavam se encaixando na esfera pública e que, mesmo quando supervisionadas por toda a sociedade, ainda lhes era cobrado recato e discrição.

Nesses contextos de bailes festivos, música e dança acabavam por estreitar distâncias que, no dia a dia não era possível e por esse motivo tais momentos eram supervisionados com severidade pela família e pela sociedade como um todo.⁴⁰⁵

Outro exemplo desse desconforto, também mencionado anteriormente, foi o caso do jovem casal Bellinha e Miguellinho, no qual o rapaz não conseguiu lidar com o comportamento da jovem que gostava de ir a festas dançantes, se divertir e, segundo ele, até embriagar-se. Sabemos é claro que o discurso do rapaz pode ter sido um tanto quanto exagerado; e mesmo que isso tenha acontecido ainda não nos deixa perder as percepções que se poderiam existir a respeito de moças que tivessem tais práticas.

O que queremos dizer, a partir desse último caso, é que, por mais que os argumentos e detalhes relatados pelo rapaz não fossem verdadeiros, ainda assim nos seria possível acessar às percepções acerca dos comportamentos que, para a sociedade da época, não condiziam com os de uma moça honrada.

É interessante salientar também que, nestes casos de festividades públicas, a cidade ganhava vida e os sujeitos que a praticavam diariamente, se colocavam a usufruir de seu espaço de mobilidade e rotina como um local de lazer e diversão. Fortaleza acabava ganhando um novo significado para os cidadãos, inclusive no que tange às vivências das emoções.

Foi por meio desses encontros festivos realizados nas ruas que o universo feminino fora de casa se alargou, e aos poucos foram ganhando espaço nas atividades recreativas, fosse nos esportes ou nas festas dançantes, até mesmo como profissionais.⁴⁰⁶ A prática feminina dos espaços de sociabilidade acabaram ganhando, no século XX, um

⁴⁰⁴ DE ALENCAR, Edigar. **A modinha cearense**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967. p. 133.

⁴⁰⁵ VIEIRA, Carla M. **Sociabilidade e lazer**: Fortaleza no início do século XX. Fortaleza: INESP, 2015. p. 151.

⁴⁰⁶ Ibidem. p. 109-111.

significado novo para os rapazes que frequentavam os lugares; chegando a dizer que iam em busca de observar os dois produtos mais requintados da civilização: os cavalos e as mulheres.⁴⁰⁷ Segundo Carla Vieira, a simples possibilidade dos rapazes encontrarem-nas nesses espaços abertos de lazer eram encaradas com entusiasmo pela oportunidade de empreenderem conversas e até mesmo namoros rápidos.⁴⁰⁸

É interessante pontuar que as escolhas de lazer se traduziam em espaços de disputas entre os grupos da sociedade. Aqueles de comportamento mais aristocrático desenvolveram a prática de se reunir em associações e agremiações das mais diversas naturezas. No entanto, em contraposição, encontramos o restante da população que estava ligada às práticas marcadas pelos traços rurais provinciais como as rodas de samba realizadas nas “areias” bem como as rodas de canto e instrumentos do povo. Sua diversão era vista como algazarra e perturbação do sossego.⁴⁰⁹

A cidade de Fortaleza dispunha, como parte de seu equipamento urbano, de espaços para a realização de festividades que contemplariam também a boemia e as elites da cidade, tratam-se dos clubes e associações esportivas. Fortaleza possuía pelo menos quatorze associações esportivas e, dentre as associações e clubes festivos damos destaque para o Club Cearense, Club Iracema, Phenix Caixeiral, Club dos Namoradores entre outros. Tratavam-se de espaços onde a juventude poderia se encontrar para dançar e conviver; mas também para flertar e empreender suas aventuras românticas.⁴¹⁰

Para além da prática dos passeios, das tradicionais festas religiosas existia também a prática das reuniões íntimas, espécies de saraus que aconteciam nas casas das famílias mais abastadas da cidade com a finalidade de se aproximar dos salões europeus.⁴¹¹

Outro hábito de lazer comum aos fortalezenses do período era a das rodas de calçada; tratava-se de um espaço onde agregava a vizinhança disposta a empreender animadas conversas; mas tal prática se chocava com as práticas de lazer vistas como civilizadas e por isso não eram bem vistas;⁴¹² a final, qual seria a finalidade de toda uma estrutura urbana equipada com o mais moderno se os indivíduos insistiam em costumes provincianos? Para além disso ainda existia o agravante de ocuparem o espaço das calçadas e os demais cidadãos se virem obrigados a transitar pelas instáveis ruas de pedra.

⁴⁰⁷ Ibidem. p. 120.

⁴⁰⁸ Ibidem. p. 111.

⁴⁰⁹ Ibidem. p. 93-94.

⁴¹⁰ Op. Cit. 2015. p. 144.

⁴¹¹ Op. Cit. 2015. p. 134.

⁴¹² VIEIRA, Carla M. **Sociabilidade e lazer:** Fortaleza no início do século XX. Fortaleza: INESP, 2015. p. 95.

Estamos pontuando tal prática de lazer, porque acreditamos que todos os espaços, dentro ou fora das casas, se transformavam em oportunidade para os indivíduos acometidos pelo amor praticarem suas emoções. Não existia hora, nem lugar fixos para se amar. E para além dos espaços, e dos corpos aqui tratados, existiam inúmeros artefatos que eram utilizados, ressignificados e adaptados para as práticas sensíveis. No percurso entre as margens do rio das emoções, sendo elas o corpo e o espaço, existe uma ponte que os liga: os objetos e recursos utilizados para a tradução do amor; e é acerca deles que nos deteremos no próximo tópico.

4.3. ARTEFATOS DO AMOR: VESTÍGIOS MATERIAIS DAS SENSIBILIDADES.

As palavras e as coisas nunca estiveram muito distante e, em muitas sociedades históricas as coisas e a capacidade das pessoas de agir e falar também não. Pausar e observar as coisas é de suma importância porque seus significados estão inseridos nas formas como são utilizadas e nos percursos pelos quais elas passam.⁴¹³ Isso está diretamente ligado às práticas de amar dos fortalezenses inseridos no contexto sociocultural aqui recortado.

Estamos nos referindo a uma cidade e um povo que buscava cada vez mais acompanhar os traços de uma civilidade moderna que ansiava por desfrutar das tecnologias e inovações capazes de facilitar a mobilidade e o cotidiano urbano mas que também ganhavam novos significados para aqueles que amavam e se deixavam amar.

Ao mesmo tempo em que funcionavam como veículos de qualificação social, os objetos ganhavam novos sentidos e funções no que tange às práticas sensíveis; é comum observamos artigos que possuíam uma determinada função social prática mas que era ressignificados pelos jovens durante a prática do *flerte*. Podemos citar como exemplo a apropriação de acessórios que compunham as vestimentas sendo utilizadas para o empreendimento de diálogos codificados.

Como já vimos discutindo, circulou na cidade de Fortaleza o *Diccionario das flores, folha e fructas* que colocava à disposição dos enamorados a opção de se comunicar através do uso da bengala, no caso dos rapazes, ensinando-os as ações e seus significados:

Segurar a bengala nas duas pontas, sinifica: Amo-te.
Levar à bocca o castão: Mando-te um beijo.
Aproxima-la dos olhos: Estou afflicto.
Faze-la girar em frente ao rosto: Somos observados.

⁴¹³ APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora UFF, 2008. p. 17.

A bengala debaixo do braço: Espero um signal teu.
 Encosta-la ao queixo: Preciso fallar-te.
 Bater com ella na mão: Gosto muito de ti.
 Segura-la com castão para baixo: Tenho medo.
 Deixa-la cahir: tenho uma carta para entregar-te
 Segura-la ao meio com a mão esquerda: Espero.
 A bengala nas costas ou na cabeça significa: sova de pão.⁴¹⁴

Através da transcrição nos é possível perceber, primeiramente, o quanto os signos da modernidade poderiam ser utilizados, apropriados e ganhar novas funções dependendo da demanda daquele que deles dispunham. A bengala era um acessório masculino comercializado na cidade de Fortaleza e que, de certa forma, representavam traços de distinção como parte da aparência dos homens; no entanto, tal artigo passou a ser utilizado na prática do *flerte* como ferramenta de comunicação refletindo a cultura de uma época; acreditamos que se trate de uma das muitas táticas dos jovens para vivenciar e expressar as suas emoções.

As moças, por sua vez, faziam uso do leque que, ao contrário da linguagem destinada à representação masculina de sinais, possuía cinquenta posições diferentes que demonstram a riqueza de detalhes comuns à delicadeza feminina como se era esperado para época; para além disso, era interessante para a moça exercer sobre os demais um mistério, não como algo previamente intencional, mas como um reflexo de sua honradez e recato. Ao apresentar os gestos o referido manual traz uma espécie de explicação e contextualização para tal dizendo que:

O leque, antigamente attributo especial das damas hespanholas – inseparavel de suas pessoas e fazendo parte da etiqueta da côrte – é para assim dizer um instrumento que substitue a linguagem, sendo certo que por meio d'elle se consegue tornar-se entendido sem empregar palavras, e isso em todas as modulações do amor e da amizade.

Hoje em dia o uso dos leques se acha geralmente adoptado em todo o mundo, e as damas d'aquem e d'além mar se servem com gosto deste gracioso brinquedo dos adultos.

Posto que principalmente empregado como meio para abanar em tempo de calor, comtudo os adeptos sabem apreciar-o como meio expressivo e significativo dos sentimentos.

Recommenda-se ainda pela facilidade da applicação, pois um leque sempre se acha á mão, o que menos acontece com as flores.

Não sendo de grande extensão a linguagem dos leques facilmente poderá ser aprendida de cór e por isso a offerecemos ao bello sexo com o desejo que em curto espaço de tempo se inicie nesta engraçada linguagem, e que a falle correctamente no jogo ameno e sério do amor e da amizade.⁴¹⁵

⁴¹⁴ Dicionário das Flores, folhas e fructas. Rio de Janeiro: Quaresma, 1924. P. 17-18

⁴¹⁵ Op. Cit. 1924. p. 7-8.

No trecho transcrito pode-se perceber claramente uma referência ao leque como um instrumento capaz de substituir a linguagem e se fazer entender sem o uso da palavra em todas as variações de amor e amizade; ao percebermos isso nos questionamos sobre a possível intencionalidade de um sujeito dedicar um tempo para escrever tal código e até mesmo na escolha dos objetos, artigos da modernidade, que receberiam uma funcionalidade a mais, além de apenas ornamentar as vestimentas e por ser algo que estava sempre à mão, se tornou uma ótima opção, substituindo até mesmo as rosas, que apareciam em variadas codificações na própria obra.

Ao longo do texto encontramos indícios que podem ser a justificativa para tal escolha, que diz respeito a um artefato universal, veiculado nos mais variados lugares do mundo, e o fato de seu uso ser atribuído às damas pode ter sido um motivador de muitas jovens para consumi-lo. Para além disso, a localização geográfica do Ceará, com um clima quente tornava ainda mais pertinente a circulação dos leques como ferramentas amenizadoras do calor.

É interessante percebermos a presença das duas linguagens na mesma publicação, o que, conforme supomos, diz respeito ao cuidado de estabelecer um paralelo entre elas garantindo que homens e mulheres tivessem acesso aos seus usos e significados, caso contrário seria impossível travar uma comunicação. Como fazer isso quando apenas um dos participantes tinha conhecimento? Era necessário que os casais conhecessem e compreendessem as duas linguagens para a prática efetiva de um diálogo semiótico.

Uma coisa interessante a ser pontuada a respeito dessa mudança de sentidos é que os artefatos, de maneira geral, estão sujeitos a mudanças seja na morfologia, função e até mesmo sentido; os objetos são fontes excelentes para compreender a sociedade que lhes produziu, reproduziu, usou e ressignificou.⁴¹⁶ E isso fica implícito quando nos deparamos com a linguagem dos sinais, que vão desde a vestimenta, até elementos da natureza que ganharam significados distintos para aqueles que estavam amando.

A formação de uma identidade pessoal desses objetos não está ligada a uma essência; mas sim a uma interação entre o “eu” e o “outro”, isto é, entre o indivíduo e o coletivo.⁴¹⁷ No que tange ao uso do leque por parte das moças percebemos várias expressões que simulam, para além de uma comunicação, um jogo de sedução e conquista. Os

⁴¹⁶ DE MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **In. Estudos históricos**. 1998-21. p. 92.

⁴¹⁷ Ibidem. p. 96.

movimentos dos leques funcionavam quase como uma dança repleta de simbolismo ao qual nos deteremos agora.

O gesto de número um dá a seguinte instrução: *Ganhaste o meu amor. A mão direita com o leque aponta para o coração.* Nessa indicação percebe-se o cuidado do idealizador do código em ressignificar o uso de um artefato se apropriando das perpecções da época, afinal, segundo o imaginário romântico, o coração era o responsável pelos sentimentos e apontar com o leque para ele seria a maneira mais lógica, sensivelmente falando, de uma dama gesticular sobre o amor.

Na indicação de número seis que diz: *Não sinto amor por ti. Gesto de repulsa com o leque aberto*⁴¹⁸ e na sete onde a moça estaria pedindo *Cautela, que somos espreitados. Chegar á bocca o leque fechado*⁴¹⁹ percebemos a primeira apontando para uma expressão de repulsa e a segunda exprimindo um pedido de silêncio, ambas realizadas com o artefato e não apenas com as mãos; isso nos faz acreditar se tratar de evidências da utilizações de objetos modernos disponíveis pelos sujeitos na hora de demonstrar seus afetos.

São cinquenta tipos de gestos diferentes indicados como opções para as moças, e o que há em comum entre elas é a delicadeza com a qual parece que os gestos eram empreendidos. Dentre as ações sugeridas encontram-se: olhar de modo pensativo para o leque desdobrado; ir movendo o leque fechado com a mão direita; beijar o leque fechado; apertar ao coração o leque aberto; bocejar atrás do leque; entre outros sinais que seriam realizados, conforme supomos, com toques de delicadeza e charme.⁴²⁰

Gostaríamos de destacar três gestos que nos chamaram a atenção por se tratarem de indícios de outras práticas de amar, sendo elas: *“Eu te amo. Esconder os olhos por detrás do leque desdobrado”*; *“Gosto de ti devéras. Entregar o leque á pessoa amada”*; *“Aguardo resposta por escripto. Escrever na mão com o leque.”*⁴²¹ Nos três casos é possível visualizar traços e vestígios ao longo da análise das demais fontes elencadas para essa pesquisa: a declaração óbvia e clara de amor; a dedicação intensa de um sentimento e a escrita e envio de cartas e bilhetes.

O simples fato de existir um manual que conferia aos apaixonado opções para vivenciar suas emoções nos mostra o caráter material da sociedade cearense do período e se tal artigo estava circulando é porque existia uma demanda, isto é, um impulso gerado e regulamentado socialmente e que atuavam como vestígio de necessidade individuais. O

⁴¹⁸ Dicionário das flores, folhas e fructas. Rio de Janeiro: Quaresma, 1924. p. 8.

⁴¹⁹ Ibidem. p. 9.

⁴²⁰ Ibidem. p. 8-11.

⁴²¹ Ibidem. p. 11.

consumo, portanto, era algo social, relacional, ativo, não privado e passivo.⁴²² Quando esse objeto ganha um valor de troca ele se transforma em mercadoria e isso está diretamente ligado ao processo civilizador capitalista; porque, à medida que iam aparecendo novos significados iam se popularizando cada vez mais e a maior causa dessa popularização estava no fato de se tratar de elementos de civilidade, ganhando assim mercado.

Todos os artigos que circulavam na cidade de Fortaleza do período estavam sujeitos a ganhar novos sentidos e funções; o que poderia ser um motivador de sua circulação cada vez maior enquanto mercadoria. Dentre os artigos ainda encontramos vestígios de fotografias, e na prática da entrega da mesma como presente e prova de amor; ou até mesmo, como no caso de defloramento trabalhado anteriorente, a fotografia ganhou um status de presente de despedida e de única lembrança de um romance que não teve o desfecho desejado.

É interessante lembrarmos aqui que, ao narrar o encontro de Antonieta com a foto de Joaquim, no ano de 1932, a jovem pegou a foto, recostou em seus braços e lamentou a ida do amado. Independente da natureza infeliz da narrativa, a fotografia acabou se tornando um pedaço remanescente do jovem a quem havia dedicado seu amor e seu corpo.

Elementos de uma idade moderna repleta de inovações técnicas capazes de capturar representações de fisionomias e momentos; as fotografias ganhavam para os apaixonados sinônimo da presença da pessoa amada, e a oportunidade de revisitá-la e recordar de tempos de satisfação outrora vividos. Tal artigo funcionava como um inibidor de distância e importante reparador de memórias e boas recordações sendo uma ferramenta onde, claramente se pode conceber a captura de emoções como a saudade, o consequente sofrimento despertado pela ausência da pessoa e o amor por ser o responsável pela formação e significação desses momentos.

Acreditamos, a partir de tais percepções, que todo objeto é passível de carregar consigo memórias, intencionalidades, emoções e a materialização das mesmas. E, o simples fato de existir mercado para produção e reprodução dos mesmos nos mostra a sua relevância para uma sociedade. A invenção da fotografia acabou possibilitando a multiplicação de imagens em quantidades maiores e de forma impressa; era responsável por, até certo ponto, eternizar momentos.⁴²³

⁴²² APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora UFF, 2008. p. 48-50.

⁴²³ GIRÃO, Ivna., HONÓRIO, Erotilde. **A fotografia e a imagem em movimento em Fortaleza no final do século XIX e início do século XX**. VII Encontro nacional de história da mídia: mídia alternativa e alternativas midiáticas. Fortaleza, 2009. p. 3.

Fortaleza possuía alguns estúdios fotográficos na transição do século aqui delimitados, dentre elas damos destaque para a Photo N. Olsen e a Photo A. Correa, que segundo Sebastião Rogério Ponte foram os que fizeram maior sucesso; nos quais as famílias apareciam bem vestidas para serem eternizadas através da fotografia. E tal prática acabou se tornando popular entre as elites da cidade e o número de estúdios começou a aumentar.⁴²⁴

Devido à uma capacidade de representação extraordinária a fotografia acaba valendo mais que mil palavras que possibilitava o acesso de jovens amantes ao mundo do imaginário e dos sonhos fazendo-os suspirar suas emoções ao se depararem com a imagem de um momento ou de uma pessoa querida.

Através dessa popularização imagética vamos perceber seus respingos na circulação dos cartões-postais. Trabalhar com tal documentação traz desafios para além da análise de fontes escritas e do contato com fontes imagéticas; principalmente porque tais fontes trazem consigo a necessidade de utilizar metodologias adequadas a ambas. Ao mesmo tempo em que necessitamos analisar e contextualizar uma imagem no tempo e no espaço precisamos fazê-lo levando em consideração o texto impresso na frente do cartão, que muitas vezes está em outros idiomas, bem como o texto escrito pelo remetente.

Achamos por oportuno esclarecer que se trata de uma correspondência que surgiu no final do século XIX e que fora criada com o intuito de baratear e facilitar o transporte de mensagens. Os postais foram produzidos com a intenção de acompanhar a rapidez dos acontecimentos que a modernidade e o progresso exigiam⁴²⁵; devido a essa finalidade não possuíam imagens, eram chamados de bilhetes postais e continham somente o que hoje conhecemos como verso, nele eram inseridos os dados de destinatário, remetente e havia também um campo para a transcrição da mensagem.

Por se tratar de uma correspondência que seguia aberta, os Correios criaram regras para que os carteiros mantivessem o direito de privacidade dos correspondentes; e ao mesmo tempo em que não podiam falar sobre o conteúdo das mensagens, atuavam como vigilantes da moral, e estavam autorizados a confiscar qualquer postal que contivesse mensagens suspeitas.⁴²⁶

⁴²⁴ PONTE, Sebastião Rogério. *Apud.* Ibidem. p. 5-6.

⁴²⁵ LÔBO, N. M. **Imagens em circulação:** os cartões-postais produzidos na cidade de Santos pelo fotógrafo José Marques Pereira no início do século XX. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 39.

⁴²⁶ SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-Postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, Fernando; SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil República:** da Belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das letras, 1998. V. 03. p. 428-429.

Entre os últimos anos do século XIX e os primeiros do século XX, esse tipo de correspondência passou a ser símbolo de distinção, pois começou a ser produzido com imagens estampadas de maneira artesanal através de técnicas como ponta-seca, buril e a litografia. O caráter artesanal da produção de tal artigo o tornava um meio de comunicação caro.

Em um segundo momento, ainda nos primeiros anos do século XX, com o desenvolvimento das técnicas de impressão das fotografias, os postais passaram a ser produzidos em grande quantidade e, conseqüentemente, se tornaram bastante populares entre os indivíduos, não somente àqueles que desejavam impressionar os demais membros da sociedade, mas principalmente aos que pretendiam cortejar uma moça. Tal popularização gerou um barateamento e, subseqüentemente um aumento do número de postais distribuídos em território brasileiro como podemos ver na citação:

No Brasil, entre 1907 e 1912 o correio coletou 57.876.202 postais e distribuiu 81.963.858 cartões, num país com uma população por volta dos 20 milhões de habitantes. Tais números elevados reforçam o quão importante foi o postal, colaborando com o crescimento das comunicações da época, podendo ser considerado como o primeiro meio de comunicação visual de uma indústria cultural.⁴²⁷

Os postais também funcionavam como divulgadores de notícias, capazes de apresentar ao remetente e ao destinatário os acontecimentos mundiais; um exemplo disso consiste em uma série de postais que traziam os inventos de Santos Dumont, enquanto este trabalhava nos modelos de aviões. Alguns postais apresentavam imagens de pontes, estradas e outras obras enquanto ainda estavam em processo de construção, visando acompanhar e divulgar o progresso e a civilização.⁴²⁸ Além disso, através destes postais os indivíduos poderiam adquirir, colecionar obras de arte, e até mesmo outros objetos arqueológicos, poderiam ainda, ter contato visual com vistas de variados lugares, que talvez nunca tivessem a oportunidade de conhecer pessoalmente.⁴²⁹

Encontramos, anexado a um dos processos de defloramento um cartão postal através do qual o jovem Luiz marcara um encontro com Jacy (ver imagens 05 e 06); embora se trate de um artigo que trouxesse estampado na frente um dos equipamentos urbanos da

⁴²⁷ LÔBO, N. M. **Imagens em circulação:** os cartões-postais produzidos na cidade de Santos pelo fotógrafo José Marques Pereira no início do século XX. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 43.

⁴²⁸ SOTILO, C. P. **Fragmentos da memória o cartão-postal:** A febre e o fascínio no início do século XX. Trabalho apresentado para o Grupo Temático História da Mídia Visual. p. 6-7.

⁴²⁹ LÔBO, N. M. Op. Cit. p. 46.

cidade, o fato de escolher tal postal em detrimento de outro, como já havia feito enviando um bilhete em papel rasgado, nos leva a pensar que se deu pelo fato de ser um símbolo de distinção.

O amor, e os demais sentimentos acabaram sendo materializados das mais diversas maneiras; quando falamos nesse processo acabamos fazendo uma referência, como já foi falado, entre corpo e espaço e que tal contato possuía como elo os artefatos.

Já que nos referimos às fronteiras entre os corpos, os espaços de sociabilidade e lazer e as coisas, achamos por oportuno destacar uma prática que só nos foi possível atrelar aos fortalezenses a partir dos registros de Edigar de Alencar em sua coletânea intitulada *A modinha cearense*, que traz os escritos de Ramos Cotoco descrevendo o ato de beliscar como momento do *Flerte* e tal costume aparece em três momentos diferentes na obra do poeta, na primeira intitulada *Perigo* ele diz:

Podemos ter namoradas
De avenidas, de salões,
De cubículos, de calçadas,
Sobre isso não há questões,
Mas que o namôro não passe
De beijos e beliscões!

Se passar, zás! Nos costados
As maiores tiranias:
Tomamos, e bem puxados
Seis anos, meses e dias.

Se a ofendida é mendiga
Então é maior o horror.
Que a providência castiga
O homem que é sedutor;
Tudo e todos se revoltam
Com o mais tremendo rigor.

Pode ter mil advogados,
Ter dinheiro e proteção.
Ou cabalar os jurados
Para ter absolvição;
Tudo é baldado! O caboclo
Vai bater no cadeião.

Casados, velhos, crianças,
Que infringirem as posturas,
Nem arranjam mais lembranças
Amolando as criaturas,
Que a justiça, já sabe,
Arranja mil diabruras.

Por isso, rapaziada,
(Eu não sei contar patoca!)
Só namoro uma criada,
E é namôro de beijoca.

E guardo muito segredo,
Que êste mundo é uma paçoca.⁴³⁰

Nas transcrições dos versos de Ramos Cotoco, para além de evidenciar a prática dos beliscões atrelando-os ao namoro aceitável, socialmente falando, traz a postura de um dos mais conhecidos boêmios da cidade de Fortaleza a respeito do crime de deformamento; e o que nos deixa claro é que os jovens do sexo masculino deveriam estar vigilantes para não cederem aos desejos e acabarem cumprindo a pena referente a tal crime; para além de tratarem o tema da sexualidade antes do casamento, a partir da ótica de um boêmio, os versos trazem à tona a visão masculina.

Outro ponto abordado pelo poeta é a possibilidade dessas jovens atestarem a miserabilidade; o que acabava despertando no Estado um olhar mais atencioso no que tange à cobrança de reparação da honra por parte dos rapazes; Cotoco também destaca a construção de um esteriótipo de sedutor visto de uma forma negativa e sendo merecedor de rigor e de punição.

Ao longo do poema musicado, o boêmio dizia não importar a idade do homem, se ele cometesse tal deslize acabaria nas mãos da justiça visto da pior forma possível; e para concluir ele aconselhou que fizessem como ele, dedicassem seus amores às moças mais simples e que não utrapassassem as beijocas.

Em outra modinha intitulada *Meu Gôsto* o poeta faz menção aos beliscões com maneira de flertar; e o tom descontraído de suas composições nos apresentam a versão masculina para o relacionamento amoroso, especialmente a prática da conquista para um casal de populares, como podemos ver na transcrição:

Enquanto os ricos namoram
Com senhoras ilustradas,
Eu satisfaço o meu gôsto:
Vou namorando as criadas.

Se vão ao passeio
Eu vou ao mercado;
Também, tal como êles,
Eu gozo um bocado:
Em noites de belo
Luar sem rival,
Êles – lá na sala,
Eu – cá no quintal.

Êles nos salões doirados
Entretêm suas Marocas,

⁴³⁰ DE ALENCAR. Edigar. **A modinha cearense**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967. p. 135.

Eu, na treva mergulhado,
Vou matando muriçocas.

Porém se eles amam,
Eu amo também;
Não invejo a sort
Feliz de ninguém!
Na sala há cadeiras,
Ornamentação:
No quintal, canecos,
Barricas, caixão.

Êles falam sobre a música,
Sôbre teatros, partidas,
Eu e ela – a minha Chica
Falamos das nossas lidas.

No salão conversam
Com voz natural;
Mas nós cochichamos,
Pois alto faz mal:
Na sala há sorrisos
Há doces beijinhos...
Nós cá beliscamos
Entre outros carinhos

Quando é noite de Passeio
Vão todos, ninguém vai só:
Êles vão à Caio Prado,
Nós vamos à Mororó.

Vão eles tomando
Conhaque, sorvetes:
Nós nos tabuleiros
Compramos roletes!

Estou satisfeito
Com tais namoradas!
Procurem patroas...
Que eu quero as criadas.⁴³¹

Aqui são realizadas algumas comparações acerca dos comportamentos durante a corte fosse por parte dos sujeitos das camadas mais abastadas, mas também daqueles que não estavam entre os privilegiados da cidade de Fortaleza. A riqueza de informações dessa modinha nos trás inclusive uma referência à distinção dos planos espaciais do Passeio Público.

Percebemos, mais uma vez, o tom crítico da abordagem de Ramos Cotoco quando deixa a perceber que fazer uso de espaços de lazer não tão bem vistos, muitas vezes poderia proporcionar momentos de indescritível satisfação; como a vista do luar disponível apenas para aqueles que desfrutavam do espaço urbano e que não ficavam reclusos às salas de estar.

⁴³¹ DE ALENCAR. Edigar. **A modinha cearense**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967. p. 151-152.

Diz que alguns experimentavam da suntuosidade dos salões enquanto ele desfrutava das venturas das trevas, mesmo tendo que disputar o espaço com os insetos.

Diante da transcrição dos versos percebemos a conclusão de que ele amou tanto quanto aqueles que possuíam mais condições e diz que, enquanto eles falavam sobre música, teatro e outras coisas que diziam respeito a sua rotina; ele e sua Chica, dentro da simplicidade, falavam de suas lidas e dificuldades desfrutando de um momento de intimidade.

Dentre as comparações o poeta mostra que, os salões poderiam ser os espaços onde aconteciam beijinhos; mas que entre ele e sua realidade popular os enamorados ficavam apenas nos beliscões e outros carinhos; então conclui dizendo que quem quisesse ficasse a vontade para se envolver com as patroas, mas ele preferia as criadas; especialmente porque eram mais simples.

Em outra modinha o mesmo poeta fez mais uma menção à prática dos beliscões; a modinha intitulada *Não faz mal* traz referência a mais alguns hábitos de mulheres dos mais diversos estados civís e seus comportamentos:

Dizem que as môças namoram
Com todo e qualquer rapaz,
Tanto na porta da rua
Como na porta de atrás!

Não acredito! é mentira!
As môças não fazem tal;
Se alguma dá seus passeios,
Isto é coisa natural,
E se acaso tem amôres,
Isto à môça não faz mal.

Dizem também que elas pintam-se
E usam quartos com babados,
Para ficarem bem feitas,
De corpos bem torneados.

Não acredito! é mentira!
As môças não fazem tal;
Se às vêzes usam rebique,
Isto é coisa natural;
Quartos, espartilho, meias
E enchimentos? Não faz mal.

Contam que algumas casadas
Têm namorados escondidos;
E outras que fazem promessas
Pra que morram seus maridos.

Não acredito! é mentira!
Juro não fazem tal:
Se alguma em casa se dana,
Isto é coisa natural;

Brigam, depois ficam bem;
São casadas – não faz mal.

Falam que algumas viúvas
Que cansaram de chorar,
Vão correndo pra janela
Olhar o bonde passar.

Não acredito! é mentira!
Juro que não fazem tal;
Se alguma chega ao postigo,
Isto é coisa natural,
Se acaso pensa em casório,
É viúva – não faz mal.

Contaram-me que as beatas
Quando vão pras orações,
Com mil requebros de gatas
Vão e levam beliscões.

Não acredito! é mentira!
Juro que não fazem tal:
Se alguma palestra à esquina
Isto é coisa natural:
Mesmo que elas façam tudo,
Já são santas – não faz mal.⁴³²

Nos versos acima nos é possível perceber alguns artigos que vieram como elementos da modernidade e que, ao tratar sobre a ótica das sensibilidades, nos é possível compreender a relação existente entre a cultura material e as emoções.

Na letra da modinha encontramos elementos que era utilizados pelas mulheres para enaltecer sua beleza, que foram frutos da apropriação dos fortalezenses no que diz respeito a produtos para tornear os corpos e torná-los cada vez mais apreciáveis aos olhos dos rapazes modernos; mas, para além disso, conseguimos perceber um passeio pelos comportamentos considerados indesejado pelas mulheres solteiras, casadas e viúvas; e o mais curioso de tudo é perceber que Ramos Cotoco estava o tempo todo expondo os discursos, de certa forma julgadores de comportamentos, afirmando não haver mal nenhum, pois em todos os casos havia uma justificativa, um atenuante para cada uma das posturas; fazendo uso, é claro, em alguns momentos, da ironia presente nas suas obras.

Em último caso, achamos importante destacar a importância de um outro atefato encontrado junto a alguns dos processos criminais apontados aqui como documento histórico: as cartas; mais especificamente o papel que era utilizado pelos amantes para empreender tal prática.

⁴³² Ibidem. p. 137-138.

Nos capítulos anteriores nos foi possível perceber a necessidade dos fortalezenses, independente de seu status social, em falar sobre suas emoções empreendendo uma escrita de si por meio da qual manifestava seus amores, sofrimentos e saudades; no entanto, além da prática epistolar, acreditamos ser relevante pontuar o material utilizado para tal fim.

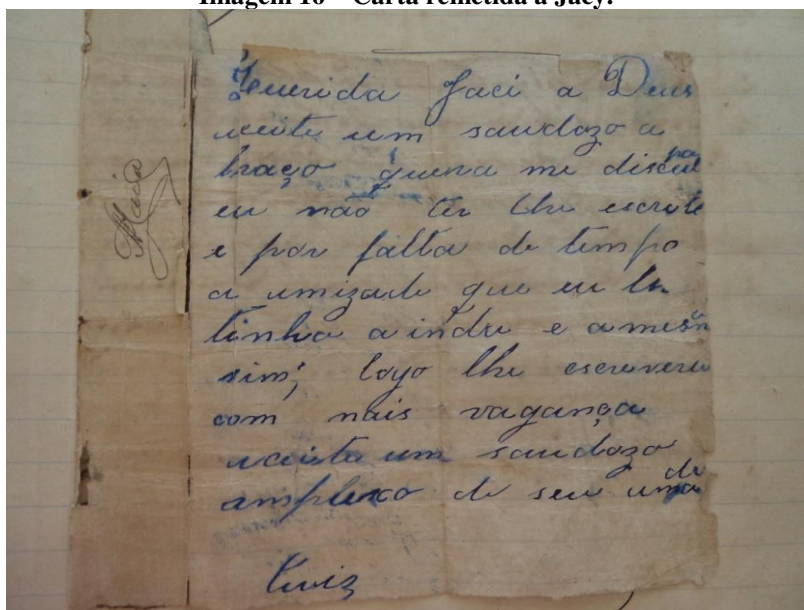
Já sabemos que as missivas, de maneira geral, eram artigos que apreendiam os escritos acerca das emoções e que se tratava de algo que poderia ser revisitado quantas vezes os amantes achassem necessário; o caráter material de tal prática de amar nos traz a possibilidade até mesmo de pontuar as possíveis origens dele.

No período recortado, conforme já nos foi apresentado, existia uma gama de artigos frutos da modernidade capazes de oferecer aos missivistas artigos bem apresentáveis e inestimáveis para os amantes, o cartão-postal é um deles, mas existiam também disponíveis nas papelarias e nas lojas, de maneira geral, papéis de carta, penas e tintas. O simples fato de tais elementos se encontrarem à venda já dizia muito a respeito das possibilidades de materialização das emoções e sensações dos sujeitos.

Ao nos debruçarmos sobre as cartas anexadas aos processos criminais, nos vemos diante de artigos simples, papéis se detalhes e sofisticação que muitas vezes pareciam ser apropriados da maneira como estavam para, prontamente, registrar aquilo que se estava sentindo em tempo real.

Um exemplo, consiste no bilhete remetido por Luiz à Jacy, no ano de 1913; sobre os escritos e sua intencionalidade, bem como ao desfecho do processo já nos referimos anteriormente, mas através da observação, ainda que superficial do papel, nos é possível imaginar que o rapaz se apropriou do que estava à mão para combinar um encontro com a jovem a quem dedicava, pelo menos por hora, o seu desejo:

Imagem 16 – Carta remetida à Jacy.



Fonte: Carta anexada ao Processo de Defloração 1913/01. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará.

Ao lançar um olhar mais atento para tal imagem nos   possível observar que se trata de um papel comum   época, e dizemos isso por se tratar de uma folha pautada similar as utilizadas para a transcrição dos testemunhos no decorrer da própria construção do processo criminal. Isso e o fato de ter, em outro momento, remetido um cartão-postal para a jovem, nos leva a pensar que pode ser porque se tratava do que Luiz tinha mais fácil no momento e não gostaria de deixar passar o momento.

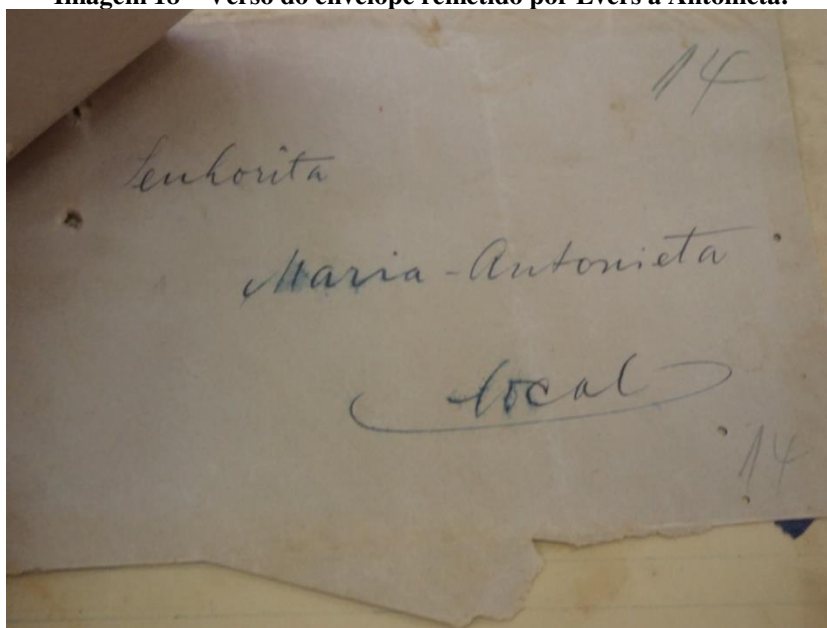
Já no processo de Antonieta e Joaquim Evers, acontecido no ano de 1932, encontramos um material mais bem elaborado escolhido para a escrita de um breve bilhete, marcando um encontro; neste, nos foi posterizado como anexo, o envelope e o bilhete, ambos parecendo ser destinados à própria prática missivista, como podemos ver nas imagens 18, 19 e 20.

Imagem 17 – Frente do envelope remetido por Evers à Antonieta.



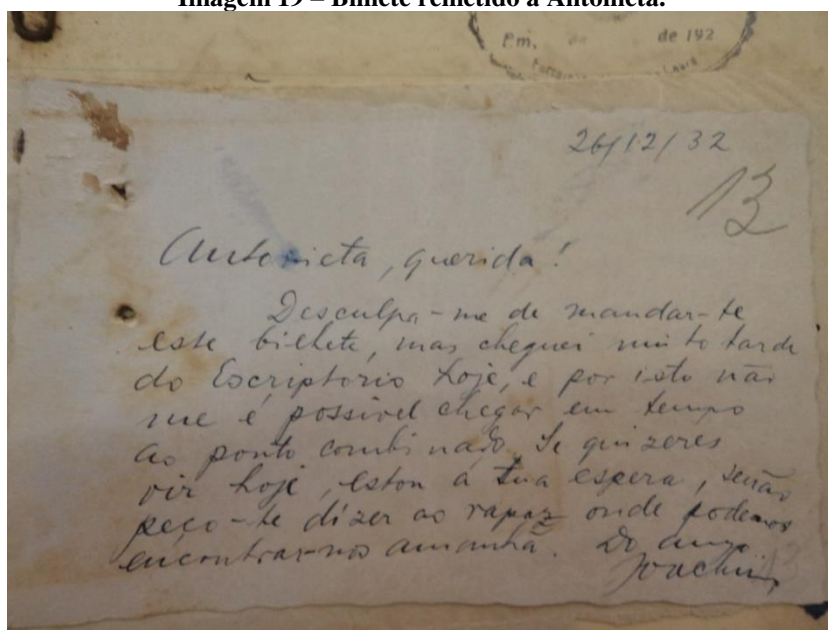
Fonte: Carta anexada ao processo 1932/01. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará.

Imagem 18 – Verso do envelope remetido por Evers à Antonieta.



Fonte: Carta anexada ao processo 1932/01. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará.

Imagem 19 – Bilhete remetido à Antonieta.



Fonte: Bilhete anexado ao processo de 1932/01. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará.

O que se pode observar na imagem acima, é a diferença entre tal artigo e o primeiro bilhete citado; neste as bordas do cartão trazem detalhes e a espessura do papel é mais larga, o que nos leva a pensar que aqui o jovem ou demandou mais tempo para preparar ou o tinha a sua disposição. Nas duas opções ele teria feito uma escolha, ao optar por um papel e um envelope que gerariam uma reação na moça; a própria existência do envelope já conferia à missiva uma distinção porque trazia consigo um ar de mistério.

Dentre os artigos aqui dispostos e apresentados nos é possível entender que toda sociedade, dependendo da sua época e de seus ideais de modernidade, civilidade e distinção, traziam maneiras diferentes de se portar no que tange ao amor e às práticas sensíveis, de maneira geral, e que a relação entre corpo, subjetividade, sensibilidade e materialidade são bastante próximas; e na cidade de Fortaleza não poderia ser diferente.

Por mais difícil que possa ser a apreensão de uma história das sensibilidades e o achado de vestígios de uma intimidade de outrora, nos tem sido possível entender que os sujeitos poderiam não produzir artigos específicos sobre o amor, mas eram muito bem sucedidos em ressignificar os que já existiam para contemplar suas emoções. E quem ganha com isso somos nós, que olhamos pelo buraco da fechadura de um passado cheio de portas, mas que ainda conseguimos vislumbrar um pouco daquela atmosfera que moveu tanto homens e mulheres a viver segundo suas emoções; nem que fossem emoções de segundos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos processos-crime, da parte literária do Almanaque do Ceará, bem como o estudo das demais fontes examinadas no decorrer desta pesquisa nos permitiu compreender como se deu a construção das sensibilidades para alguns sujeitos da cidade de Fortaleza na transição do século XIX para o XX, bem como as maneiras pelas quais eles escolheram vivenciar e praticar suas emoções.

Nos foi possível observar que, mesmo rompendo com os ideais de civilidade e normatização, alguns desses sujeitos tinham como prioridade, na maioria das vezes, desfrutar de toda a intensidade que suas emoções fossem capazes de proporcionar; por mais doloroso que pudesse ser.

Pudemos, também, compreender de que forma as transformações urbanísticas, culturais e sociais que a cidade estava passando foram capazes de influenciar nas vivências dos espaços, na utilização de artefatos da modernidade e nas práticas de amar. Por mais difíceis que fossem as condições climáticas e econômicas do Estado, os sujeitos amaram e se deixaram amar; e se permitiram, quando não puderam desfrutar da companhia do ser amado, sofrer e lamentar a dor da saudade.

Nos deparamos, ao longo do trabalho, com sujeitos que, graças à influência dos *Annales*, puderam deixar seu registo na história através de publicações de sonetos, versos e charadas nas páginas literárias do Almanaque do Ceará, alguns dos quais encontramos referência em outras documentações e outros que continuam a nos deixar inquietações acerca de seus desfechos e motivações. Mas esse é o encanto da ciência histórica: imprecisa no que tange à confirmação de fatos e verdades; mas com um potencial gigantesco capaz de nos apresentar inúmeras possibilidades.

A partir de uma tentativa de traçar os percursos feitos por alguns desses indivíduos no espaço urbano de Fortaleza, nos foi possível perceber que o amor não era algo particular a uma só esfera social; mas que todos os sujeitos foram alcançados pelas emoções ao longo do traçado urbano empedrado ou por entre as ruelas e irregularidades dos terrenos arenosos suburbanos.

As percepções sensíveis estão tão ligadas ao contexto sociocultural vivenciado pelas sociedades que, ao nos debruçarmos sobre as publicações literária do Almanaque do Ceará a partir do ano de 1918, ano no qual findou-se a primeira guerra mundial, notamos o teor de seus escritos sendo alterados, passando a tratar com maior frequência de questões

nacionais, reconhecendo alguns nomes do exército ou produções que serviriam como inspiração aos brasileiros.

Apesar de não ser possível reconstituir de forma real o amor e as suas demonstrações de forma explícita, especialmente pela dificuldade empírica em falar de emoções, conseguimos dar voz aos sujeitos que, mesmo escolhendo praticar seus sentimentos de forma ilícita, rompendo com os padrões de modernidade e civilidade conseguiram encarar e vivenciar seus desejos. Sujeitos estes que transitavam pelo espaço urbano cotidianamente, como parte de sua rotina, mas que ainda conseguiam encontrar fôlego para ressignificá-lo através das suas emoções.

Pudemos perceber as relações existentes entre família, Estado e civilidade; tendo como elo de ligação o amor; que, ao mesmo tempo em que promovia era inspirado pelo capitalismo e que despertava nos sujeitos o desejo de acompanhar os avanços técnicos para além do bem estar social e econômico, mas também no momento de amar e serem amados.

Juntamente às questões referentes à modernidade e às práticas dos sentimentos, percebemos que muitas vezes os últimos eram utilizados como ferramentas para mensurar o próprio tempo; com é o exemplo da saudade, capaz de medir a passagem temporal partindo da quantidade e intensidade dos momentos desfrutados na companhia do ser amado.

Nos foi possível perceber ainda que, as sensibilidades, juntamente com as práticas sociais e culturais, eram traduzidas no e através do corpo; e que eram materializadas por meio da apropriação de artefatos de uma modernidade que gerava nos sujeitos uma demanda, desencadeando um consumo que, inevitavelmente, potencializava o capitalismo.

Estamos diante de um processo civilizador capitalista que não aconteceu da noite para o dia, e não surgiu em um estalar de dedos mas que foi ganhando espaço, trazendo produtos para uma demanda; enquanto esta, por sua vez, através das sensibilidades ganhava um novo significado despertando a população, cada vez mais, para uma prática consumista. O amor, o capitalismo, a civilização e as práticas de amar estão correlacionadas numa espécie de ciclo e isso só nos foi possível notar porque, apesar de não existir uma produção amorosa específica, os sentimentos eram vividos com intensidade demais para ficarem completamente perdidos no tempo e no espaço.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. de. **A modinha cearense**. Fortaleza, CE: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

ALMEIDA, G. M. de A. **Mulheres beletristas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935**. 2012. 356 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: < <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7585>>. Acesso em: 02 jun 2016.

APPADURAI, A. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Tradução de Agatha Barcelar. Niterói, RJ: UFF, 2008.

AZEVEDO, O. de. **Fortaleza descalça**. Fortaleza, CE: SECULT/CE, 2010.

BARBOSA, M. R., COSTA, M. E. e MATOS, P. M. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & sociedade**, v. 23, n. 1, 2011, p. 24-34.

BARBOSA, M. E. J. **Cidade na contramão: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX**. 1996. 195 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

BENJAMIN, W. O Flâneur. In: _____. **Charles Baudelaire um lírico no auge do Capitalismo: obras escolhidas**. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994. v.3.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2007.

BEZERRA, A. **Descrição da cidade de Fortaleza**. Fortaleza, CE: UFC, 1992.

BEZERRA, J. T. V. **Quando a ambição vira projeto: Fortaleza, entre o progresso e o caos (1846-1879)**. 2000. 190 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 1994.

BORGES, M. de L. **Amor**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2004.

CAMINHA, A. **A normalista**. Fortaleza, CE: Diário do nordeste, 1997.

CAULFIELD, S. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas, SP: Unicamp, 2000.

CHALHOUB, S. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2012.

CHARLE, C. Como anda a história social das elites e da burguesia? Tentativa de balanço crítico da historiografia contemporânea. In: HEINZ, F. M. (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro, RJ: FVG, 2006.

CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1999.

CRUZ, H. de F. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana. (1890-1915). São Paulo, SP: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2012.

_____. **Matar para não morrer**: a morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2009.

_____. A história do corpo e a nova história: uma autópsia. **Revista USP**, n. 23, 1994, p. 49-55. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26974> >. Acesso em: 21 out 2016.

DIAS, M. O. L. da S. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XX**. 2. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1995.

D'INCAO, M. A. (Org.) **Amor e família no Brasil**. São Paulo, SP: Contexto, 1989.

DUTRA, E de F. **Rebeldes literários da República**: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914). Belo Horizonte, MG: UFMG, 2005.

ELIAS, N. **O Processo civilizador**. Tradução de Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2011. v. 1.

_____. **Sobre o tempo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

ERTZOGUE, M. H.; PARENTE, T. G. (Orgs.). **História e sensibilidade**. Brasília, DF: Paralelo 15, 2006.

ESTEVES, M. A. **Meninas perdidas**: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro, RJ: Paz e terra, 1989.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1988. v. 1.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1979.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Penguin Classics Companhia das letras, 2011.

GAY, P. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 1988. v.1.

GIDDENS, A. **As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo, SP: UNESP, 1993.

GIRÃO, I.; HONÓRIO, E. A fotografia e a imagem em movimento em Fortaleza no final do século XIX e início do século XX. ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 7., 2009, Fortaleza, CE. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre, RS: Alcar, 2009. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1>>. Acesso em: 08 nov 2017.

GOMES, A. de C. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2004.

LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Aves, 1974

LE PETIT, B. De Alexandria ao Cairo. Práticas eruditas e identificação dos espaços no final do século XVIII. In: SALGUEIRO, H. A. (Org.). **Por uma nova história urbana**. Tradução de Cely Arena. São Paulo, SP: EDUSP, 2001.

LINHARES, J. M.. **Entre a casa e a rua: trabalhadores pobres urbanos em Fortaleza (1871-1888)**. 2011. 179 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: < http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFC_917e3d3c3dea1984653b2971f2a8f21a> . Acesso em: 15 set 2015.

LÔBO, N. M. **Imagens em circulação: os cartões-postais produzidos na cidade de Santos pelo fotógrafo José Marques Pereira no início do século XX**. 2004. 149 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: < <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279431>>. Acesso em: 15 dez 2017.

MACAMBIRA, D. D. **Impressões do tempo: os almanaques no Ceará (1870-1908)**. 2010. 227 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: < <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/2834>>. Acesso em: 02 abr 2016.

MACFARLANE, A. **A cultura do capitalismo**. Tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1987.

MARTINS, A. L. R. **Entre o piano e o violão: a modinha e a cultura popular e Fortaleza (1888-1920)**. 2012. 245 f. Dissertação (Mestrado em História e Culturas) – Centro de Humanidades, Mestrado Acadêmico em História, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: < <http://www.uece.br/mahis/index.php/dissertacoes>>. Acesso em: 25 maio 2015.

MATOS, F. de O. A cidade e o mar: considerações sobre a memória das relações entre Fortaleza e o ambiente litorâneo. **Geografia ensino & pesquisa**, v. 15, n. 1, jan./abr 2011. p. 71-84. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/viewFile/7378/4417>>. Acesso em: 20 set 2017.

MATOS, M. I. dos S. **Ancôra das emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

MATOS, M. I. S. de; PATRIOTA, R.; RAMOS, A. D. (Orgs.). **Olhares sobre a história: culturas, sensibilidades, sociabilidades**. São Paulo, SP: HUCITE, 2010.

MENDES, C. L. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de ciências humanas**, n. 39, abr 2006, p. 167-181. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/17993>>. Acesso em: 25 jan 2016.

MENEZES, M. C. de. O mito do amor romântico. **Fragmentos de cultura**, v. 17, n. 5/6, maio/jun 2007, p. 539-572. Disponível em: < revistas.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/download/344/282>. Acesso em: 13 jun 2016.

MENESES, U. T. B. de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos históricos**, v. 11, n. 21, 1998, p. 89-103.

MORIN, E. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2003.

MAY, S. **Amor: uma história**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2012.

NOBRE, G. D. **De Alarico para Candinha: as sensibilidades e o processo civilizador na cidade de Sobral. (1903-1907)**. 2014. 206 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014. 1 CR-ROM

NOGUEIRA, João. **Fortaleza velha**. Fortaleza, CE: UFC, 1981.

NOVAIS, F.; SEVCENKO, N. **História da Vida Privada no Brasil República: da Belle époque à era do rádio**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 1998. v. 3.

PESAVENTO, S. J. **História e história cultural**. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012.

REDE, M. Estudos de cultura material: uma vertente francesa. **Anais do Museu Paulista: história e cultura material**, n. 8, v. 1, 2001, p. 281-291. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5375>>. Acesso em: 25 fev 2017.

REIS, J. C. **História e Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2006.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Milton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.

RODRIGUES, E. Passatempos de papel. **Navegações**, v. 4, n. 2, jul/dez. 2011, p. 214-218.

Disponível em: <

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/10185>> . Acesso em: 30 abr 2016.

ROHDEN, F. Para que serve o conceito de Honra, ainda hoje? **Campos**, v. 7, n. 2, 2006, p. 101-120. Disponível em: < <http://revistas.ufpr.br/campos/article/view/7436/5330>> . Acesso em: 26 mar 2015.

SALGUEIRO, H. A. (Org.). **Por uma nova história urbana**. Tradução de Cely Arena. São Paulo, SP: EDUSP, 2001.

SANTOS, R. E. dos. **Genealogia da Governamentalidade em Michel Foucault**. 2010. 242 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República**. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2003.

SILVA, M. A. F. da. **Corrige os costumes rindo: humor, vergonha e -decoro na sociabilidade mundana de Fortaleza (1850-1900)**. 2004. 212 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004

SILVA, V. V. A. O imaginário romântico: modos de amar e sofrer. **Revista inter-legere**, n. 5, 2009, p. 170-182. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4577>> . Acesso em: 10 jun 2016.

SILVEIRA, L. L. P. A. da. **Em busca do tempo querido: um estudo antropológico da saudade**. 2007. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: < http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=54167> . Acesso em: 10 out 2016.

SIMMEL, G. **Filosofia do amor**. Tradução de Eduardo Brandão. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.

SOARES, F. da S. O suplício de Tântalo entre Clio e Mnemósine: trabalho escravo contemporâneo em Açailândia – MA (1978-2008). IN. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26, 2011, São Paulo, SP. **Anais eletrônicos...** São Paulo, SP: ANPUH, 2011. Disponível em: < <http://snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares#F>> . Acesso em: 25 jan 2017.

SOTILO, C. P. Fragmentos da memória o cartão-postal: A febre e o fascínio no início do século XX. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 6, 2008 Niterói, RJ. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre, RS: Alcar, 2008. Disponível em: <

<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/FRAGMENTOS%20DE%20MEMORIA.pdf/view>>. Acesso em: 25 out 2017.

THEÓPHILO, R. **Scenas e Typos**. Fortaleza, CE: Fundação Waldemar Alcântara, 2009.

_____. **Varíola e vacinação no Ceará**. Fortaleza, CE: Fundação Waldemar de Alcântara, 1997.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo, SP: Companhia das letras, 1998.

TOMASINI, M. B. **Memória social em cartas de amor**: sensibilidades e sociabilidades na Porto Alegre da década de 1920. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, Centro Universitário La Salle, UNILASSALE, Canoas, 2012. Disponível em: < https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/mestrado/memoria_social_e_bens_culturais/2012/ >. Acesso em: 05 ago 2016.

VIEIRA, C. M. **Sociabilidade e lazer**: Fortaleza no início do século XX. Fortaleza, CE: INESP, 2015.

VIGARELLO, G. A história e os modelos do corpo. **Pro-posições**, v. 14, n. 2, maio/ago 2003, p. 21-29.

LISTA DE FONTES

Periódicos:

- Almanach do Ceará Administrativo, estatístico, industrial e Literário. (1887-1918)
- Almanach dos municípios do Estado do Ceará para 1908.
- Revista do Instituto do Ceará
- DE CASTRO, José Liberal. Contribuição de Adolfo Herbster à forma urbana de Fortaleza. Revista do Instituto do Ceará, anno CVIII, 1994. p. 43-90.

Obras Raras

- Álbum de vistas do Estado do Ceará. (1908).
- **Dicionário das flores, folhas e fructas.** Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1924.
- DE ALENCAR, Edigar. **A modinha cearense.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.
- MANTEGAZZA, Paulo. **O amor dos homens.** 11 ed. Lisboa: Tavares Cardoso e Irmão, 1901.
- MANTEGAZZA, Paulo. **Fisiologia do amôr.** 2 ed. Lisboa: Livraria clássica editora, 1914.
- MANTEGAZZA, Paulo. **Hygiene do amôr.** Lisboa: Livraria clássica editora, 1904.

Processos Criminais.

Arquivo Público do Estado do Ceará.

Fundo: Tribunal de Justiça.

Série: Ações Criminais.

Sub-séries: Defloramentos

Processos de N°s:

- 1913/01 – Vítima: Jacy India do Amazonas.
- 1921/02 – Vítima: Vicentina Araújo de Castro.
- 1922/01 – Vítima: Maria Evangelista de Sousa.
- 1926/02 – Vítima: Luiza Marques de Oliveira.
- 1916/08 – Vítima: Francisca Martins Alves.
- 1928/03 – Vítima: Maria do Carmo Brasil.

- 1931/01 – Vítima: Isabel Rodrigues da Silva.

- 1932/01 – Vítima: Maria Antonieta Serra.

Arquivo Público do Estado do Ceará.

Fundo: Tribunal de Justiça.

Série: Ações Criminais.

Sub-séries: Homicídios

Processos de N°s:

- 1917/02 – Vítima: Leonízia Cavalcante de Albuquerque.

- 1922/04 – Vítima: Isaura Emygdio de Oliveira.

- 1928/01 – Vítima: Maria Bomfim Zogob Neves.

- 1929/02 – Vítima: Eulampia Salles.

- 1932/02 – Vítima: Maria dos Prazêres Mota.

Arquivo Público do Estado do Ceará.

Fundo: Tribunal de Justiça.

Série: Ações Criminais.

Sub-séries: Ferimentos

Processos de N°s:

- 1920/10 – Vítima: Raymunda Maria de Souza.

- 1923/13 – Vítima: Maria Silva de Sousa.

- 1928/24 – Vítima: Anna Hermenegilda da Silva.